

Alterosa

0.16 (x 100)

AÑO VII — N.º 5.9
MARÇO DE 1945

BELO HORIZONTE: CR\$ 2,00
OUTRAS CIDADES: CR\$ 2,50



Em menos de um minuto...

sua beleza será acentuada pelo aspecto jovem, suave e aveludado de sua pele. V. poderá fazer isso fácil e rapidamente com o Pan-Cake Make-Up, a mágica criação de Max Factor-Hollywood.

RITA HAYWORTH no filme "MODELOS"
da Columbia, a ser exibido brevemente



★ EM MENOS DE UM MINUTO a sua pele adquirirá um aspecto saudável e uma uniformidade impecável.

★ EM MENOS DE UM MINUTO desaparecerão as descolorações e pequenas imperfeições. Experimente-o hoje mesmo.

*Pan-Cake
Make-Up*



À VENDA NAS CASAS DO RAMO

Diretor-redator-chefe:

MÁRIO MATOS

Diretor-gerente:

MIRANDA E CASTRO

*

Toda correspondencia, quer seja para assuntos de redação ou de administração, assim como todos os cheques, vales postais ou ordens de pagamento, devem ser dirigidos sempre à Sociedade Editora Alterosa Ltda., e nunca em nome de qualquer diretor.

Administração:

Rua Tupinambás, 643 - Sobreloja 5 — Fone 2-0652 — Caixa Postal, 279 — End. Teleg.: ALTEROSA — BELO HORIZONTE — Est. de Minas Gerais

*

VENDA AVULSA

Belo Horizonte Cr\$2,00
No resto do país Cr\$2,50
Em Maio, Agosto, Novembro e Dezembro são editados números especiais, que circulam ao preço de Cr\$3,00 em todo o país.

*

ASSINATURAS NA CAPITAL

(Sob registro)

Semestre (6 números) Cr\$13,00
Ano, (12 números) Cr\$25,00
2 anos (24 números) Cr\$45,00

ASSINATURAS NO INTERIOR DO ESTADO E NO PAÍS

(Sob registro)

Semestre (6 números) Cr\$15,00
1 ano (12 números) Cr\$30,00
2 anos (24 números) Cr\$55,00

SUCURSAL NO RIO

Diretor:

NELSON DE CASTRO

Rua Visconde de Santa Izabel, 515
Fone 38-5684

*

PUBLICIDADE NO RIO E S. PAULO
Empresa Editora Publicidade Ltda.
Rio: Av. Presidente Wilson 298 - 7.º and. Apt. 704 — Telefone 42-9264.
São Paulo: Rua Libero Badaró, 488 — 7.º andar. Direção de Nelson da Cunha Melo.

*

SUCURSAL DO ESTADO DO RIO

Diretor:

JORGE AZEVEDO

Soledade de Rodelo — Estado do Rio

*

SECRETARIO FUNDADOR: Teódulo Pereira.

COLABORAÇÃO — Alberto Renart, Alfredo Nora, A. Guimaães Filho, Alvarus de Oliveira, Austen Amaro, Bahia de Vasconcelos, Clemente Luz, Claudio de Souza, Djalma Andrade, Evandro Rodrigues, Fernando Sabino, Francisco Armond, Huberto Rohden, Jorge Azevedo, Luiz de Bessa, Malba Tahan, Mário Casassanta, Murilo Araujo, Murilo Rubião, Nilo Aparecida Pinto, Nóbrega de Siqueira Oliveira e Silva, Oscar Mendes, Olga Obry, Pedro Ribeiro da Franca, Raul de Azevedo e Vanderlei Villega.

FOTOGRAFIA — Amavel Costa, Antônio Freitas e Studio Constantino. IMPRESSAO. — Gráfica Queiroz Breiner Ltda.

CLICHERIE — Fotogravura Minas Gerais Limitada e Gravador Araujo.

DESENHOS — Augusto Rezende, Antônio Rocha, Fabio Borges, Osvaldo Navarro, Mouro e Rodolfo.

*

A redação não devolve, em hipótese alguma, fotografias ou originais, ainda que não tenham sido publicados.

★NESTE NUMERO★

CAPA

A capa desta edição apresenta a linda estréia da Columbia, Merle Morris, em caprichoso trabalho de tricromia executado pelo gravador Gervásio Pinto de Araujo, e impresso na Gráfica Queiroz Breiner Ltda.

contos

E' DA VIDA, MINHA FILHA — Antonieta T. A. Assumpção — Premiado	2
O CONTO DO MÉDICO — Bastos Portela	4
PAI E FILHA — Trad. de Francisco Armond	6
SEU MANFRÉDO — Aguilar Brandão	8
ROMANCE DE UM SÓ CAPÍTULO — Nóbrega de Siqueira	10
DOENTE DE AMOR — Roberto Carson	14
O JUIZ E O PAPAGAIO — Malba Tahan	18
MORTE E VELÓRIO DE SEU MALAQUIAS — Almeida Fischer	26
A CANÇÃO DO DESERTO — Achmed Abdullah	30

LITERATURA

DIÁLOGO COM SÃO TOMÉ — Mário Matos	37
VITRINE LITERÁRIA — Cristiano Linhares	38
MARCELO GAMA, POETA DA AMARGURA — Carlos Maranhão	42
ETERNIDADE DAS COISAS SIMPLES — Alphonsus de Guimaraens Filho	54
O QUE AS MULHERES PENSAM DAS MULHERES — Redação	66
IMAGENS LATENTES — Huberto Rohden	104

DIVULGAÇÃO

PROCISSÃO DO SENHOR MORTO — Oscar Mendes	49
BERENICE — Condessa Pablo Bazán	50
A FIGURA HUMANA DE CRISTO — Redação	52
QUEM FOI A "GIBSON GIRL" — Olga Obry	70
A TRADIÇÃO DE JESUS NO TIBET — Redação	105

HUMORISMO

PAISAGENS LOCAIS — Fábio Borges	58
DE MÊS A MÊS — Guilherme Tell	62
OUTRA COMÉDIA DA VIDA — Osvaldo Navarro	86

REPORTAGENS

ENLACE MELO TEIXEIRA-FORJAZ — Redação	56
OS CAMINHOS QUE CONDUZEM A VITÓRIA — Paulo Dantas	75
NO INTERESSE DA CIÊNCIA E EM DEFESA DA SAÚDE — Dantas Neto	126

CINE E RÁDIO

NOVIDADES DE HOLLYWOOD — Notas ilustradas	82
MULHER DE PERSONALIDADE — Redação	98
NOTAS E REPORTAGENS DE RÁDIO — A partir da página	121

MODA E BELEZA

CONTROLE O SEU PESO	64
FAZENDAS, MAQUILAGENS E CORES QUE ADELGAÇAM	72
FALEMOS DE PENTEADOS	84
MODELOS DE VERÃO — A partir da página	89
SUGESTÕES PARA A SUA BELEZA — Ivete Marion	108

DIVERSOS

SEDAS E PLUMAS — Redação	68
CAIXA DE SEGRÉDOS — Consuelo San Martin	98
ARTE CULINÁRIA — Redação	106
HINTERLANDIA POÉTICA — Poesias	112
GRAFOLOGIA — Por Fébo	116
ESPARSOS — Poesias	100
PÁGINA DAS MÃES — Redação	136
NO MUNDO DOS ENIGMAS — Por Polidoro	146

Conto de ANTONIETA TORRES DE ALMEIDA ASSUMPÇÃO

* PREMIADO NO CONCURSO
PERMANENTE DESTA REVISTA *

Desenhos de RODOLFO

Sobrancelhas levantadas, com o ar mais cínico dêste mundo, Rogério olhava as mocinhas saindo, saindo da igreja.

Aquêle ar displicente, aquêle pouco-caso eram forjados, era a maneira de procurar esconder a ansiedade com que aguardava a saída de Marilisa.

Boêmio inveterado, cioso da sua fama de bem conhecer o "savoir vivre" dos franceses, não queria de jeito algum, deixar transparecer o seu amor pela Marilisa.

Ele, o Himalaia inacessível, deixar-se prender assim por uma menina?! Seria ridículo.

No entanto, era inútil dissimular. No íntimo ele bem sabia e todos notavam, pois lá diz o povo "paixão e dor de dente, esconder não tente".

Marilisa era a encarnação sublime dos seus ideais. Era como aquêle velocípede tão cobiçado naquêle Natal de menino. Estivera então doente, bem doente, e sua mãe procurando alegrá-lo, procurando dissipar o desânimo que o abatera, perguntou o que mais desejaria ter na vida, e ela lhe daria, por certo.

— Quero um velocípede, mamãe.

Ah! O velocípede tornou-se então a sua Vida.

Agora, ele precisava de Marilisa.

E ela?

Achava lindo gostar de um rapaz maduro como Rogério. 32 anos! Qué beleza! Alto, moreno, costas largas, sóbrio nas maneiras. Tanta moça bonita a querer conquistá-lo e Rogério deu pre-

ferência a ela, menina ainda. Não tinha êle então, a voz e os olhos de Charles Boier? E aquela beleza machucada? E a sua brilhante posição, gerente do Banco do Brasil!

Realmente, Marilisa sentia-se lisongeada e tão feliz... tão feliz...

Um temperamento, essa pequena. Uma personalidade. O andar ondulante, as atitudes lânguidas, porém, naturais, o brilho intenso dos olhos amendoados lembravam a mulher volutuosa. Isto quanto ao físico. Quanto a alma, era extremista no querer, extremismo bem próprio das pessoas nervosas. Marilisa seria uma forte dose de uisque em delicado copo de cristal.

Mas, era de notar em tudo, o freio da educação. Os hábitos de família tradicional, os conselhos da mãe, a educação esmerada seriam um dique a refrear aquêle temperamento impulsivo e ardente.

Saindo na porta da igreja, seus olhos vivos, disfargadamente, procuravam o galã.

Ao vê-la, Rogério pensou — Feitinha sob encomenda é não hei de perdê-la.

Esperou que a menina chegasse bem perto e, gracejando foi cumprimentá-la.

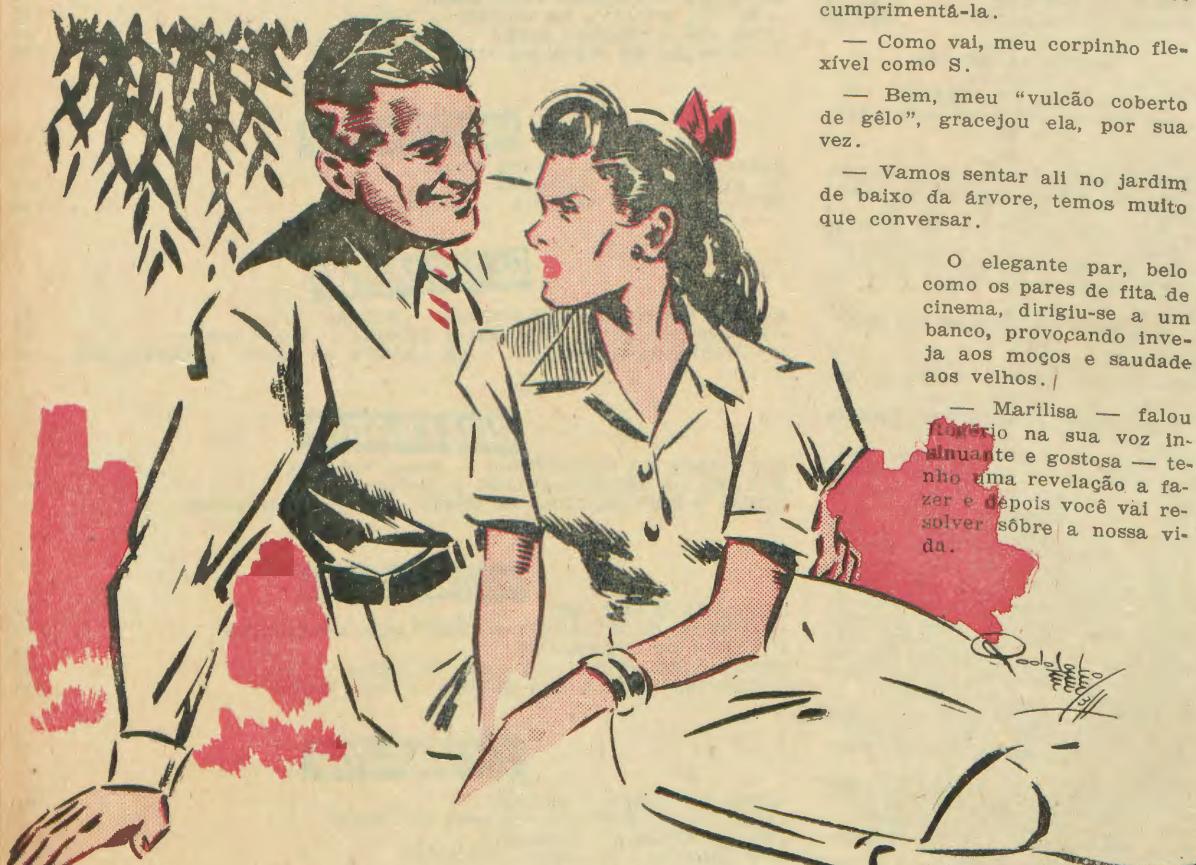
— Como vai, meu corpinho flexível como S.

— Bem, meu "vulcão coberto de gêlo", gracejou ela, por sua vez.

— Vamos sentar ali no jardim de baixo da árvore, temos muito que conversar.

O elegante par, belo como os pares de fita de cinema, dirigiu-se a um banco, provocando inveja aos moços e saudade aos velhos. /

— Marilisa — falou Rogério na sua voz insinuante e gostosa — tenho uma revelação a fazer e depois você vai resolver sobre a nossa vida.



Rogério falava, sacudindo, sacudindo muito a perna cruzada sobre a outra (evidente sinal de nervos). Olhava fixamente um mandaróva que subia, muito lento, o tronco da árvore.

— Ora, nem sei como hei de começoar, disse él.

— Não precisa começá. Já sei. Você... você é casado, não é? ajudou a moga, mais nervosa ainda, e fixando também o mandaróva que subia, muito lento, o tronco da árvore.

— Deixe que explique, por favor. Fui casado. Vim mocinho do estrangeiro. Desejoso de carinhos pois era só, sozinho, fui casando com a primeira que apareceu. Pôrém, não tive sorte. Olga, a minha mulher, foi leviana e veio o desquite.

— E por que não disse há mais tempo, Rogério? Eu me afastaria antes que chegasse a gostar tanto de você. Bem me avisaram... e eu não quis acreditar.

— E' que tinha medo de perdê-la, Marilisa. Então, quando encontro uma mulher que só, somente ela existe no mundo para mim, não é justo ter receio de perdê-la? E depois... era tão bom, tão bom... estar sempre Juninho de você...

— Parece que estou vendo o riso irônico das amigas. "E Rogério". "Que tal?" Vai casar?" Oh, aquêles olhares compreensivos das "amigas"...

— Mas, nós vamos casar no Urugai. Sou divorciado e nos casaremos lá.

— Não pode ser, compreenda. A minha igreja e a minha família não aceitam o divórcio. Aos olhos de papai, você é um "homem casado".

— Por mim, Marilisa. Por nós. Deixe disso. Você é moderna e precisa deixar esses preconceitos. (O tom de voz, agora, era autoritário).

— Rogério, eu te quero muito. muito. Mas não é possível o nosso casamento. A minha vida está quebrada. Por que, meu Deus?

A mocinha apertava nervosamente as mãos, ria um riso exquisito, olhava por todos os lados, porém, não pousava os olhos em Rogério. Tinha um medo louco que lhe viessem as lágrimas. Ora, dar espetáculo ali, perto de tôda gente. Por nada nêste mundo.

Rogério, procurando tocar a corda sensível daquela menina excitável, fez a voz mais aveludada, quis acarinhá-la as mãos. Depois, disse num misto de autoridade, ternura e desespere:

— Você vai casar comigo. E' um mendigo de afeições que está dando esta ordem.

Ela teve impetos de se deixar prender. Queria tanto, tanto a



esse Rogério... Quase deixou que o moço a abraçasse, pois bem sentia, era bem isso que desejava a sua mocidade vibrante. Mas... se conteve.

— E' inútil, meu bem. Não posso. Os conceitos sobre a família, este lastro que vem de longe, de longe, não há quem o tire.

O rapaz ficou perplexo diante da resistência de Marilisa. Que igreja poderosa, que princípios austeros de família, a influirem assim naquela sensível natureza!

Levantando-se, a pequena estende a mãozinha para despedir-se. Difícil aos seus desessete anos, reprimir tão bem as lágrimas.

— Então, até um dia, Rogério.
— Até logo, Marilisa.

Sempre agitando a perna sobre outra, o moço pigarreou o cigarro nervoso, acendeu o cigarro e pensou: — Lá se vai a "chance" de fazer as pazes com a vida.

Estaria de mal com a vida, para sempre. O velocípede a mãe pôde dar-lhe. E Marilisa? Fugiu-lhe do caminho.

Ao chegar em casa, a menina fecha-se no seu quartinho de moga. Ai, sim. Chorou, chorou, chorou. Pensava que ia morrer de amor. Não era desses temperamentos em que o amor é a essência da vida?

Afinal, cansada de chorar, lavou o rosto e dirigiu-se a mesa do jantar, procurando esconder a grande mágoa. Sua mãe, com olhar interrogativo — olho clínico de tôdas as mães — tentava auscultar o íntimo da filha. A ela Marilisa nada podia esconder.

Que jantar sem fim, meu Deus! O pai a contar quantos pintos a chocadeira elétrica chocou. Fazendeiro aposentado (estava já bem velho) servia mesmo só para "chocar" pintos. O irmão a

(Continua na página 22)

O CONTO DO MEDICO

*

Bastos Portela

Para "ALTEROSA"

*

Desenho de RODOLFO

NÃO sei porque, naquela roda elegante, em casa do Dr. Flávio Sandes, houve alguém que citasse o grave pensamen'o de Pascal: "A fôrça de falar em amor, acabamos por nos tornar apaixonados".

Lembro-me, porém, de que uma senhorita loura, versada em literatura francesa, insinuou:

— Paul Bourget, psicólogo sútil, fez notar que só as mulheres — e porque sabem sofrer — são capazes de amar...

— Perdão! — discordei. As mulheres, no amor, se consideram sempre mártires. A verdade, porém, é que todos os que amam devéras, são mártires do amor.

Foi nessa altura que o Dr. Flávio Sandes interveiu:

— Penso que Voltaire foi quem melhor o definiu, assegurando que, de tôdas as paixões, é ele a mais forte. A mais forte — esclareceu — porque ataca, simulcamente, a cabeça, o coração e o corpo.

E como lhe recordasse que ele, como bom psiquiatra, poderia discorrer, facilmente, sobre o assunto, Dr. Flávio entusiasmou-se com o elogio. Então, como me sabia jornalista, e, provavelmente, para justificar que eu não estava em êrro, convidou-me para fazer uma visita ao Sanatório de que era diretor.

— Lá, conversaremos à vontade — disse ele. Responda-lhe que sim.

*

No dia seguinte, dirigi-me ao Sanatório da Tijuca.

Ao ver-me, Dr. Flávio comentou com um sorriso acoledor:

— Não julguei que fosse tão pontual.

E, no mesmo instante, ajuntou:

— Desejo que conheça alguns casos da minha especialidade.

Confessei-lhe que me sentia lisonjeado com essa distinção. E aproveitei o ensejo para lhe perguntar com um sorriso indefinível:

— Os loucos daqui serão diferentes dos que andam lá fôra?

O alienista percebeu a ironia. Mas limitou-se a dizer:

— Verá. E verá como o amor pode levar à loucura...

Tomou-me o braço gentilmente. Levou-me através de um pátio ajardinado, cheio-de vôos de pombos e de sol. Entrámos numa enfermaria ampla, arejada, onde alguns doentes, pachorrentamente, convalesciam de moléstias diversas. Se-

guimos por longo corredor. Ao fim dêste, havia um quarto. A porta estava aberta. Olhei. Um intérn ostenava na cabeça, à maneira de um cocar, uma espécie de chapéu de papel. Rodava em torno do leito, como num picadeiro, rindo altivamente e executando rastejos.

O espetáculo era triste.

Dr. Sandes explicou:

— Coitado! É a sua mania. Julga-se palhaço...

— E' ao contrário de muitos que conheço — arrisquei. — Isto é, são palhaços sem mania...

Creio que o Dr. Sandes simulou não perceber a minha falta de espirito.

Prosseguindo, mosrou-me vários outros enfermos. Expôs, com abundância de detalhes e uma terminologia científica, os casos singulares e estranhos que a psiquiatria enfeia com certos nomes difíceis e bonitos: "esquizofrenia", "psicastenia", "paranóia", "psicose maniaca depressiva", "idiotia", "debilidade mental"...

— Debilidade mental? Há, lá fôra, uma infinidade de tipos semelhantes, Dr. Noto, apenas, que existe uma diferença flagrante num detalhe...

— Qual?

— A de que êsses, pelo menos, não parecem malucos...

— São calmos — reforçou o clínico.

— E não protestam contra a classificação de suas doenças. Ao passo que os outros...



— Protestam...

— E parecem malucos, realmente...

Iamos passando, agora, por uma sala ornamentada de plantas, como um jardim de inverno. Dr. Sandes deteve-se um instante. Apontou-me uma senhora de maneiras distintas que se ocupava com um trabalho de agulha. O psiquiatra notou a minha curiosidade.

— Insana, também, — informou.

— Mas não parece. Tem ares de uma diretora de asilo ou chefe de enfermeiras — insisti.

— Entrou para aqui, há poucos dias. Não sabemos como classificar a sua doença. Está em observação.

E o doutor comunicou que escrevera, sob a forma de conto, no "diário" de suas observações pessoais, o caso curioso daquela dama de maneiras distintas. Levou-me ao seu gabinete de trabalho. Fez-me sentar ao seu lado. Tirou de dentro de uma gaveta umas fôlhas de papel datilografadas. Passou-as às minhas mãos, e ordenou com frieza:

— Leia-as!

A página do "diário" do Dr. Flávio Sandes era, antes, uma peça literária. Começava de um modo um tanto patético: "No mortuário silêncio da alcova..." Confesso que não gostei muito desse intrôito. Mesmo assim, prossegui:

— "No mortuário silêncio da alcova em des-

alinho, o gemido longo de Ione fez a pobre senhora despertar, assustada.

— Mamãe...

A senhora que, àquela hora, lhe servia de enfermeira, sozinha, ergueu-se do canapé. Aproximou-se do leito.

— Minha filha... Estou aqui.

— Que horas são, mamãe?

— Uma da madrugada! Quer tomar o remédio?

— Não vale a pena...

Muito esguia, muito branca, os olhos encovados nas olheiras profundas, de um violeta romântico, a pequena agitou-se, nervosa, angustiada. Retorceu os braços que emergiam da camisola de cambraia. Sua cabeça, cujos cabelos castanhos-escuros se empastavam, como escura massa de seda, rolava, inquieta, de um lado para outro. As faces rubras denunciavam a febre. Era talvez o desenlace inevitável.

— Mamãe! — gemeu de novo a pequena.

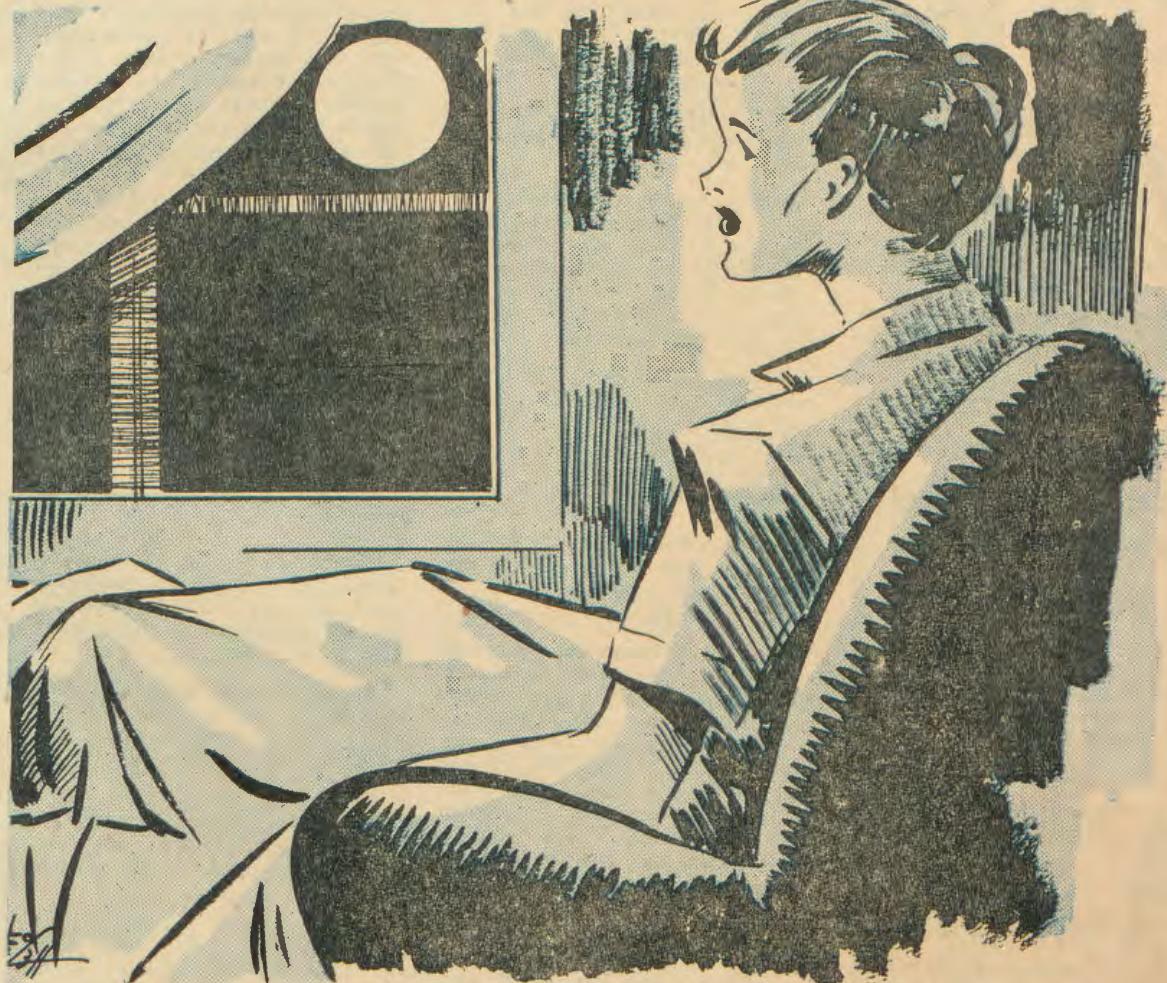
Sua voz era débil, rala — parecia um suspiro.

A senhora, pacientemente, debruçou-se à cabeceira da enferma.

— Minha filhinha, descanse. Veja se dorme um pouco. Você está muito agitada. Durma, sim, meu anjor...

Os olhos tristes de Ione, onde a flama da vi-

— Conclui na página 25 —





Dé beleza aos seus lábios com batom ZANDE. É a maneira perfeita de obter um encanto duradouro. Experimente as suas lindas tonalidades e verá que não há nada melhor.

Para economizar, obtendo os mesmos resultados, não inutilize o tubo de metal do seu batom. Adquira um sobressalente, adaptando-o ao tubo já usado.

Zande
MARCA REGISTRADA
BATON E SOBRESSALENTES

O BATON PERFUMADO DA MULHER BONITA

Estoque completo de

PEÇAS FORD LEGITIMAS
ACCESSORIOS PARA AUTOMOVEIS

**A. PONTES & CIA.
LTDA.**

AV. OLEGARIO MACIEL 268
Fone 2-4335—End. Teleg. PONTES
BELO HORIZONTE

**PRECISANDO DEPURAR
O SANGUE
TOME
ELIXIR DE NOGUEIRA**

Combate as: Feridas,
Espinhas Manchas,
Eczemas, Ulceras,
Reumatismos



FRANCISCO ARMOND, esta figura empolgante de escritor e poeta que os leitores de ALTEROSA já conhecem bem, através de sua magnífica colaboração nesta revista, apresenta-nos aqui uma deliciosa tradução de um conto francês, onde não se sabe o que mais admirar: se o estilo leve e agradável em que o autor fixa os quadros mais sensíveis da vida, ou a "verve" fina e brejeira própria do espírito gaulez.

* * *

— ESCUTA, papai... Desejo fazer-te uma confidência...

O sr. Branger levantou a cabeça já encanecida. Ficou a esperar, com o olhar perscrutante sob as sobrancelhas espessas, sério e um pouco ansioso.

A filha baixou o tom de voz:

— Nossa vizinho, Edmund Gariel, pretende vir aqui amanhã... para te pedir a minha mão... Mas, primeiramente, eu gostaria de conhecer a tua opinião...

A voz de Alicia apagou-se nas últimas palavras. Mas, após breve pausa, a jovem prosseguiu, precipitadamente:

— Gostaria de saber como o receberás... e se podemos contar com o teu consentimento...

Alicia respirou, aliviada. Já dissera tudo quanto, há dias, a vinda perturbando. Um pouco de suor lhe aljofarava as fontes.

O Sr. Branger chupou serenamente o seu cachimbo e respondeu, com voz tranquila:

— Edmundo será muito bem recebido... Que motivo poderia existir para que eu o acolhesse mal?... Somente, Alicia... acho que devias ter-me prevenido há mais tempo... E' bem desagradável para mim, saber que me estiveste ocultando a verdade... E, agora, me colocas rudemente ante um fato consumado...

— Oh, papai!... E' que eu...

— Não me interrompas. Vocês têm todo o direito do mundo... Tu, como é natural, precisas casar... Estás na idade de resolver livremente... Seja como fôr, acho que demoraste além do que era razoável a tomar essa decisão... Já te avizinhás dos trinta anos... Tua mãe casou comigo aos dezoito... No meu tempo, uma mulher de trinta anos era uma velha... Uma velha que renunciava definitivamente às esperanças de casamento...

— E' a quarta vez, papai, que pedem a minha mão... Tôdas as vêzes tens oposto uma série de objeções...

— Não sejas injusta, Alicia...

Jamais contrariei os teus desejos. Sim, jamais, apesar da dor que experimento somente ao pensar que posso perder-te...

Alicia respondeu docemente:

— Desta vez não se trata de me perder, papai... Nada mudará para ti... Edmundo virá morar conosco...

— Não, não! Enquanto eu viver, ninguém entrará nesta casa na qualidade de mandão... Um mandão! E não te escandalizes, pois todo homem é isso... Conheço perfeitamente os rapazes modernos e as suas pretensões de mando... Casa com Edmundo, se essa é a tua vontade... Mas não consinto que vocês formem o seu lar sob este teto... Meu temperamento não admite a partilha da direção da casa com outra pessoa... Há muito que o sabes... Por muito bom homem que Edmundo seja, essa convivência que me propões somente serviria para originar rixas e inimizades... Em suma: não posso aceitar isso...

E o Sr. Branger fechou-se em sombrio mutismo. Pesado silêncio levantou-se então entre pai e filha.

Quando acabou de fumar o cachimbo, o Sr. Branger levantou-se, e, sem dar à filha o "boa-noite" de costume, encaminhou-se para o seu quarto.

Alicia, sentada junto ao lume, sentiu como que um vácuo no coração. O lencinho de renda sufocou-lhe os soluços.

Mais tarde, conseguindo reagir contra os seus sentimentos, a jovem entrou no quarto do pai, conforme o fazia tôdas as noites.

— Precisas de alguma coisa, papai? — indagou.

Estava ansiosa por obter o seu perdão. Sem o beijo de sempre, como poderia conciliar o sono?

A cabeça do pai, imóvel, descansava sobre o travesseiro.

— Que é isso, papai?... Não botaste o barrete de dormir?... Vais resfriar-te...

Ele resmungou:

— Nesta casa é impossível encontrar algo... Não sei onde botas as coisas... Ah, tua mãe era muito mais cuidadosa!...

— Tudo está no lugar do costume, papai... Olha: aqui tens a carapuça.

Um hóspede entrara no aposento. Hóspede de andar suavíssimo, hóspede fantasmagórico.

Alícia julgou ver a mãe morta... Julgou vê-la no seu leito de veletudinária, dez anos atraç...

Era ali, ali mesmo... E pareceu-lhe que ela repetia: "Alícia, jura-me que ficarás sempre junto de teu pai, para velar por ele, para atendê-lo... Tu o conheces bem: é uma criança..."

Sufocada pelos remorsos, Alícia murmurou:

— Papai! não queres dizer-me boa-noite?

E acrescentou, vendo que o pai hesitava:

— Edmundo não virá... Jamais alguém virá... jamais...

O pai, soerguendo apenas a cabeça encanecida, fêz-lhe uma última censura:

— Porventura não te sentias feliz a meu lado?

Todavia, Alícia se sentia muito feliz. As pessoas de índole generosa encontram no sacrifício uma voluptuosidade sem igual. Dizendo melhor, nada é sacrifício para elas.

Alícia suprimiu de sua vida o amor, com decisão pronta, irrevergível. As recordações ternas diluíram-se nas brumas da memória sufocada pela vontade.

E a vida da moça prosseguiu o seu curso tranquilo, sem choques, sem emoções. O Sr. Branger, satisfeitosíssimo, saía todas as manhãs para tratar dos seus negócios e, às vezes, não regressava senão muito tarde da noite.

Transcorreram alguns anos. E certo dia, o Sr. Branger falou assim à filha:

— Escuta, Alícia... Preciso fazer-te uma confidência... Vou me casar... Sim: vou me casar... Assombras-te? Por que?... Casar-me-ei no mês que vem...



Com uma viúva, a Sra. Goserand... E' muito, muito simpática... Achei conveniente te participar agora, prevenir-te... Sem dúvida comprehende: algumas mulheres são exigentes, autoritárias... estão habituadas a mandar... Faço-me compreender?...

Oh! Embora não te conheça, estima-te multifíssimo... Mas considera conveniente para ela e para mim, que não moremos juntos...

Deverás morar separada da gente... Duas mulheres numa casa... é contraproducente. E's uma rapariga inteligente e não te será difícil encontrar um lugar de datilógrafa ou de secretaria... Virás visitar-nos todos os domingos... Serás recebida como um filho pródigo... Além disso, desse modo não te será difícil arranjar um marido... Pois tens trinta e cinco anos, apenas...

Ora! Que são trinta e cinco anos?... Eu tenho sessenta, bem o sabes e... af está: vou me casar... Não és desprovida de experiência nem do senso das coisas... Encontrarás um homem

digno de ti... O coração me diz que serás muito feliz a seu lado...

E, sem reparar na expressão de dor que contraíra as feições de Alícia, concluiu:

— Boa noite, minha filha. Vai descansar...

A seguir, fêz meia-volta, assobiou dois ou três trechos de uma canção da moda e, jovial e satisfeito, partiu para a casa da futura espôsa.

•

O ANEL NUPCIAL

Essa origem remonta ao tempo dos Judeus. Era uso entre Grecos e Romanos, dos quais passou aos Cristãos. A princípio o anel nupcial era de ferro imantado, porque assim como o iman atraí o ferro, deve o esposo atraír a si a dileta do seu coração.

SEU MANFREDO

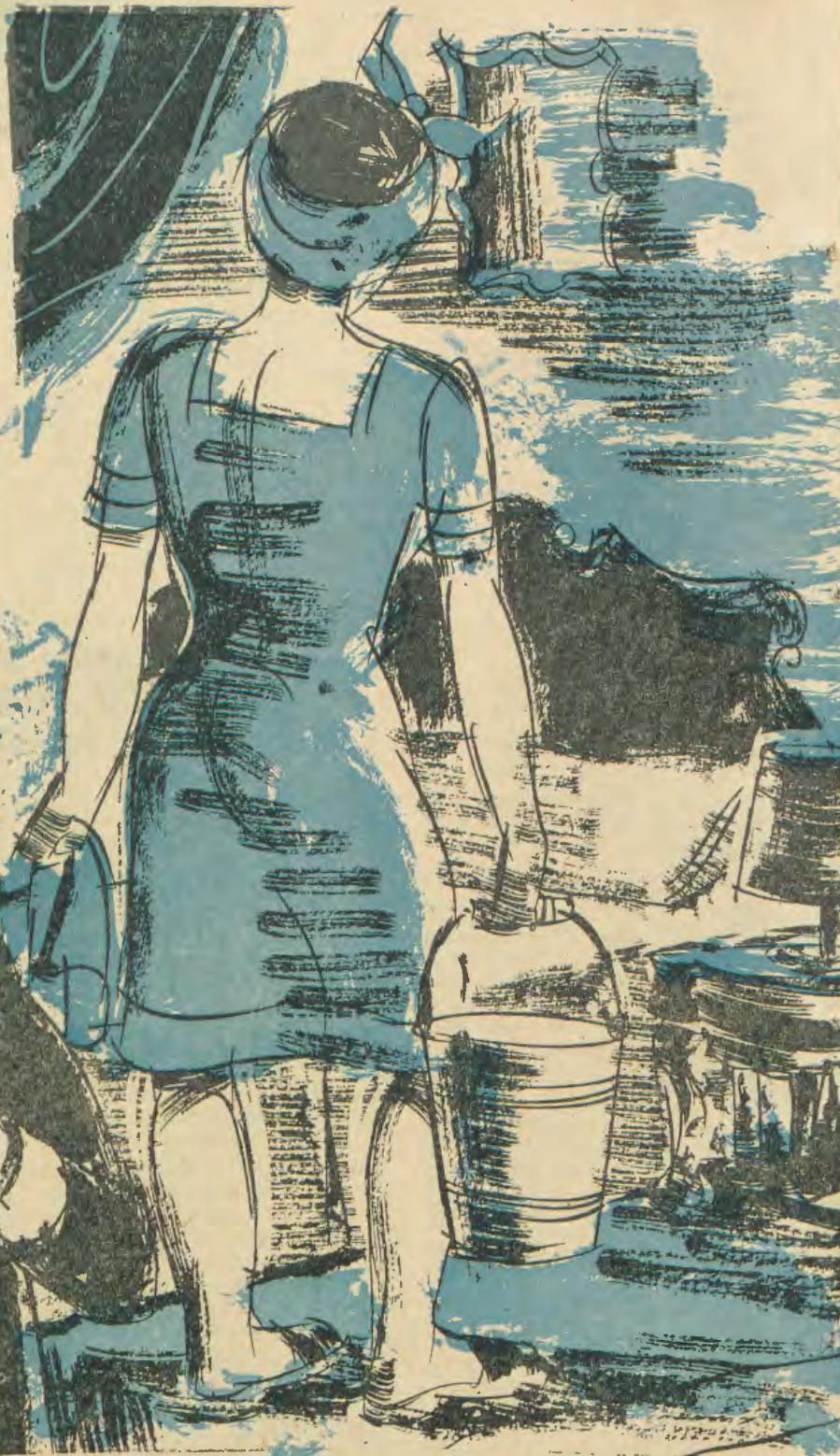
CONTO DE
AGUIAR
BRANDÃO

*

Mengão honroso no Concurso Permanente desta revista

*

Desenho de AUGUSTO



...E aquela criada nova que D. Valquiria arranjara, parecia o demônio que viera do inferno para o tentar naqueles momentos de tédio.

SEU Manfredo eu conheci-o. Era magro, moreno, de cabelos luzidios, e não vou dizer madrugador jovial, porque assim ficaria parecendo com o melro, de Guerra Junqueiro. Aliás, ele nada tinha de melro. Era bem humano seu Manfredo. O que apenas o individualizava, sem que por isso o distinguisse dos demais seres humanos — pois como ele há tantos por esse mundo de Deus — eram os hábitos, as maneiras, em particular o modo de trajarse.

Nascera seu Manfredo pelo ano de 1880, o que lhe vale ter hoje a idade de sessenta e quatro anos. Não teria para nós outros a sua idade a menor importância, não fosse o fato de adotar ele, até hoje, para a sua indumentária, moda idêntica à da época em que tinha vinte anos. O alfaiate, ao lhe talhar o terno, teria de ouvir antes minuciosas recomendações. A um alfaiate mais idoso, não seria difícil a tarefa, por ter ainda de memória os costumes daquele tempo. A um mais jovem, porém, a coisa se complicaria um pouco: ou teria de recorrer a figurinos antigos, ou, se os não tivesse ao alcance, teria de seguir, detalhe por detalhe, os traços do terno anterior.

Olhe bem! recomenda seu Manfredo — nada de arte moderna em minhas roupas: paletó menos comprido, mais conchegando ao corpo, calças estreitas. Repare bem Não quero calças largas, dessas que andam por aí parecendo sáia. Olhe com atenção para a minha roupa: quero isto mesmo, tim-tim-por-tim-tim.

Nenhum colarinho senão daqueles duros, engomados, daqueles que assungam o queixo. A gravata, sempre preta, a datar da viuvez. O sentimento não é coisa que possa durar seis meses ou um ano, ou qualquer lapso de tempo que a sociedade queira convencionar. Que seja para toda a vida, ou, então, para tempo nenhum. Pode-se lá agora fixar tempo certo para o pesar? Ou bem que seja pesar ou coisa nenhuma. E assim preferiu carregar, toda a vida, aquél símbolo do pesar atado ao pescoço. E bem que Ester o merecia. Sempre tão bondosa, tão cordata, tão mulher... Quando faleceu, de parto, residindo ambos ainda em Ouro Preto, não faltou de certo mexeriqueira que dissesse: — Esposa morta, esposa posta. Com pouco estará sem luto e namorando.

Mas foi o contrário que aconteceu: nem esposa nova e luto atado ao pescoço para o resto da vida.

Com a transferência da Capital, veio seu Manfredo para Belo Horizonte. Não que o fizesse por gosto, mas por dever do cargo. Como funcionário, fiel servidor do Estado, chefe de secção do Serviço de Polícia, para onde quer que fosse a Capital teria ele também de ir. Partilhava, como tantos outros, da idéia de que a Capital não se deveria transferir. Os ouropretanos em geral pensavam assim. Uma ingratidão, um desrespeito aos valores históricos nacionais. Travara-se a luta entre a engenharia revolucionária e progressista, e os intransigentes defensores da tradição. Mas a engenharia venceu e a Capital se transferiu.

Seu Manfredo, e com ele tantos outros atraçados à tradição, foram derrotados. Teve de se conformar, não apenas em ver a Capital sair, se desgarrar da velha e querida Ouro Preto, mas também em seguir com ela para uma aventura que a engenharia capitaneava. Sua angústia fôra ainda maior, porque, sem que pudesse proceder como os outros, que ficaram, teve de seguir com o progresso quando seu desejo era ficar com a tradição. A velha cidade histórica calhava tão bem com a sua índole, com a sua mente, com os seus modos, com a sua natureza de conservador intransigente. Além de tudo era ela o seu ambiente, o seu clímax, o seu mundo. Lá ficariam tantos amigos (os que não eram funcionários, bem se entende), tantos entes queridos e, sobretudo — e o que o compungia ainda mais — o túmulo de Ester. Ainda se ela estivesse viva, carinhosa, tão feminina que era, para consolá-lo da sua dor, para ajudá-lo a adaptar-se... Mas não. Estava morta e longe. Casar-se novamente? Nem pensar em tal coisa. Seria um ultraje à memória de Ester. Ele, que jurara junto ao caixão, junto ao seu corpo gelido, que nunca mais se casaria... Chegara mesmo a ter impetos de jurar castidade para o resto da vida. Mas, nessa hora, preferiu conter-se, e ficou apenas no primeiro juramento.

*

Um trabalho insano a mudança da Capital. Vieram os arquivos, os livros de registro. Encomendara-se o mobiliário adequado à acomodação de tudo isso. Veio o governo, com o secretariado. Vieram os juízes, os promotores, os tabeliães, os oficiais de justiça o corpo e as autoridades policiais, os funcionários públicos com seus hábitos e petrechos. Estava a Capital burocraticamente instalada.

Seu Manfredo veio ao meio de tudo isso, fixar residência no bairro dos Funcionários, que não havia outros bairros naquela época.

Com o passar dos anos vai crescendo a cidade. Começa a alastrar-se. Esboçam-se, surgem novos bairros, obedecendo a traçado prévio. Turmas de trabalhadores, de picareta e pá, trabalhando no desatérro, abrindo novas ruas, novas avenidas. Carroças, um sem-número, puxando terra. Carroceiros que se enriqueceram com a compra de terreno.

A cidade cresce, toma aspecto de gente. O progresso põe por terra os antigos meios de transporte. As carruagens, as tipóias, os antigos carros de praça cedem lugar ao Ford, ao Buick, ao Chevrolet... Com a eletrificação vem a luz e o bonde. Surge por último o asfalto onde deslizam confortavelmente lindos carros modernos. A cidade ingressa-se no rol das grandes metrópoles.

Nas Secretarias de Estado, nas repartições públicas em geral, introduzem-se novos métodos de serviço. No Serviço de Identificação, em que seu Manfredo estava ultimamente trabalhando, adaptam-se modernos arquivos, fichários, aplicam-se métodos recentíssimos de identificação por fichas dactiloscópicas. Organizam-se cadernetas de identidade, em que, juntamente com o retrato, vêm fixadas as impressões digitais.

Por mais que se esforçasse, não conseguia seu Manfredo compreender essa barafunda. Sim, porque tudo aquilo não passava para ele de uma barafunda. Um papelório imenso. Uma algarávia impossível de entender. Era inútil. Não entendia mesmo. E quando, num supremo esforço, procurava entender, aturdia-se todo, as coisas se lhe afiguravam baralhadas e confusas. O chefe do Serviço de Investigações chamara-lhe, um dia, obtuso, velho retrógrado e passadista. Ficara enfurecido. Não ia com a cara do chefe. Um sujeito.

— Conclui na página 22 —

SEDATIVO do Sistema Nervoso Regulador da Emoção **BENAL** (EM DRAGEAS)

Fórmula do Prof. Austregésilo

ROMANCE DE UM SÓ CAPÍTULO

AO DESLIGAR o telefone do escritório, Décio Barros sentiu-se aliviado como alguém que, prestes a receber uma punhalada, fosse acordado pelo criado do hotel com o "bom-dia" matinal e a bandeija de café, leite, pão e manteiga. Vinha de tirar um grande peso de sua consciência. Os fios do telefone guardavam o segredo de uma renduncia que tanto tinha de nobre quanto de invulgar, sobretudo se considerarmos que Décio tinha 25 anos e que a pessoa que estava do outro lado do fio, D. Diná, espôsa do grande criminalista, Dr. Procópio Queiroz, tinha 30 anos, era bela e ardente, de uma beleza incomum, à qual se poderia fazer uma única restrição: seus cabelos eram irritantemente loiros, loiros como uma moeda de cruzeiro recensafida da cunhagem...

Mantivera com D. Diná as mais cordiais relações, até perceber que ela o pretendia transformar em rival do homem a quem tudo devia. Cortou, por isso, o mal pela raiz, é verdade que de maneira um tanto aspera, dando a entender claramente que seria incapaz de trair a mão amiga que se lhe estendera num dos momentos mais críticos de sua vida. Não era simples puritanismo. Era, sobretudo, gratidão, sentimento que os próprios cães, e especialmente os cães, cultivam...

Aquele telefonema fôra o ponto final de um romance de amor proibido, cujo primeiro capítulo não chegou a ser escrito...

Aliás, sobravam razões a Décio para tomar aquela atitude.

Em fins de 1928, deixou sua cidade natal, no interior de São Paulo, afim de arranjar, na capital do Estado, um emprêgo que lhe permitisse bacharelar-se em Direito.

Os fados, a princípio, não lhe foram adversos, pois arranjou duas colocações. Era revisor do "Diário Oficial" e 3.º escriturário, contratado, da Câmara Municipal.

Já estava no 2.º ano da Faculdade, quando se deu o advento da revolução de 1930. Perdeu as duas colocações e ficou sem saber para quem apelar. Não tinha relações junto às hostes revolucionárias e os vencimentos de seu velho pal, agente de estação da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, mal davam para o sustento da mãe, entrevada pelo reumatismo, e de 3 irmãos menores.

Travou, então, contacto com uma vida diferente, vida que so-

mente conhecia através de leituras. Sentiu fome, mas não essa fome literária que se presta para motivos de romances. Fome no seu sentido real, tendo de enganar o estomago, muitas vezes, com um pastel de chinês, uma empada, um sanduíche.

Na pensão de D. Benvinda, à rua Aurora, onde morava, somente ia dormir. Não tinha coragem de aparecer à mesa para o almôço e o jantar Saía cedo, madrugadinho, para evitar encontros desagradáveis, nos quais D. Benvinda lhe perguntava quando pagaria os atrasados Cruzava diariamente as ruas de São Paulo, — maior parque industrial da América do Sul, — à procura de um emprêgo que nunca aparecia. Os jornais estavam abarrotados de revizores, situação agravada pelo empastelamento de várias fôlhas governistas e semi-governistas, quando dos entusiasmos incontidos pela vitória do movimento armado.

Assim, passou meses e meses, sem um arrimo, sem um emprêgo, sem um ponto de referência na vida. Era um "extra-numerário" da existência, um sem éira nem beira, filando um cigarro aqui, um almôço ali, um jantar mais longe, procurando evitar, o quanto possível, o dia fatídico do despejo da pensão, onde, de uma ou de outra maneira, ia dormindo.

Certa tarde, numa roda de bar, conheceu o dr. Procópio Queiroz. Narrando-lhe, com sinceridade, sua situação dolorosa, recebeu do renomado causídico um convite para trabalhar no seu grande e prestigioso escritório de advocacia.

Era a vida que novamente resolvia conceder a Décio seu lugarezinho ao sol! Estava habilitado a reencontrar-se com D. Benvinda, a voltar a tomar suas refeições costumeiras na pensão da rua Aurora. Era a existência nova que surgia, sem tormentos, sem torturas, sem dramas, sem preocupações!

Já na manhã seguinte, não se deu aos cuidados de saltar da cama cedinho, nem de ficar à espreita da hora em que D. Benvinda fosse à cozinha, para poder sair sorrateiramente, como o víbora fazendo. Esperou calmamente a chegada de D. Benvinda, que

vinha de testa franzida, o que tornava ainda mais feia sua cara bexigosa. Esperou D. Benvinda de pés firmes e respirando a lautos pulmões.

Quando D. Benvinda falou-lhe nos atrasados, pedindo-lhe o quanto, respondeu que, no momento, era impossível dar-lhe atenção.

— Calcule a senhora que tenho que entrar, agora, para o serviço, no escritório do Dr. Procópio Queiroz.

Falava com a calma de um homem que tem um emprêgo, que sabe que pode pagar a pensão, que não está mais, como célula morta, à margem da vida. Era um homem que trabalhava, que tinha emprêgo!

D. Benvinda espantou-se:

— Mas, o senhor não estava desempregado até ontem?

— Desempregado, D. Benvinda? "Vade retro"!... A senhora até parece que quer dar azar no emprêgo! Figa, D. Benvinda. Estou empregado e bem empregado, vou prosseguir meus estudos, vou me formar.

D. Benvinda ficou satisfeita, quer pelo seu bom coração, quer pelas possibilidades de receber os atrasados. Mandou aprontar-lhe um cafézinho rápido, atendendo a que Décio tinha de entrar no serviço, no escritório do Dr. Procópio Queiroz.

E a vida de Décio voltou ao ritmo normal que deveriam ter todas as vidas, de todos os homens... Tinha um emprêgo, usava do sagrado direito de trabalhar para ganhar o seu pão com o suor de seu rosto...

Continuou a pagar D. Benvinda com pontualidade, como sempre o fizera, antes de perder as duas colocações. Não foi preciso trancar a matrícula da escola do lago São Francisco.

No escritório, pela correção de seu caráter, sua disposição de trabalho, sua dedicação, passou a merecer a mais absoluta confiança, da parte do Dr. Procópio.

Com o tempo, não eram mais o chefe do importante escritório e o modesto estudante de Direito. Eram dois amigos.

O Dr. Procópio costumava dizer-lhe:

— Menino, você, quando terminar seus estudos, pode fazer concurso para a Faculdade. Saiba, ando meio enciumado. Você

CONTO DE NOBREGA DE SIQUEIRA



vai me passar a perna como criminalista.

Passaram-se 3 anos. Décio concluiu o curso e o Dr. Procópio deu-lhe sociedade no escritório.

Foi quando começou a grande penitência. Até então, querendo guardar a distância que o separava do Dr. Procópio, nunca freqüentara sua casa, elegante palacete que ficava nas Perdizes. Uma outra vez, falára com D. Diná pelo telefone ou levara-lhe um recado. Formado, passou a frequentar a casa, no geral para consultar as obras de direito na magnífica biblioteca do Dr. Procópio.

Tímido e simples, não poderia passar pela sua cabega que D. Diná viesse a se apaixonar por ele.

DESENHO DE RODOLFO

Feminilidade! Virilidade! Equilíbrio das funções

Estão ao vosso alcance com o tratamento Hormônio-Vitaminal, por meio de **OKASA**, produto de alta reputação mundial. **OKASA** (importado diretamente de Londres) é uma medicação ultracional, garantida pelos conhecidos Laboratórios Hormo-Pharma. A base de Hormônios vivos e vitaminas ativas, **OKASA** é conhecido em todo o mundo pela sua eficácia terapêutica e oferece o máximo de sucesso em todos os casos de deficiência glandular do aparelho genital e do teor vitamínico, como: frigidez, insuficiência ovariana, regras anormais, peturbações da idade crítica (menopausa), obesidade ou magreza excessivas, flacidez da pele e rugosidade da cutis, queda ou falta de turgência dos seios, etc., todas essas deficiências de origem glandular na mulher. - Fraqueza sexual em todas as idades, senilidade, velhice precoce, fadiga e perda de memória, etc., no homem.

OKASA dá Vida Nova, Juventude, Beleza, Atração, Alegria de Viver. Em todas as bôas Drogarias e Farmácias. Informações e pedidos ao distr.

REPRESENTAÇÕES PAC LTDA. — Rua Guarani, 164 — Belo Horizonte

Afinal de contas, — pensava — o Dr. Procópio apesar de ter seus 50 anos, era bem conservado, moço, bonitão. O casal não tinha filhos, mas, pelo que se dizia e pelo que lhe fora dado observar, vivia numa permanente luta de mel. D. Diná, embora fosse mais moça que o marido, não era nenhuma menina. Décio nem podia explicar como aquilo tinha acontecido... E a insistência de D. Diná, querendo-o, não como amigo do marido, que o era, mas como homem, como amante...

Décio chegou a ter pequenas fraquezas, mas reagiu. Trair o amigo? Nunca! Trouxera de sua casa uma concepção de honra, da qual nunca se afastaria. O Dr. Procópio fôra o seu segundo pai. Nada teria sido na vida se não fosse ele, se não fosse a sua mão amiga que lhe dera um lugar ao sol. Tantos homens em São Paulo! Por que haveria D. Diná de apaixonar-se logo por ele?

E o drama foi se intensificando. D. Diná continuava com seus telefonemas constantes para o escritório, de vez que ele não mais apareceu no palacete das Perdigões

Até que, aquela tarde, ele desapareceu pelo telefone. Chegou a perder a linha, a não ser mais cavalheiro.

D. Diná que fosse para o inferno. Aquilo era um absurdo, um crime. Começou a pensar na sua situação:

— Era um sujeito pesado. Justamente no momento em que a vida, a grande vida, abria-lhe os braços carinhosamente, logo agora que estava formado, ganhando dinheiro, adquirindo nome e em condições de proporcionar certo bem estar a seus velhos pais, à mãe entrevada e aos irmãos, "surgia-lhe pela frente D. Diná... Que tristeza!

Deixou o escritório, matutando no que deveria fazer.

— Sair de São Paulo, mudar-se para o Rio ou tentar advocacia no interior? Mas as coisas no interior, com o café por baixo, não andavam bem. No Rio, não tinha relações e em São Paulo estava feito.

Passou num restaurante, onde fez uma breve refeição. Após tomou um ônibus com destino ao seu apartamento, na praça Marechal Deodoro, pois, desde sua formatura, deixara a pensão de D. Benvinda. Estava apreensivo e triste.

— Porque sua vida haveria de ser sempre assim, cheia de altos e baixos? Porque D. Diná não foi gostar do padeiro, do jardineiro, do superintendente da "Light", do agente da Estrada de Ferro Central do Brasil? Por que D. Diná não morria, ó, Deus misericordioso? Uma mulher infame como D. Diná, que desejava trair o marido com o seu melhor amigo, deveria morrer!...

Ao entrar no apartamento, pensamentos lúgubres continuaram a povoar o cérebro de Décio. Tomou seus olhos para o passado:

— Quisera ser bacharel... conseguira-o. Estava formado e na antesala de ser um grande advogado, numa capital em que os grandes causídicos poderiam ser contados a dedo. Não almejara tanto... Contentar-se-ia com menos. Apenas com o diploma, com um lugarzinho de delegado de po-

lícia ou de promotor público. Foi a lei das compensações... Se não fosse a revolução, que a princípio maldisse, talvez continuasse toda a vida como revisor do "Diário Oficial", como 3.º escrivário contratado da Câmara Municipal... Seu pai, durante toda a existência, não fôra agente da estação da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, na sua cidade natal? E' verdade que seu velho pai não era formado, ao passo que ele era bacharel em direito, era advogado! Todavia, quantos advogados conhecia por aí afôra, sem um emprego, sem uma causa, sem uma posição?... O êxito não depende de um diploma, nem de capacidade, nem de disposição. E' uma questão de "chance" tão somente. A revolução de 1930... O desemprêgo... A pensão de D. Benvinda... A fome... Um almoço aqui... Outro ali... Noites mal dormidas. Fome... Desespero... Nuvens... Bares... Um cigarro aqui... Outro ali... Pastel de chinez... Sanduíche... A cara de D. Benvinda... Fome... Depois... Um bar... O Dr. Procópio... Um raio de sol... O convite... O diploma... Tudo na vida depende de uma oportunidade... Quem tiver de tirar a sorte grande, nem precisará comprar bilhete... Achará na rua o bilhete premiado... O seu dia chegará... "Chance"... Oportunidade... Estrêla... D. Diná...

D. Diná tomou conta completamente do pensamento de Décio... Não se arrependia do que fez. Agiu como um homem de bem... Mudar-se-ia para o Rio de Janeiro. Na capital da República, recomeçaria a luta. Sobravam-lhe animo e coragem. Era forte

Com essa resolução foi deitar-se.

Ainda não conciliara o sono, quando o telefone da mesinha de cabeceira tocou.

Era o Dr. Procópio, que, do outro lado do fone, chorava como uma criança e pedia a Décio que fosse até sua casa, imediatamente.

— Meu filho, sou um desgraçado. Venha logo... Minha Diná... suicidou-se!

FIXA, TONIFICA E DA' NOVO BRILHO AO CABELO

BRYLCREEM

O MAIS PERFEITO FIXADOR DO CABELO



ADQUIRA O SEU LOTE

**NO MAIS CENTRAL
E MAIS LINDO
BAIRRO DA CIDADE**

NINGUEM ignora que está surgindo em Belo Horizonte o mais central e o mais lindo dos bairros já construídos na cidade. Na antiga área da Universidade, magnificamente localizada entre os bairros de Lourdes e Santo Agostinho, achar-se os excelentes lotes que a Prefeitura Municipal vem vendendo em hasta pública, realizada duas vezes por mês, com enorme afluência de interessados.

Magníficas vivendas começam a erguer-se nos lotes já vendidos. No centro dessa área será levantada a bela Praça Carlos Chagas que será a mais linda da Capital e adornada por um belo templo católico. Em suas proximidades será levantado um grande Grupo Escolar, além de quatro colégios para meninos e meninas: Sion, São Paulo, Jesuítas e Diocesano.

AO LADO DOS BAIRROS
DE LOURDES E SANTO
AGOSTINHO

**DUAS VEZES POR MÊS SÃO
LEVADOS A LEILÃO 5 LOTES
NA PREFEITURA MUNICIPAL**

**O MAIS SEGURO E RENDOSO
EMPRÉGO PARA O SEU CAPITAL**

DOENTE AMOR

de

Roberto Carson

DESENHOS DE AGUSTO

HÁ MUITAS HORAS que aquela voz vinha ressoando no apartamento do hotel. Essa voz clara e serena era de João Fullbright Junior, jovem economista cujas conferências provocavam sempre largos comentários e os mais fracos sucessos. João Fullbright costumava abordar problemas econômicos com um desembaraço e uma previsão verdadeiramente admiráveis.

Fullbright sempre fôra um jovem de aspecto agradável, alto e de rosto simpático. Todavia, devido ao excesso de trabalho e à pouca alimentação (comia pouco porque o trabalho não lhe dava tempo para alimentar-se melhor) estava fraco, abatido e com profundas queixas. Parecia um homem mais velho e, sobretudo, um homem doente.

João Fullbright ditava e uma de suas secretárias ia rapidamente taquigrafando. Enquanto isso, o senhor Tisdale, homem nervoso e principal secretário do jovem Fullbright, fumava cigarro após cigarro.

Alguém bateu à porta do apartamento. Tisdale apressou-se em atender. Fullbright continuou dito:

... nas circunstâncias atuais é de suma importância que a exportação...

Suas frases saiam cada vez mais entrecortadas. Ultimamente, sem saber por que, sentia uma sensação esquisita, uma opressão que aumentava à proporção que trabalhava. Era uma fadiga, um desânimo, um cansaço...

Tisdale voltou ao apartamento trazendo um maço de telegramas. Ao vê-lo, João Fullbright sentiu que a sensação desagradável de angústia aumentava. Parecia que seus nervos iam estalar. Os telegramas significavam mais trabalho, e ele de trabalho já estava superlotado. Tinha a cabeça zonza...

Tisdale começou a abrir os telegramas. Lia-os e os transmitia a Fullbright. Sim, não havia dúvida. Era trabalho, trabalho e mais trabalho. João soltou um suspiro que mais pareceu um la-

mento. Depois dirigiu-se à secretária:

— Onde estávamos? Ah! sim! Na conferência que devo pronunciar em Los Angeles.

— Sim, senhor Fullbright — respondeu a jovem — na conferência de Los Angeles.

— Pois me pareceu estar em Butte, Montana — disse Juan. — Bem, senhorita Sennet... prossigamos. Devido à interdependência que existe no mercado do alumínio e do magnésio...

— Escuta João — interveiu Tisdale que além de secretário, era amigo do jovem conferencista — aqui há um telegrama importante: "As plantações de maçãs se encontram numa situação muito precária no vale de Wenatchee..."

— Isso é coisa que se aprecia melhor vendo de perto do que ouvindo um simples telegrama — replicou João. Logo que termine este trabalho tomaremos um avião para Wenatchee.

— Esplêndido! Podemos fazer a viagem de ida e volta em vinte e quatro horas. Em seguida tocaremos para Seattle, onde devemos fazer tua conferência sobre... Sobre o que era, Fullbright?

— Sobre o que era, Fullbright? — repetiu João, como se desejasse gracejar com o amigo. E continuou:

— Em vinte e quatro horas vamos e voltamos... em vinte e quatro horas... em vinte e quatro horas... em vinte e qua...

— Santo Deus! Pára com isso! — gritou Tisdale — Ficaste louco? Estás louco, Fullbright?

— Estás louco, Fullbright? — repetiu o jovem conferencista — Sim, estás louco, louco, louco... — continuou dizendo. E logo inesperadamente:

— Sinto-me maravilhosamente bem disposto!

Mal acabou de falar, levantou-se, e, arrancando os mapas que pendiam das paredes, rasgou-os ao meio. Não satisfeito, tomou todos os telegramas que Tisdale re-

cebera e os jogou pela janela afora. Depois desmaiou.

Tisdale ficou estupefato e, com os olhos a saltar das órbitas, percebeu que a jovem secretária sofrera um terrível susto. Procurou acalmá-la.

— Não se preocupe; isto às vezes acontece. E' o excesso de trabalho. Logô passará. Vamos transportá-lo para o sofá.

Os dois seguraram o jovem desmaiado e o recostaram no sofá. Quando João abriu os olhos Tisdale levantou-lhe a cabeça e perguntou:

— Como te sentes?

— Sinto-me bem — respondeu o jovem; — sinto-me bem... sinto-me... Mas devemos esclarecer a situação. Eu sou Fullbright e sou meio tonto! Sim... sim!

— Desta vez a coisa parece mais séria — disse Tisdale preocupado — Senhorinha Sennet, peço-lhe o favor de vigiá-lo. Não sabemos do que será capaz num estado como esse. Vou chamar um médico. Voltarei logo. Creio que necessita de um especialista. E não se alarme, senhorinha Sennet. Fullbright está com o sistema nervoso arrasado devido ao excesso de trabalho.

— Eu sei — falou a jovem secretária recobrando por completo a calma — antes de trabalhar com o senhor Fullbright fui secretaria de dois professores que sofriam mais ou menos de acessos semelhantes. Um deles terminou suicidando-se...

Tisdale saiu correndo. O que acabara de ouvir o alarmava. Era preciso tratar de Fullbright antes que ele cometesse qualquer loucura irremediável.

Quando o diligente secretário e amigo voltou ao hotel o fez em companhia duma jovem bonita que trajava um costume clássico e elegantíssimo. Numa das mãos segurava uma pequena valise.

Tisdale aproximou-se do amigo e perguntou:

— Podes falar, Fullbright? Se podes, fala algo aproveitável. Não quero ouvir tolices.

Pôs a falar perfeitamente — replicou João, agora mais refeito do acesso. — Quem é esta senhora? — perguntou assim que viu a linda jovem em trajes tão severos.

— Não é uma senhora — replicou Tisdale embora a contragosto. Esta senhorinha é doutora em medicina e veio para examiná-lo.

— Tua idéia é muito interessante, Tisdale, mas o momento não é para troga.

— Nada de trocas, senhor Fullbright — interveiu a recem-vinda. Exergo há muito a medicina; sou a doutora Barclai. Quer tirar o paletó, por favor?

Fullbright deu um tremendo salto, e olhou a doutora Barclai com olhares espantados. Mas logo sentiu a cabeça rodar e viu tudo nublado ao redor. Tisdale e a senhorinha Sennot tornaram acomodá-lo no sofá antes que ele caísse.

— Desmaiou de novo? — perguntou Tisdale.

— O melhor é transportá-lo para a cama — disse a doutora Barclai num tom que não admitia réplica.

Fullbright foi colocado no leito. A doutora Barclai tirou o termômetro da pequena valise e o colocou sob o braço do enfermo. Depois passou a tomar as pulsações.

— Como lhe fizia, doutora — continuou Tisdale — Fullbright tem trabalhado dezoito horas diárias, isso há muitos meses. Sou de opinião que ele deve submeter-se a uma cura pelo repouso.

— Devia dedicar-se à medicina... disse a doutora Barclai — Podem ajudar-me a tirar-lhe a roupa? Devo examiná-lo.

O senhor Tisdale tirou os sapatos, o paletó e a camisa do jovem Fullbright. E já começava a tirar a camiseta quando Fullbright, voltando a si, procurou logo cobrigar-se com u'a almofada.

— Alto lá! — gritou — Que estas duas moças saíam imediatamente do meu quarto.

A senhorinha Sennot logo se retirou. Tisdale quiz acabar de tirar a camiseta mas Fullbright bradou:

— Um momento! Não vês que ainda há u'a mulher no meu quarto?

— E' a doutora Barclai, demônio! — exclamou Tisdale já impaciente. Não vês que ela precisa examiná-te?

— Pois que examine outro, se qui-

ser! — protestou João.

— O senhor não está se comportando normalmente — interveiu a jovem doutora. — Ougame: seu tórax não será um espetáculo novo para mim. Já vi muitíssimos antes do seu. E' minha profissão.

— Eu quero um médico, um homem — teimou Fullbright. — Onde está o médico do hotel?

— Tu sabes perfeitamente que o hotel não dispõe agora de mais de um médico, homem — disse Tisdale procurando convergê-lo.

Além disso, tu necessitas de um especialista. Creio que não ignoras a falta de médicos. Não fizeste uma conferência em Nova York a propósito da escassez de médicos? Vamos, homem de Deus!

— Sim, é certo — admitiu debilmente Fullbright. Sem esperar mais nada, Tisdale arrancou-lhe a camiseta. E o enfermo, resignadamente, submeteu-se ao exame da dra. Barclai, coisa que ela fez com segurança e rapidez. Depois tomou algumas notas e voltando-se para o doente disse-lhe num sorriso angelical:

— O senhor está demasiadamente magro.

— Não estranhe — replicou ele — não como outra coisa senão sanduiches.

— Precisa duma alimentação mais suficiente. Agora — faça-me o favor de tirar as meias.

— Isso não! Para que?

— Tenho que examinar os pés. E' muito importante. Tire-as e não proteste mais, senhor Fullbright.

Tisdale se encarregou de tirar as meias. A doutora começou a examinar-lhe os pés enquanto Fullbright a olhava detidamente.



EMULSÃO DE SCOTT

Fortifica, nutre e
revigora. A maneira mais fácil
e segura de tomar-se o legítimo
óleo de fígado de bacalhau

Quanto mais a observava mais beleza descobria naquele rosto. Uma maravilha! Uma verdadeira maravilha!

A doutora Barclai voltou a tomar notas numa caderneta. Por fim guardando a caneta automática, disse:

— Bem, trata-se de um pouco de neurastenia. Nada para alarmar. Há distúrbios nos vasomotores, hipertensão como consequência dos transtornos cerebro-espinais e debilidade gastro-intestinal que geralmente se apresenta acompanhando os sintomas já mencionados.

— Tudo isto me faz adivinhar que a conta dessa visita não sairá por menos de cinqüenta dólares — disse Tisdale pensando alto.

Fullbright lançou-lhe um olhar fulminante pelo aparte inoportuno.

A voz da jovem e bela doutora era tão suave, tão aveludada e acariciadora, que ele sentia enorme prazer em escutá-la, ainda que pronunciando palavras científicas como as que acabara de dizer.

— Muito bem, senhor Fullbright, — continuou a doutora — o senhor necessita descansar. Terá que fazer um repouso continuado, prolongando-o no mínimo por seis semanas; a menos que prefira continuar trabalhando. Nesse caso, eu o previso: dentro de pouco tempo será forçado a abandonar o trabalho para sempre. Ficará inutilizado. O senhor está sofrendo de um terrível esgotamento físico e moral. Isso se complicou com a sua alimentação inadequada. Deve decidir-se: ou descansa agora seis semanas seguidas, ou ficará mais tarde incapacitado de trabalhar para o resto da vida.

— Muito bem — disse Fullbright sondando o terreno — quer dizer que terei de ficar seis semanas sob os seus cuidados, doutora Barclai?

— Se assim deseja, nada tenho a opôr.

— Pois é isso o que eu quero — exclamou ele.

Tisdale fitando Fullbright perguntou:

— Poderás explicar-me o que isso significa? Primeiro protestaste porque não te trouxe um médico, um homem. Agora estás disposto a submeter-te ao tratamento da doutora Barclai por seis semanas. Queres explicar-me?

— Ouvi Tisdale — disse Fullbright com seriedade — estou discutindo o caso com a doutora; tu nada tens que ver com isso. Que fazes aqui?

Tisdale se retirou sem mais nada dizer. A doutora guardava seus instrumentos, 'quando' acrescentou:

— Nos casos de neurastenia costumam haver certas complicações, perturbações emotivas... temos que falar nisso, senhor Fullbright.

— Sim, devemos falar minuciosamente nisso — assentiu ele devorando-a quase com os olhos.

A doutora Barclai o fitou numa estranha expressão:

— Vou mandar-lhe uma enfermeira. Enquanto isso, descansse e pense em algo agradável. Voltarei à noite.

Fullbright recostou-se na cama, satisfeito. Há muito tempo não descansava assim. Sentia uma agradável sonolência ao pensar ternamente na medicina como profissão. Finalmente, esse torpor foi interrompido pela presença de um mulherão de aspecto imponente que lhe foi logo ordenando um banho. Ele obedeceu sem contestar, pois a presença dessa mulher tão grande (era a enfermeira enviada pela doutora Barclai), inspirava-lhe receio.

Uma vez no leito, a enfermeira deu-lhe dois remédios de sabor esquisito. Afinal, recordando o que a doutora Barclai recomendara, Fullbright se pôz a pensar em algo agradável e adormeceu pensando nela...

Quando despertou era noite. Ao seu redor estavam Tisdale, a enfermeira e a doutora Barclai. O primeiro lhe disse:

— Teu pai quer falar contigo; acaba de pedir um interurbano. Fullbright tomou o fone e ouviu a voz apressada do pai:

— Es tu, João? Diz-me: que significa o que acaba de me dizer esse idiota do Tisdale? Que se passa contigo?

— Estou sofrendo de neurastenia — disse ele — acompanhada de transtornos emotivos.

— Arre! Isso é uma fraca desculpa para não trabalhar. Não fasgas caso do que disserem os médicos.

— Devéras, papai?

— Certamente, João. Mas, diz-me lá: a que atribuem essa tua doença?

— Ao excesso de trabalho. Meu médico disse que tenho de descansar no mínimo, seis semanas.

— Tolices! Eu sempre trabalho sem descanso e aqui me tens sô e forte.

— Alegro-me em sabê-lo, papai; mas no meu caso...

— Quando eu comecei a trabalhar nunca soube o que foi descanso. Eram dezoito horas no duro... — replicou o pai — E veja como estou!

— Por telefone não posso ver, papai.

— Deixa-me falar com o médico; quero trocar umas palavras com ele...

Fullbright obedeceu. Quando a jovem doutora Barclai colocou o fone junto ao ouvido percebeu uma série de palavras incomprensíveis. Pelo tom em que foram ditas, outra coisa não podia ser senão um conjunto de vitupérios.

— Se deixar de gritar talvez eu possa lhe explicar o que tem seu filho — disse calmamente a jovem doutora.

Mas as palavras ásperas continuaram. Ela sorriu e, sem alterar-se, replicou:

— O senhor parece ser muito desagradável. Desagradabilíssimo! Ao falar ouve-se um estranho ofegar; eu no seu lugar procuraria um médico; é possível que tenha ásma...

O telefone continuava a soltar

desafinados sons. E a bela discípula de Hipócrates não suportou mais:

— A mim pouco importa que tenha o senhor sessenta milhões. O senhor é um néscio e não sabe o que está dizendo. Se o seu filho é meu cliente curupirá à risca todas as minhas determinações. Passe bem. — Bah! E cortou a ligação.

A jovem doutora, como se nada tivesse acontecido, preparou uma seringa e aplicou uma injeção no jovem Fullbright. Só depois, lhe disse com naturalidade:

— O senhor seu pai não parece estar de acordo com o meu diagnóstico sobre o seu caso.

— Não se incomode; meu pai nunca está de acordo com coisa alguma — disse o enfermo.

— Se deseja, abandonarei o caso e chamarei outro médico para examiná-lo...

— Não! não! Nada disso. Sinto que se não me atender ficarei muito mal...

Tisdale o olhou significativamente e interrompeu-o:

— Na minha opinião, já estás bastante mal. Diz-me: quando poderás realizar a próxima confidência?

— Não sei — respondeu Fullbright — Consulta o meu médico...

Depois disso, todos se retiraram, menos a enfermeira que aplicou umas compressas no doente. Este não tardou em adormecer. E por "rara" casuística sonhou com a doutora Barclai...

Na semana seguinte, Fullbright apareceu mais disposto. Estava mais corado e com um aspecto mais agradável. Sua vida era agora um tanto igual. Recebia diariamente uma visita médica e um chamado telefônico do pai. Tomava muito leite e muita vitamina. Continuava com as compressas frias. Raramente falava com a enfermeira que parecia emudecer cada vez mais.

Na décima noite de tratamento, Fullbright pôde levantar-se e saiu para um passeio em companhia de seu médico. Cearam juntos. Ele se sentia muito bem; entretanto achou de boa tática fazer-se, ainda, de enfermo. Disse que sentia tremores e uma certa opressão... A doutora replicou:

— Antropofobia. Não se preocupe. E' um sintoma natural da doença. Confie em mim. Ficará completamente curado.

— Sim, eu sei, eu sei! — asseverou ele com ardor.

Fullbright comeu com apetite e bebeu um pouco de excelente vinho. Senti-se maravilhosamente bem disposto e só podia olhar com gratidão e afeto a mulher que lhe salvara a vida. Antes de tudo,

10 jóias
preciosas



— para os seus encantos!

• Sim! As unhas bem cuidadas são verdadeiras jóias! Tornam os gestos aureolados de leveza e graça. Sobretudo, definem a personalidade. Porque são jóias *pessoais*, feitas para suas mãos! Dê-lhes o carinho que merecem. Realce-lhes a fidalguia do desenho e a beleza do colorido, envolvendo-as na magia do esmalte CUTEX! De fácil aplicação, o esmalte CUTEX enseja uma perfeita manicure e permanece fielmente ao serviço dos seus encantos femininos... Experimente-o hoje!

ESMALTE **CUTEX**



O Esmalte Mais Popular em Todo o Mundo!

a olhava com admiração. A doutora Barclai deixara os severos costumes e trazia agora um vestido deliciosamente feminino. Estava lindamente penteada. Parecia uma das encantadoras duquezas do Watteau.

— Quando a contemplo — disse Fullbright — sinto-me entontecer... Como se chama?

Ela sorriu e respondeu:

— Isabel.

— Posso chamá-la Isabel nas horas em que não fôrmos médico e doente?

— Se lhe agrada...

Ouve uma pausa e logo acrescentou:

— Sinto uns transtornos no coração...

— E' possível que tenha uma pulsação no epigastro — replicou ela num tom inteiramente profissional.

— Será isso... — murmurou ele. Ela tomou-lhe o pulso. E disse

(Continua na página 20)

O Juiz e Papagaio

Conto de Malba Cahan
Desenho de Rocha



A opulenta cidade de Cabul vivia, nesse tempo, agitada por um estranho boato. Diziam alguns, afirmavam muitos que o integrante e prestigioso juiz Fauzi Trevic, antes de sair para o exercício de suas altas funções no Tribunal, ouvia os conselhos de um papagaio,

Havia até quem soubesse particularidades sobre o caso. O papagaio fôra trazido das montanhas por um feiticeiro famoso e vivia encerrado num rico aposento, longe das vistas e dos ouvidos curiosos.

Os mais ousados garantiam que se tratava de uma ave encantada, que trazia no corpo o espírito de um génio — um Idjin, talvez. O maravilhoso papagaio conhecia jurisprudência e ditava leis com a eloquência e sabedoria dos grandes ulemás. Não havia, aliás, outra explicação para aquele mistério, pois o juiz Trevic proferia sentenças notáveis fundamentadas sempre com grandes elevações, e elogiadas pelos advogados mais exigentes e intollerantes.

O caso chegou, afinal, ao conhecimento do rei Nassin ben-Nassim.

— Mac Allah! — exclamou o soberano persa.

— E assombroso! Quem poderia acreditar que houvesse no Islam, um papagaio capaz de orientar as longas sentenças de um sábio juiz?

Resolvido a esclarecer, de qualquer modo, o enigma, o poderoso rei mandou vir à sua presença o doutíssimo Fauzi Trevic e interrogou-o.

Seria verdadeira aquela voz que corria pela cidade, abalando os incrédulos e enchendo de infinito assombro os simples e os ingênuos?

— Sim, ó Rei magnânimo! — é verdadeira a voz — respondeu o ilustre “cadi”. — Não devo ocultar a verdade. Todos os dias, antes de seguir para o Tribunal, ouço os conselhos de um modesto papagaio verde de bico amarelo! Juro, pelas barbas de Maomé, que é essa a expressão da verdade!

— Exaltado seja Allah!, o Único! — exclamou o monarca. — Não creio que possa existir, sob o céu ou sobre a terra, maravilha maior do que essa que acabais de revelar!

— Vejo-me forçado a dizer-vos, ó Rei do Tempo! — prossegui o Juiz — que o papagaio, meu amigo e conselheiro, só sabe pronunciar duas palavras. Com esse limitadíssimo vocabulário consegue ele orientar, com segurança e clareza, tôdas as minhas sentenças.

— Com duas palavras! Que palavras mágicas serão essas, que servem, como dois faróis, no meio do oceano das leis?

Respondeu o digno magistrado:

— Bondade e Justiça! Justiça e Bondade! Eis as duas palavras que ouço todos os dias de meu papagaio! Procuro tê-las sempre, bem vivas no fundo do coração! Quando estudo as causas, sobre as quais sou obrigado a votar e decidir, esforço-me por ser bom, ser justo. A Justiça que corrige ou castiga deve ser inspirada pela Bondade que nobilita e eleva. E ainda mais: a Bondade, que exalta o fraco, não pode prescindir da Justiça que reabilita o forte. Confesso, pois, que tôdas as minhas sentenças são norteadas pelo admirável conselho do papagaio: Bondade e Justiça!

Por Allah, senhor dos mundos visíveis e invisíveis! Por Allah! Seguissem todos os reis, ministros e magistrados o conselho daquele papagaio, e a felicidade desceria sobre os povos e a paz reinaria entre as nações!

Uassalam!

O milagre de escrever seco... ao seu alcance com a Parker "51"



"A mais desejada" entre as canetas, a Parker "51", tem sua pena protegida contra o ar; e, por isso, começa a escrever imediatamente, a tinta flui sem interrupção e... "escreve seco com tinta líquida!"

• A Parker criou uma caneta inteiramente nova, completamente diferente de todas as outras até então fabricadas.

Sob a sua concha ponteaguda, há um tubo de ouro de 14 quilates com ponta de osmíridio micro-polida. Está sempre úmida - sempre pronta a escrever - deslizando suavemente sobre o papel!

E agora... o milagre! Para esta caneta, os peritos da Parker criaram a tinta de secagem mais rápida do mundo... a nova tinta Parker "51", que seca à medida que se escreve! Dispensa o mata-borrão! A Parker "51" pode também ser usada com qualquer outra tinta que o Sr. deseje - mas o Sr. não desejará usar outra.

É fácil compreender a grande procura que há desta caneta. Se o seu fornecedor não a tiver agora, deixe o pedido feito. Vale a pena esperar por ela.

GARANTIA VITALÍCIA - O Losango Azul "Parker", estampado no segurador, representa um contrato feito pelos fabricantes com o comprador da caneta, válido por toda a vida deste, e que garante o reparo de qualquer desarranjo, não intencional, desde que a caneta seja devolvida completa. Para a embalagem, porte e seguro, cobrdr-se-á apenas a importância de Cr\$ 10,00.

Representantes exclusivos para todo o Brasil e Posto Central de Consertos: COSTA, PORTELA & CIA., Rua 1.º de Março, 9 - 1.º - Rio de Janeiro
5802-P

J. W. T.

DOENTE DE AMOR

CONCLUSÃO



NO sentido de estimular as vocações e proporcionar incentivo aos valores novos de nossas letras, a direção de ALTEROSA instituiu um CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS, premiando com a importância de Cr\$ 100,00 o melhor trabalho que recebe durante cada mês, nesse gênero, além de inseri-lo em suas páginas com ilustrações a cores.

Concorra também a esse interessante concurso que vem revelando ao público contistas de valor até então ignorados, obedecendo às seguintes bases:

1.º O original deve ser datilografado em uma só face do papel, em espaço n.º 2, com o máximo de 8 laudas em formato ofício e o mínimo de 3 laudas.

2.º Motivo e ambiente nacionais.

3.º Observância dos princípios morais que norteam os costumes da família brasileira.

4.º Argumento isento de tragédias fortes ou mistérios tenebrosos, fixando a preferência as emoções do ambiente de família, do lar e os dramas de fundo moral sadio e honesto.

Além do prêmio ao melhor trabalho do mês, serão publicados os que forem julgados dignos de Mengão Honrosa. Todos os contos aproveitados, premiados ou não, terão os respectivos direitos autorais reservados por ALTEROSA.

Não se devolvem originais enviados para este concurso, ainda que não aproveitados, nem se manterá correspondência sobre o destino dos mesmos com os autores.

— Seu pulso está acelerado, Fullbright

— Sempre que você o toca ele se acelera.

— Sim, já observei isso — acrescentou a jovem tornando-se pálida.

— Quando vejo essas preciosas mãos — disse ele, quasi fóra de si, tão emocionado estava — começo a pensar e a sentir que...

— Não comprehendo... acaso venha a ser um sintoma de...

— Não é coisa que explique a medicina, Isabel — concluiu ele sem hesitação — Estou enamorado de você... desde o dia que auscultou o meu coração pela primeira vez. Quero casar-me com você e que me atenda para o resto da vida. Quero ser seu paciente vitalício. Quer, Isabel?

Ela deixou passar uns segundos antes de responder. Tinha a voz ligeiramente rouca.

— Era precisamente o que eu recebia. Não pode ser, Fullbright. Amo minha profissão; para mim não seria tudo tê-lo como único paciente. Custou-me devêrás fazer esse curso. Você não sabe como é difícil para u'a mulher realizar o ideal almejado... Agora que o alcancei não posso abandona-lo...

— Mas... eu não me oponho que extraia de vez em quando um ou outro apêndice... Isabel. Podermos nomeá-la médica das fábricas de meu pai...

A doutora Barclai abanou lentamente a cabeça.

— Sim, eu sei — replicou. — Faria uma clínica para mim. Você é muito bom, Fullbright. Mas isso não pode ser.

— Mas...

— Por favor, não falemos mais nisso. Vamos embora. Você precisa descansar.

De volta, ela esperou que ele se deitasse. Depois aplicou-lhe uma injeção. E para surpresa sua, despediu-se:

— Você já não necessita mais de meus cuidados nem tão pouco da enfermeira. Cuide-se e descanse. Adeus.

Fullbright ficou desapontado. Começou a refletir, e de repente, encontrou a solução desejada para o seu "caso". Resolveu telefonar para Georgia McKinstry que tinha a fraqueza de namorar com todo bicho vivente que pertencesse ao sexo masculino. Georgia aceitou imediatamente o convite para visitá-lo no hotel e tomarem uns coquetéis.

Já se dispunham a repetir a bebida quando a doutora Barclai, que atendera um telefonema de

Fullbright, voltou para levar um dos seus instrumentos esquecidos no apartamento.

O plano de João Fullbright ia muito bem: Isabel acabava de encontrá-lo em companhia de Georgia McKinstry. Esperava que esse estratagema desse resultado.

Quando Isabel Barclai viu o cáliz de coquetel na mão de Fullbright tornou-se séria, quasi zangada. Com toda a calma, ele perguntou:

— Aceita um coquetel, doutora?

— De modo algum — replicou ela; — eu não beberei nem você tão pouco!

Georgia olhou Isabel da cabeça aos pés e perguntou admirada:

— Fullbright, quem é esta senhorita?

— E' meu médico, a doutora Barclai — replicou ele.

— Tua doutora? Mas, também há médicos femininos?

— Recolha-se imediatamente, Fullbright — ordenou Isabel com severidade. Ele se retirou.

Enquanto se preparava para deitar ouviu que as duas moças conversavam. Alimentou alguma esperança.

Mas a expressão de Isabel ao entrar no quarto tirou-lhe toda a ilusão. O plano não dera o menor resultado...

— Tire a camisa — disse Isabel sem olhá-lo. Ele obedeceu apressivamente. Ela aplicou-lhe uma injeção. Quando terminou, disse com voz sarcástica:

— Alegro-me ao saber que já se sente bastante forte para beber e divertir-se. A senhorita Georgia McKinstry acaba de explicar-me que vocês dois pensam em casar-se brevemente. Felicito-os.

— Oh! não é certo! Houve um equívoco. Amo-a, Isabel, e...

— Como médico aconselharia que não se casasse tão depressa — disse ela sem lhe dar atenção. — Deve esperar ficar mais forte. Sobretudo para casar-se com u'a mulher como essa senhorita...

— Você não comprehende — insistiu Fullbright.

— Compreendo mais do que pensa! Além de ser um nervoso crônico é também um farsante. Saiba desde já que não sou mais seu médico. E para que se lembre de mim, aqui está!

Unindo a ação à palavra, Isada com toda a força da mão aberbel aplicou-lhe uma forte bofetada com toda a força da mão aber-

ta.

Fullbright raciocinou tão depressa quanto pôde. E logo executou o que refletia. Quer dizer: começou a gritar, a atirar tudo

quanto encontrava no chão e a arrancar a roupa. Terminou a comédia deixando-se cair pesadamente no solo onde permaneceu rígido e com os olhos fechados.

Houve um longo silêncio. Alguém deixou escapar uma profunda exclamação; a isto seguiram-se ruidos de passos precipitados e o bater de uma porta que se fechava.

Fullbright abriu um dos olhos e a primeira coisa que viu foi o bem modelado tornozelo da doutora Barclai. Ergueu mais o olhar e encontrou o rosto da jovem. Ela o fitava com um sorriso zombeteiro. E o pobre compreendeu que esse era o fim. A comédia fracassara.

— O que acaba de fazer é dolorosamente ridículo — disse a jovem — e não provoca a menor simpatia de minha parte. Será melhor que vá dormir pois já é tarde. Vou-me embora; e não tema: essa vampiresca Georgia não voltará mais. Disse-lhe que você está completamente louco e ela, assustada, sumiu.

Com isto voltou-se para sair, fechando a porta num estrondo. Fullbright permaneceu no solo, triste e meditabundo. Em seguida, levantou-se e olhou ao redor. Estava terrivelmente desolado. Sem saber como, começo a dizer coisas completamente desconexas...

— Sim, senhores e senhoras, nesta conferência trataremos do tão discutido tema...

E logo começou a atirar todos os objetos no chão. Mas desta vez não dava conta do que fazia e finalmente desmalhou.

Quando recuperou os sentidos, estava nos braços da doutora Barclai. Isabel soluçava.

— Querido, — disse carinhosamente. — Fala-me... fala-me... Eu sou a culpada deste ataque que acaba de sofrer. Compreendi enquanto me chamavam. Perdão-me?

— Oh, sim... respondeu ele num murmurio.

— Casaremos — disse Isabel Barclai; casaremos enquanto ainda está forte e... Casará comigo, Fullbright? Casará?

Fullbright nunca se sentiu tão bem como neste momento. Mas pensou que era melhor certificarse. Por isso mesmo, fingiu-se desvairado. Replicou:

— Eu me casarei consigo, Fullbright... me casarei consigo... me casarei consigo... me casarei consigo...

A doutora cerrou-lhe os lábios com um beijo. E então ele não pôde mais fingir. Rodeou-a com os braços e retribuiu o que recebera com juros...



Não seja do "Contra"! Faça o regime ENO - "Sal de Fructa" ENO, laxante e antiácido ideal, ao deitar e ao levantar, para garantir o seu bom humor diário e a saúde de toda sua vida!

"SAL DE FRUCTA"

ENO

O OVO DE PASCOA

O costume do ovo de Pascoa é velho como o mundo, e recorda as antigas tradições da raça ariana, que sempre representou o sol como um belo ovo de ouro, chocado por um ganso, por uma pata ou por uma galinha.

Na mitologia Indiana o ovo de ouro, que navega sobre as águas, é o sol nascente, o sol que, no princípio do dia, ainda ofuscado pelas nevoas da manhã, se apresenta no horizonte como um globo dourado... Na cosmogonia órfica, a Noite, de azas negras, procreava um ovo, e desse ovo, saiu Eros, o deus da luz e da vida. Na Ramaiana o céo é comparado a um lago, no qual o sol é um pato de ouro. Nas fábulas russas, a pata encantada põe um ovo de ouro todas as manhãs (o sol), e à noite um ovo de prata (a lua)...

* * *

O RELOGIO DE UM BRAVO

UM chefe de Guarda do Corpo de Frederico o Grande, muito vaidoso, mas, ao mesmo tempo bom soldado, tinha uma corrente à qual trazia preso, em vez de relógio, que ele não podia comprar, uma bala de espingarda. O rei, sempre disposto a rir de tudo e de todos disse-lhe um dia para gracejar:

— A propósito, chefe, o senhor deve ter feito economias para comprar um relógio. No meu são seis horas: diga-me, quantas marca o seu?

O chefe que havia compreendido a intenção do rei, tirou vivamente a bala do bolso e disse:

— O meu relógio não marca as horas, mas recorda-me a todo o momento que é meu dever morrer por Vossa Majestade.

— Bravo! disse-lhe o rei comovido — tome este relógio para que possa também saber as horas.

E deu-lhe o seu, cravejado de diamantes.

É DO MUNDO, MINHA FILHA

CONCLUSÃO

descrever os passes "formidáveis" do Zézé, quantas bolas bateram na trave

Que importavam os pintos? Que importavam as bolas na trave?

Aquela dia, Marilisa não suportava nada, nada.

Felizmente, termina o jantar sem fim e a mãe lhe pergunta:

— Que é que há?

— Nada.

— Olhe, a mim você não engana. Conte. Que há?

A menina deu graças então, de contar.

— Briguei com Rogério, mãe. Ele é divorciado e terminamos tudo. Mas, veja. Eu não estou chorando.

— Antes assim, minha filha.

E a mãe procurava mostrar que não percebera os vestígios das lágrimas.

Ao retirar-se para o quarto da mocinha, a pequena ainda virasse, falando num tom de revolta:

— Tantos rapazes a me festejaram e fui gostar de um "homem casado". Por que, mãe?

Adaptada ao longo sofrimento da vida e sofrendo ainda com Marilisa, a boa senhora diz sómente:

E' do mundo, minha filha.

.....
Pingaram os anos ingratos, correram os anos felizes.

Marilisa passou a bela idade em que se pensa que se vai mesmo morrer de amor.

Custou um bocadinho esquecer aquela beleza machucada. Foi ao Rio, ondulou a plástica em Copacabana, dançou na Urca, serpenteou na Avenida. Afinal, parece que esqueceu.

Com o passar do tempo, notando que as crianças de outra geração estavam mocinhas e ela ia ficando, Marilisa resolveu casar-se. Por que prender-se a uma sombra? Ficar solteira, neurastenica, vestir anjinho, escrever cartas a locutores e artistas de rádio? Nunca!

De vez em quando a imagem do rapaz, escondida lá num cantinho do coração, queria aparecer e tomar conta do coração inteirinho.

A moça reagia e já que não podia casar com Rogério, foi casando assim, tolamente. Talvez, em se casando, o esquecesse para sempre.

Porém, fez mal a Marilisa. Pobreza, foi bem infeliz. Sentia-se jogada na vida. A quem dedicar todo aquela carinho latente, contido dentro de sua alma? A Roberto, seu marido? Oh! Não. Casara para ver se esquecia...

Felizmente, depois de algum tempo veio Luizinho, o filho adorado. Este foi a válvula por onde

escoou toda a capacidade de amar, daquele temperamento afetivo.

E agora, ali estava Marilisa com o pequeno ao colo, linda ainda, de personalidade mais acentuada ainda, mais mulher.

Na grande sala de jantar, conversava em frente à cadeira de balanço onde balançava de mansinho a velhice "tradicional" de sua mãe.

— Mamãe, por que fui casar justamente com Roberto, tão cheio de vício. Chega tarde em casa, ebrio, dizendo palavrões. Eu me revoltou, mas não grito, não dou escândalo. Mas... há momentos em que vejo não suportar mais esta vida assim.

— Continha-se, Marilisa. Você tem Luizinho e precisa sacrificarse por causa dele. Não pensa em separar-se de Roberto, pensa? (Vejo a voz, cansada e compassiva).

— Não, mamãe. E os conceitos sobre a Família? Este lastro que vem de longe... longe... "Casados até que a morte os separe".

Virtuosa Marilisa. Sempre e sempre, vítima da muralha dos preconceitos sociais... O nome da Família tornara-se uma obsessão.

E levantando a cabeça, num trejeito de revolta incontida, ela diz:

— Por que fui casar justamente com Roberto, mamãe?

A resposta veio, tão banal, tão simples e humana.

— E' do mundo, minha filha.

*

GRATIS! peça este livro



ENVIE DOIS CRUZEIROS EM SÉLOS
— PARA O FORTE POSTAL —

UZINAS QUÍMICAS BRASILEIRAS LTDA.

CAIXA POSTAL, 74
JABOTICABAL
EST. DE SÃO PAULO

SEU MANFREDO

CONCLUSÃO

to intragável, metido a capitão de indústria. Não gostava de funcionário assim. O funcionário, para ele — ó belos tempos de Ouro Preto! — deveria ser um cidadão ponderado, comedido, solene. Nada de afobações, nada de correrias, nada de modernismos na burocacia. Nada de jacobinismos no seio do funcionalismo público. Ficassem lá por fora os revolucionários, os destacados da vida administrativa. Para seguir a ranga do Estado o funcionário devia ser por excelência conservador. Funcionários jacobinos eram uma constante ameaça aos poderes públicos, à ordem instituída. Quando o funcionalismo se deixava contaminar por idéias subversivas, tudo está perdido. O governo tem em seu próprio seio o germe da rebelião. Na revolução francesa foi assim. Em todas as revoluções foi isto o que se deu.

Já que não conseguia adaptar-se, já que se não podia deixar levar de roldão pelo progresso assanhado e insatisfeito, sua tábua de salvação, nesse transe difícil, só poderia ser a aposentadoria. O remédio era mesmo aposentarse. E bem que já era tempo de cuidar disso. Completara já mais de trinta anos de serviços públicos.

Aposentou-se. E com a aposentadoria veio-lhe o desejo de não mais residir no bairro dos Funcionários. Queria um outro ambiente, bem diverso daquele em que, por incompreensão, fôrasses últimos tempos tantas vezes torturado. Não queria continuar naquela casa da avenida Brasil em que, ao chegar à janela, dava de cara com a Secretaria do Interior. Ali trabalhara durante longos anos, de início aprazivelmente, mas de resto numa completa inadaptabilidade, num constante conflito com os novos funcionários. O que lhe fôrera alegria no passado se tornara angústia no presente. Não fôrera a idade quem o afastara de lá. Sentia-se ainda bem disposto para o trabalho. Fôrera o progresso desenfreado a que, pelo temperamento, pelos modos de agir, jamais lograria adaptar-se.

Resolvera mesmo mudar-se. Escolheu uma ruazinha perdida no bairro de Santa Teresa. Era a rua Euclásia. Se hospedaria na casa de D. Valquíria, viúva muito distinta e necessitada, mãe de quatro filhas a educar. Pagaria bem a D. Valquíria por uma pensão de quarto e refeições, não-

apenas ajudando-a, com isso, a educar as filhas, mas criando para si um ambiente inteiramente novo, e quem sabe, renovador? Queria um quanto só para ele, sem companheiro, sem tropeços aos seus hábitos e comodidades. Nada de companheiros, nada de comunismos, que por companheiro só tivera a esposa, e só Deus sabe o quanto lhe custaria se acostumar sem ela.

Instalou-se, com seus petrechos, num quarto pequeno, era verdade, mas de paredes muito altas, arejado, cuja porta, saída independente, dava para uma varanda espacosa, onde ele poderia, à falta, e com a devida calma, ler os jornais e fazer a sesta.

Um mundo novo lhe sorria dali. A rua o atraiu desde a primeira vez em que lá esteve. Ruazinha simpática, de nome ainda mais simpático — EUCLÁSIA. D. Valquíria não se sabia ter em amabilidades. Todos, solícitos, o lisonjeavam. As quatro meninas, tão graciosas, o cercavam de delicadezas. Um mundo novo, sem dúvida, para ele que sempre detestara inovações, aferrado intransigentemente à tradição, ao passado, metido sempre num terninho que, quando novo, obedecia ao talho antigo, com a sua inseparável gravata preta — marco indelével da recordação de Ester — atada ao colarinho impecavelmente engomado. Esse mundo novo não lhe poderia, em absoluto, alterar o porte, as maneiras, o modo de trajar-se.

Adelina, a mais jovem das quatro moças, lhe dispensava especial atenção. Gostava de lhe espancar a estante, de lhe encapar os livros, de lhe passar a ferro as gravatas pretas. Perguntou-lhe certa vez: — Por quê é que o senhor está de luto?

— Foi Ester, minha esposa, que morreu há muitos anos. Morávamos ainda em Ouro Preto quando ela morreu.

— Mas, seu Manfredo, luto por tanto tempo assim...

— Sim, minha filha, Ester foi muito bondosa para mim. O meu pesar é para toda a vida.

Como Adelina gostasse muito de leitura, pegou a ler os livros de seu Manfredo. Isto seriamente o preocupava por lhe não querer deixar cair nas mãos um Voltaire, um Renan, um Diderot, um Eça de Queirós, um Júlio Ribeiro...

*

A aposentadoria dera em lhe causar na alma um profundo vácuo, um vazio imenso. O sem que fazer lhe dava tédio, angústia, uma constante inquietude. Nunca trabalhara intensamente, era verdade, mas sempre o fizera me-

fixbril
ASSENTA E DA BRILHO
AO CABELO • FIXBRIL
E USADO PELO BOM BARBEIRO



todicamente. E agora começara a sentir falta desse trabalho metódico. Pegara a pensar, a pensar, a excitá-lo mentalmente com pensamentos que nunca tivera. Pensamentos lubrícios, maléficos, ruins.

Com a falta de trabalho, com o não desgaste mental dela proveniente, parecia lhe voltar à tona, como compensação, uma certa exuberância vital. E aquilo não lhe ficava bem com a idade, com o seu amor ao método, ao equilíbrio, à ponderação. Não que fosse refratário ao sexo. Isso não. Nunca o fôra. Tanto assim que, por ocasião da morte de Ester, em que tivera impetos de jurar castidade para o resto da vida, detivera-se a tempo, contentando-se em apenas jurar que não mais se casaria. E cumpriu o juramento. Sempre fôra comedido nas ações, nas maneiras, nos gestos, no trabalho, no alimentar-se, no trajar-se. Nunca transigira; jamais se transviau um milímetro de sua linha de conduta. Mas aqueles impulsos que pegara a sentir agora tinham um caráter mórbido, pareciam querer levá-lo ao desregramento, à luxúria, à

*

SCOTCH TWEED
COVILHÃ
S-120

O MELHOR SORTIMENTO DE
CASIMIRAS E LINHOS
NACIONAIS E EXTRANGEIROS

RODRIGUES
ALFAIADE

EDF. HAAS-SALAS 108-110
R. BAIA, 887-B. HORIZONTE

perdição. E aquela criada nova que D. Valquíria arranjara, parecia o demônio que viera do inferno para o tentar naqueles momentos de tédio. Frequentemente lhe entrava no quarto para espancar os livros, os móveis, deixando ver assanhadamente uma coxa linda, exuberante, sexual demais. Uma mulata do outro mundo, irresistível, polarizante sexo. Chamava-se Xantipa. Um nome grego, posto que nada tivesse de grego a não ser os modos um tanto bruscos, peculiares também à esposa de Sócrates, que a tornavam, dada a espontaneidade de gestos, ainda mais atraente, excitante.

Sentia por ela um impulso irrefreável, um desejo irresistível de a trancar no quarto, de a despir, de a apertar, de consumar tudo... Mas isto seria um golpe de morte à sua respeitabilidade e sua conduta irrepreensível, a seu nome honrado.

Um dia em que lhe quis pegar nas mãos, ela deu um grito e afastou-se:

— Sai velho assanhado! Eu gosto é do sargento Antônio, da polícia.

Ainda bem que ninguém ouviu. D. Valquíria estava na cozinha, com Adelina. As outras três moças estavam passeando, na "matinée". Os pensionistas tinham ido ao futebol. Estava em placar o clássico Atlético x Cruzeiro.

No dia seguinte, pela manhã Xantipa não veio arrumar o quarto. Esperou pela hora do almoço para que o "velho assanhado" estando à mesa, não a viesse importunar. Quem veio ao quarto foi Adelina, buscar as gravatas pretas de seu Manfredo. Engomou-as, passou-as a ferro, polias estendidas na cama, bem arrumadinhas.

Ao entrar no quarto e se deparar com as gravatas, ali na cama, novamente engomadas e passadas, sentiu "seu" Manfredo, como em outras vezes também o sentira, imensa ternura. Aquela menina era um anjo, uma delicadeza, uma flor. Mas um grande temor se lhe apossou da alma.



SOFRÉ DO FÍGADO, ESTÔMAGO E INTESTINOS?

**TOME
ESTOMAFITINO
E COMA O QUE QUISER**

LAB. LINDACRUZ — Av. Amazonas, 298 — Belo Horizonte

E' que se sentia rejuvenecer. A aposentadoria, por mais que isto lhe parecesse estranho, dera-lhe novas energias, ainda que mórbidas. E pôsto que esse excesso de juventude na sua idade lhe parcesse um paradoxo, a verdade é que sentia lhe brotarem novas fôrgas, novas energias, estranhos impulsos. Acometeu-lhe o pavor de sentir por aquela menina os mesmos impetos animalescos que sentira por aquela mulata diabolicamente sensual. Tal pensamento acabrunhara-o bastante. Chegara mesmo a prostrá-lo. Saria horrível! Uma blasfêmia! uma afronta a tudo quanto fôsse bom-senso! E o meio de evitar que isso acontecesse? O meio de evitar — ele bem o sabia — não haveria de ser por certo refrear tais tendências. O recalque seria pior. O remédio seria mesmo dar livre curso ao seu desenvolvimento, por outros meios, por evasivas. Precisava expandir-se, ou melhor, precisava casar-se. Arranjava uma moça boa, que não fôsse lá muito nova para ser sua esposa. Mas para isso era preciso romper com o passado, com a tradição, e, o que seria pior, quebrar um juramento. Ester, lá do seu túmulo, não o perdoaria jamais. Vigiliaria seus passos; persegui-lo-ia. Lembrava-lhe, nesse instante, as palavras proferidas solenemente junto ao corpo da esposa: — Juro-lhe por Deus que não me casarei mais nunca.

E nesse instante, como quem reage contra êsses pensamentos sifilíticos que emperram a ação, tomou entre as mãos nervosas as

gravatas pretas, amarrrotou-as, apertou-as e logo depois atirou-as ao fundo do quintal, para bem longe.

Rompera, assim, um dos elos mais fortes da corrente que o prendia ao passado.

que o prendia ao passado.

Em seguida foi apressadamente à cidade comprar umas camisas e gravatas novas, de todas as cores: verdes, amarelas, vermelhas, farta-côr...

Voltou satisfeito. Aquela dia

PRESENTES?

OLIVEIRA COSTA & CIA.

**ARTIGOS PARA
ESCRITÓRIO?**

OLIVEIRA COSTA & CIA.

**ARTIGOS NACIONAIS
E ESTRANGEIROS?**

OLIVEIRA COSTA & CIA

**ARTIGOS DE
PAPELARIA?**

OLIVEIRA COSTA & CIA.

**SEMPRE NA VANGUARDA
EM SORTIMENTO E PREÇOS**

**A V. AFONSO PENA 1050
FÔNE 2-1607 e 2-3016
BELO HORIZONTE**

lhe assinalara uma nova etapa na vida. Mandaria fazer um terno claro, talhado à moderna. Reformaria radicalmente toda a indumentária. Substituiria, pelos modernos, todos os colarinhos de ponta virada. Seria, em suma, um novo homem, pronto para o que desse e viesse.

*

No dia seguinte "seu" Manfredo não se levantou cedo, como era costume. A manhã foi passando sem que ele saísse do quarto. A mulata, depois daquele incidente, dera em arrumar o quarto quando ele saia para o almoço. Quem notou foi Adelina, que bateu na porta uma, duas, três vezes sem que ele viesse atender. Deu alarme. Chamou D. Valquíria e os pensionistas. Estes, aos trancos, arrombaram a porta. Encontraram-no morto. Uma síncope cardíaca o prostrara durante o sono.

Vestiram-no. Ataram-lhe ao pescoco uma gravata nova, das que ele havia comprado na véspera.

Adelina só veio vê-lo quando já estava no caixão. Chorou convulsivamente. Ao contemplar a fisionomia serena de "seu" Manfredo, deu com aquela gravata verde, dissonante:

— Quem foi, mãe, que atou nêle aquela gravata?

— Foram os rapazes, que o vestiram, minha filha.

— Não pode ser. Não é dêle essa gravata. As que ele tinha eram todas pretas. Assim ele fica esquisito, sem jeito... Assim não é "seu" Manfredo.

E foi apressadamente à cidade, comprar uma gravata preta para atar ao pescoco de "seu" Manfredo.

*

FAMA

CHAMOU-SE à Corte, o celebre Lévrier para tratar da Delfina que estava doente. O Delfim diz-lhe:

— O senhor está bem satisfeito, por tratar da Delfina. Isso vai dar-lhe fama

— Se eu não tivesse fama, disse socogradoramente o médico, não estaria aqui.

*

EXPLICAÇÕES

ESTAVA o poeta Saint-Amand numa sala com um homem cujos cabelos eram pretos e a barba branca. Esse contraste pareceu singular e todos perguntavam qual seria a razão, quando Saint-Amand se voltou para esse homem:

— Com certeza o senhor trabalhou mais com o queixo que com o cérebro.

*

AZEITE ou Oleo VIDA — é o preferido por ser o melhor. Sementes de amendoim selecionadas.

CONCLUSÃO

da se consumia lentamente como uma estréla numa nuvem de inverno, rolavam dentro das órbitas consteladas de lágrimas.

— Mamãezinha, abra um pouco a janela...
Quero ver o luar...

— Meu anjo, veja se dorme...

— Abra a janela, mamãe... Quero ver o luar... Pela última vez... Deixe que a luz entre no quarto... Olhe, repare, mamãe... Como a noite está branca! E' o efeito do luar! E' como um sortilégio... Parece que há neve a cair no jardim, como num sonho branco, por detrás da viraça... Ao menos, abra mais a cortina...

A janela se abre. O êstase do luar, de repente, se derrama no interior do aposento. E' uma luz difusa, mística, indefinível. E' como se fosse a alma de um perfume noturno, uma essência feita de ternuras.

A pequena enferma soluça:

— Assim, assim, mamãe... E' tão bom ver o luar! Como eu o adoro! Ele parece todo de rosas! Rosas brancas, de jaspe, de âmbar! Deve haver muitos jardins dentro da lua! Não é, mamãe? E' uma obsessão! O branco é uma palavra insistente, que parece perseguir-me. Ah! como é fino e transparente este luar de junho!

Uma pausa. Carinhosamente, contendo o fluxo das lágrimas, mordendo os lábios aflita, a senhora lhe acaricia os cabelos. A enferma novamente soluça: — Lembra-se, mamãe? Quando eu estava na escola, gostava tanto de dizer aqueles versos que falavam de junho... Como são? Ah! sim... Espere... Já estou esquecida... Era assim que eu fazia... Alongava a mão, como se mostrasse um lago, e dizia:

“O’ lúa branca de junho!

O’ lúa!

Como um cisne pensativo, tu flutuas
na água adormecida do lago...

E as estrélas... E as estrélas...”

Ah! esqueci o resto... O luar... As estrélas. Uma tosse violenta fá-la silenciar os seus queixumes. Logo depois, ela recomeça mais triste:

— Mamãe, mamãe, eu sei que vou morrer... Tenho a impressão de que a minha alma irá viver nos jardins extasiantes da lua. Quem sabe? Talvez eu me transfigure numa flor desses jardins lunares.

Outro acesso de tosse corta a exaltação de suas palavras.

— Descance, minha filha, descance! Você não morrerá! Você só tem treze anos. E' uma criança! Ainda há de viver muito... Isso é o delírio da febre. Você está muito fraquinha... Não fale mais! Há três noites não dorme. Vou fechar a janela. Sim? Você está tossindo muito. Vá morrer o remédio.

— Não, não, mamãe! Deixe que o luar entre... Que horas são?

— Duas da manhã.

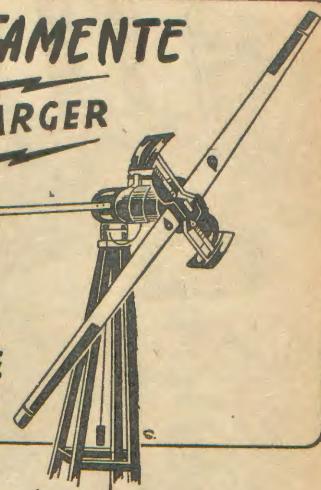
— Pois, olhe, às três, não serei mais dêste mundo... Você perderá a sua Ione... Ah, que frio! E' o frio da morte. E' sim... Veja, veja, mamãe, estou gelada! Será que já pertenço mais ao luar do que à terra? Mamãezinha, que tem? Está chorando? Não, não chore! Sente-se aqui, junto a mim.. Junto à sua filha...

GRATUITAMENTE

WINCHARGER



PRODUZ
ELETRICIDADE



Aproveitando a força do vento, que é transformada em energia elétrica poderá V. S. iluminar sua casa de campo, fazenda, chácara ou sítio.

Modelos que, com baterias especiais, permitem instalar desde 6 até 45 lâmpadas, funcionar rádio, bomba d'água, ventiladores, refrigeradores etc.

SOC. ELETRO IMPORTADORA MINEIRA LTDA.

Rua Curitiba 631 Belo Horizonte End. Telegr. "SE/MI"
Telefone 2-7560 M. Gerais Brasil Caixa Postal, 580

Ela ofega um instante. A mãe chora.

— Olhe, quando eu morrer, você me há de ver nas claras noites de lua. Eu a verei de lá! De lá dos jardins lunares... Você me enviará os seus beijos... E eu... E eu... Ah, não posso mais! Está chegando a hora. Que frio horrível! O relógio está batendo duas pancadas... Agora, só resta uma. Mamãe! Mamãe...zinha... Ma...mãe...zinha...

Desesperada, soluçando, a pobre mãe se reclina sobre o corpo da filha. A palidez da tuberculose é agora, mais impressionante. Seus membros se relaxam. As unhas se lhe arroxean. A cabeça pende para trás. O coração materno palpita. Palpita desordenado...

— Duas e meia...*

Devolvi-lhe as fôlhas de papel, sentindo no coração um aperto. Estava fortemente emocionado.

O médico então esclareceu:

— Agora, você compreenderá por que tôdas as noites de lua, aquela senhora que você viu no nôvo, fazendo o seu tricô, isto é, a pobre mãe de Ione, parece mais um errante fantasma ou uma figura de Mater-Dolorosa, passeando diante da grade do quarto, e a enviar beijos ao céu...

— Beijos que ela supõe correspondidos pela filha... — insinuei.

— Ou pela tristeza fria do luar...

* * *

BOAS RESPOSTAS

Um mediocre escritor falava a Piron:

— Eu quizera fazer uma obra sobre o que nunca se houvesse escrito nem escrevesse jamais.

— Faça o seu elogio, replicou-lhe o escritor.



orte e velório de

Conto de **ALMEIDA FISCHER**
Ilustração de **AUGUSTO**

SEU Malaquias era um velho solteirão muito estimado na minha cidade natal. Magro e muito alto, assim mesmo, depois dos seus oitenta e poucos anos, ainda conservava o busto ereto, como se fosse um homem de pernas de pau, desses que, nos grandes centros, fazem a propaganda de um sem número de produtos comerciais e que movimentam a curiosidade de toda a molecada do lugar. Carregava sobre a pequena cabeça um enorme chapéu de abas largas que tornava a sua figura ainda mais estranha e original.

Trabalhar, propriamente, não trabalhava. Defendia-se com alguns biscates que lhe roubavam o menor tempo possível às suas longas palestras sobre pescarias, caçadas e brigas de galo. Morava em companhia de uma irmã também solteira e tão velha quanto ele, aliás, dois anos mais nova, a popular Nha Quitéria, indispensável em todas as casas onde houvesse um doente a cuidar ou defunto a dar banho e vestir.

"Seu" Malaquias sabia como ninguém contar casos, longos casos pitorescos do tempo do imperador. Gabava-se de ter conhecido D. Pedro II, numa das suas visitas aos barões de Resende, em Piracicaba, insistia na descrição das festas realizadas no teatro Santo Estêvão em honra do imperador.

Velho bastante popular e originalíssimo exemplar da vulgaríssima espécie humana, "Seu" Malaquias ganhou muito dinheiro posando co-

mo modelo a alguns dos mais brilhantes pintores piracicabanos. Muitas vezes ele ia, de casa em casa, convidar os amigos a irem apreciar o seu retrato a óleo, numa exposição de pintura que acabava de se abrir.

Um dia "Seu" Malaquias que era um acessório da cidade, como os postes elétricos, as praças e os jardins, deixou de passear a sua figura comprida de gigante doméstico pelas ruas, como fazia todas as manhãs, à noite não frequentou os diversos grupos de velhos que se reuniam nas calçadas ou à porta dos botequins.

— "Seu" Malaquias está demorando hoje...

— E' ele não passou na oficina, de manhã...

Muitos estranharam a sua ausência, mas esperavam vê-lo surgir no dia seguinte com o seu enorme sorriso vermelho de gengivas fortes, pronto para contar um novo caso de caçada, ou, com um bonito galo índio nas mãos, a garantir que é o campeão do mundo... Mas, "Seu" Malaquias não apareceu e na outra manhã, a cidade inteira sabia que ele estava de cama e não passava muito bem.

Os velhos e as velhas, os moços, as moças e as crianças, então começaram a ir visitá-lo em sua casinha de arrabalde. Nhá Quitéria recebia a todos atenciosamente, servia um cafézinho muito bom, mas não descuidava um minuto do velho irmão, inseparável companheiro de quase cem anos de lutas.

“seu” Malaquias

MENÇÃO HONROSA NO CONCURSO PERMANENTE DE “ALTEROSA”

Os amigos falavam de caçadas, intimavam-no a sarar até “depois de amanhã” para ir com êles a uma grande pescaria no Corumbataí, inventavam brigas de galos para lhe contar. “Seu” Malaquias conversava bem, ria com os outros, dava a impressão de que no dia seguinte estaria novamente vagando pelas ruas, completamente restabelecido. Mas, morreu. Houve um momento em que todos pararam de falar para que êle descansasse, dormisse. E êle foi mesmo se acomodando e dormiu para sempre. Se não fosse Nho Zé, velho conhedor profundo dêsse momento de transição entre a vida e a morte, “Seu” Malaquias teria morrido sem vela. Parece que êle só esperava, por delicadeza, que os amigos acabassem de falar, para morrer. Faleceu calmamente, sem um gemido.

A’ noite, a cidade inteira veio para o seu velório. A casa era muito pequena e não comportava tanta gente. Então, o povo foi-se espalhando pelo terreiro do lado da casa, foi invadindo a rua. O interessante é que ninguém fazia o elogio do morto, como é de praxe. Chegavam, entravam na salinha para ver o morto e saiam aos grupos, conversando sobre coisas outras. Todos eram seus amigos e evitavam falar sobre o acontecimento. A’s onze horas da noite, o povo começou a se retirar pouco a pouco.

— Tem muita gente. Amanhã eu venho para o enterramento...

— E a casa é muito pequena para tôda essa gente...

x x x

Depois da meia noite, apenas umas oito pessoas velavam o corpo. Também, êsse era o número máximo de pessoas que a salinha comportava.

Nha Quitéria, com os olhinhos vermelhos e sécos, parecia uma sonâmbula. Ficava tecendo pela salinha, ia até o quarto, mas voltava logo, sem saber o que fazer, talvez imaginando um jeito de ressuscitar o morto.

Uma senhora quarentona distribuiu cachaça e depois café com pão doce. A conversa, que estava meio desanimada, parece que voltou mais entusiasmada e pitoresca. A nûvem cada vez mais densa da fumaça dos cigarros, começou a escapar para a rua, pela porta entre-aberta. O gato da casa, um bonito gato comum, acostumado a dormir nas cadeiras, não vendo nenhuma vazia, pulou sobre o caixão e se acomodou sossegadamente em cima do morto. Nho Zé espantou o gato.

Seu Ambrósio—coveiro—começou a contar casos de aventura com onças, jacarés, queixadas e outros bichinhos pelo meio.

— ... quando a bicha pulou do barranco, eu molhei descontroladamente na calça. Meu pai fez fôgo com a pica-páu e matou a pintada. Era no inverno e eu comecei a sentir um frio danado...

Então, por falar em onça, “Seu” Jóca se lembrava de outro caso acontecido com êle no “Páu Queimado”. E Seu

Anselmo também se lembrava de uma porção dêles, do tempo em que era moço e tinha trole de aluguel. E todos os velhos ameaçavam começar a narrativa ao mesmo tempo. Saíam uns começos de história meio vacilantes, logo interrompidos por outros começos não menos vacilantes até que um conseguia se firmar, diante da ansiosa expectativa dos outros por uma interrupção em que pudessem enfiar rapidamente o início do seu caso... Mas o narrador percebia que queriam atrapalhá-lo e continuava firme, em voz bem alta que encobriria qualquer possível aparte. Então, os de mais se conformavam em ouvir apenas.

As histórias de onças, queixadas, cobras, etc., se prolongaram por muito tempo. Todos os narradores, ao terminar o seu caso, sentiam-se orgulhosos, como se tivessem salvado a pátria.

O velório deve ter sido inventado pelos velhos. Os moços se aborrecem logo, sentem sono e não sabem nenhum caso para contar.

Se contassem coisas de namôro, aventuras amorosas com mulheres dos outros, faliassem das farras noturnas nas casas de tolerância, os velhos não compreenderiam e nem êsse é assunto para ser ventilado ao lado de um cadáver. Então, êles ficam quietos, ouvindo e bocejando, espantando o sono com um cigarro sobre outro. Os velhos não. Conversam satisfeitos, dão enormes gargalhadas como se estivessem numa festa de aniversário e até lamentam quando abrem a janela e encontram o dia presente.

x x x

A palestra às vezes ia desanimando pouco a pouco e chegava mesmo a parar. O assunto já estava esgotado. Mas, logo em seguida, depois

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Quéda
dos
Cabellos

JUVENTUDE
ALEXANDRE

de alguns pigarros sem necessidade, alguém iniciava outro assunto. E vinham então os casos fantásticos de assombrações, almas do outro mundo que ficavam pagando os seus pecados, liquidando as suas contas na terra. Os casos eram muitos e os mais variados e enchiham a noite de sombras e de apreensões, fazendo os presentes olharem instintivamente para o defunto.

A porta da saleta estava aberta para a noite escura. A insignificante luzinha da esquina (era a última luz elétrica daquela rua) ficava a uns oitenta metros da casa e não clareava nada. Sapos batucavam longe o seu batuque sem graça. Havia estrélas pelo céu sem lua (onde andaria a lua?) e gritos pelos cantos dos muros, orquestrando músicas bobas. Galos roncavam valentia nos quintais.

Nhô Zé estava contando já o oitavo caso de assombração, quando teve a infeliz idéia de olhar o defunto.

Interrompeu a narrativa bruscamente e ficou olhando patetamente para o morto, sem saber se corria ou ficava ali. O corpo de Seu Malaquias tinha se mexido no caixão. E Nhô Zé viu (palavra de Deus que vi com estes olhos que a terra há de comer...) o cadáver se mexer. Os outros apenas notaram que Seu Malaquias estava com a boca aberta e que a faixa de pano que tinham amarrado para conservá-la fechada, havia se desprendido.

Nhô Zé ficou meio encabulado e nem teve mais ânimo para continuar na prosa. Encolheu-se num canto, ainda um pouco desconfiado com o defunto e não disse mais nada. Esse seria mais um caso para ser narrado em outros velórios...

A Debilidade SEXUAL e o seu Tratamento moderno

Brow Sequard, já em 1891, agitou o mundo médico entusiasmando com o seu exemplo pessoal, afirmando sentir nova mocidade, resultante da ingestão de substâncias hormonais masculinas. Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma fórmula de grande alcance médico social, cujo nome é PANSEXOL.

Um tônico estimulante, indicado em todos os casos onde se faz sentir a diminuição parcial ou geral das reservas do organismo, com especial referência aos órgãos da sexualidade, aos quais reanima dando-lhes nova vida e vigor.

PANSEXOL, existe numa fórmula para cada sexo, Masculino e Feminino. Encontra-se a venda em todas as drogarias e farmácias.

Fórmula do Prof. Austregésilo
Produtos Panvital - Rua da Estrela, 6
RIO DE JANEIRO

Pansexol
"M" e "F"
"EM DRAGEAS"

Quiseram amarrar novamente a boca de Seu Malaquias, mas Nhô Zé se opôs:
— De noite não presta.
Dá azar...

O PRETORIO

O PRETORIO, também conhecido como "Fortaleza ou Torre Antonia", em homenagem à mulher de Herodes, o Grande, que a fez construir, era a residência habitual da corte e de seu comandante, e ali se alojava o procurador quando vinha anualmente à cidade por alguns dias, afim de fiscalizar a imensa multidão de judeus que acudiam a Jerusalém para assistir às festividades da Pascoa.

Segundo a mais respeitável tradição, apoiada pelos relatos do Evangelho e confirmada pela arqueologia, foi na "Torre Antonia" que o governador Poncio Pilatos julgou e sentenciou Jesus Cristo. Em suas dependências teve lugar a flagelação e a coroação de espinhos. De um dos balcões do palácio, teve lugar a apresentação do Filho de Deus ao povo, pelo governador, que dizia: "Ecce Homo". Ali, finalmente, foi Ele condenado à morte e colocado sob cruz.

Eis o que nos transmite a tradição mais segura e assim o atestam as capelas da "Flagelação" e da "Sentença" construídas ali e pertencentes ao convento da Ordem dos Franciscanos.

UM BAROMETRO ECONÔMICO

SIMPLESMENTE é preciso uma chícara de café, onde se deita um torrão de açúcar, sem mecher. Surge logo do açúcar umas bolhas de ar que são excelentes indicadores meteorológicos. Se acaso se juntam no meio da chicara, pôde-se contar com um belo dia. Mas se, ao contrário aderirem às paredes da chicara, formando uma espécie de anel com um espeço claro no centro, prepare-se com um guarda-chuva, porque está iminente um aguaceiro. Se as bolhas se espalharam irregularmente pela superfície do café indicam tempo variável.

AZEITE MARIA, o preferido em todas as mesas pelo seu excepcional paladar.

A Economia É UM HÁBITO

QUE SE DEVE CULTIVAR DESDE OS PRIMEIROS ANOS

ABRA PARA SEUS FILHOS UMA CADERNETA NA

CAIXA ECONÔMICA ESTADUAL

RUA DA BAHIA, 1649
FONE 2-0151
Belo - HORIZONTE



As grandes virtudes do homem são devidas, geralmente, à educação que ele recebe no lar. É uma das maiores virtudes, pelos benefícios que encerra para o indivíduo e para a coletividade, é, sem dúvida, o sentimento de economia, que torna o homem prudente e o acoberta contra as incertezas da vida. Faça seus filhos praticarem o hábito salutar da economia, desde os mais tenros anos.

RETIRADAS POR MEIO DE CHEQUES • ÓTIMOS JUROS • GARANTIA DO GOVÉRNO DO ESTADO

A CANÇÃO DO DESERTO



Conto de Achmed Abdullah

DESENHO DE ANTONIO ROCHA



ALTO, de ombros largos, rosto de aguia, olhos brilhantes e penetrantes, barba avermelhada e de porte arrogante, era o principe Othman Ali, filho do grande governador da Alta Tartaria. Aos vinte e três anos, era governador de Khorassán, senhor de rica província que se extencia até Samarkanda.

Na realidade era muito altivo e olhava com arrogância incomparável ao homem que se achava em sua frente, tão jovem quanto él, alto, de ombros largos, com uma barba tão negra como uma noite de tormenta. Negra como a dôr de uma viúva, cujo marido está para sempre debaixo da terra.

Negra como a morte produzida pela fina lâmina de uma espada de Bokharan.

O homem estava desarmado. Uma hora antes, quando se achava disposto a sair da cidade montado em belíssimo animal, roubado e levando consigo uma bem provida bolsa, também roubada, cujas moedas retiniam agradavelmente a cada movimento, uma patrulha tartara havia caído sobre él, gritando-lhe desaforadamente:

— Alto, ladrão! Pára, patife! Detenha-se, assassino !!

E depois de uma luta violenta e desigual, em que teve que enfrentar vinte homens, a patrulha desarmou-o e o fez prisioneiro. Sem perda de tempo, os soldados levaram-no à presença de Othman Ali. Estava él agora a sós com o principe, no imenso salão de audiencias, mãos atadas às costas, com uma ferida na face, escorrendo sangue, a roupa em pedaços, e ainda assim cheio de arrogancia.

— Qual o teu nome, criatura? E qual a tua nação?

— Sou conhecido por Tur Japhet. Vivo aonde encontro homens valentes e mulheres formosas para amar. O meu tipo bem diz qual é a minha nação. Sou um afgão e muito me orgulho disso.

Levantou a cabeça e poz-se nas pontas dos pés para parecer mais imponente que o proprio principe.

Tur Japhet, tinha como o seu povo, a eterna primavera no coração e esta primavera, para él, era sinônimo de novas aventuras, novas bôcas para beijar, ansia eterna de viver, para gozar uma hora a mais de amôr, para levar a cabo



mais uma aventura ou sustentar uma nova batalha.

— Majestade, sei que ao amanhecer do dia, esta minha formosa cabeça, estará enfeitando uma estaca, colocada à entrada deste palácio; por isto mesmo, desejaria pedir-lhe uma graça.

— Fala, que te escutarei.

— Peço-te uma hora de liberdade, um cante de vinho, um homem com quem cruzar a minha espada e uma donzela para passar suavemente os meus ultimos instantes de vida. Conceda-me esta graça e juro pelo Alcorão, que terminada esta hora, estarei de volta e entregarei minha cabeça ao verdugo.

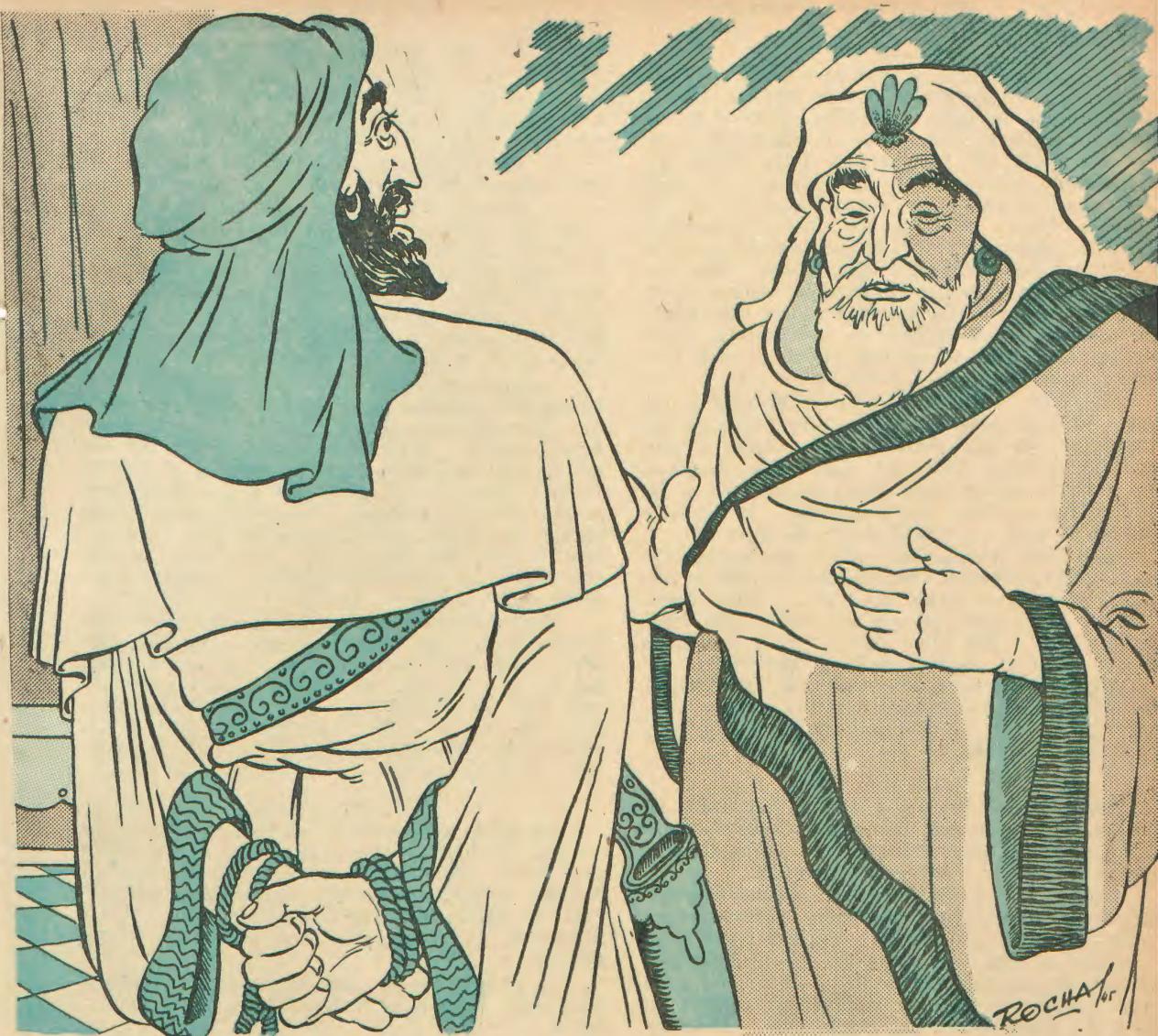
Othman sorriu e perguntou-lhe:

— Posso confiar no teu juramento?

O afgão pareceu considerar a pergunta e replicou:

— Pensando no que acabas de dizer-me só tenho a confessar-te que não. Não podes confiar no meu juramento, porque, pelos dentes do Profeita, não ha juramento que não rompesse, nem pecado que não fosse capaz de cometer, para ter liberdade, que é o que mais quero nesta vida.

— Liberdade para fazer o que?



— Para fazer o que quero, para amar e viver, para odiar, enfim, para viajar e percorrer caminhos desertos.

— O caminho sem lei que conduz à força...

— O caminho que antes de conduzir à força, está cheio de risos e cantos.

— Cantos de guerra!

— Nem sempre. Há cantos de passaros, na primavera. Há cantos de amôr e de paz. Tenho sido feliz, admirando no inverno, o crepitar da lenha e a dança das chamas. Como é benfazeja a paz que Alá ordenou aos homens, quando esta é compartilhada com a mulher amada! Uma mulher de labios vermelhos, cabeleira castanha, pele branca, olhos negros e mãos suaves, que saibam serenar os desordenados e dolorosos batidos de um coração enamorado... Que inelhor bem poderia haver na terra?

Fez uma pausa. Quando continuou a falar, a sua voz era baixa com um tom de melancolia.

— Esta mulher existiu para mim. Chamava-se Ayesha. Nunca poderei esquecê-la, apesar de que ela foi minha somente uma semana.

Tur Japhet suspirou e, depois, inesperadamente, soltou uma gargalhada.

— Queres saber como foi que me apoderrei de Ayesha?

— Quero.

— Eu a roubei de um marajá do Indostão. Roubei-a na sua frente e de seus soldados gondalhões antipáticos. Malditos sejam êles, porque vieram tomar-me essa maravilha, essa joia de mulher.

— E como permitiu que a tomasse?

— Como impedí-lo, se veiu em minha perseguição, acompanhado de mil guerreiros? Não creias que fui, lutei com todos êles.

Othman tossiu e perguntou:

— Dissesse mil guerreiros?

— Eram novecentos e noventa, se fizesse questão de saber a conta exata. Nesta batalha lutei como um bravo. Atravessei dezenove capitanias com a minha espada. Doze ficaram em pedaços. Vinte e três desmaiaram ao ver-me bendar a espada. Enfim, puderam dominar-me.

Eram muitos, para um só.

Sorriu, levantou a cabeça com imponência e acrescentou:

— Esta é a pura verdade. Podes crê-lo ou não.

Othman começou a pensar: — Este bandido é mentiroso e fanfarrão, porém valente, isto é que não resta a menor dúvida. Mostrou a sua valentia, nesta mesma tarde, ao combater a patrulha tartara. É um homem livre como nenhum outro. Livre apesar de estar com as mãos amarradas às costas e a cabeça à mercê do verdugo. Livre, inteiramente livre, enquanto que eu, o poderoso príncipe Othman Ali, o amado, respeitado e temido, não o sou. Não sou livre apesar da pompa e esplendor em que vivo. Sou escravo dessa mesma pompa e esplendor. Sou escravo das tradições de Bokharán. Tudo porque sou o filho do grande chefe da Alta Tartaria e governador de Khorassán.

Sua mãe, a quarta esposa do grande governador, a mais bela e querida, era antes de ser comprada por um punhado de moedas, a mulher do deserto, filha de uma tribo nomáde, que preferiu andar pelos bosques desertos, a fazê-lo pelas estradas movimentadas. Preferia a vida do deserto às comodidades da cidade.

Sua mãe sempre lhe dizia que sentia em seu coração profunda saudade de sua vida de nômade. E é ele por acaso não era o filho dessa mulher? Como não haveria de sentir essa mesma nostalgia? Em suas veias corria o mesmo sangue materno, que reclamava liberdade.

Ali, recordava a sua infância. Durante a sua meninice havia trocado muitas vezes o conforto do palácio de seu pai, pelos longos passeios nos bosques.

Recordava-se de como havia sido feliz no deserto, onde não há caminhos traçados, onde se faz o que se quer e tendo por companhia as montanhas e as arvores dos bosques.

Vira cousas variadíssimas e surpreendentes. Uma vez, havia visto uma lebre brincando de esconder com o seu filhote. Viu em um ninho o romper de sete ovos azuis, de onde saíram sete cabeças de garça, cobertas de plumas. Em uma noite, pôde observar, o encantador reflexo da lua e das estrelas em um manso lago. A tardinha pudera ouvir muitas vezes o cantar dos passaros, o canto da liberdade.

Agora haviam tolhido a sua liberdade. Havia lhe ensinado a adotar ares de grande senhor. Havia lhe feito emfim, o governador de Khorassán.

— Ai de mim. Não sou digno de compaixão, encerrado nesta jaula de pedra, a que chamam palácio? Não sou o pobre, o desventurado que tem de dormir em almofadas de seda, quando desejo apoiar a minha cabeça na dura terra? Não sou um louco quando me deixo prender por cadeias de ouro?

O príncipe soluçou. O afgão levantou a cabeça e o olhou bondosamente.

— Estás triste?

— Sim, muito triste.

— E por que?

— Pelo que estou pensando.

— Pensas talvez em alguma mulher?

— Não. Penso em um homem. Em mim mesmo. E penso também... — Othman pôs-se a rir — que vou conceder-te a graça que me pedes.

— Que felicidade! Terei liberdade por uma hora?

— Não. Sérás livre para sempre, com uma condição.

— Diga-me, por Alá.

— Quero compartilhar a tua liberdade. Quero ir-me daqui. Percorrer contigo, ombro a ombro, os caminhos da felicidade. Permiti-me que seja o teu companheiro?

— Satisfeitíssimo. Se te sentes feliz por esta classe de vida, partamos.

— Quando partiremos então?

— Creio que o melhor momento de partir é agora mesmo.

Uma hora depois, os dois jovens empregaram a jornada. Viajaram toda a noite e o dia seguinte. Que dia maravilhoso. Um céu azul e um sol com raios de ouro. O dia mais indicado para se percorrer o deserto.

Galoparam sempre juntos e assim se tornaram bons amigos, os melhores amigos do mundo. Chegaram a amar-se com um amor sadio de homens fortes. Seus braços estavam sempre ansiosos por desembainhar a espada. Estavam sempre dispostos a atacar uma caravana, sem nunca temer o numero de pessoas com quem teriam que lutar. Sempre prontos para homenagear a toda donzela formosa que cruzasse em sua frente, homenagem que elas sempre recebiam com satisfação.

Formosos, muito liberais, presenteariam às jovens, com ricas joias de ouro e pedras preciosas. Não lhes custava separar-se destas joias, porque o colar que ofereciam, muitas vezes, tinha sido arrancado, na véspera, de colo enrugado de alguma nobre. O ouro, da mala de algum obeso mercador hindú, que por infelicidade lhes caíra nas mãos.

Na parte referente ao amor, Othman levava sempre vantagem sobre Tur. Este ainda trazia bem viva, no coração, a imagem querida de Ayesha, a jovem escrava que roubara ao marajá de Shiva-pore, e que fôra sua somente alguns dias. Tur falava sempre dela, com muita docura.

— Pela glória de Alá. Como era delicada a sua cutis, e que reflexos tinham os seus cabelos.

Em tais ocasiões Othman sentia ciúmes. Experimentava em sua alma, um estranho ódio contra a mulher que lhe roubava a atenção do amigo. Entretanto conseguia dominar-se e exclamava:

— Para que pensar em uma mulher que se foi, se em nosso caminho encontramos mulheres verdadeiramente formosas?

— Estás muito certo. Quando não se pode ter aquilo que se deseja, deve-se conformar com o que se tem.

Para esquecer suas magoas, nesta mesma tarde, Tur, encontrando-se com uma camponeza, passou o braço pela sua cintura, falando-lhe aos ouvidos, palavras cheias de amor e carinho.

Tur e Othman, diziam frases de amor em tom carinhoso e persuasivo, deixando muitas mulheres completamente apaixonadas, quando partiam em busca de outras aventuras. Não é de extranhar portanto, que ao se espalhar os seus feitos heroicos e amorosos, despertassem a admiração de muitas donzelas e o ódio e a inveja em muitos homens.

Breve a fama dos dois jovens chegou à Alta Tartaria. Um mensageiro de Arpad-Bek,

chefe dos salteadores turco-manos, levou-lhes uma mensagem de amizade.

Arpad Bek convidava-lhes a participar do ataque que ia empreender contra o marajá de Shivapore.

— Um diabolico infiel — declarou o mensageiro — que adora uma flôr, um objeto, todos falsos. E' nosso dever de bom mussulmano convertê-lo à fé do Islam.

Esta era uma maneira hipócrita de Arpad revelar que a sua fortuna se achava esgotada, e que necessitava assaltar uma região onde houvesse grandes riquezas.

— Aceitam?

— De mil amores, disse Othman.

— Com grande satisfação, falou Tur, pensando que em Shivapore, estava a mulher que amava, a sua linda Ayesha.

Os dois amigos partiram com o mensageiro, e ao cabo de dois dias, chegavam ao acampamento de Arpad Bek. Por toda parte havia preparos para a grande guerra, que iam levar a cabo.

Terminados os preparativos, Arpad montou em seu cavalo, e tendo ao seu lado, Othman e Tur, partiu em busca de riquezas, acompanhado de seus homens.

— Avante, meus bravos mussulmanos. As riquezas do mundo, estão à nossa espera.

O exercito do marajá tentou impedir o avanço das tropas de Arpad Bek, sendo infrutíferos os seus esforços. Os campos de batalha estavam cobertos de cadáveres e os cárulos já esvoaçavam por sobre os mesmos, afim de dar inicio ao seu festim.

O afgã Tur, abriu caminho entre os mortos e feridos, dirigindo-se à tenda do marajá, gritando por sua amada.

— Ayesha! Ayesha!

Ao avistá-la, correu ao seu encontro e tomando-a em seus braços, colocou-a em seu cavalo, e vibrando a espada, conseguiu escapulir de seus poucos restantes inimigos. Afastou-se um pouco para beijar com ardor, a amada que havia reconquistado com tanta ansiedade.

— Enfim te encontro, minha querida! Amo-te mais que a minha propria vida!

— Eu também te amo, valente afgã. Sabia que vinhas buscar-me.

— Vamos agora viver juntos, tu, Othman e eu. Juntos percorreremos o deserto, seremos livres como passaros.

Ela riu suavemente e falou:

— Não há liberdade para um homem que se casa. E para um homem casado, não há melhor amigo que a sua propria esposa, segundo as sábiás palavras de minha mãe.

Vendo a cara triste de Tur, ela disse-lhe:

— Perdôa-me. Não quiz te magoar. Eu odeio o deserto e tenho medo da vida que se leva nele. Porém nunca serei um impedimento para o homem que amo. Prefiro renunciar a ti, meu bem amado.

— Se odeias o deserto eu não viverei nele. Nunca mais dormirei nos bosques. Dou por finada a minha vida de aventuras. Pelo Profeta, o Adorado, viverei sempre a vida simples do homem casado. Nunca te abandonarei e teremos muitos filhos para alegrar a nossa existencia.

— Que Alá nos abençõe — murmurou ela.

A batalha terminou. A derrota do marajá





Vem ver o sair da lúa entre as árvores do bosque. Vem gozar desta liberdade que tanto amamos.

Ayesha tomou a palavra antes de Tur.

— O logar de Tur é ao meu lado. Aqui terminou a viagem que havia empreendido contigo.

— Si um homem chega a dizer: "Aqui cheguei o fim de minha viagem", é o mesmo que pôr termo à vida. Seja como tu queres afgã. Continuarei percorrendo os desertos, porque minha vida não terminou. Eu seguirei pelo caminho que leva à liberdade.

Dizendo estas palavras, montou em seu cavalo e partiu.

Por amor de uma mulher, a vida de dois amigos tomou rumos diferentes. De Othman, só chegavam rumores de suas façanhas e extraordinárias aventuras. Falavam sobre o ataque contra um bando de ladrões turcos. Venceram os e conquistaram o posto de chefe. Outros diziam que havia dominado um infiel e obrigado sua filha a dançar com ele.

Emfim outros afirmavam que se casara e que vivia pacatamente, pai de numerosa prole.

Todas as aventuras chegavam aos ouvidos de Tur Japhet, que procurava esquecer-las, por ser um exemplar chefe de família.

Sua mulher era muito ambiciosa e vivia instigando-o a pedir novas honras, dignidades e riquezas.

— Temos três filhos: Mustafá, Yakub e Jahan. O maior já completou doze anos e por isto é preciso ficas mais rico e poderoso.

— Ayesha, por acaso não vivemos em um palácio grande e luxuoso?

— Há palácios maiores e mais ricos.

— Não sou eu o guardião da fronteira norte?

— Porém há postos mais elevados que o teu.

— De fato existe.

Tur sempre concordava com sua mulher. Amava-a muito e os laços do matrimônio o prendiam mais. As vezes recordava-se dos dias de aventuras, acompanhado de Othman e então ficava triste e saudoso daqueles momentos de liberdade. Bastava uma palavra de Ayesha, para que ele voltasse a pensar nos filhos e num meio de progredir.

Tur progrediu. A medida que Arpad Bek ia conquistando novas terras e riquezas, ia subindo de posto Arpad, por meio da intriga e usando de todos os artifícios, conseguiu conquistar todo o Indostão, atravessou o Himalaia e caiu sobre a Alta Tartária, vencendo o governador, pai de Othman Ali, tomando as suas riquezas, seu trono, seus domínios e títulos. Como governador, dominou de Pequin a Moscou e foi glorificado com os seguintes títulos: Imanul-Muslemin, que quer dizer: pontífice dos muçulmanos; Hunkiar, ou seja, o matador; Shahin Shahi Alem, que significa rei de todos os reis do universo.

Apesar de mau e sem escrúpulos, soube premiar a todos que lhe serviram com lealdade. Nomeou Tur Japhet, governador de Corássan, a mesma cidade, em que há muitos anos esteve com a cabeça a mercê do verdugo. Agora era um homem respeitável, de barba grisalha, barrigudo e sem nenhuma vivacidade.

de Shiva pere fôra completa. Arpad Bek, acompanhado dos capitães Othmar e Tur, dirigiu-se ao marajá e perguntou:

— Esta manhã, eras um rei. O que é agora?

— Rei. Ainda que derrotado, continuo sendo rei.

— E's um rei sem corôa e sem vassalos. E's um infiel. As tuas preces, ferem os ouvidos de Alá, o Unico. Portanto é meu dever de bom muçulmano, eleger-me marajá de Shiva pere e tomar posse de todas as riquezas desta terra, de tuas escravas e de tudo que aqui existir.

— De todas, exceto de uma. Falou Tur.

— Ha alguma escrava que desejas para ti? Tur indicou Ayesha com a mão.

— Compreendo bela escrava, porque é que Tur perdeu a cabeça por ti! Esta noite celebraremos as vossas bodas. A ti Tur, como prêmio pelos serviços prestados nomearei-te-ei guardião da fronteira norte. A ti Othman, darei a fronteira sul.

Othman depois de olhar Ayesha, a mulher que lhe havia roubado o amigo, falou:

— E' uma honra para mim, mas não posso aceitar. Uma vez fui governador Khorassan. Não é possível a uma pessoa que viveu em uma gaiola de ouro, deixar-se prender por uma de prata... Lutei por ti, e também por amor à guerra.

Dirigindo-se a Tur, falou:

— Vem comigo, irmão do deserto. Vem escutar o canto dos pássaros, o canto dos rios, o canto do vento balouçando as árvores.

Tur Japhet, era um homem áspero e justiciero. Vamos encontrá-lo uma tarde, em que se dispunha a ditar a sentença de morte, de um homem que se achava em sua presença, na sala de audiência.

Tratava-se de um homem que meia hora antes, quando pretendia fugir em um cavalo roubado e com uma bolsa cheia de moedas, também roubada, havia sido surpreendido pela patrulha tárara, aos gritos de:

— Alto, ladrão! Para, bandido! Detenha-te, assassino!

O homem que era da mesma altura de Tur, porém de barba avermelhada, corpo esbelto, cara viva e sorriso alegre, perguntou:

— Posso pedir uma graça?

— Pede e vejamos o que se pode fazer por ti.

— Peço-te uma hora de liberdade, um cántaro de vinho, um homem com quem cruzar a minha espada e uma donzela para passar...

— Alto! Interrompeu-o o afgã, cheio de emoção. Olhou o homem que estava em sua frente e reconheceu Othman.

— Othman!

— Quem podia ser. Sou hoje o ladrão, o sem vergonha que anda pelo deserto, a roubar os que passam, enquanto tu... Othman começou a rir e perguntou: — Não queres voltar comigo? Voltar à liberdade, a ser o amigo de minha juventude?

— Como posso eu fazer isso, Othman?

— Tu me causas pena, amigo Tur.

— Eu te causo pena? Eu, o governador de Corassán?

— Justamente por seres governador. Teu destino cortou-te as azas quando tu eras jovem e cheio de vida.

Precisamente nesse momento, ouviu-se o grito de um pássaro.

— Escutas este canto? Este canto mágico? É o canto que põe asas nos pés e nos corações dos homens. É o canto do deserto. Por acaso esqueceste que o mundo é grande e alegre?

Depois de um pequeno silêncio, o afgã falou:

— Não, não esqueci. Sinto um desejo louco de te acompanhar pelos desertos, em busca de aventuras e de outras terras. Por Alá o Único, só não te acompanho...

Ia terminar a frase, quando viu entre as cortinas, o rosto de Ayesha, que o espreitava. Apesar dos anos continuava ela com os lábios frescos, corpo esbelto e cheia de encantos. Então Tur Japhet, voltando-se para Othman, falou-lhe;

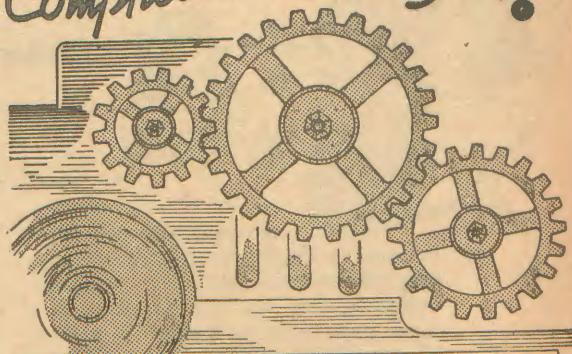
— Não posso te acompanhar amigo. Amo muito a minha mulher, e também... — aqui baixou a voz — temo-lhe um pouco.

É provável que Ayesha tenha escutado as suas últimas palavras, mas como era sábia, calou-se.

Assim, Othman partiu outra vez só. Desta vez, não levava a companhia do amigo, mas ia com um salvo conduto que lhe permitia percorrer todos os caminhos por ele desejados, sem ser incomodado.

Partiu, em um bom cavalo, com o bolso recheado de dinheiro e cantando a canção do deserto, a canção da liberdade.

TAL QUAL UMA
Complicada Engrenagem!



Assim como um dente da engrenagem que se parte, pode paralisar toda a máquina, assim também o mau funcionamento de um só órgão — como os rins ou a bexiga — pode determinar o desarrajo completo de toda a nossa saúde.

PILULAS DE LUSSEN
PARA OS RINS E A BEXIGA



LABORATÓRIO OSCRIO DE MORAIS
• RUA MURIAE, 92 - BELO HORIZONTE •

HONTEM
TOSSINDO

HÓJE
SORRINDO



EM
24 HORAS
DEFLUXO!
E UMA
MANIFESTAÇÃO.

PEITORAL
DE ANGICO
PELOTENSE

EXCELENTE TONICO DOS PULMÕES

Atrai a carícia de
mãos femininas...



Ao contrário dos óleos comuns, o ÓLEO PALMOLIVE não empasta nem engordura os cabelos: conserva-lhes o brilho natural e deixa-os mais lisos, mais sedosos, macios e suavemente perfumados — porque é feito de óleos minerais, super-refinados, importados dos Estados Unidos. O ÓLEO PALMOLIVE evita o ressecamento dos cabelos e atrai a carícia de mãos femininas!



Tenho sempre a
impressão de que
acabo de banhar-me!



Use o TALCO PALMOLIVE, boro-setinado, processo científico que produz um talco três vezes mais fino para dar maior proteção à pele delicada das crianças... e de gente grande também! Feito segundo uma fórmula norte-americana, o TALCO PALMOLIVE protege a pele contra as-saduras, brotoejas e irritações, deixando a sua cutis macia e aveludada e o seu corpo, suavemente perfumado.



PROTEGE A PELE DAS CRIANÇAS... E DE GENTE GRANDE TAMBÉM!

STANDARD PROPAGANDA

SAIBA ATENUAR AS CONSEQUENCIAS DO CALOR

SE você deve suportar os dias quentes da cidade, é necessário ter sempre presente os recursos que lhe permitem fugir às desagradáveis consequências do calor e da transpiração.

Ao iniciar o trabalho ou passeio, nos dias de calor sufocante, convém usar cosméticos adequados, bem gelados, afim de que a sua cutis permaneça sempre fresca e sem sinal de cansaço.

Ao fazer a maquilagem, passe no rosto um algodão embebido em um adstringente.

O batom, os cremes, as bases, si é que os usa, deverão ser guardados, nos dias quentes, em uma geladeira. O gelo será um auxiliar eficiente na conservação dos cosméticos, mantendo a sua consistência e facilitando, deste modo, a sua aplicação.

O leite de amêndoas e os sucos de frutas bem gelados, usados em vaporizadores, darão à cutis um aspéto fresco e juvenil.

A água de toaléte, que não deve faltar no toucador de uma elegante, os deroçorantes, os adstringentes, os vinagres de toalete, a água de Colônia, os sais para banho, o talco mentolado, para uso exterior, aliados à uma alimentação sadia e adequada, não só darão à sua cutis uma sensação de bem estar, como também uma apariência encantadora.

Os alimentos simples, de facil digestão, evitam a impressão de cansaço, principalmente depois do almoço, hora em que o calor é mais intenso.

Escolha para o seu almoço, um menu "naturalista", em que pode figurar, por exemplo, um prato de alface, tomate, espinafre e cenouras bem tenras. Como sobremesa, uma boa salada de frutas.

Beba durante o dia, muitos copos de suco de frutas. O seu jantar deverá constar de uma boa salada, acompanhada de um bife mal passado.

A noite, beba um copo de leite gelado e procure dormir em quarto bem arejado, numa cama confortável, tendo como coberta, tecidos leves.

Seguindo estes conselhos, você suportará com alegria os dias quentes da cidade e não sentirá pesar, por não ter podido fazer o seu veraneio no campo ou na praia.

*

AS MASSAGENS

MUITOS pensam que a massagem seja uma prática higiênica essencialmente moderna; ao contrário, ela remonta à mais alta antiguidade, como o demonstrou o Dr. Milner numa conferencia.

Milner apresentou a reprodução de um curioso baixo-relevo de alabastro, que está no Museu de Berlim e que provavelmente é a mais antiga figura de massagem, pois foi encontrado entre as ruínas de Nínive, no palácio do rei Sennacherib (705-681 a. C.).

A primeira descrição da massagem nos vem, porém, da China, e acha-se justamente na obra intitulada Kong-Fu, que remonta a 2.700 anos A. C. Nessa obra estão expostas tão detalhadamente os princípios fundamentais e os métodos da massagem, que mais tarde se pôde acusar o sueco Ling (que introduziu na sua patria esse ramo de medicina) de ter lido o Kong-Fu e de tê-lo simplesmente copiado.

Também nos Vedas fala-se da massagem, que segundo parece tinha entre os Índios um caráter religioso; e encontra-se a sua menção entre os Babilônios, os Persas e os Egípcios, de sorte que se pode afirmar que a massagem era muito usada na Ásia.

Milner menciona a strigilis, usada comumente pelos Gregos e pelos Romanos, objeto que se encontrava nos estabelecimentos de banhos e que servia não só para limpar bem a pele do corpo, como para fazer uma leve massagem.

Dialogo com São Tomé

MÁRIO MATOS

EU ESTAVA lendo em uma espreguiçadeira da sala de visitas, devia de ser umas oito horas da noite pouco mais ou menos, quando ouvi alguém empurrar devagarinho a porta da rua, que estava cerrada. Empurrava de um modo exquisito, de um modo não sei como diga, assim como se a porta fosse a sombra de uma porta. De repente, vi já dentro da sala um homem alto, o próprio bandeirante, de aspecto antigo, tal uma figura de quadro celebre. E o pior é que os seus passos, ao tocarem no soalho, não faziam barulho nenhum. Quando dei fé, vi o de pé junto à mim. Curioso é que eu estava sem mêmô, inteiramente tranquilo. Disse ao visitante desconhecido como se él fosse amigo velho:

— Abanque-se. Dê-me o seu chapéu.

— Não trago chapéu, não uso chapéu.

— Agora é moda...

— Mas eu ando sem chapéu não é por causa da moda, é pelo halo.

— Que halo? Que história é esta de halo?

— Olhei! — Não está vendo um círculo de luz por cima de minha cabeça?

Olhei para él. De fato, o homem tinha uma atmosfera luminosa sobre o cocuruto. Intrigado, perguntei:

— O senhor é Santo?

— Sou sim senhor. Sou São Tomé.

— São Tomé? Então se reincarnou, voltou à terra de novo?

— Exatamente. Estamos nas vespertas da Samana Santa e deu-me curiosidade de vir examinar o que os homens dizem e fazem na memoraçāo do drama do Calvário.

— Uma reportagemzinha, não é?

— Isto mesmo. Uma reportagem. O senhor sabe. Lá no céu correm boatos espantosos sobre as coisas deste mundo. Então, eu...

— Já sei. Veiu ver para crer. Está dentro da sua teoria.

— O senhor é danado. Apanha logo as coisas no ar. Adivinhou meu intento.

— Pois, meu caro São Tomé, o senhor vai ver coisas espantosas por aqui.

— E' um engano seu. Eu não me espanto. Sou um homem sem imaginação. Sempre vivi dentro da realidade. E fui mal julgado, sabe?

— Mal julgado por Cristo?

— Oh por élé não. Pelos meus condiscípulos. Levado pelo meu conhecimento dos homens, sempre adotei o critério de pôr de sobreaviso o que élés me contavam. Ora, meus companheiros me transmitiam coisas extraordinárias do Cristo e 'eu, desconfiado, punha as minhas dúvidas. Fiquei com a pécha de incredulou ou de suspicaz... O senhor não acha que eu andava avisadamente?

— Não sei, Tomé. Depende...

— Mas élés eram homens faliáveis. E abusavam muito das minhas ausências. Quando eu chegava, me enchiham os ouvidos com novidades. Descria deles, não do Mestre. Esta era a minha atitude.

— Mas os evangelistas contam que o senhor queria provas!

— Eu? Que mentira! Nenhum deles amava mais o Mestre do que eu. Minha ansia de certeza era a forma do fervor da minha crença. Tinha fome objetiva de milagre, eis o que eu queria. Fui mal julgado. E ainda sou.

— De fato, ainda é. Há aí pelo mundo a frase corrente: "Sou como São Tomé, quero ver para crer..."

— Leviandade dos homens. Não é bem assim. Eu desejava ver, apalpar, cheirar para crer mais, para identificar-me com a minha crença.

— Mas os outros discípulos não eram assim.

— Não eram assim? Como não eram? Eram muito piores. Viavam murmurando entre élés. Eu é porque não gosto de contar certas coisas. Ah se eu tivesse escrito o evangelho do Mestre. Punha tudo em pratos limpos. O senhor não viu o que Pedro fez com Jesus? Acompanhou-o de longe, na hora H. e, inquirido, assegurou três vezes que não o conhecia.

Veja lá se eu faria uma coisa dessas.

— Onde é que o Senhor estava naquela hora?

— Estava aíflito, inquieto, amargurado, vagando pelas ruas da cidade.

Alterosa
PARA A FAMÍLIA DO BRASIL

*

— Mas isto não valeu de nada para o Mestre...

— Mas, si élé não queria que a gente reagisse? Se nós não tínhamos armas?

— Podia ter-lhe dado uma solidariedade próxima no seu sofrimento.

— Não me lembrei disto. Perdi a cabeça...

— Imagine se o Cristo aplicasse contra o senhor a sua teoria do ver para crer! Não creria na sua crença. Na hora da prisão, élé não viu o senhor. Nem o senhor nem os outros...

— Ah, meu amigo, foi uma desgraça. Nem gosto de me lembrar do drama. Falar verdade, nós o amavamos, mas o medo foi terrível...

— Confessa a deserção.

— Confesso o pânico. Eramos homens. Foi depois de ressurreto, que élé nos soprou o sôpro divino.

— Mas o senhor, mesmo depois da ressurreição, ainda não quis dar o braço a torcer.

— A história está mal contada. Não foi bem assim. Eles me disseram que Jesus tinha regressado e então eu, por mera brincadeira, falei, (mas da boca para

(Conclui na página 41)



VITRINE LITERÁRIA

UM LIVRO PARA VOCÊ

CRISTIANO
LINHARES

sussurro dos eôrregos, do canto dos pássaros, desta vidinha melancólica dos arralais, a qual Godofredo Rangel tem a ciência de saber reviver e contar com suavidade natural. Ninguém sentiu como él o coração da terra e da nossa gente, com tanta ternura, com tanto entendimento poético. E' que foi juiz no interior durante muitos anos e esta situação funcional de julgador, aguçada pelos dons de artista, pelas qualidades de psicólogo, facilitou-lhe a compreensão do sertão e do sertanês. Além disso, lidou com o drama dos humildes, teve que julgá-los e pôde, por esta razão, tomar conhecimento íntimo com a alma delês, com a vida e o sofrimento deles. Dotado de temperamento compassivo, o seu depoimento literário sobre o interior é uma página humana, comovente, dolorida. Neste seu livro dos *Humildes*, travamos contato com as realidades diárias de um Brasil sofredor e poético, através de um artista que escreve sobre o que viu, compreendeu e sentiu.

E que encanto não tem a sua fixação da paisagem! A arvore, a água, a luz, o pássaro, a estréla aparecem entre os homens tristes destas pequenas histórias, que guardamos na memória e no coração. E também a infância do nosso interior, para a qual Godofredo Rangel é um avô com coração de Pestalozzi.

Que contos sêntidos não são *Os Besouros* e *O Legado*! A leitora, que aceita os conselhos desta seção, deve ler estas páginas, se quiser entreter o espírito e melhorar um pouco o coração.

* * *

LIVROS NOVOS

"AS DADIVAS DA ENCHENTE" — Romance — Valter Pimenta — Livraria Cultura Brasileira Ltda. — Belo Horizonte.

O ROMANCE regional sempre encontrou em Minas um campo fértil e poderoso. O nosso interior rural clama por bons romancistas. Agora surge um romancista do nordeste mineiro, fixando nas páginas do seu romance os mais variados aspectos e dramas da sua região. Trata-se de "AS DADIVAS DA ENCHENTE", com o qual o sr. Valter Pimenta faz sua estréia no inundo dos livros.

O romance é interessante, vivo, tem colôrido de estilo e páginas de grandes instâncias emocionais.

D. JOÃO VI NO BRASIL — Oliveira Lima — Pref. de Otávio Tarquínio de Souza — Ihs. de Luiz Jardim — Livraria José Olimpio Editora.

A OBRA de Oliveira Lima, infelizmente, ainda não teve a divulgação que merece, entre nós. Teria concorrido, talvez, para isso os muitos inimigos que o historiador, com a sua independência de caráter, acarreou. Nessa obra, porém, se destaca um livro fundamental, para o conhecimento da nossa história, um trabalho de importância incalculável e justamente o menos conhecido, pois esgotado há cerca de trinta anos até hoje não havia sido reeditado. Referimo-nos a "D. João VI no Brasil", que acaba de ser

apresentando ao público na "Coleção Documentos Brasileiros", numa esplêndida edição de três volumes, da Livraria José Olimpio, encerrando as seguintes novidades: magnífico ensaio — prefácio de Otávio Tarquínio de Souza; belas ilustrações de Luiz Jardim; um índice onomástico e feição gráfica moderna e de leitura fácil.

UM NEVOEIRO EM LONDRES — Romance F. Blanchard — Trad. de Beatriz Ramos — Editora Ancheta.

UM romance com lanças inéditos, no tipo policial, onde o mistério do fato nada possui destas incríveis situações de certos autores. Ao contrário, o centro misterioso do assunto é perfeitamente humano. Excelente tradução.

MEU MARIDO O SENHOR DUQUE — Romance para moças — May Logan — Trad. de Cândida Vilalva — Editora Ancheta.

É MAIS um bom romance da conhecida autora, que a Editora Ancheta vem de editar em sua magnífica coleção "Romances para moças", muito recomendados pela colha cuidadosa, não só dos assuntos — interessantes e movimentados — como ainda pela qualidade dos autores.

Conclui na página 40

POÉTAS E PROSADORES



Djalma Andrade

OUTRO dia, estavamos eu e o Bahia de Vasconcelos parados na rua, quando vimos Djalma Andrade atravessar a praça, sozinho e um pouco apressado. E eu disse ao Bahia:

— Ali vai um político, um filósofo e um poeta. O Djalma é tudo isso ao mesmo tempo. Quando se iniciou em Minas a campanha da Aliança Liberal, o Djalma, preventivo o que aconteceu depois, falou um dia no *Bar do Ponto*: "Fazemos a revolução antes que o povo a faça..." Sabendo da frase, o Antônio Carlos, no Palácio da Liberdade, a buzinou pelo país todo. E a profecia entrou para a história do Brasil pela boca do Andrade. Si o Djalma fosse então o presidente do Estado, seria também um estadista...

Há muitos anos, numa época em que ser comunista era o mesmo que ser leproso, Djalma, escrevendo um soneto notável, fechou-o assim: "Que eu não coma, sozinho, o pão que possa ser partido, por mim, em dois pedaços." Hoje, este é o lema político de dois terços talvez da humanidade ocidental. Eles aí. O poeta da *Vinha Ressequida* é tão político, que uma vez escreveu uma quadra tão feroz, que o levou à geladeira.

E a sua filosofia? Há verdades tão essenciais em seus poemas, que a gente não as esquece mais. Servem de conduta para a vida. Podia dar centenas de exemplos, especialmente apanhados de suas quadras. Vou apontar um só: "As maiores desgraças deste mundo são feitas por mulheres pequeninas..." Pode-se portanto afirmar que os seus poemas são um manual de filosofia prática. Aliás, ele mesmo disse de si com acerto, ao declarar que sabe falar dos homens como Marco-Aurélio. E sabe mesmo.

Agora, o que ele é, acima de tudo, é poeta, a viver como tal. Vive isolado, pensativo, cético, desfechando sarcasmos à maneira de Juvenal. Deve ser um homem contumílio pela vida para ser assim. A sua amargura inverte-se em belas rimas, em belos versos, que o povo escuta, decora e propaga. E Minas, particularmente, o guarda no coração e na memória, porque vê nele o reflexo do seu gênio político, filosófico e poético.

Isto é que é a poesia, voz das almas, espelho dos espíritos ansia dos corações. O mais é cantar sem ter voz, é pedir a palavra para não dizer nada. Não há poeta sem acústica, do mesmo modo que não existe drama sem público. Um é o eco do outro.

* * *

OS "BEST-SELLERS" DO MÊS

CONTINUANDO na publicação da estatística referente aos livros mais vendidos nesta Capital, damos hoje o resultado obtido através das informações que nos foram gentilmente prestadas pelas mais importantes livrarias da Capital, a saber: Queiroz Brechner, Cultura Brasileira, Inconfidência, Minas Gerais, Rex, Pax, Oliveira Costa, Belo Horizonte e Cér.

O resultado que apresentamos revela os cinco livros mais vendidos durante o mês de Janeiro do corrente ano.

- 1.º lugar — GINA — Romance — Sra. Leandro Dupré — Editora Brasiliense.
- 2.º lugar — VOZ DE MINAS — Sociologia — Alceu de Amoroso Lima — Editora Agir.
- 3.º lugar — ENTRE LAGRIMAS E RISOS — Filosofia política — Lin Yutang — Edições Pongetti.
- 4.º lugar — CANÇÃO DE BERNADETTE — Romance — Franz Werfel — Edições Pongetti.
- 5.º lugar — O HOMEM E A MONTANHA — Sociologia — João Camilo de Oliveira Torres — Edição da Livraria Cultura Brasileira.

O NOVO LIVRO

LIVROS NOVOS

de Mário Matos

CONCLUSÃO



MÁRIO MATOS

AS LIVRARIAS da Capital já expõem em suas vitrines o último livro de Mário Matos — *O PERSONAGEM PERSEGUE O AUTOR* — em substancial volume das Edições "O Cruzeiro". E as vendas que se estão realizando nos primeiros dias apóz o lançamento desse novo livro do festejado escritor mineiro, já o consagram como o definitivo "best-seller" do mês.

Reunindo uma série de ensaios nos quais o leitor encontrará toda a vibração da vida moderna, em uma multiplicidade de quadros pincelados com a leveza, a graça e o movimento que a pena de Mário Matos sabe criar, *O PERSONAGEM PERSEGUE O AUTOR* mostra ao público o que ele mais deseja nos dias agitados que vivemos: variedade de assuntos, apresentados em linguagem simples e clara, que se lê com prazer e sem cansar.

Damos, a seguir, uma relação dos ensaios enfeixados no último livro de Mário Matos:

O personagem persegue o autor — O cronista sentimental viajou — Irradiação da presença de Cristo — Paixão silenciosa de Machado de Assis — Os princípios cristãos da indústria — Bandeirante da inquietação — João do Rio — Romancista em São Paulo — Machado de Assis — O mito do amor e da morte nos poemas de Alfonso de Guimaraens — Raul de Leoni — Raimundo Correia — Madame Tatá, a clarividente — Lição evangélica da vida de Tiradentes — Diogo de Vasconcelos — Mitos do nosso tempo — Caxias, consolador dramático — Churchill, homem do destino — Defesa das crianças — Teoria das obras primas — Doutrina do conto — Diálogo a respeito de conferência — O demônio do estilo — A arte de ler — O poeta vive a poesia — No princípio era verbo — Pedagogia da Imitação de Cristo — Minha infância querida — Vida de músicos e cantores — O navio e a alma portuguesa — O alemão e a formiga — A molestia de Berlim — Inglaterra.

O MILAGRE DE CIBELE — Teixeira Leite Filho — Livraria José Olimpio Editora.

POUCOS episódios na Antiguidade Clássica oferecem tanto interesse ao historiador "doublé" de romancista, como os das guerras púnicas, essa luta tremenda entre Cartago e Roma e que só terminou com o arrazamento total do famoso império da civilização fenícia no Mediterrâneo. E foi contemplando, talvez, essas ruínas que o escritor e diplomata L. Teixeira Leite Filho se inspirou para escrever o tríptico "Mare Nostrum", cujo volume inicial "O Milagre de Cibele" acaba de aparecer em edição da Livraria José Olimpio.

MEMÓRIAS — Tolstoi — Trad. de Rachel de Queiroz — Livraria José Olimpio Editora.

NA coleção "Memórias, Diários, Confissões", da Livraria José Olimpio acaba de aparecer "Memórias", de Tolstoi, tradução de Rachel de Queiroz, com um prefácio de Brito Broca. Essas reminiscências abrangem, como se sabe, o período da infância, da adolescência e da mocidade do autor, até o momento em que este terminou seus estudos universitários. São, por assim dizer, três livros reunidos num só volume. Tolstoi preferiu adotar certa forma romanesca, como convinha ao seu lirismo, dando-nos dessa maneira uma obra que é, a um só tempo, romance e autobiografia.

MARAVILHAS DA MEDICINA — David Dietz — 2.ª Edição — Livraria José Olimpio.

ENTRE as obras de vulgarização apresentadas pela Livraria José Olimpio nestes últimos anos, a do professor americano David Dietz intitulada "Maravilhas da Medicina" foi uma das que mais agradaram o nosso público. Daí a 2.ª edição ora lançada na mesma coleção "A Ciencia de Hoje", em que, aliás, já figura uma "História da Ciencia", de David Dietz.

A ESTIRPE DO DRAGÃO — Pearl Buck — Livraria José Olimpio Editora.

A VELHA CHINA! Sim, é ainda o ambiente tão poético desse país milenário, que se tem prestado a tantas explorações na literatura e na arte, o quadro magistralmente evocado pela escritora norte-americana no seu último romance "A Estirpe do Dragão", ora apresentado pela Livraria José Olimpio.

ESTUDOS DE DIALETOLOGIA PORTUGUESA — Linguagem de Goiás — José A. Teixeira — Editora Anchieta.

O AUTOR estudou, "in loco", todas as divergências que assinala e teve a vantagem de escrever o seu trabalho iluminado pelas grandes ideias dos mais assinalados mestres do assunto. O livro oferece ainda amenidade e pesquisa profunda, com um vocabulário final que muito facilitará o leitor.

AS MEMÓRIAS DE SAINT SIMON — Livraria José Olimpio Editora.

AS memórias de Saint Simon constituem uma das obras primas da literatura francesa e de conhecimento

indispensável a todos que quiciram ter uma cultura literária geral. Esse nobre cheio de orgulho, curtiu a vida toda o despeito de um fracassado por não ter-se adaptado ao meio: a corte de Versalhes no tempo de Luís XIV, quando o Rei-Sol, impondo sua política absolutista, havia reduzido a nobreza a um simples papel decorativo. Exacerbado, sem conformar-se com a situação Saint-Simon, cujo poder de observação era, realmente extraordinário, tornou-se uma testemunha impiedosa de tudo que o seu lado se cesenrolava. Mais tarde, retirando-se para o castelo de La Ferté pôs-se a redigir, em forma de memórias, todas as notas que tomara na sua longa temporada na corte. Essa obra notável acaba de ser editada em português pela Livraria José Olimpio, como o volume 4.º da coleção "Memórias, Diários, Confissões".

A ESTRANHA PASSAGEIRA — Olive Higgins Prouty — Romance Trad. de Rubem Braga — Livraria José Olimpio Editora.

A ESTRANHA PASSAGEIRA", romance da escritora americana Olive Higgins Prouty, que acaba de ser apresentado em tradução portuguesa de Rubem Braga pela Livraria José Olimpio, forneceu argumento para um interessante filme de Betty Davis exibido há pouco em nossos cinemas. Trata-se de um romance interessantíssimo e a versão cinematográfica, como geralmente acontece, esteve aquém do original.

Olive Higgins Prouty, de quem a Livraria José Olimpio dará breve outro romance "Stela Dallas" pertence ao número das melhores escritoras norte-americanas contemporâneas.

ANJO DE PEDRA — Otávio de Faria — Romance — Livraria José Olimpio Editora.

"ANJO DE PEDRA" é o novo romance da grande obra cíclica de Otávio de Faria, "Tragédia Burguesa", que tanto vem preocupando os estudiosos da nossa literatura. O autor traçou o plano de um vasto edifício e vem realizando-o, com pleno êxito, fiel aos compromissos que assumiu consigo mesmo e com a crítica.

TEMAS FALADOS — Mauricio de Medeiros — Livraria José Olimpio Editora.

M AURICIO DE MEDEIROS, um dos nossos escritores mais fecundos, que diariamente se multiplica em artigos de jornais, abordando com a mesma mestria os mais diferentes assuntos, acaba de lançar um novo livro com o título feliz de "Temas Falados". A obra, editada pela Livraria José Olimpio, reune várias conferências pronunciadas pelo autor nestes últimos anos.

SEGREDOS DO CORAÇÃO — Maupassant — Romance — Livraria José Olimpio Editora.

REALISTA, Maupassant desprezava os elementos decorativos e as situações melodramáticas, tanto nos contos, como nos romances. Expressar simplesmente a vida na sua absoluta verdade e pelo conhecimento próprio — eis o princípio essencial que o grande escritor — discípulo de Flaubert — adotou no convívio do mestre. O romance torna-se assim fortemente emocionante e sugestivo. Traduziu-o o sr. Alvaro Gonçalves, figurando na capa um desenho de Luís Jardim.

ESTUDOS DE DIALETOLOGIA PORTUGUESA — Linguagem de Goiás — José A. Teixeira — Editora Anchieta.

O AUTOR estudou "in-loco" todas as divergências que assinala e teve a vantagem de escrever o seu trabalho iluminado pelas grandes idéias dos mais assinalados mestres do assunto, quais Meilllete e Venidryes. Sem o caráter de didatismo antípatico, o livro do sr. José A. Teixeira oferece amenidade e pesquisa profunda, contendo ainda um vocabulário final que dá ao trabalho um cunho acentuadamente de pesquisa e muito facilita o autor.

O TEATRO — Passatempo para crianças — Edições Melhoramentos.

UMA bela obra de arte, além de interessante passa tempo para crianças, que acaba de ser lançada pelas edições Melhoramentos, formando o teatrinho de Branca de Neve.

CORTAR E COLAR — N.º 1 e N.º 2 — Edições Melhoramentos.

OUTRO interessante passatempo que a Melhoramentos vem de lançar, para distrair e formar o bom gosto da criança. A série "Cortar e colar" representa para a criançada um mestre útil, um verdadeiro certame educativo, apresentando uma série enorme de figuras, de cōres as mais variadas que as crianças devem decalcar sobre papel de cōr e engomado, de que também constam os álbuns, para formar os mais variados conjuntos.

O ELEFANTE ELMER — Horas felizes 'n.º 7 — Walt Disney — Edições Melhoramentos.

MAIS uma interessante historieta publicada pelas Edições Melhoramentos, com ilustrações de Walt Disney, movimentando mais uma vez os apreciados personagens do cinema que já se celebrizaram no mundo inteiro.

HISTÓRIA DO BRASIL — Afrânia Peixoto — Cia. Editora Nacional.

A FRANCO PEIXOTO, nesse excelente livro, ligou a História do Brasil à História do Mundo: para estudar um grande filho, não esqueceu o grande pai. Os leitores terão nessa História do Brasil, editada pela Cia. Editora Nacional, um guia preciso e seguro para os conhecimentos de nossa História.

FALANGE — O exército secreto do Eixo na América — Allan Chase — Editorial Vitória.

Allan Chase, escritor e jornalista norte-americano, descreve, neste livro, com o apôlo de provas decisivas, a atuação dos agentes falangistas em todos os países da América. É uma obra que ajudará ainda a compreender a luta do povo espanhol para destruir a Falange e libertar a Espanha do jugo nazista.

UMA LUZ NA ENSEADA — Contos — Ossvaldo Alves — Editorial Vitória.

O autor de Paisagem Morta e "Um homem dentro do mundo", co-

nhecido em todo o nosso Estado pela sua farta colaboração em nossa imprensa, vem dar-nos agora um belo volume de contos modernos, ilustrados por J. Morais, em cuidadosa edição da Editorial Vitória.

OS MAIS BELOS CONTOS GALANTES — Dos mais famosos autores — Editorial Vecchi.

Toda a lira, toda a gama do amor-paixão, se encontra nas páginas deste livro. Desde o trágico, em que a chama da luxúria é apagada pelo sôpore da morte, até aquêle que, frustrado pelo ridículo, tem um desfecho burlesco. OS MAIS BELOS CONTOS GALANTES formam um elegante volume de mais de trezentas páginas, com atraente sobre-capa em cōres.

O CANTO DA TERRA — Poesia — J. G. de Araujo Jorge — Editorial Vecchi.

Realmente, não há hoje no Brasil poeta de maior público e de maior expressão que J. G. de Araujo Jorge. Como a de Castro Alves, de Withman, Santos Chocano ou Guerra Junqueiro, a poesia de Araujo Jorge é lírica e social, romântica e heróica não se filia a escolas nem igrejinhas. Criou a sua força e o seu instrumento. Todos a compreendem e aplaudem.

Seu novo livro, que acaba de ser editado pela Vecchi, é o "conto" mais expressivo de toda a sua obra, apresentado em luxuosa edição de mais de 300 páginas.

FORTE COMO A MORTE — Gui de Maupassant — Romance — Livraria José Olimpio Editora.

Maupassant não foi somente o contista que o mundo inteiro admira e enaltece. O romance foi também aboradado por ele e com grande felicidade, como éste FORTE COMO A MORTE, onde o leitor encontra a história dramática de um pintor apaixonado pela filha da mulher que amou. É um livro digno de ser conhecido do público brasileiro, em sua excelente tradução feita por Acioly Neto para a Livraria José Olimpio Editora.

HELENA WILFUER — Romance — Vicki Baum — Trad. de Rachel de Queiroz — Livraria José Olimpio Editora.

A célebre escritora austriaca, que escreve principalmente para oferecer-nos uma imagem romântica da existência, tem em HELENA WILFUER uma de suas obras primas: a história de uma criatura amorosa em luta com a adversidade. A tradução é de Rachel de Queiroz, para a Livraria José Olimpio Editora.

OS ENSINAMENTOS DE JESUS — Constancio C. Vigil — Edições Melhoramentos.

Mais uma grande obra do célebre pensador uruguai acaba de ser entregue ao público brasileiro, mercê da iniciativa das EDIÇÕES MELHORAMENTOS. Depois do que esta revista já publicou, em suas últimas edições, sobre a obra do grande educador, é dispensável o elogio desse livro, que aparece com magníficas ilustrações, digno de figurar na biblioteca de todas as pessoas verdadeiramente cristãs.

DIALOGO COM SÃO TOMÉ

CONCLUSÃO

fóra) que só acreditava se o visse, se o apalpasse...

— Se pusesse o dêdo nas feridas do corpo dele...

— Isto é mentira. E' mentira deles. Palavra de honra que não disse isto.

— Mas foi o próprio Cristo que o mandou pôr o dedo nas suas cicatrizes... Por que?

— Eu lhe conto com franqueza. Eu tinha pensado isto cá comigo. Calculei: se Ele aparecer, eu vou pôr o meu dedo nas suas chagas...

— Então, Jesus adivinhou o seu pensamento.

— Advinhou sim. Mas já me perdoou... Pra quê os homens ainda ficam a repetir êste episódio?

— Porque nós gostamos de historiar as falhas do semelhante. E' por isso.

— Este fato me chateia de mais. Me persegue a vida toda. Se acho um livro, um jornal, uma revista, lá aparece, de vez em quando, esta anedota sem graça.

— Os nossos erros nos acompanham na memória da humanidade.

— E' verdade! Como Vocês, homens, são safados.

— Safadíssimos. Sempre seremos assim. Agora, nesta sua visita, o senhor vai ver. E tome notas, para contar aos amigos, lá no outro mundo...

— Já trouxe lápis, papel e óculos...

— Usa óculos?

— Uso. Quase não enchergo mais letra de forma. Vista cansada, simplesmente...

Neste ponto da conversa, ouvimos uma vozinha feminina muito longe. Dizia assim: Papai, papai! São horas de levantar. São oito horas. Quando a voz entrou na sala, que era o meu quarto de dormir, eu acordei. Era minha filha que me chamava para o café da manhã. E ela me disse, na sua alegria estouvada:

— Puxa! Como o senhor dormiu. Não o acordei porque o ouvi conversando alto, sosinho...

— Sosinho não. Estava conversando com São Tomé...

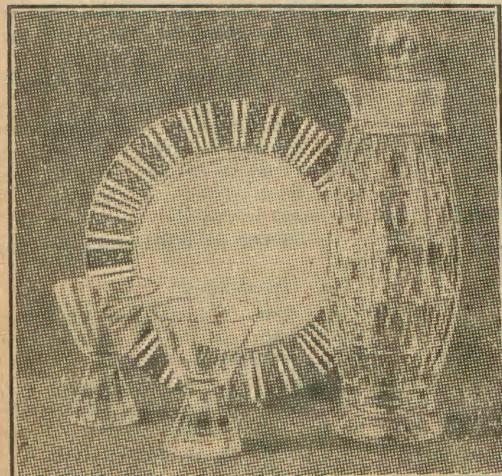
— Com São Tomé, o incrédulo? — Com ele mesmo. Com São Tomé.

— Ora, papai. O senhor tem cada uma...



AGUA DARJAN, aplicada
após a barba, evita IRRITAÇÕES E INFECÇÕES.
Simples ou Mentolada
RUA CACHOEIRA, 1793 - SÃO PAULO

* * *



Presentes de fino gosto!

- Escolha-os no moderno sortimento
do maior emporio de louças, cristais
e porcelanas da cidade.

CASA CRISTAL

Rua Espírito Santo, 629
ESQ. DA AV. AFONSO PENA

Marcelo Gama

CARLOS

POSSIDONIO Machado nasceu na cidade de Cachoeira, no Estado do Rio Grande do Sul, em 1878.

Fadado para o infortúnio, cresceu o poeta entre esperanças e ambições, carregando um nome duro, inarmonico e inexpressivo, com que a ironia da sorte lhe brindara — POSSIDONIO.

Alcangando, porém, a idade do entendimento completo, já com uma cultura apreciável e portador de uma sensibilidade aguçada, compreendeu que aquele nome, áspero e feio, ser-lhe-ia, fatalmente, um espantalho para a vida e, principalmente, para a arte; daí resolver adotar, para sempre, o pseudônimo vibrante e sonoro de MARCELO GAMA, pelo qual se tornou conhecido no mundo das letras e no convívio dos homens.

Com esse criptonimo quente alcançou o poeta os pincaros da glória; portanto foi ele o seu verdadeiro nome na sua trajetória pela terra, e o mal-nadado Possidonio passou a ser como que um incidente na sua vida, uma especie de alcunha que recebia ao nascer e que acabou por se perder na poeira do tempo.

Marcelo foi quasi um anormal, pela força do seu temperamento intransigente de rebelado com as injustiças do destino e dos séres. Teve a existência quase toda varrida por violentas rajadas de revoltas e ódios, e sacudida por estremecimentos de uma inquietadora independência.

No íntimo, porém, foi um bom amoroso, um afetivo, extraordinariamente emocional e um eterno sonhador.

Paladino do ideal, expandia a tristeza do seu espírito superior, escrevendo:

*"O caminho sagrado, esse dos sonhadores
que sobem, a cantar, a montanha das Dores,
tendo os pés a sangrar e uma lira por cruz.
Caminho do ideal, estrada que conduz
a uma terra de amor e de dias risonhos,
desde muito sonhada em mentirosos sonhos,
e onde querem chegar, subindo entre alcantis,
surdos à multidão eterna de imbecis,
os Poetas, os Bons, os Visionários, todos
que acreditam no Sonho e na Quiméra... Doídos!"*

e, não raro, se comovia ante o sofrimento alheio, apesar da sua tendência para a ironia satânica e mordaz, e chorava ao lembrar-se dos que padeciam física e moralmente...

Boêmio por índole e esbanjador de energias, preferiu a vida irregular e aventureira da incerteza à vida pacata de burguês ou de funcionário público, subordinado a horários e a determinações vulgares.

A liberdade fascinante dos boêmios o atraeu... Andou de bar em bar alma vadão de cigarra — ora, declamando os seus versos, ora, rabiscando os panfletos com que dissecou e escalpelou os imbecis.

Certa vez, porém, alarmou os que o conheciam quando apareceu, colocado como escriturário de uma casa comercial aqui no Rio, onde se radicara, não mais voltando à terra de seu berço. Pareceu a todos que Marcelo se desiludira com o seu grande sonho de artista, e, divorciado das musas, resolvia tornar-se um autêntico burguês.

Mas, qual! O que parecera aos outros uma dança radical de hábitos e um corretivo ao seu "modus vivendi", não passara de um colapso do

★ POETA DA AMARGURA
E DA IRONIA
MARANHÃO

seu temperamento irrequieto. Essa fraqueza da sua excitação nervosa teve a duração de um meteoro. Foi curta. Em breve Marcelo voltava à vida anterior, com maior intensidade, e voltava mais excêntrico e mais idealista.

O seu grande sonho de arte adquiriu, com aquélle período de inércia, aquela espécie de cataplesia mental, maior brilho e opulência. E, mais do que nunca, amoroso e sonhador, empunhando a pena — o grande lenitivo para os seus males — tragou, nervoso e ágil, êste esplêndido soneto, repassado de um lirismo estranho, curioso e bizarro, características que o tornaram, na parte poética, um dos maiores vultos da sua geração:

COM O SOL

— "Anda depressa, ó Sol, que estás parado!
Que fazes tu aí, Sol imprudente?"
Este maldito Sol, ultimamente,
tem-se tornado o meu maior cuidado!

Essa que eu amo, mora num sobrado,
e o Sol, que a quer também, pára-se em frente;
e até que, o Sol se canse e, enfim, se ausente,
a janela é deserta e eu desolado.

— "Sol, vai-te embora!" — É quando o sol vai indo
e ela aparece, eu desespero e grito,
por ver a noite que já vem caindo:

— "Sol, pára um pouco..." E o Sol, sem me es-
[cutar],
se esconde, enquanto eu lhe suplico, aflito:
— "Sol! pôr favor, ó Sol, vai devagar!"

Por essa época já o grande vate nos tinha dado "Via Sacra", seu livro de estréia, e "Noite de Insônia", onde a pujança do seu êstro, de mistura com a originalidade da forma e a riqueza das imagens, se manifesta, exuberante e ágil, emprestando à beleza do colorido as sutilezas da emoção e do pensamento.

A nota dominante da poesia de Marcelo Gama é a emotiva. Os seus versos ressumam amargura e tristeza e, não raro, mesclados com a ironia acre com que o seu talento de torturado e sofredor aguinha a vida.

O poeta lutou sempre com a adversidade. Muitas e muitas vezes faltou-lhe à mesa o necessário para o sustento dos entes queridos a quem dedicava um afeto profundo, mas, incompreensível.

Quem nos dirá que o espectro da miséria que lhe rondava a vida não tivesse despertado na sua imaginação tempestuosa, aquela tragédia infernal que se contém nas páginas de "Avatar", o pavoroso drama em um ato, que o seu cérebro, em fogo, ideou e a sua mão nervosa e trêmula escreveu?

As tormentas com que teve de lutar através da existência, tornaram-no um descurado. A sua indumentária era desalinhavada e torta. Nunca o preocuparam o traje e as aparências. Andava desmantelado e alheio às fúteis exigências da sociedade, de cabelos revoltos e emaranhados, como um protesto à submissão que avilta, praguejando insultos e doestos à pequenez dos homens. E quando o desespero o envolvia intígramente, seus olhos

"AS DADIVAS DA ENCHENTE"

UM ROMANCE DO NORDESTE MINEIRO



VALTER PIMENTA

Surge mais um escritor em Minas. Trata-se do sr. Valter Pimenta que vem de publicar o seu romance de estréia: "AS DADIVAS DA ENCHENTE", livro que encerra nas suas compactas 258 páginas um punhado de flagrantes, dramas e observações da vida de uma cidade do nordeste mineiro, zona fértil em material humano para os bons romancistas.

No romance do sr. Valter Pimenta, que a Livraria Cultura Brasileira Ltda. está distribuindo, avultam surpresas e intrigas, casos curiosos e instantâneos interessantes.

Valter Pimenta é um excelente retratista dos costumes do nosso interior e a força do seu livro está na sua visão agradavelmente objetiva. "AS DADIVAS DA ENCHENTE" vem alcançando sucesso de livraria, estando quase exgotada a sua primeira edição.

ALTEROSA transcreve abaixo algumas opiniões valiosas sobre o romance de Valter Pimenta:

— "AS DADIVAS DA ENCHENTE" é um livro que se lê do princípio ao fim com agrado e interesse, pois revela-nos antes não só excepcionais qualidades de observação, como um escritor que sabe transmitir a sua experiência da vida e dos homens num estilo sempre agradável e numa linguagem escorreita e pura".

"Folha de Minas", suplemento literário de 7-1-945.

* * *

...e mais ainda porque se vê que o seu autor, além de escrever num estilo agradável e saber movimentar habilmente seus personagens, é um profundo conhecedor de nossa vida rural".

Godofredo Rangel, em carta ao autor.

* * *

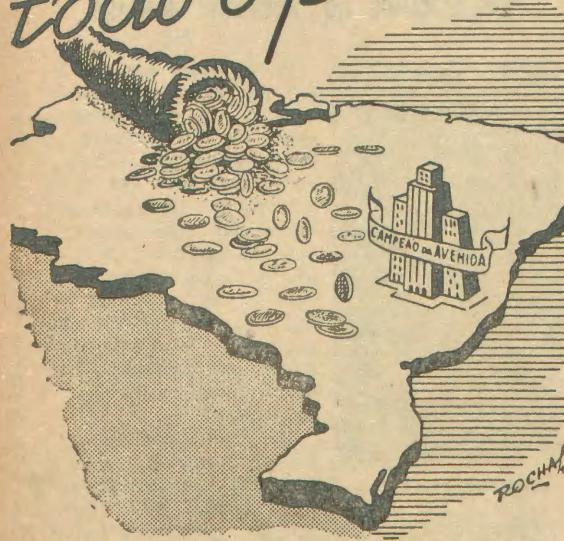
E Alberto Deodato, escritor e jurista, falando sobre o livro de Valter Pimenta, entre muitos outros conceitos felizes, acrescentou:

"Você viveu, em suas páginas, muitas de grande beleza e simplicidade, a vida deste nordeste que está chamando os romancistas para uma grande obra."

* * *

Os leitores do interior que desejarem adquirir um exemplar de "AS DADIVAS DA ENCHENTE" poderão fazer seus pedidos pelo Serviço de Reembolso Postal da Livraria CULTURA BRASILEIRA, rua S. Paulo, 552, Belo Horizonte.

ENRIQUECENDO, todo o BRASIL!



EXTRAÇÕES EM MARÇO DE 1945

LOTERIA FEDERAL DO BRASIL

Dia	Premio maior	Preço
3	1.000.000,00	120,00
7	500.000,00	70,00
10	2.000.000,00	350,00
14	500.000,00	70,00
17	500.000,00	70,00
21	500.000,00	70,00
24	500.000,00	70,00
28	500.000,00	70,00
31	500.000,00	70,00

*

LOTERIA DO ESTADO DE MINAS

Dia	Premio maior	Preço
2	200.000,00	30,00
9	300.000,00	40,00
16	200.000,00	30,00
23	200.000,00	30,00
30	200.000,00	30,00

CAMPEÃO DA AVENIDA

O CAMPEÃO DAS SORTEZ GRANDES

AVENIDA, 612 E AVENIDA, 781
CX. POSTAL 225 - END.TEL."CAMPEÃO"
BELO - HORIZONTE

NAO MANDEM VALORES EM REGISTRADOS SIMPLES

verdes tinham fulgurações de um brilho metálico e dardejavam fagulhas de asco e de revolta...

Pobre Marcelo! O seu idealismo era grande demais para caber no âmbito da terra, e o seu magnífico sonho de arte voava para além do éter, numa ânsia de pureza e perfeição!...

O vate gaúcho foi um complexo psicológico digno de um estudo mais profundo e desenvolvido. Nestas ligeiras palavras apenas procurei evocar o talentoso autor de "Via Sacra", em frases de admiração e de saudade, relembrando-lhe a figura singular de poeta, já quase esquecida pela indiferença pública e conservada dentro de um mütismo doloroso na lembrança dos que tiveram a ventura de travar conhecimento com a sua obra admirável.

Literariamente foi Marcelo Gama uma mentalidade invulgar, cheia de originalidade, admirável nas concepções arrojadas e de largas pinceladas no colorido das idéias e dos efeitos simbólicos.

Profundamente sentimental, muitas vezes fez dos próprios versos o relicário das confissões da sua alma de emotivo, sensível aos encantos dos sentimentos puramente afetivos e, sob êsse influxo sublime, nos legou êste mimo, que é uma jóia da poesia brasileira:

SONETO DE UM PAI

Vê-la crescer, florir — vigo e perfume —
Já sorri. Quer falar, tartamudeia.
Diz "mamãe" e papai sufoca o ciúme.
Os dentinhos lhe vêm. Anda. Chilreia.

Traz a casa de risos sempre cheia.
Vai ao colégio, mas, com azedume.
Aborrece as bonecas. Cresce, alheia
A' formosura e à graça que resume.

De moça já tem cismas e alvorocos.
Põe vestidos compridos, fala pouco,
Suspira, sonha, anseia e pensa em moços.

Vê-la como fulgura numa sala...
Enva-decer-me... E chorar como um louco
Quando o noivo vier arrebatá-la!

O fecundo poeta tinha a fervilhar-lhe no cérebro vigoroso inúmeros trabalhos e muitos outros livros nos poderia ter deixado, além de "Via Sacra", "Avatar", "Noite de Insônia" e "O violoncelo do Diabo", que não chegou a concluir, repletos da sua inspiração radiosa e marcados pela sua extraordinária sensibilidade, verdadeiros tesouros de gemas preciosas, se o seu negro destino não lhe tivesse reservado, ainda, a última e a mais covarde das ciladas!

E foi na madrugada aziaga de 7 de março de 1915. Dirigia-se Marcelo para a sua residência, viajando na ponta do banco de um bonde que ia para o Meier, onde morava. A longa viagem, as agruras que lhe atormentavam a vida, atordoado pela fadiga em noitadas seguidas de boemia e vencido, afinal, pelo sono, o poeta adormecera.

Ao passar o veículo pelo viaduto que existia pouco acima da Estação do Engenho Novo, ligando as ruas 24 de Maio e Arquias Cordeiro, num acentuado declive sobre o leito da Estrada de Ferro, fez a curva com tal violência que o poeta, desamparado e colhido de surpresa, foi projetado, brutalmente, de uma altura de 30 metros às linhas da Estrada de Ferro, morrendo quase que instantaneamente...

E aos 37 anos de idade — dolorosa ironia do destino! — morria, de um modo trágico, uma grande mentalidade poética do Brasil, cuja vida tinha sido uma sequência de tormentas e marcada com o anátema da desgraça que, por fim, como última e tenebrosa oferenda, coroou-a com uma morte violenta, brutal e impiedosa!

* * *

UM SALOMÃO MODERNO

UM correspondente do "World" em Shanghai conta que um negociante chinês dos arredores daquela cidade, moço ainda, ardente e aventureiro, embora casado, logo que se declarou a guerra europeia, de 1914, engajou-se como *coolie* a bordo de uma canhoneira inglesa.

Passaram-se meses, anos e não havia dele nem notícias.

Sua esposa, que ficou só e na maior miséria, teve com isso grande desgosto; mas depois considerou-se viúva, consolou-se e casou com outro negociante modesto, que havia muito lhe fazia a corte.

Vivia o novo casal muito tranquilo e feliz, quando um belo dia, o primeiro marido reapareceu em Shanghai e apresentou-se em casa de sua ex-mulher, pretendendo retomar seus direitos.

O segundo marido protestou energicamente e apelou para as autoridades, alegando a regularidade de seu casamento e afirmando que, perante as leis, ele era indiscutivelmente um marido legítimo.

— Também eu — dizia o primeiro marido.

O juiz chinês a quem foi afeto o caso não se perturbou.

— Confiem-me sua mulher durante dez dias — disse ele aos dois maridos. — Terminado esse prazo voltem à minha presença para conhecer minha decisão.

— Assim se fez, mas logo sete dias depois o juiz novamente convocou os dois maridos e disse-lhes:

— Aconteceu uma desgraça inesperada. Sua mulher, aborrecida com a situação em que se encontrava, suicidou-se esta manhã. Agora resta saber a qual dos senhores devo entregar o corpo da morta. Fal-o-ei àquele que quiser pagar as despesas do enterro.

O primeiro marido protestou:

— Eu não pago. Para que posso querer uma mulher morta? Agora o senhor juiz pode fazer dela o que quiser. O que eu queria era uma mulher viva, que pudesse tratar de mim e de minha casa.

Entretanto, o segundo, chorando, dizia:

— Pois eu pago; eu pago, mas restitua-me minha mulher. Ela era tão boa e eu gostava tanto dela! Já que não a posso ter viva ao menos quero prestar-lhe as últimas homenagens e chorar sobre seu túmulo.

— Está muito bem, pode levá-la — disse o juiz. E abrindo uma porta deu entrada à mulher, que estava viva e sã.

Palmolive garante mais beleza em 14 dias apenas...



V. sabe que em cada noite que V. se deita sem lavar o rosto, as impurezas que obstruem os poros roubam-lhe a juventude e a beleza?

Isso é porque elas permanecem fechados pelo maquillage durante quase 24 horas por dia e a pele, não respirando, torna-se flácida e envelhecida. Por isso V. deve aplicar o MÉTODO PALMOLIVE DOS 14 DIAS.



PALMOLIVE, o sabonete embelezador, lhe oferece um tratamento muito simples para reativar a circulação do sangue e manter a pele macia e lisa. Cada vez que lavar o rosto, fricione durante um minuto com uma pequena toalha impregnada com a cremosa espuma de PALMOLIVE, que limpa os poros profundamente. Se a sua pele for oleosa, aplique o método 3 vezes ao dia; se for seca sómente de manhã e à noite.



Muitas mulheres de todas as idades experimentaram o MÉTODO PALMOLIVE DOS 14 DIAS. Está provado que ele mantém a perfeita circulação do sangue evitando a perda da elasticidade da cutis. Faça também essa prova durante 14 dias seguidos. Depois faça do MÉTODO PALMOLIVE o seu tratamento de beleza diário e permanente.



EMBELEZA DOS PÉS À CABEÇA

MR. CHICKERY E O HOMEM PREVIDENTE

PELO DESCONHECIDO CON-
TADOR DE HISTORIAS DA
B. B. C. DE LONDRES.

TRADUÇÃO DE DULCE MADUREIRA
ESPECIAL PARA ALTEROSA

J' lhe ocorreu alguma vez, meu caro senhor, que os homens têm em geral, estranhas peculiaridades? Não há jeito de se saber o que elas pretendem fazer daqui a pouco.

Há tempos, quando eu era moço, e mais tolo que agora, costumava pensar que comprehendia as pessoas. Mas o fato é que, quanto mais sei, menos sei, como disse o filósofo.

Diz-se das mulheres — benza-as Deus! — que elas não sabem o que querem. Mas o senhor vai aprender de mim que os homens são iguais a elas: a única diferença é que elas são mais obstinados na sua volubilidade.

Perdão-me tôdas estas profundas observações, meu caro senhor, mas a verdade é que elas emergiram à tona do meu espírito, impelidas por uma cousa de que me lembrei ontem, no momento em que estava comprando algumas apólices.

Eu estava pensando em dinheiro, e, no momento, estava sendo previdente a respeito de dinheiro; por isso, comecei a refletir sobre várias pessoas que conheci, as quais foram mesquinhas ou generosas, de acordo com os seus temperamentos... e o que lhes aconteceu no fim.

O senhor, certamente, sabe o que diz a Bíblia: — "De que maneira morre o sábio? — Como o tólo". No meu modo de pensar, meu senhor, é tolice esbanjar dinheiro; mais tolice maior ainda — se se deve escolher entre dois males — é amontoá-lo.

Porque se o senhor, ao menos, gasta uma fortuna comprando champânia para amigos ocasionais, o senhor está apenas dissipando dinheiro; mas se o senhor guarda uma fortuna fechada à chave numa arca, e gasta a sua vida a preocupar-se com essa fortuna, privando-se de cousas, só para acumular mais... entao, o senhor não está apenas gastando o seu dinheiro, mas o dinheiro também está gastando o senhor.

Não importa de lhe dizer que, quanto a mim, as economias que consegui acumular durante sessenta longo anos... espere — sim, montam exatamente a 752 libras, mais alguns shillings, e meio penny... embora eu não possa imaginar de onde saiu esse meio penny.

Esta soma eu a consegui pondo de parte, para os dias magros, algumas libras cada ano. O senhor vê que eu não tenho ninguém; e se alguma cousa me acontecesse — quero dizer, alguma cousa que me impedisse de ganhar a vida, — eu não ficaria sendo uma carga para a comunidade.

ABRINDO CAMINHO NO MUNDO

Isso é tudo que eu economizei para — justamente para o que se poderia chamar a preservação da minha dignidade.

Mas que tagarelice a meu respeito, santo Deus! O senhor por certo não está interessado em mim.

Eu ia lhe contar uma história a respeito do inconcebível procedimento de um cavalheiro cujo nome, se eu o mencionasse, seria por certo muito familiar aos seus ouvidos — mas não ouso mencioná-lo.

Vou dar-lhe o nome de Aranha. Espero que as senhoras me perdoarão por escrever outra vez sobre cousas prosaicas e grosseiras, mas, para desculpare-me, devo dizer sómente que, nesta vida não podemos esperar apenas cousas poéticas e delicadas.

Aranha, em sua época, foi um grande sportsman. Foi um dos melhores e mais limpos boxeadores que jamais existiram. Ele tinha saído da mais pobre das famílias pobres, e, no exato sentido da expressão, tinha aberto por si mesmo o seu caminho no mundo.

Ah, meu caro senhor, a vida não é lá tão fácil para muita gente, e eu admiro aqueles que conseguiram passar através da moenda sem se machucarem muito; por isso, estou sempre preparado para desculpar quaisquer caprichos e peculiaridades num homem que tenha lutado um bocado.

Pois bem. O meu amigo Aranha era um sujeito muito bom e digno, mas tinha uma cousa... uma cousa a que se poderia chamar "uma fraqueza". Ele era tremendo mesquinho em questão de dinheiro.

Pode-se dizer que o dinheiro era para ele uma verdadeira assombração. Estava dia e noite no seu espírito, e, segundo ouvi falar, sempre tinha assombrado o seu espírito.

Quando criança, nunca soube o que fosse a boa alimentação, e, no inverno, jamais soube o que fosse aquecimento.

Suas roupas, quando ele era muito jovem, estavam sempre em farrapos, e ele era desprezado por causa disso, — o Senhor perdoa àqueles que desprezavam, pobre garoto!

Seu pai havia sido estivador, mas tinha sido ferido num acidente quando trabalhava nas docas, e não pudera trabalhar mais.

Sua mãe saia de casa para prestar serviços domésticos nas outras casas, e só conseguia ganhar uns poucos "shillings", de modo que família de Aranha — que, por sinal, era numerosa — passou a ser objeto de desprezo e caridez.

Cada pedacinho de pão era contado. Ah, elas eram terrivelmente pobres. O pobre Aranha nem sapatos possuía para calçar.

Muitos da sua classe, meu caro senhor, nunca viram crianças descalças andando pelas ruas, mas creia que, no meu tempo, isso era uma visão de cada dia. Mas seguindo adiante.

PUNHO FORTE E ÂNIMO DECIDIDO.

A despeito da alimentação insuficiente e da má condição de vida, Aranha tornou-se um garoto tremendo forte. Isso estava na massa do sangue, o senhor comprehende.

Quando tinha quatorze anos foi colhido na rua por uns cavalheiros que o tinham visto numa brigada, e que lhe deram oportunidade de lutar por dinheiro.

Ele devia travar tremendas e aterradoras batalhas com rapazes muito maiores que ele, tendo ficado estabelecido que, se vencesse, ganharia meia coroa, e nada receberia se fosse derrotado.

Assim como Tomi Tuquer cantava para garantir o jantar, Aranha lutava para garantir o seu e o

de sua família; levava para casa o dinheirinho com que sua mãe comprava o pão e as batatas.

Porque tinha as pernas e os braços muito compridos, chamavam-lhe Aranha.

Apesar das terríveis pancadas, foi progredindo cada vez mais, e bem cedo tornou-se um boxeador de verdade; isso porque, tendo tanta ânsia de ganhar alguns "shillings" para seus pais, e sabendo que, se se machucasse, não poderia mais lutar, procurou desenvolver uma agilidade extraordinária e um modo realmente maravilhoso de evitar os golpes do adversário.

Assim, na época em que tinha vinte e um anos de idade — época essa tão remota que nem eu nem o senhor se daria ao trabalho de reavivar na memória — Aranha era considerado um dos melhores "boxeurs" de peso médio do mundo.

Ele era rigorosamente invencível. A esse tempo seus pais já tinham morrido.

Ele estava tirando do box uma porção razoável de dinheiro, e era muito estimado pelo seu decoroso modo de viver; porque, segundo me disseram, há "boxeurs" que, terminado o treino e vencida uma luta, saem a beber cerveja e caem na farra.

Aranha não era desses. Nunca o viram pôr o pé numa casa que não fosse respeitável, nem andar com mulheres. Vivia num treino contínuo, e as lutas que ganhava nunca eram suficientes para satisfazê-lo.

O senhor comprehende: ele estava lutando por duas razões — porque precisava de dinheiro e porque o box estava na massa do seu sangue. Cada níquel ganho era poupadão; ele só gastava o estritamente necessário. Nem um centavo mais.

Ainda está para nascer o homem que conseguira arrancar-lhe um "shilling", e creio que não existiu nunca objeto de caridade tão digno de compaixão a ponto de tirar do seu bolso a mais insignificante esmola.

Como consequência natural, Aranha estava se tornando um avarento. Eu digo isso nas suas costas, mas já o disse na sua cara; não pense, pois, que sou algum calunião.

Depois, ele se apaixonou por uma pequena, como acontece a quase todos os homens um dia ou outro. O nome dela era Joan, e ela era uma garota muito direita. Eles passeavam juntos de vez em quando.

Com Aranha, passear queria dizer apenas... passear. Ele era muito previdoso com seu dinheiro para esbanjar um níquel numa passagem de ônibus, e era frequentador habitual do Museu Britânico — já que a entrada era franca.

Essa pequena vinha frequentemente à minha botica para conversar a respeito de Aranha, e eu pude perceber que, embora ela gostasse muito dele, estava um tanto transtornada pela sua atitude em relação a dinheiro. Várias vezes ela me disse, com muito raciocínio: — "Se ele é assim aos vinte e cinco anos, como será aos cinqüenta"?

E certo dia Aranha veio ver-me, com uma expressão que eu nunca tinha notado em seu rosto, e me contou que Joan lhe havia "amarrado a lata", em favor de um rapaz alegre, que vendia balangas e gostava de frequentar os teatros.

Que poderia eu dizer-lhe? Eu lhe disse então o que pensava sobre o caso. Disse-lhe que esse negócio de dinheiro estava a devorá-lo, e fazendo dele um avarento.

Aí a expressão de acabrunhamento abandonou-lhe o rosto, ele me dirigiu um olhar feroz, e disse que não podia mudar.

— Que há de ser da minha velhice? — perguntou.

Mas eu, por minha vez, perguntei:

— E da tua mocidade?

— Não posso fazer nada — acrescentou.

Foi-se embora e continuou a lutar.

Ele durou muito mais que a maioria dos "boxeurs". E, de certo modo, o apogeu de sua carreira foi, por assim dizer, o fim dela.

Essa foi uma das maiores batalhas na história do ring. Aranha, com 35 anos, lutou na América com um "boxeur" jovem e destro, num campeonato que ele, Aranha, estava defendendo.

As probabilidades de vitória estavam todas contra Aranha, por causa da sua idade e da ótima reputação do camarada com quem ia lutar.

Todavia, Aranha nunca fôr vencido, e esse encontro despertou tanto interesse, que eu cheguei a sentir orgulho por ter conhecido o lutador. Lá a descrição dessa tremenda luta.

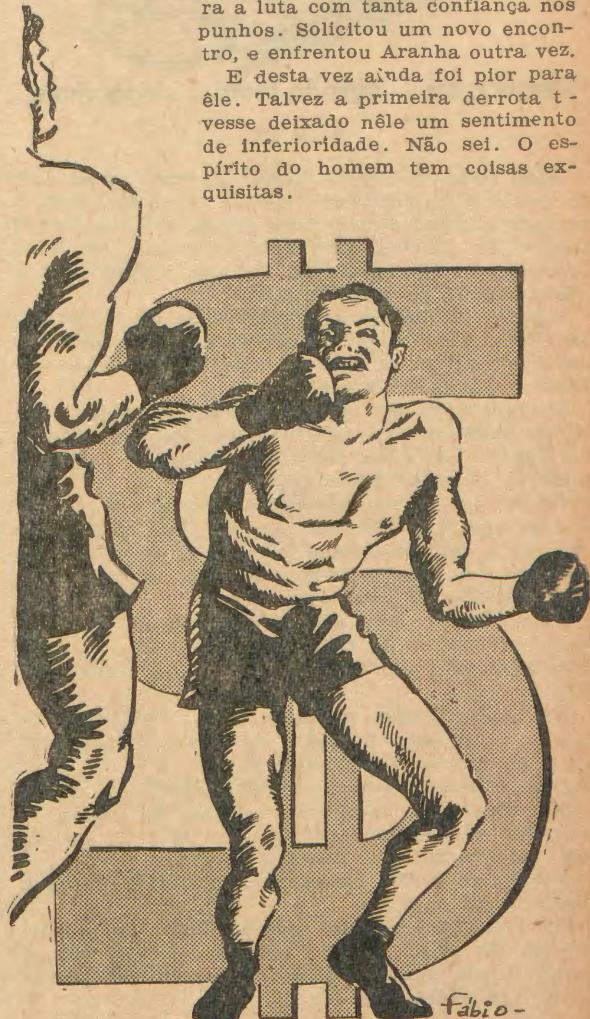
Creio ter sido a maior de todas. O adversário, a quem chamarei Butch, era alguns quilos mais pesado, e os seus braços alcançavam algumas polegadas mais que os de Aranha. Isto para não dizer que era dez anos mais moço e muito mais forte e vivaz. Ah, mocidade, mocidade!

Butch, começou com grande energia, mas, para assombro de todos, Aranha simplesmente esmagou-o. No primeiro tempo arremessou-lhe um formidável direto sobre o coração, direto esse que, segundo disse o próprio Aranha, ganhou a luta por ele.

Em dois rounds, Butch estava perdido. Em três, estava inconsciente.

Foi uma coisa humilhante para o jovem lutador, que começara a luta com tanta confiança nos punhos. Solicitou um novo encontro, e enfrentou Aranha outra vez.

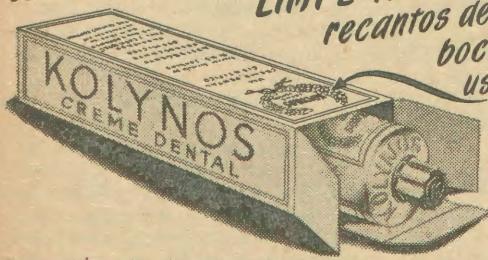
E desta vez ainda foi pior para ele. Talvez a primeira derrota tivesse deixado nêle um sentimento de inferioridade. Não sei. O espírito do homem tem coisas exquisitas.



SUA BOCA PRONUNCIARÁ SEMPRE
UMA PALAVRA: SAÚDE...



COM O USO CONSTANTE DE KOLYNOS!
LIMPE todos os
recantos de sua
boca usando



Limpa mais... agrada mais... rende mais...

* * *

Uma coisa, porém, é certa: Aranha pô-lo fora de combate no primeiro "round", e de tal modo o fez que o pobre Butch ficou sendo, daí em diante, motivo de chacota para todo o mundo, enquanto Aranha, que ganhara uma fortuna, voltou para a Inglaterra... de terceira classe.

Ele veiu ver-me porque gostava de ler os jornais de graca. E tinha mais dinheiro do que o bastante para deixar um de nós — o senhor e eu — sem saber o que fazer com élle.

Perguntei-lhe em que pretendia empregar tôda aquela dinheirama, e élle me respondeu que não ia empregá-la em coisa nenhuma. Por que confiar o dinheiro às mãos dos outros?

Os Bancos podem quebrar, as ações e os títulos podem perder o valôr, até as garantias do governo não eram suficientemente boas para élle. Não, seu dinheiro era seu dinheiro, e Aranha saberia guardá-lo sozinho. E assim fez.

Depois disso, teve mais alguns encontros, mas, como há um limite para tôdas as coisas, a hora dêle sôou. Foi derrotado, e teve que se retirar do ring.

Como era preciso arranjar outro meio de vida, comprou um barzinho perto da minha botica. Isto antes da pseudo Grande Guerra.

Ora, o homem propõe e Deus dispõe... Lá diz o provérbio. Não creio que o senhor se lembre — na certa, não se lembra — do grande incêndio em Merroni-crescent por volta de 1919.

Três casas foram reduzidas a cinzas, inclusive o barzinho de Aranha.

Isto ocorreu lá pelas quatro horas da tarde, quando élle estava fora, a servigo. Quando voltou, às cinco, sua casa estava ardendo como um archo-te, e nada podia salvá-la.

Aranha parecia louco. Queria lançar-se casa a dentro, mas isso teria sido suicídio, e os curiosos o detiveram.

Afinal o fogo extinguiu-se. Aranha, então, pediu-me que o ajudasse a procurar qualquer coisa. Ele estava com o coração partido, digo-lhe eu.

— Procure uma lata — implorou.

Por fim fomos encontrá-la, tôda retorcida e desbotada. Estava cheia de cinzas. Aranha olhou-a longamente e, com voz estranha, murmurou: Chiquei, estas cinzas eram cinquenta mil libras em dinheiro. Afí val tôda a minha vida. Dizendo isto, emborcou a lata, e as cinzas flutuaram no ar.

Correu o tempo, e embora o pobre Aranha se esfogasse o mais que podia, as suas dificuldades aumentavam. E, um dia, entre 1920 e 1930, ele veiu me dizer que uma coisa engraçada tinha acontecido. Mostrou-me uma carta.

A carta era procedente da América, e vinha de uma companhia de cinema que desejava fazer-lhe uma proposta. Que proposta era essa? Tratava-se disto:

Essa companhia tencionava fazer uma série de filmes de curta metragem, cujo título seria "Fábrica de Gargalhadas" ou coisa parecida. E pretendia reviver montes de fitas de antigas lutas, com novos comentários e cômicos efeitos sonoros, extraindo delas alguma coisa verdadeiramente divertida.

Propunha reviver as duas famosas lutas que Aranha tivera com Butch. A fita tôda, das duas lutas, não teria levado mais de dez minutos de projeção.

Mas ofereceram a Aranha, por causa da sua fama no mundo esportivo, a tremenda soma de 2.000 libras pelos direitos de adaptação.

Apertei calorosamente as mãos de Aranha, e felicitei-o pela sua fortuna. Mas, para meu espanto, élle largou minhas mãos, olhou-me friamente e perguntou-me o que eu queria dizer com aquilo.

Disse-lhe que o estava felicitando por estar em vias de conseguir duas mil libras precisamente quando élle mais precisava delas. Aranha, porém, respondeu-me:

— O que é que você está pensando que eu sou?

O CORAÇÃO QUE PULSAVA EM ARANHA

Contou-me, então, que, nessas duas lutas, Butch havia representado um papel deploravelmente ridículo. Cada vez que se levantava, Aranha o puxava por terra, e élle caía sempre em posições extravagantes e vergonhosamente cômicas.

A verdade é que os produtores queriam converter todo aquele esforço e tôda aquela bravura numa fita cômica para divertir os frequentadores de cinema.

Era assim que élle considerava a coisa. Pois Butch, agora retirado do ring, tinha filhos e netos. Assim, como poderia élle, Aranha, fazer uma coisa dessas a tão intrépido adversário, que, embora batido na contenda, tinha dado o máximo?

— Preferia morrer de fome — disse.

E era isso. Ele atualmente recusava 2.000 libras — este homem cujo nome tinha sido alcunha de avarento — justamente por causa da probidade que havia nêle, e estivera com élle durante tôda a vida.

Ah, meu caro senhor, o coração do homem é um mistério, e lá existe tôda sorte de coisas belas, as quais se conservam ocultas pelas misérias da vida.

Eu nunca soubera que Aranha tinha um coração assim, e posso dizer que o soube por acaso.

Mas folgo muito em ter conseguido sabê-lo; porque é bom saber coisas boas a respeito das pessoas.

PROCISSÃO DO SENHOR MORTO

OSCAR MENDES
Para ALTEROSA

Desenho de
ROCHA

SEXTA-FEIRA da Paixão. E' noite. A lua, que fôra cheia na noite anterior, anuncia a sua chegada com um clarão amarelo, lá por trás da serra.

O largo da matriz está repleto. No adro, enorme e negra, avulta uma cruz e nela, envolto num pano, um crucificado. Aos lados duas cruzes menores, com as figuras do bom e do mau ladrão. Em frente à tosca representação do Calvário, levantase o púlpito, donde, em pouco, estrugirá a voz potente do pregador, vindo de fôra, que dirá às gentes o suplício ignominioso que sofreu o filho de Deus.

Influência talvez da cena evocada, o respeito tolne as línguas. Conversa-se baixo. Num tablado, junto à cena do Calvário, a imagem da Mater Dolorosa, cercada das Marias Behús, de Santa Verônica, de Isaac e Jacó, de Longinos, o centurião e dos doze apóstolos.

O padre sobe ao púlpito e começa o sermão, a princípio em voz surda, a pouco e pouco se alteando e clarinando depois em acentos fortes e clamantes, impressionadora e patética. A multidão escuta, silenciosa, com um arrôcho de angústia nas gargantas secas e de olhos fitos, ora no pregador, ora na cena que se desenrola no Calvário.

Em escadas, apoiaadas à cruz grande, onde se acha Cristo crucificado, sobem dois homens embalados em largos timões brancos. A proporção que o orador descreve os átos dolorosos do descimento da cruz, vão êles executando-os. Despregam um braço do crucificado, que perde inerte ao longo do corpo lívido e sangrento. Outro braço é desprendido. Depois os pés. Há qualquer coisa de fantástico e de assombrante na cena que se evoca. A lua, já se alteando, por trás da igreja, como um olho enorme que viesse também espiar o triste episódio, lança uma luz ainda suja de nevoas. De um tom baço e doentio, sobre a multidão paralizada.

Por cima das cabeças imotas passam de roldão as palavras, agora mais trêmulas, mais comovedoras, do orador. Envolta num len-

çol, é a estátua do Crucificado descida enfim de madeiro.

Acabado o sermão, há como um rebentar de opressão nos peitos dos ouvintes. Eleva-se um murmurinho de respiração desafogada. Bichana-se. Preparam-se todos para a procissão do Enterrô.

A imagem do Crucificado foi posta num esquife carregado pelas pessoas de maior destaque local. Formam-se as alas. As velas acendem-se. A procissão move-se pelas ruas pedregosas, ao tremeluzir dos tocheiros. Um pouco à frente do esquife caminha, de cabelos ao vento, uma moça que representa Santa Verônica, levando nas mãos o sudário onde se estampa o rosto suplicado e sangrento de Cristo. A trechos, trepando num tamborete e circunvagando o sudário desdobrado, canta, na noite límpida:

"O vos omnes qui transitis per viam attendite et videti, si est dolor sicut dolor meus".

A sua voz franzina plange, lastimosa, como em desespôro.

Logo em pós o esquife, figuras da História Sagrada. O centurião Longinos, de roupa vermelha, com um capacete de lata, sapatos de bicos recurvados, uma lança com que, intervaladamente, bate no sólo, fazendo tilintar uns enfeites de folha de Flandres. O velho Jacó e logo atrás, semi-nu, um menino, Isaac, levando às costas um feixinho de lenha. São Pedro, barbibrancô, um anjo de asas níveas e os apóstolos, de roupas coloridas.

Bem mais longe, o andor de N. S. das Dores, seguida por Magdalena e S. João, e as Marias Behús, com vestidos pretos de enfeites prateados e

(Conclue na página 60)



Berenice

(A LENDA DE SANTA VERÔNICA)

PELA CONDESSA PABLO BAZÁN

FOI EM UM LIVRO velho encadernado em pergamino, impresso em caractéres góticos, que encontrei a lenda de Berenice, a quem todos chamam de "Veronica". Sem dar-lhe crédito ou atribuir-lhe autoridade alguma, vou transcrevê-la aqui.

Berenice, casada com Misael, o rico, era de origem hebraica, nascida em Alexandria, no Egito. De sua cidade natal havia, trazido a Sião costumes requintados, roupas e joias mais ricas do que as usadas pelas damas do séquito da esposa de Pilatos. Usava os mais exquisitos perfumes, trazidos por Misael, das suas viagens aos países da Persia e da Arabia. Apesar de tudo, Berenice e Misael não eram felizes.

Não tinham filhos. Como então, a esperança de todo casal era de que o Messias, prometido, nascesse em seu lar, Berenice e Misael sonhavam também com essa ventura.

Naquele tempo as mulheres estereis eram motivo de gracejo. Cada vez que uma mulher grávida passava em frente à casa de Berenice, lancava-lhe um olhar de desdém.

O povo pensava que o Redentor viria como um guerreiro, tendo na cintura uma espada reluzente, e no braço um pesado elmo. Com o seu poder faria fugir o invasor, e Israel seria livre. Voltariam os tempos gloriosos, o triunfo de Jehová, e entre os cantos de alegria, o Templo acolheria, como outrora, as multidões das tribus, e a Arca seria outra vez levada em apoteose, ao som das cítaras, entre os clamores do povo delirante...

Misael era dos que pensavam assim. E, como Berenice não lhe desse um filho, foi arrefecendo o seu primitivo entusiasmo pelo grande ideal que o animava.

Sua tristeza cresceu mais, quando Misael percebeu que Berenice seguia as doutrinas que começavam a surgir em Jerusalém. Homens de tunicas brancas e cabelos compridos, levavam uma vida pura e compreendiam (ao contrário dos Doutores das Leis e Príncipes dos Sacerdotes), que o Messias não seria um guerreiro, e sim, um pacificador humilde que redimiria Sião.

Antigas profecias o tinham anunciado. Isaías, o de labios purificados pelo fogo, lhes havia dito: Não será um Leão de Judá, mas apenas um cordeirinho. Não se defenderá, pois desejará ser sacrificado. O preço de seu sacrifício será a redenção, não só de Israel, mas também de todo o mundo.

Isto parecia a Misael a pior heresia. O Messias teria que vir ao mundo somente para o povo de Israel. O Messias viria para os Judeus, para o povo de Deus!

Os esposos contendiam dia e noite, e Misael aferado ao seu patriotismo, martirisava Berenice com a sua obstinação.

Preferiu que o Messias não venha, a ter que vir para benefício desses romanos que nos oprimem.

A medida que o tempo ia passando, aumentava cada vez mais a ansiedade de Misael. Apesar de Berenice não ser muito jovem, ele não perdia a esperança, porque Sara que era muito mais velha, havia concebido. Assim é que um dia, após voltar do trabalho, enquanto sua mulher lhe lavava os pés, falou Misael:

— Berenice, hoje enquanto descansava em minha tenda no deserto, tive um sonho. Vi você ro-

BELEZA... FORMOSURA... SEDUÇÃO!

Sobre as formas pujantes e divinas da mocidade em flor, a carícia sedosa de Lingerie Valisère cria um poema de amor! Faça de Valisère a sua lingerie: é de tecido indesmaltável e corte individual rigoroso.



LINGERIE



Valisère

CONTACTO QUE É UMA CARÍCIA

PANAM



deada de filhos. O primeiro dos seus rebentos era o Messias prometido. Tinha o rosto triste e a face sanguinosa. Estou inquieto. Quem poderá interpretar este sonho?

A esposa continuou calada. Serviu-lhe o assado, a torrada de mel, a manteiga, as uvas e as cerejas. Serviu-lhe o vinho e a água fresquissima, e uma vez saciada a fome do esposo e quando este já havia passado para o terrago, Berenice falou-lhe com emoção:

— Não deseje mais Misael que eu seja a Mãe do Prometido. Não pode ser. O Messias já vive entre nós.

E como Misael, atônito, duvidasse e negasse, Berenice replicou:

— O filho de David já chegou, anunciou Yokaanam, não se recorda? Aquele homem justo que degolaram, depois da impudica dança de Salomé, por artimanha da Tetrarquesa. O filho de David, às vezes vai pelos povoados ensinando o bem, outras vezes a Jerusalém e pelas montanhas, pregando melhor que Moisés.

Misael refeito do assombro, pôs-se a rir.

— Sempre lhe disse mulher, que estas novas doutrinas acabarão enloquecendo-a. Se o Libertador não vier, só teremos um caminho a seguir. Desembanhamos as nossas espadas e cairemos sobre os nossos inimigos. Com profetas descalços e que vão pelos caminhos como mendigos, pouco prosperaremos. O Messias não pode ser primo de Yokaanam, que era um vagabundo, comedor de frutas silvestres. O Messias virá cheio de fortaleza e quando chegar lutaremos ao seu lado.

— Ele está entre nós. Meu coração me diz. Não duvide Misael. Não viva às cegas.

O comerciante riu novamente e, tomando o seu manto, saiu de casa. Queria informar-se acerca do tal Messias. O primeiro amigo que encontrou deu-lhe notícias sensacionais.

— O louco visionário que se diz Rei dos Judeus? Aquele que o povo acompanha e que teve uma en-

trada triunfal? Foi preso e talvez seja morto amanhã.

Misael estremeceu. A ele não importava a morte do pseudo-Profeta. Mas Berenice iria sentir muito, por isso calou-se. A noite, teve pesadelos e falso alto. As perguntas carinhosas de Berenice, contou com subterfugios. Não sabia de nada... Aquilo era efeito do vinho e da comida.

No dia seguinte correu à cidade. Soube que haviam flagelado o prisioneiro.

A tarde, soube que o Rabi ia ser crucificado. Voltou o comerciante à sua casa com um grande peso na consciência. Queria falar à Berenice, mas temia, que ao fazê-lo, ela corresse ao lugar do suplício. Taciturno, sentou-se no jardim ao lado de uma fonte.

Berenice estava ao seu lado. Pálida e triste, não respondia quase às suas palavras. Os dois emudeceram no fim de certo tempo. Foram despertos pelos gritos histéricos do povo e prantos de mulheres. Passava uma lugubre comitiva, e entre ela, um homem carregando uma cruz, arrastando-se, levantando e caíndo. O homem devia ser jovem e formoso, porém o suor e o sangue que corriam pelo seu rosto, modificavam-lhe a fisionomia. Berenice não gritava nem chorava. Permanecia com os olhos dilatados pelo horror da cena. Em seguida, saiu como louca, empurrando os guardas e a multidão, afim de limpar com seu lenço aquele rosto enbebido de suor e suor. O condenado olhou-a por um momento e o seu olhar cravou-se como um ferro ardente no coração da piedosa.

Misael a havia seguido para protegê-la e foi o primeiro a notar o milagre...

A face do condenado havia ficado impressa no lenço três vezes, em três dobras simétricas, e era o mesmo rosto, o mesmo olhar, o olhar que convertia qualquer coração empedernido...

E Misael, caindo prostrado, gritou:

— Era perto! O Messias já havia chegado!

A FIGURA HUMANA DE CRISTO



Fragmento de um famoso quadro de Leonardo da Vinci, A CENA, em desenho de Antonio Rocha.

TERIA sido Cristo fisicamente belo, o mais belo dos filhos dos homens, como o retrataram os pintores da Renascença? Ou sua beleza era, antes, reflexo da divindade e da bondade que transpareciam da fisionomia humana do Salvador?

De diferentes maneiras, muitas vezes antagonicas, os varios pintores, das varias idades e nacionalidades, têm desenhado o Filho de Deus. Prefaciando um "CADERNO DE RETRATOS DE CRISTO", saído em França pouco antes desta guerra, François Mauriac, o grande romancista católico francês, salientava essa infinita variedade da representação pictórica do Salvador para concluir dizendo que era possível que Jesus não tivesse essa beleza, que nós avaliamos quasi sempre pela harmonia dos traços. Sua beleza provinha, antes, de um complexo fisionomial ou melhor divino-humano, que tornava a presença do Rabi da Galiléa sumamente impressionante e agradável.

QUAL E' O RETRATO MAIS AUTENTICO DE CRISTO?

Pode-se, contudo, saber qual entre todas as imagens conhecidas de Jesus é aquela que está mais perto da realidade? Ora, sabe-se que não existe siqueir um retrato autêntico do Crucificado feito pela mão do homem e isto é o que explica as diferentes maneiras com que vem sendo concebido através dos tempos. Importantes pesquisas, todavia, já se fizeram e possivelmente continuam a ser feitas por cientistas fabulosos, tendentes todas a estabelecer,

TERIA SIDO O SALVADOR FISICAMENTE BELO, O MAIS BELO DOS FILHOS DO HOMEM, OU SUA BELEZA ERA, ANTES, MORAL? — IMPORTANTE PESQUISA DE UM SÁBIO INGLÊS SÓBRE O MAIS AUTENTICO DOS RETRATOS DE JESUS. — UM DOCUMENTO CÉLEBRE DE AUTENTICIDADE HOJE DUVIDOSA — O TIPO DA VINCI E O TIPO REMBRANDT DAS REPRESENTAÇÕES DO DIVINO RABI DA GALILÉA.

pela coleta de dados históricos verdadeiros, qual teria sido a real fisionomia do Cristo. Uma delas, das mais importantes e entre todas, a mais recente, por sinal, deve-se ao sabio inglês Sir Wike Bayliss que, em seu erudito "Estudo dos retratos de Cristo desde o tempo dos Apóstolos até os nossos dias, feitos por pintor", chegou à conclusão, por todos os títulos respeitável, de que a mais autêntica das representações pictóricas de Jesus é o afresco que se acha nas Catacumbas de Domitila ou de S. Calixto, em Roma. Nesse estudo, o notável arqueólogo demonstra, exaustivamente, que esse afresco foi feito por um artista romano que vira Jesus e assegura ainda que nessa imagem se inspiraram, copiando-a, os grandes mestres até a Renascença. Não se pode duvidar que os primeiros cristãos tivessem recebido, por traição, dos Apóstolos, o desenho da fisionomia de Jesus. E' possível mesmo que entre

aqueles que o seguiram através da Galiléa tenha havido alguém que transladou para o pergaminho seus traços veneraveis. Pois bem: o rosto de Jesus, retratado na Catacumba de S. Calixto, considerado por Wike como o mais autêntico entre os demais, é notavelmente parecido com o que se vê no Santo Sudário de Turim.

Há de Cristo retratos feitos pela mão do homem e outros que o não foram e são chamados "arqueiropoetas" e se conservam nas igrejas do orbe católico como relíquias veneraveis. Ainda que adoradas pelos fieis, a critica atribui a esses retratos arqueiropoetas uma fatura muito posterior a admitida pela crença popular. O mais celebre deles é a Santa Face ou a Verônica, estampado, segundo tradição piedosa, no lenço com que uma santa mulher enxugara o rosto sangrante do Salvador. Seu nome é grego: Vera Icon, que por juxtaposição se formou Verônica; nome que se dá tanto à relíquia como à mulher que a obteve.

Outro retrato desse gênero foi o formado por Jesus Cristo mesmo, que tocou seu rosto num lenço e o enviou a Abgaro, príncipe de Edesa. Colocado em uma taboa, foi esse lenço posteriormente transportado a Constantinopla no tempo de Constantino Porfirogneto.

A OPINIÃO DOS GRANDES PARES DA IGREJA

Segundo a opinião de alguns padres da Igreja, Jesus não era formoso fisicamente. "Sua beleza era moral", afirmaram S. Cirilo e S. Clemente. Tertuliano, por sua vez, escreveu: "Se Jesus é feio aos olhos dos homens, se seus traços são grosseiros e vulgares, não importa: eu, reconheço n'Ele o meu Deus". Em divergência com essa opinião dos padres africanos vêm, no entanto, a de S. Agostinho e também a de S. João Crisostomo, que viam o Salvador como modelo de formosura humana.

Dessa diversidade de criterios nasceu, naturalmente, a variedade



Detalhe de um famoso quadro de Rafael, em reprodução à aguada feita por Antonio Rocha.

das representações; para uns o Cristo era um adolescente formoso, o mais belo dos filhos dos homens. Para outros, um velho centenário. Prevaleceu afinal e por muito tempo em arte o tipo medieval, representando Jesus com o rosto ovalado, a barba curta, os cabelos partidos ao meio na fronte alta. E é este, por exemplo, o rosto que vemos estampado no retrato de Leonardo da Vinci na "Ceia", de Milão. A esse retrato-padrão, opuseram os protestantes o tipo criado por Rembrandt, segundo êles, mais de acordo com os Evangelhos e no qual o Cristo é desprovido de qualquer formosura.

UM DOCUMENTO CELEBRE DE AUTENTICIDADE HOJE DUVIDOSA

Muitos desses retratos foram inspirados em um documento que por muitos anos foi aceito como texto de indiscutível autenticidade e que vamos abalar transcrever, mais a título de curiosidade do que como documento histórico. Trata-se de uma carta do pretor Zentulo, admitida como obra de contemporâneo de Jesus e que, segundo se diz, teria sido dirigida ao Senado Romano. Vamos transcrevê-la na íntegra:

"Naquele tempo apareceu um homem que ainda vive e que é dotado de grande poder; seu nome é Jesus Cristo; seus discípulos chamam-no Filho de Deus; os demais o acreditam um profeta poderoso. Esse homem ressuscita os mortos, cura os enfermos de todas as espécies de doenças. É alto e bem proporcionado: sua fisionomia é severa e cheia de virtudes, de maneira que ao vê-lo a gente tanto o ama como o teme. Seus cabelos têm a cor do vinho e até as orelhas são lisos e sem brilho; das orelhas até os ombros, entretanto, se ondulam e encrespam; e dos ombros caem sobre o dorso, partidos em dois, à maneira dos nazarenos. Sua fronte é pura e terça; seu rosto sem mancha e temperado por certa rubicundez. Sua fisionomia é nobre e graciosa; o nariz e a boca irreprocháveis; a barba abundante, da cor dos cabelos e partida; os olhos azuis e brilhantes. Reprendendo e condenando é terrível; ensinando e exortando, sua palavra é acariciadora. O rosto é de uma suavidade e graça maravilhosas. Ninguem jamais o viu rir, muitos porém, já o viram chorar. Esbelto de corpo, tem as mãos finas e largas, os braços encantadores. Grave e medido, em seus discursos é so-

NÓS TAMBÉM USAMOS ATLAS

Os dentes devem ser tratados desde a infância, para que se conservem. O Creme Dental Atlas tem alto poder bactericida, por ser o único que contém Sulfanilamida.

LABORATÓRIOS · ATLAS

brio de palavras. É o mais formoso dos filhos dos homens".

O TIPO MAIS ANTIGO

Desse documento, cuja autenticidade hoje se discute, saíram muitos dos retratos de Cristo. Não falta quem diga, porém, que esse documento foi antes tomado desses retratos do que inspirador deles. O certo, contudo, é que houve nos primeiros tempos da era cristã um tipo de fisionomia de Jesus, reconhecido como exato e que os artistas dos diversos povos interpretaram, cada um à sua maneira, conservando todos, porém, o tipo-padrão e lhe emprestando a maior semelhança possível, tipo este que foi reproduzido em afrescos, mosaicos, vasos de cristal, esmaltes e telas. Nos afrescos, os artistas tinham maior liberdade de concepção e composição do que os gravadores e miniaturistas, e, não obstante, todos os retratos das catacumbas têm o mesmo caráter. E o mais notável é que os pintores bizantinos oferecem em seus retratos do Cristo notável semelhança com os traçados nas "arende" romanas.

AS REPRESENTAÇÕES SIMBOLISTAS

Na arte primitiva cristã predominava o simbolismo para representar o Salvador. Ora, era um peixe, ora um cordeiro, ora, uma pomba. O próprio símbolo principal da paixão, a cruz, não aparece com o Redentor até o século X da era cristã. A princípio, figuravam o Cristo vestido por uma

larga turca sem mangas. Depois foram cortando-a até que restou para toda a roupa um lençol branco cosido ao centro.

Na Igreja de Santa Maria, em Roma, havia uma imagem de Jesus, com os olhos cerrados. Fixando-se, porém, muito nela, em pouco se via perfeitamente a pupila e se observava que ela olhava fixo para o espectador. Consistia esse efeito no fato da figura ter sido pintada com os olhos abertos e depois recoberta com outra camada de pintura, de modo a deixar transparecer um pouco as pupilas. Esse efeito e artifício eram, contudo, somente notados depois de algum tempo de observação.

O Cristo dos séculos XV e XVI é de uma magreza espantosa, deformado pelo jejum e sofrimento, como que inspirado pelos sentimentos de ascetismo e penitência muito próprios da época de sua fatura. Morales é célebre pelos seus Cristos ensanguentados e descarnados que a Mãe das Dores banha em lágrimas. E que dizer do Cristo de Velasquez, de um trágico muito próximo daquele que a imaginação humana sente que o Divino Redentor tenha vivido no Calvário para a salvação dos homens?

São êstes, pois, os principais tipos de representações de Cristo que se conhecem através dos maiores pintores do mundo. A elas se devem acrescentar a dos modernos, que parecem voltar ao simbolismo dos primeiros tempos para representar o Filho do Homem.

Eternidade das coisas simples

Alphonsus de Guimaraens Filho

Especial para ALTEROSA

A morte ignominiosa de Cristo pode representar, antes de mais nada, o destino da pureza num mundo trágico. Destino da pureza: morre com Cristo tudo aquilo que é essencial ao mundo, mas que este, na sua entrega às forças elementares, orgulhosamente despreza ou aparenta desconhecer. "As coisas simples pelas quais os homens morrem" na linda imagem de um poeta inglês sacrificado na outra guerra, contêm uma capacidade de iluminar a pobre substância da vida. No entanto, o mundo as abomina e repele, esmagando-as com o seu desespéro infrutífero e sua angústia estéril.

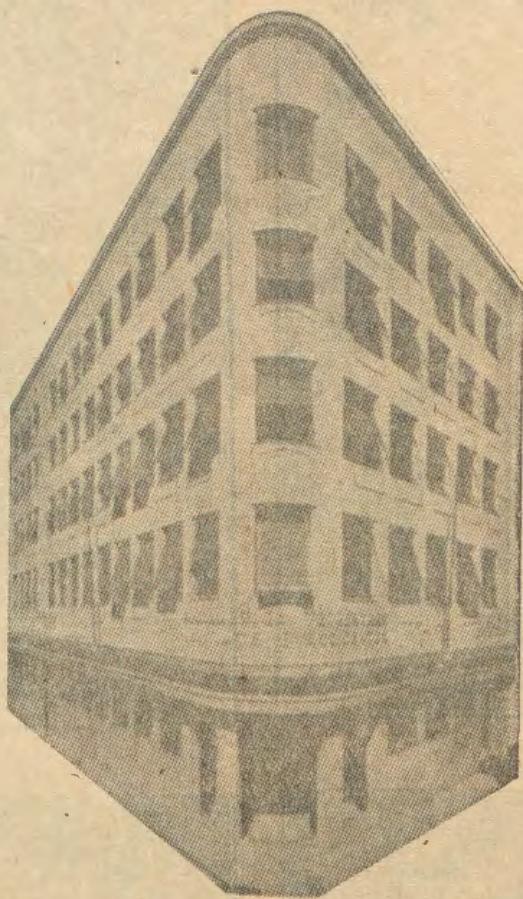
A morte de Cristo pode significar a eternidade das coisas simples. Mas também a sua ressurreição. Porque as coisas simples só aparentemente se deixam sufocar pelo mundo. Como Cristo, permanecem eternamente vivas e cada dia se renovam. Jamais se contaminam da pegonha do mundo. Embora a vida separe o homem da sua própria essência — e a essência mais fiel ao coração humano é esse comprazimento na simplicidade, o agasalho do singelo e do intocado — haverá um momento em que a sua consciência se dobrará sobre a sua própria aflição e procurará refúgio, tanto como em Cristo, nas coisas pequeninas do mundo.

Uma criança é um ser que resta sempre marcado do contacto com as coisas simples da terra. Cristo se conserva sempre a criança deslumbrada, irradiando pureza. Em verdade, são simples os lírios da terra e as aves do céu. A mansidão e a prudência ("bem-aventurados os mansos porque eles possuirão a terra") são duas virtudes da simplicidade. A experiência humana conduz a essa simplicidade, que é mais um despojamento, uma libertação do inútil e do supérfluo, uma fidelidade aos próprios sentimentos, uma aceitação da vida como a "dádiva maravilhosa" de que nos fala o poeta. Uma ternura franciscana pelo que merece ser amado, pelo que completa a nossa natureza — a docura da infância, a presença da beleza, a vida natural, sem atitudes falsas, sem afetação e sem transbordamentos insinceros. Vida natural que se mistura à terra, aos animais e às plantas, e se torna isenta de desespéro, que é a ausência de Deus.

A morte de Cristo significa a sua ressurreição. Porque Ele resuscitará glorioso e incorruptível. Mas significa também a eternidade das coisas simples. Ele as amou e delas se alimentou na sua passagem pela terra. Ele soube viver comovidamente o espetáculo da vida, extraíndo delas a sua sabedoria iluminada de poesia. Foi um íntimo das coisas simples e por isso sua imagem permanece tão viva nos corações que pressentem, dentro da vida inexorável, a luz que deve vir da primeira manhã do mundo.



SUL AMÉRICA TERRESTRES, MARITIMOS E ACIDENTES



SÉDE SOCIAL: RUA BUENOS AIRES, 29/27 — RIO DE JANEIRO

A MAIOR COMPANHIA DE SEGUROS TERRESTRES DA AMÉRICA DO SUL

RESUMO DO 30.º EXERCICIO — ANO 1943

Receita Geral do Exercício	Cr\$	81.874.959,60
Reservas Técnicas	Cr\$	27.156.641,80
Capital e Reservas Subsidiárias	Cr\$	14.577.950,30
Indenizações pagas até 31 de Dez. de 1943	Cr\$	209.098.698,80

SOLIDEZ E GARANTIA

ORGANIZAÇÃO NO ESTADO:

Sucursal de BELO HORIZONTE

Avenida Amazonas, esquina da rua São Paulo. Edifício Lutetia — 1.º andar — Caixa Postal,
124 — Telefones: 2-0785 e 2-6812

UBERLANDIA — Praça Benedito Valadares, 20

ITAJUBA' — Rua Francisco Pereira, 311 — 1.º andar

JUIZ DE FORA — Rua Halfeld, 704 - sala 107

Na página, apresentamos quatro flagrantes fixados pela reportagem de ALTEROSA, durante a cerimônia religiosa e na recepção oferecida pelos noivos no salão de festas do Automovel Clube.



ENLACE MELO TEIXEIRA - FORJAZ

TEVE lugar em nossa Capital, no dia 31 de Janeiro último o enlace matrimonial da senhorita Iêda Melo Teixeira, filha do casal Dr. J. Melo Teixeira-D. Rosalinda Moss de Melo Teixeira, com o Dr. Fábio Forjaz, engenheiro, diretor da Fábrica Nacional de Aviões de Lagôa Santa, filho do Dr. Garcia Neves de Macedo Forjaz, clínico na cidade de São Paulo, e sua Exma. esposa, D. Bilá Forjaz.

O ato civil teve lugar na residência dos pais da noiva. A cerimônia religiosa, celebrada na Igreja Matriz de São José, ricamente ornamentada, foi assistida por grande número de convidados, achando-se o templo repleto de pessoas que afluíram à solenidade. Fim o ato religioso, realizou-se a recepção oferecida pelos noivos às pessoas de suas relações, no salão de festas do Automóvel Clube.

Foram padrinhos, no ato civil, por parte da noiva, o Dr. Carlos Bicalho Goulart e senhora, o universitário Rui Melo Teixeira e a sra. Zulma Melo Machado. Pelo noivo, o Dr. Miguel Pagliuso, D. Júlia Vieira, e Dr. Eduardo Alvarenga e senhora.

Paraninfaram a cerimônia religiosa, pela noiva, o Dr. Melo Viana e senhora, Dr. Garcia Neves de Macedo Forjaz e esposa. Por parte do noivo: Professor Melo Teixeira e senhora, e Dr. Frederico de Assunção e esposa.

A recepção no Automóvel Clube

Após a cerimônia religiosa, os noivos ofereceram às pessoas de suas relações uma recepção no salão de festas do Automóvel Clube. Esta reunião, que marcou um acontecimento

★ Aspecto fixado quando a noiva chegava à igreja, descedendo do automóvel auxiliada por seu pai, dr. J. Melo Teixeira

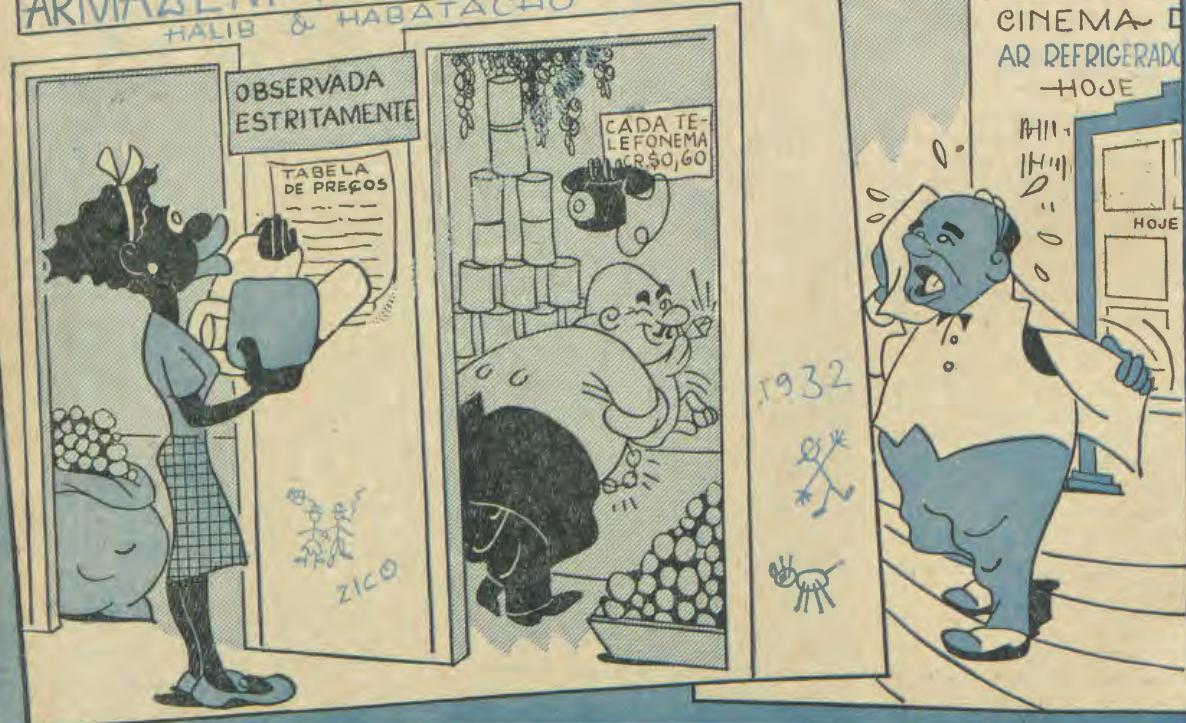


PAISAGENS



ARMAZEM HONESTIDADE

HALIB & HABATACHO



LOCAIS

Mentira
Belorizontina



A RESPONSÁVEL

por petiscos saborosos
e saudáveis!

• Sopas, pudins
e demais pratos
ficam saborosos e
nutritivos se prepa-
rados com Maizena
Duryea — alimento
ideal para todas as
idades.



MAIZENA DURYEA

À MAIZENA DURYEA 51
Caixa Postal, 6-B - São Paulo
Peço enviar-me, GRATIS, o livro
"Receitas com Maizena Duryea"

NOME _____

RUAS _____

CIDADE _____

51 45

ESTADO _____

* * *

ENLACE MELO TEIXEIRA-FORJAZ

CONCLUSÃO

de relêvo na vida mundana da cidade, reuniu elementos de alta representação na sociedade local, do Rio e de São Paulo.

A nossa reportagem pôde notar, entre outras figuras de projeção social, Mme. Melo Viana, esposa do ex-vice-presidente da República, em harmoniosa "toilette" branca, de linhas simples, e, guarnecedo o decote alto, dois "clips" de brilhantes, trazendo um chapéu de palha "hablé" preto e igual complemento.

* * *

PROCISSÃO DO SENHOR DO BONFIM

CONCLUSÃO

coroas de lata nos cabelos soltos. Por fim, chorando um funeral, a charanga soturna.

Meia noite já. Recolheu-se a procissão. Retiram-se todos para, no dia seguinte, expandirem-se na alegria barulhenta da Aleluia.

JUDAS!

O largo da matriz amanheceu todo embandeirado e plantado de bananeiras, goiabeiras, mamoeiros e arbustos vários. Na madrugada, a rapaziada estúrdia andara a pular cercas e a arrancar das hortas e quintais, árvores e arbustos, para formar a horta de Judas, mágicamente brotada no largo da igreja. Fronteira à matriz, uma árvore mais alta, a um galho da qual, grotesco e disforme, um boneco de palha, vestido à moderna, de calça e paleto e que não é mais nem menos que a figura de Judas, o Iscariotes. Um fio de arame corre, dêle até o adro.

As cerimônias litúrgicas do Sábado Santo já se realizaram. Agora a missa. De repente, as campainhas retinem alegres. As portas da igreja se abrem, tragando, sôfregas, a luz de fôra. Chééé... pou... pou... A foguetaria espouca. Os cantores e os instrumentos têm vibrações triunfantes de glória. Os sinos badalam doidamente, gososos de fazer barulho. Chééé... pou... pou... chééé...pum... pum... Aleluia! Aleluia!

Acabada a missa, a multidão se derrama pelo largo, voltada para a áryore onde se destaca o monstrengos. Vai começar o testamento de Judas. Aproximam-se todos, o mais que podem, para ouvir bem, de um muro, escanhado sobre o qual o testamenteiro desdobra um papel. E' o testamento do traidor. Em voz gaiata, recita versos mancos, cheios de alusões, pilhérias e facécias a todos as pessoas da cidade e arredores. Ninguém escapa. A uma pilhória mais ferinha, mais alusiva a um defeito ou predileção de alguém, gargalhadas estru-gem.

Finda a leitura, executa-se o Iscariotes. Um foguete aceso lá do adro da igreja, corre pelo arame e vem acender as bombas ocultas no cheio palhoso do boneco. Rebentam-se as pernas, a barriga. O calunga se desengonça. A multidão ri desbragadamente.

De súbito, a cabeça de Judas explode, como uma bomba. E mais forte, mais reboante, a gargalhada do povoaréu. Gritos, assuadas. A charanga ataca uma marcha trombeteante. Foguetes estrondam. As vendas se enchem. As garrafas se esvaziam. E um engraçado, já bêbado, esganiga, desentoadão o

"Aleluia! Aleluia!

Carne no prato,

Farinha na cuiá!"

A encantadora Sra. Carlos Bicalho Gou-
lart, trajando elegantíssimo vestido verde-
mar, muito moderno, com um lindo cha-
péu de "aligretes" negras, que marcava o
chique da sua original "toilette".

A Sra. Monteiro de Castro, diferente em sua "toilette" marrom, trazendo como or-
namento riquíssimo diadema de brilhan-
tes azulados e igual colar. A Sra. Zulma
Melo Machado, vestindo uma longa saia e
casaco bordado de "paletté", usava deli-
cado chapéu de "clina" branca, com igual
complemento.

A Sra. Regina Pinto, extraordinária-
mente encantadora em sua original "toi-
lette" branca, bordada de "strass", trazendo
com apurado gosto um chapéu de plu-
mas e complementos verdes. A Sra. Rute
Carlos Alberto mostrava um belo vestido
lilá bordado de pedras roxas.

Madame Garcia Forjaz, progenitora do
noivo, trava um distinto e elegante ves-
tido preto, com complemento roxo, e a
Sra. Dr. Melo Teixeira, mãe da noiva,
vestia uma rica "toilette" "bleu-noir", com
chapéu de plumas azuis e complemento
preto.

A Sra. Zilá Simões, da sociedade pau-
lista, a "demoiselle d'honneur" da noiva,
ostentava uma insinuante "toilette" em ro-
sa-pálido.

Pela sua elegância e distinção, destaca-
ram-se ainda as Sras. Coronel Amâncio
Simões, D. Júlia Vieira, Sra. Irineia For-
jaz. Outras senhoras e senhoritas de nossa
alta sociedade, cujos nomes não pudemos
anotar, emprestaram à recepção o ambi-
ente de rara beleza e distinção que marcou
o enlace da Sra. Iêda Melo Teixeira como
um dos acontecimentos de maior relêvo
mundano da cidade nestes últimos tem-
pos.

* * *



ATÉ O EXTERMÍNIO!

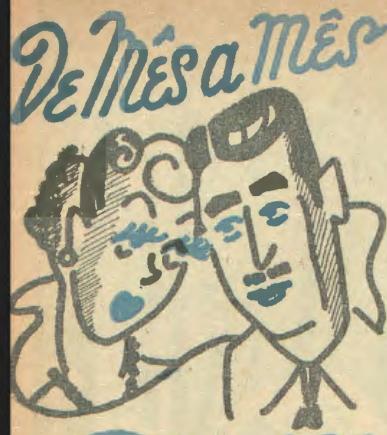


— Este será o último ano em que o Carnaval sofrerá restrições. Não podemos nos divertir à vontade, quando sabemos que os nossos bravos irmãos estão seguindo o rastro da fera nazista para exterminá-la.

Esmagada esta e, já no ano que vem, o Carnaval voltará a imperar em toda a sua plenitude — diz "Seu" Kilowatt, o criado elétrico.

CIA. FORÇA E LUZ DE MINAS GERAIS

— — — — — TELEFONE 2-1200 — — — — —



A população de Belo Horizonte tem reclamado contra a invasão das pulgas nos nossos melhores cinemas. Espera-se uma medida eficaz da empresa que controla a quase totalidade das casas de diversões da capital.

No Cine-Brasil, um dia,
O Paulo mais a Maria
Foram ver a "matinée"
E uma pulga renitente
Na garota mete o dente,
Em lugar que ninguém vê.

O moço não se embarca,
Ajuda a moça na caça,
Mas, em vão, nada encontrou...
E Paulo infeliz se julga,
Que bom se pegasse a pulga
Onde a pulga se ocultou!...



No Rio, dizem os jornais, uma linda vigarista está, com sucesso, operando na alta roda. Só de um banqueiro, roubou cerca de noventa mil cruzeiros.

Com seu sorriso macio
E ligeireza na mão,
Esta que opera, no Rio,
Bate a bolsa e o coração.

Com seu modo alviçareiro,
Seu lindo vestido azul,
Quando faltar-lhe o cruzeiro,
Rouba o cruzeiro do sul.



Noticiam os telegramas que foi descoberta nas proximidades de Lisboa, uma fonte que faz rejuvenescer. O ponto do corpo em que a água toca adquire força e vigor, assegura a imprensa.

Combate os anos, combate
Com espalhafato e furor:
No ponto em que a água bate,
Vêm logo a força e o vigor.

Ao ouvir o caso estranho,
Muita gente acreditou:
Os velhos entram no banho,
Mas todos vão sem "maillot".



Noticiam os telegramas que a senhora Margaret Meyer, de Detroit, acaba de deixar, em testamento, ao seu cachorro Jack, quinhentos mil cruzeiros.

E' o ouro que se derrama
Pelos ares, pelo chão,
Em procurar essa dama
Teve bom faro esse cão.

Sobre a notícia discorro
E, com razão, verifico:
Se há tanto rico cachorro,
Pode um cachorro ser rico.



Noticiam as fôlhas cariocas que a Academia Culinária do Rio acaba de diplomar cento e vinte bacharelas em forno e fogão.

Cozinheira caprichosa,
Bonita, alegre, morena,
Se é sem sal a tua prosa,
Teu guizadó vale a pena.

A mingoa de estudo, a mingoa,
Muita coisa vais lucrar:
Se não falas qualquer língua,
Sabes línguas temperar.

exto e versos de
WILHERME TELL
mecos de
ROCHA!

O Romance de um perfume suave...

num sabonete consistente,
puro e econômico!

Numa sinfonia de caríssimas essências, combinadas num "bouquet" suave e delicado, a abundante espuma de Gessy protege e embeleza sua cútis. Seus finíssimos óleos vegetais exercem sobre a epiderme uma ação rejuvenescedora, restaurando-lhe o viço, a mocidade, o frescor. Experimente esta fina criação da indústria brasileira: Gessy. Gessy tem massa uniforme e consistente e é mais econômico. Gessy vale por um tratamento de beleza.



50 ANOS A SERVIÇO DA EUGENIA E DA BELEZA!
J.W.T. - 14.247

CONTROLE O SEU PÉS

A CONSERVAÇÃO DO PÉS NÃO É APENAS UMA QUESTÃO DE ELEGÂNCIA — O EXCESSO DE ADIPOSIDADE PREJUDICA A SAÚDE, TANTO QUANTO A MAGREZA EXCESSIVA — AS MEDIDAS IDEIAS PARA O CORPO FEMININO E A TABELA CIENTÍFICA DO PÉS NORMAL.

O PESO deve ser controlado para conservar a harmonia da silhueta e o perfeito funcionamento do organismo. Um pequeno aumento de peso, pode prejudicar a estética de seu corpo; sua perda, muitas vezes requer a assistência de um médico. O controle constante do peso constitui um guia de beleza e saúde.

Prevenir-se contra o aumento de peso equivale a defender a juventude, porque esse aumento, quando não constitui um grande perigo para a saúde, provoca o envelhecimento e a adiposidade que é o maior inimigo da mulher.

*

Não é vaidade prever-se contra o excesso de gordura. A comodidade e o bem estar o exigem.

Uma vez por semana é necessário um pouco de dieta. Passar um dia alimentando-se exclusivamente de sucos de frutas, não só desintoxicará o organismo como melhorará sensivelmente o estado da pele.

Não devemos exceder na alimentação. Abolir comidas muito condimentadas, os bombons e as massas não constituem perigo para a nossa saúde.

As frutas e os legumes trarão saúde e beleza ao nosso corpo.

*

Saber resistir à tentação de saborear um pastel, uma empadinha, um caramelo e de beber muito líquido, é ganhar uma batalha importantíssima. Há bombons de licor que são capazes de fazer fraquejar qualquer um, porém, deixando-se seduzir, irá perdendo aos poucos a força de vontade.

A mulher deve se convencer que a beleza e a juventude devem perdurar com a existência.

Para conservar-se jovem é necessário apenas constância e força de vontade.

*

Os tratamentos para emagrecer devem ser prescritos pelo médico.

Para conservar o peso normal, usar em sua alimentação diária, os seguintes pratos: carne assada, peixes afogados, legumes com pouca banha, aves, verduras, ovos cozidos, saladas e frutas.

Pratos que devem ser retirados do uso diário: macarrões, sopas, peixes a milaneza, arroz, feijão, carne de porco, ovos fritos, pasteis, empadas, croquetes, doces, pratos açucarados, chocolate.

Fazer uso de pouco líquido. Preferir as bebidas quentes às geladas. No chá e café usar pouco açúcar.

Praticar esporte diariamente e fazer longas caminhadas, ajudam a manter o peso.

TABELA PARA O PÉS E PARA AS MEDIDAS DE UMA SILHUETA IDEAL

Estatura Mts.	Peso Kilos	Busto cm.	Cadeiras cm.	Cintura cm.	Braços cm.	Coxas cm.	Colo cm.	Barriga da Perna cm.
1,50	51	78	82	60	25	45	31	31
1,52	51,500	79	83	61	25,3	45,6	31,4	31,4
1,54	52	80	84	62	25,7	46,3	31,8	31,8
1,56	53	81	85	63	26	47	32,2	32,2
1,58	54	82	86	64	26,3	47,6	32,6	32,6
1,60	56	83	87	65	26,7	48,3	33	33
1,62	57	84	88	66	27	49	33,4	33,4
1,64	58	85	89	67	27,3	49,6	33,8	33,8
1,66	59,500	86	90	68	27,7	50,3	34,2	34,2
1,68	60,500	87	91	69	28	51	34,6	34,6
1,70	62,500	88	92	70	28,3	51,6	35	35
1,72	63	89	93	71	28,7	52,3	35,4	35,4
1,74	64	90	94	72	29	53	35,8	35,8
1,76	66	91	95	73	29,3	53,6	36,2	36,2
1,78	67,500	92	96	74	29,7	54,3	36,6	36,6
1,80	68,500	93	97	75	30	55	37	37

LEITE EM BLOCO

OS mercados de Irkutsk na Sibéria são um espetáculo interessante porque os produtos oferecidos à venda são na maioria dos casos congelados. O peixe está empilhado como lenha, e a carne do mesmo modo.

Alguns animais trazidos inteiros para o mercado estão de pé sobre as suas pernas e parecem na verdade vivos, e anda-se no meio dos porcos, carneiros, bois e aves, todos de pé como se estivessem vivos.

Mas mais estranhos ainda, são os líquidos congelados e vendidos aos blocos. O leite é gelado desse modo num bloco e com uma corda ou um pedaço de pau, conjuntamente gelado, saído dele. Isso é para a comodidade do comprador que tem assim facilidade de levar para casa o seu leite pendurado pela corda ou pelo cabo de pau...

*

O CARTÃO POSTAL

TODOS julgam que o cartão postal é uma novidade epistolar. Mas nada é novo sobre a terra, e pode-se dizer o mesmo em referência a essa invenção que representa a imagem mais ou menos artística do seu pensamento, de quem escreve, a sua esperança, ou um sentimento da sua alma...

Com efeito, pode-se ler no "Almanaque de la Petite Poste", de 1777:

"Vêm-se por toda a parte estampas impressas sobre cartões que o correio faz circular e que todos podem lêr".

Esses graciosos cartões postais, que os elegantes da época mandavam aos seus amigos e parentes, e que excitavam a mais viva curiosidade, foram inventados por um gravador francês chamado Damalison.

Assim o uso do cartão postal remonta a uns 139 anos mais ou menos.

*

O ÁRABE

O árabe, quer viva de preferência na parte fértil do seu litoral, ou errante nas regiões do interior, resida nos pequenos vales, onde a laranjeira se desabrocha em flores, ou habite as encostas aridas onde a tamareira lhe dá os seus saborosos frutos, é sempre dotado de grande instinto de independência. Rico ou pobre, o seu cavalo, de magnífica raça, o seu dromedário, o seu camelo, o seu boi e o seu jumento são a sua alegria, o seu orgulho, os companheiros, os amigos que a natureza lhe deu, e quase se pode dizer que fazem parte da sua família.

PARA FACILITAR O SEU TRABALHO

Já vem batido
2 vezes!



• Observe a contextura finíssima do Composto «A PATRÔA»! Batido duas vezes, o Composto «A PATRÔA» torna fácil misturar rápida e uniformemente todos os ingredientes, evitando que a massa fique empastada ou encaroçada. Por isso, o bolo fica muito mais crescido e cora por igual.

Use o COMPOSTO «A PATRÔA» também para fazer as suas frituras mais leves e saborosas.

COMPOSTO

A Patrõa

UM PRODUTO DA Swift do Brasil

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS

* * *

A própria família faltará muitas vezes, já não diremos a abundância, mas o pão necessário à sua subsistência; para o seu animal não falta a ração nem os cuidados que o trazem nôdo e satisfeito.

CONFUSÕES . . .

UM sujeito foi recebido em Ferney. Sabe-se que acolhimento ali encontravam os estrangeiros.

O nosso homem, desvanecido com essa hospitalidade, declarou no dia seguinte ao da sua chegada que sua intenção era passar seis semanas num lugar que ele dizia ser delicioso.

— O senhor não quer parecer com D. Quixote, diz-lhe Voltaire: ele tomava os albergues por castelos; o senhor toma os castelos por albergues.

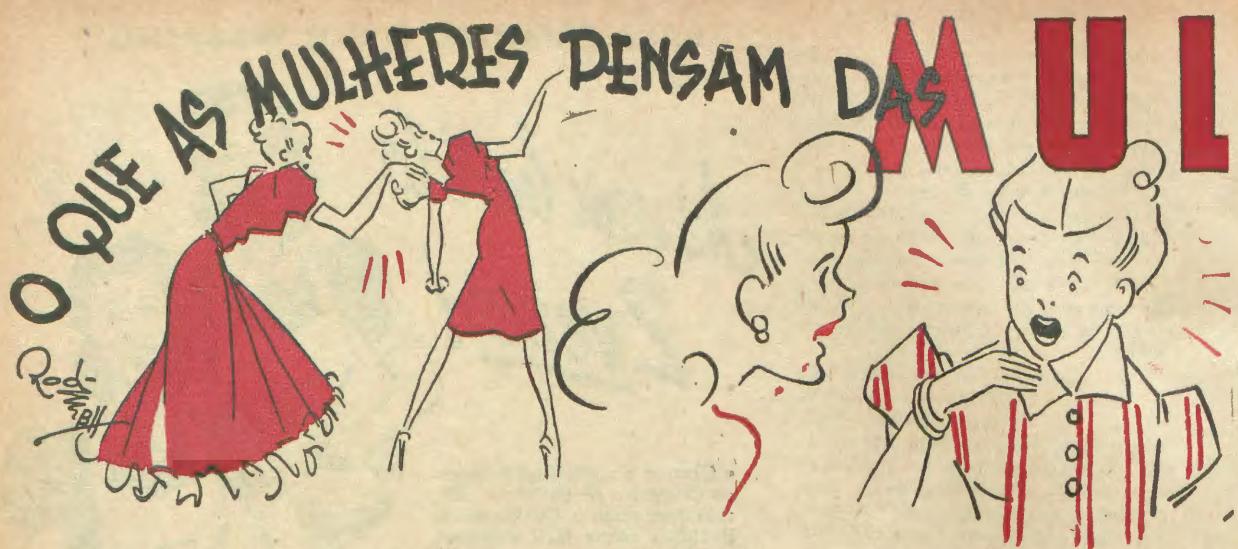
*

A filosofia vê com olhos de indagação e horror, não o guerreiro, que entre mil perigos defende a pátria; mas o erro das nações, que buscam a justiça na sorte das armas.

PERMANENTES
MANICURES
LIMPEZA DA PELE

INSTITUTO LUDOVIG

Rua Bahia 1075 - Fone 2-1960



A CLASSE não é absolutamente unida. Tudo faz crer que a mulher é a maior inimiga da própria mulher. Há tempos, em Minas, fomos surpreendidos com a novidade: senhoras no conselho de sentença a julgar os criminosos. Certa vez, três delas condenaram uma pobre ré que, no auge do ciume, ferira o companheiro infiel, e, poucos dias depois, absolveram um homem que abrira a cabeça da esposa, sob um pretexto qualquer. A justiça mineira, sisuda e austera, andou bem agradecendo gentilmente as damas julgadoras e nunca mais solicitando seus serviços. Qual seria a sorte de Frinéa julgada por um tribunal dessa natureza?...

As mulheres detestam as mulheres. Para prová-lo basta ler os livros por elas escritos. As críticas são rudes e brutais. E não se diga que só as escritoras de pouco valor as tratam assim. As grandes pensadoras do passado, aquelas que mais deviam conhecer a alma feminina, são invariavelmente ferozes no ataque. Vejamos o que contra as mulheres escreveram as mais notáveis escritoras ou o que disseram as grandes damas da corte francesa.

Mademoiselle de Scudery, que pelo seu brilho mental era comparada à Sapho, afirmava que o pior livro do mundo seria aquêle que sintetisasse as opiniões de trinta mulheres em assembléia. Referindo-se à inteligência, afirmava que elas nunca são claras e límpidas, que há sempre nas suas frases e sentenças qualquer coisa de nublado e indeciso, que dá lugar a várias interpretações.

Ninon Lenclos que durante quase um século iluminou a França com seu espírito e a sua graça, não é menos cruel para com as representantes do seu sexo. Dizia ela que quando uma mulher atinge 30 anos, se esquece da idade e, quando chega aos 40, de nada mais se lembra... Com muita ironia se referia à velha que fala da sua beleza passada com o ar de quem está fazendo um discurso fúnebre. Afirmava que as mulheres são tôdas mentirosas, principalmente quando dizem que não se importam de ser feias. Acreditava que depois dos quarenta anos, nada há que as faça corar...

Até a severa madame de Sevigné não perdia ocasião de atacá-las, afirmando que as feridas que elas abrem nas almas não têm cura. Acha que só têm espírito para escapar das situações difíceis e que gostam muito de ser aduladas, esquecendo-se de que o açúcar, em excesso, estraga os dentes... Madame de Maintenon, que brilhou na corte de Luiz XIV, menos ríspida do que as outras, dizia que as mulheres fazem e desfazem os lares. Sobre as escritoras, afirmava que nos seus livros há muitos erros de gramática, mas o estilo feminino tem qualquer coisa que excita os homens...

A duquesa de Orleans, feia e inteligentíssima, que desde criança confessava preferir brincar com espadas a entreter-se com bonecas, criatura sem preconceito de qualquer natureza, só acreditava na felicidade do casamento quando marido e mulher fôssem totalmente estúpidos. Madame Defand, casada com um homem decrépito, sempre doutrinava que não era o amor que perdia as mulheres, mas a vaidade. Com muita impiedade, assegurava que quando uma mulher confessa a uma amiga as suas desgraças dá sempre uma certa alegria a essa amiga.

HERES



Madame Geofrin, célebre pelo seu talento e que levava o pudor ao ponto de cobrir as mãos com as mangas do casaco para que os homens não as vissem, observava que três coisas as mulheres, em Paris, atiravam pela janela — o tempo, o pudor e o dinheiro. Madame de Pompadour, favorita de Luiz XV, com a experiência que todos lhe reconheciam, afirmava que a mulher é uma lira que, para vibrar, necessita um inspirado maestro. As desarmonias são quase sempre causadas pelo mau tocador, raramente pelos defeitos do instrumento...

Mademoiselle de Lespinasse, outra feia de espírito, escreveu que as mulheres morrem muitas vezes antes da morte definitiva. Dizia que a esposa só se aflige com a infidelidade do marido pensando no prazer da rival. E, mais, que as mulheres se julgariam infelizes se a natureza as fizesse de acordo com as modas. (No seu tempo usava-se a anquinha).

Madame Neker, senhora de grandes virtudes, se não atacava violentamente as mulheres, não deixava de ironizá-las. Ela nos dá notícia de uma que, castigando severamente a filha, notou que a menina chorava convulsivamente:

— Por que choras? Nas outras vezes que eu te castiguei não derramaste lágrimas.

— E' que eu notei, pelas pancadas que me deu, que a sua força está diminuindo e temo pela sua saúde...

Referindo-se à idade, madame Neker dizia que a mulher envelhece com menos dignidade do que o homem. Que já muito idosa, ainda procura agradar e isso a torna ridícula. E advertia que devemos ter cuidado com a dama que fala muito das suas próprias virtudes. Maria Antonieta, a infeliz rainha de França, repetia sempre que as pessoas sensatas julgam as cabeças pelo que elas têm dentro, ao passo que as mulheres as avaliam pelo que têm fóra.

Madame de Stael sentenciava que não se podia conversar muito tempo com uma mulher senão repetindo-se sempre a mesma coisa. Sophie Arnould ensinava, com muita malícia, que a vida de uma mulher galante é um livro de historietas, cujo interesse está todo no prefácio.

Tudo mais não passa de repetição... Madame de Gen-

lis sempre acreditou ser a fealdade o melhor escudo contra a tentação e considerava fenomenal a mulher que fazia um homem feliz.

Madame de Girardin considerava as primas inimigas dadas pela natureza. Há mulheres, acrescentava, que continuam com a faculdade de amar, depois de terem perdido a de agradar. Madame de Rieux escreveu — as moças se casam, em regra, aos 20 anos. Aos 40, ou são santas ou mulheres perdidas...

Qual será o motivo de tamanha rivalidade entre criaturas que deveriam se unir contra as ciladas dos homens? As opiniões variam. Tudo faz crer que elas brigam por causa do único dom que as distingue.

Os homens têm muitas maneiras de se imporem à admiração dos seus concidadãos — o talento, a força, o prestígio, a coragem, o poder e vários outros pred才会ados. A mulher só tem um dom — a beleza. Possuidoras de uma só arma, elas vêm uma rival em cada mulher. Daí a luta feroz que se trava entre elas. Luta tremenda, porque o seu ódio é implacável como acertadamente disse madame de Girardin...

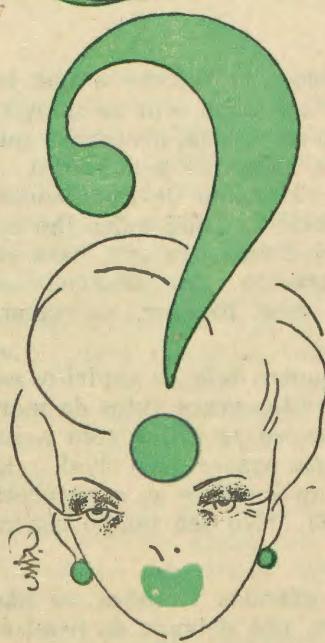


A JOVEM de olhos cinzentos, noiva de um modesto empregado público, tem um drama na vida. O fato passou-se há dois ou três anos, mas ainda é lembrado na pequena cidade do interior em que a linda moça residia. Foi mesmo por causa dessa tragédia que seus pais vieram para Belo Horizonte.

Narremos o episódio. A garota de olhos cinzentos foi pedida em casamento em sua terra natal. O noivo era um jovem, filho de fazendeiro rico, sadio e folgazão. Ao lado da menina, era visto em todas as festas e bailes. O povo, admirando o lindo par sempre risonho, previa um casamento feliz. O noivado era mesmo de dar na vista. Passeios a cavalo pelos campos, viagens de trem e de avião para o Rio, estações de águas e centros de recreio.

Um dia, a pequena cidade foi abalada pela notícia do suicídio do rapaz. O moço só deixara duas cartas: uma para o delegado, outra para a noiva. A do delegado só tinha uma palavra — suicidi-me. A da noiva era longa, mas a moça, apesar dos rogos da família, não a mostrou a ninguém. Devia ter sido coisa muito grave, porque a menina não quis mais ficar, nem um só dia, na pequena cidade do interior.

Com o seu drama, veio para Belo Horizonte. Aqui, em pouco tempo, arranjou outro noivo. Mas vive inquieta. Vê-se que tem um segredo que não sabe se deve revelar. Cada dia são mais oxas as suas olheiras e mais descoradas as suas faces. Às vezes chega a chamar o noivo para lhe dizer uma coisa séria. Quando o moço chega a fôlego, ela se arrepende e emudece. Que terá a pobre moça?...



NÃO tivemos verdadeiramente carnaval, apenas bailes em clubes elegantes. Apesar disso, certa garota granfina de grandes olhos negros, carioca de nascimento e mineira de coração, divertiu-se a valer. Dansou todas as noites e quase sempre com cavalheiros perigosos. Menina de circo, com certeza prometeu a todos eles mundos e fundos, mas não cumpriu nenhuma das suas promessas. Pelo menos é o que nós, pobres ingênuos, supomos.

Um dos seus admiradores, por certo o mais insistente e o mais temível, esperava que o flirt com a pequena continuasse durante a quaresma. Tinha até organizado um programa cheio de excelentes passeios de automóvel pelas vizinhanças da Capital. Sabará entrava nos planos do rapaz. A velha cidade, carregada de tradições, oferece um admirável ambiente para idílios e sonhos. Nova Lima, também figurava no projeto. Há ali um pequeno hotel, silencioso e limpo, que recebe com prazer os casais que procuram isolamento. O jovem estroïna submeteu o programa à aprovação da pequena. A garota sorriu e nada disse.

Foi grande, por isso, a surpresa do rapaz quando, findo o carnaval, a menina se transformou. Deixando todos os namorados inconsoláveis, enegou-se de corpo e alma à religião. Na quarta-feira de cinzas assistiu à missa de joelhos. Não quis ver os seus companheiros de farras que a olhavam admirados. Finda a cerimônia religiosa, foi silenciosamente receber, na testa, a sua cruz de cinzas.

Uma cruz enorme, proporcional aos pecados cometidos durante os três dias de loucura...

João e Lucas

* * *

NOTICIAM os jornais que foi fundado, em Nova Iorque, o Clube das Velhas Alegres. A sócia tem obrigação de sorrir sempre, mesmo que não tenha, na boca, um só dente. Acrescenta o despacho telegáfico que o grêmio já tem cerca de duzentos membros. Cento e vinte solteironas ali estão a provar que a falta de um marido não constitui um grande transtorno. Vivem alegres e felizes.

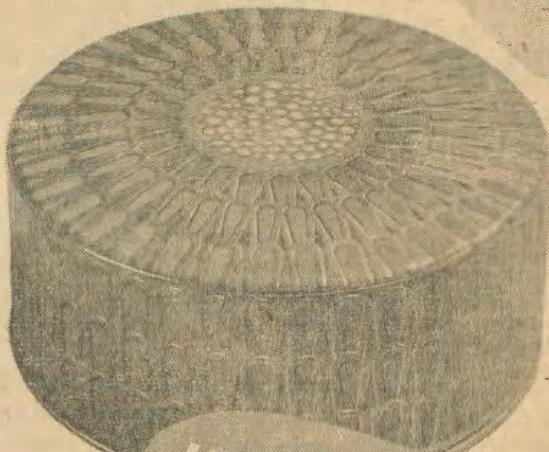
Só entre nós a mulher solteira se julga infeliz. Nos Estados Unidos, as velhas titâs não ficam em casa mal-humoradas a criticar dos costumes modernos. Reunem-se em sociéidade, lêem umas para as outras velhas cartas de amor e zombam daqueles que não as quiseram para esposas.

O Clube das Velhas Alegres já foi visitado até pelo presidente Roosevelt, que ali passou horas inteiras a cavaquear com as sócias sobre coisas do passado. Uma delas chegou a emocioná-lo cantando canções do seu tempo de estudante.

Imantize

a beleza da sua pele
com o novo Pó de Arroz

L'AIMANT DE COTY



Novo
L'AIMANT DE COTY

PÓ DE ARROZ

Aplique êste novo pó facial sôbre o rosto. E eis que
pelo sortilégio de L'Aimant — o perfume-imã — tôda a sua
beleza fica imantizada por tão arrebatadora fragrância.
Doze tonalidades mais jovens e uma finura impalpável.

UMA CAIXA BEM MAIOR... COM
MAIOR ATRAÇÃO PARA SEU ROSTO

QUAL dos dois existia antes: o ovo ou a galinha? Tão embarracosa quanto esta é a questão de saber qual das duas existia antes, a "Gibson Girl" desenhada por Charles Dana Gibson, ou seu modelo, vivo, a moça americana dos "gay nineties", da última década do século passado, nas vespertas de 1900. Com outras palavras: qual das duas foi o modelo, e qual foi a imitação? Como as moças de 1925 se esforçavam por parecer com Greta Garbo, assim as de 1900 tinham a "Gibson Girl" por ideal supremo. Ora, se foi preciso que Greta existisse para que sua imagem aparecesse sobre a tela, não é tão certo que o desenhista novaiorquino Charles Dana Gibson tenha encontrado seu tipo de beleza feminina em carne e osso antes de o representar. De qualquer maneira, ele sempre negou de o ter copiado de um modelo definido — seus modelos eram legiões, a "Gibson-Girl", segundo seu autor, era uma síntese. "Mae desconhecida", poderia se dizer. Quanto ao pai, este acaba de morrer na sua casa de Manhattan, na respeitável idade de 78 anos, cercado pelos netos, entre os quais há lindos descendentes de "Gibson Girl" de outrora, as "glamour-girls" de hoje.

Pois uma coisa é certa: a esposa do grande desenhista norte-americano Irene Langhorne Gibson, era uma autêntica "Gibson Girl". Mas quando eles se conheceram em 1894, Charles Dana já era célebre por ter criado o tipo feminino que receberia seu nome e tornar-seia universalmente admirado. Irene era loura, grande, de olhos lânguidos e brêjeiros, ao mesmo tempo, de atitudes harmoniosas e porte majestoso. Era filha de pais abastados do Estado de Virginia, tinha irmãs que a igualavam na beleza e uma das quais devia tornar-se a famosa Lady Astor, da Inglaterra.

A primeira vez que Charles e Irene se viram, no restaurante chic "Delmonico's" fôra o clássico "coup de foudre". Mas Irene Langhorne estava rodeada de admiradores e Charles não ousou acreditar que elle seria realmente o eleito desta beleza altiva, para a qual os pais nutriam ambições extravagantes. Se naquela época as moças de boa família já podiam frequentar restaurantes mundanos, os artistas ainda eram entretanto considerados nas altas rodas como seres um tanto malucos e exquisitos. Gibson confiava suas angústias às gravuras que iam se enchendo de cupidos, de lindas garotas hesitantes entre o "sim" e o "não" em resposta a uma carta de amor... Mas assim não avaliava justamente sua popularidade: não havia moça nos Estados Unidos nem em qualquer outra parte do mundo que teria recusado seu coração e sua mão ao criador do tipo que era o ideal comum a todas. Irene e Charles casaram-se em 1895 e poderia se terminar este conto de fadas pelas palavras tradicionais: "E eles viveram feli-

zes por muitos e muitos anos". Tiveram um filho e uma filha, crianças deliciosas, verdadeiros filhos de "Gibson Girl", que se tornaram mais tarde os modelos prediletos do pai, como o fôra a própria Irene desde o seu casamento. Pois a partir daquele momento foi ela quem encarnou a "Gibson Girl".

Não há nenhuma razão para suspeitar Gibson de ter feito um casamento de interesse: em 1893 ele já era um homem rico; naquele ano a revista "Collier's" lhe encorajava com ilustrações pelo preço fabuloso de 109.000 dólares; todas as redações e editores o assaltavam de pedidos; os fregueses eram tantos que era preciso recusá-los. Marcas de cigarros, de chocolate, de costumes de banho reivindicavam a Gibson Girl para a sua publicidade. Teatros de revistas montavam "shows" onde rapazes fantasiados em "Gibson Man" perguntavam, cantando, a coristas disfarçadas em "Gibson Girls": "Diga-me, linda menina, existem na vida moças como você?" Segundo o famoso escritor Sinclair Lewis, a "Gibson Girl" fôra a "Helena de Troia, a Cleópatra dos seus dias".

Entretanto a glória não tornou Gibson "blasé". Ele detestava todo esnobismo e orgulhava-se de ser um autêntico "self-made man". Tinha começado a vida pobre, ignorado e sem proteção. Seus pais lhe tinham dado uma educação cuidadosa, mas não podiam arcar com as despesas de estudos prolongados. Com a idade de dezoito anos Charles Dana Gibson começou a ganhar seu pão. Trabalhou algum tempo num escritório de Wall Street, seguindo nas horas vagas um curso de desenho. Depois experimentou oferecer seus desenhos aos jornais. E somente após muita deceção conseguiu vender sua primeira produção artística ao "Life" — magazine, pelo preço de quatro dólares que lhe parecera maravilhoso: o

O Mucus da Asma Dissolvido Rapidamente

Os ataques desesperadores e violentos da asma e bronquite envenenam o organismo, minam a energia, arruina a saúde e debilitam o coração. Em 3 minutos, **Mendaco**, nova fórmula médica, começa a circular no sangue, dominando rapidamente os ataques. Desde o primeiro dia começa a desaparecer a dificuldade em respirar e volta o sono reparador. Tudo o que se faz necessário é tomar 2 pastilhas de **Mendaco** às refeições e ficar completamente livre da asma ou bronquite. A ação é muito rápida mesmo que se trate de casos rebeldes e抗igos. **Mendaco** tem tido tanto êxito que se oferece com a garantia de dar ao paciente respiração livre e fácil rapidamente e completo alívio do sofrimento da asma em poucos dias. Peça **Mendaco**, hoje mesmo, em qualquer farmácia. A nossa garantia é a sua maior proteção.

Mendaco Acaba com a asma.

AGORA TAMBEM A CR\$ 10,00



desenho representava um chorrinho uivando à lua, com a lacônica legenda, tirada de uma cançoneta de moda "A Lua e Eu". Os bichos tinham sido sua primeira paixão artística, pois desde a primeira infância divertia-se a recortar silhuetas de animais e a traçá-las onde podia encontrar um pedaço de papel e um lápis ou, na escola, um giz e uma pedra. Um dia o diretor do estabelecimento apanhou o jovem artista "em flagrante" e este, assustado, esperava uma repreensão; mas alguns dias mais tarde a mãe do talentoso aluno fôra convidada a comparecer para admirar a obra em branco sobre preto que o comprehensivo educador não tinha tido a coragem de apagar. Os elogios não envaideciam o pequeno, antes o irritavam, já que nunca estava satisfeito com o que fazia, procurando sempre melhorar.

Gibson ficou sem formação acadêmica. Suas viagens a Paris e a Londres o puseram em contacto com os melhores desenhistas europeus, mas ele não fôra êmulo de ninguém. Tendo encontrado seu estilo, ele continuava procurando aperfeiçoá-lo, apesar do sucesso o obrigar a "fixar" seu traço. O tempo passava, a moda mudava. A "Gibson Girl" do

"fin de siecle" tinha ficado uma senhora de idade madura, sua filha tinha crescido e, em lugar das mangas "gigot", usava blusas "chemisier", bufando acima da cintura de vespa. Mas o ideal de Gibson ficava o mesmo, para a moça e o rapaz que sua pena traçava sem trégua: saúde, coragem, segurança e alegria de viver. Teve naturalmente que criar um rapaz digno de cortejar a bela Gibson Girl: o "Gibson Man", era sorridente, desbarbado, esportivo e sua aparição na imprensa fizera cair quilos de barbas sob as navalhas que seguiam fielmente o lápis e a pena do grande Charles Dana Gibson.

Durante a primeira guerra mundial, o humor mordaz de Gibson não poupou o Kaiser e seus tenentes. Mas, ao lado de caricaturas que matavam o inimigo pelo ridículo, representava também as cenas comoventes, onde a "Gibson Girl" de outrora, envelhecida mas sempre de pé, trazia ao Tio Sam seu jovem filho, o novo "Gibson Man" pronto a defender a liberdade e a sua terra. Numa outra gravura de Gibson, a Liberdade desceria do seu pedestal para abraçar uma velha mãe enlutada, cujos traços ainda refletiam a beleza da mocidade fugida, e a legenda dizia:



"The girl he left behind" — a namorada que ele deixou atrás... Idoso para o serviço ativo, Gibson fez inúmeros cartazes para o esforço de guerra dos Estados Unidos e dos Aliados.

Depois do armistício, ele voltou à ilustração e continuou a trabalhar para as revistas americanas até 1930, quando se retirou para um repouso bem merecido, morando uma parte do ano na sua fazenda no Estado de Maine e outra na sua casa de Nova Iorque. A pintura a óleo, sobretudo as paisagens, fôra, de então em diante, seu "hobby". Convém esclarecer, esta pintura nada tinha de extraordinário. E seus desenhos dos últimos anos haviam perdido o sabor das suas antigas criações. O tempo de Charles Dana Gibson, a época no unisono da qual vibravam seus nervos e seu lápis tinha ingressado na história. Mas ele próprio tinha entrado na história com ela: ainda em vida Gibson já pertencia, por assim dizer, ao patrimônio histórico de seu país e do mundo.

FAZENDAS, MAQUILAGENS E CÓRES QUE ADELGAÇAM A SILHUETA



VAMOS procurar fixar nesta crônica, alguns princípios indispensáveis à elegância feminina, e que devem ser estudados com cuidado.

Vejamos: *As pálpebras devem ser pintadas de acordo com a côr do vestido que se vai usar.* Este detalhe é importante e contribue para o embelezamento de muitas mulheres. *Para um vestido verde forte o tom para as pálpebras deverá ser verde suave.* *Para um vestido azul, o tom azul suave.* *Para o vestido roxo deverá ser utilizada a côr de ferrugem.* *Para o rosa, branco, verde água ou amarelo claro, o tom para as pálpebras será o prateado.*

Ao comprar uma fazenda, não deverá levar em conta a beleza da côr ou o efeito de um vestido de sua amiga, mas sim o tom de sua pele. *O azul celeste* vai muito bem nas louras e nas morenas. E' côr que pode ser usada sem preocupações. O verde forte, o laranja e o marrom, dificilmente assentam. E' necessário que a pintura nos lábios seja moderada e que o rouge das faces seja suave. As morenas de tez mate não usarão pintura nas faces. *Azul forte* é uma côr ingrata, ao contrário do amarelo limão que realça a beleza da pele. *O branco, o rosa e o preto,* são côres que realçam qualquer tipo. *O vermelho e o violeta* ficam bem nas louras. *O vestido que assenta bem em todos os tipos* é o estampado, que é encontrado numa grande variedade. *As mulheres gordas* não deverão usar, em absoluto, estampados de flôres grandes. Os motivos pequenos, as flôres miúdas, os quadradinhos e as linhas muito finas, para serem usadas em sentido vertical, são os indicados. *Insistimos:* nada de grandes flôres, por mais bonitas que sejam, nem listas de mais de meio centímetro de largura, nem quadrados que passem desta mesma dimensão.

Quando dizemos mulheres gordas, referimo-nos às que pesam mais de sessenta quilos. Evitando usar estas fantasias, parecerão menos gordas do que o são na realidade. Estas mesmas pessoas — as que pesam mais de sessenta quilos — não deverão seguir as modas que deformam o corpo, tais como: As saias rodadas, as mangas franzidas, os decotes redondos e quadrados, os babados, os franzidos no decote e no talhe. Todo exagero em um vestido, concorreria para aumentar na sua aparência, uns dez quilos.

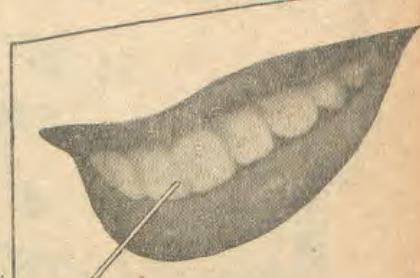
Existe sempre na pessoa gorda, uma certa tendência para o exagero. Observamos sempre na rua, esse detalhe curioso. Seus vestidos são sempre de um feitio exagerado e abusam muito das fantasias. Muitas vezes os regimes alimentares não surtem efeitos compensadores e a mulher tem que recorrer a muitos artifícios para parecer mais esbelta. Cuide pois, de sua toalete com todo o esmero e obterá efeitos surpreendentes.

As mulheres magras em excesso que aspiram parecer mais robustas, não poderão usar vestidos listados em posição vertical, mas sim listas colocadas em vies, que darão

80% das Cáries

começam aqui —

Afirmam os Dentistas!



Gessy protege no Ponto

Vital!!



ONDE A ESCÔVA não atinge
começam as cáries. Proteja-se
dentes nesse Ponto Vital, usando
o Creme Dental Gessy.

Sua espuma, de ação ultra-penetrante, atinge onde a escova não alcança: combate as fermentações dos resíduos alimentares, destroi os germes causadores da cárie, neutraliza o excesso de acidez, evita o tártaro.

Gessy é três vezes concentrada — custa menos, rende mais. Gessy limpa, dá brilho aos dentes e combate o mau hálito. Use Gessy três vezes ao dia.

**GESSY CUSTA
MENOS!**

Compare Gessy com os demais dentífricos de alta qualidade. Verá que Gessy lhe oferece até 20% de vantagem no preço. Escolha qualidade e economia, escolhendo Gessy.

50 ANOS A SERVIÇO DA

EUGÉNIA E DA BELEZA

*"EU SEI PORQUE
O BRAHMA CHOPP
É TÃO
GOSTOSO"*



J.W.T.

...SEUS INGREDIENTES SÃO
CAPRICHOSAMENTE
ESCOLHIDOS!"

Uma pequena diferença na qualidade dos ingredientes do chopp pode alterar-lhe o sabor. Por isso só o malte mais saboroso e rico em princípios nutritivos e energéticos... só o lúpulo da mais alta qualidade e só o fermento

cujas células vivas há muitos anos vêm sendo selecionadas pela Brahma - são empregados na fabricação da Brahma Chopp de garrafa ou de barril. É por isso que a Brahma Chopp é uma bebida pura e saudável.

BRAHMA CHOPP Só faz bem!

EM GARRAFA E EM BARRIL



PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA SOCIEDADE ANÔNIMA
BRASILEIRA — RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — CURITIBA

BÓA LIÇÃO

CONTA-SE que Luiz XII, o rei de França cuja bondade fez com que passasse à História com o apelido de "Rei do Povo", deu um dia a um fidalgo uma lição curiosa.

Tendo sabido que um de seus oficiais, fidalgo orgulhoso e rude, maltratava um camponez, nada lhe observou, mas deu ordem para suprimirem o pão de todas as suas refeições.

O fidalgo reclamou e, como lhe dissessem que aquilo se fazia por ordem do rei, foi à presença de Luiz XII queixar-se.

— Mas que? — perguntou o soberano. — Não são abundantes as iguarias que lhe servem?

— Sim, majestade, mas falta-me o pão — respondeu o fidalgo.

A ZEITE MARIA — Feliz combinação de oliva e amendoin

go. — E o pão é indispensável. — Então — perguntou o rei — então porque maltrata os humildes camponezes que cultivam o trigo para que tenhamos esse precioso alimento?

*

Desperte a Bilis do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Si a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pílulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pílulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00

Do século XII ao século XIV a lepra devastou o reino. Os "gafos" — que era como na velha Espanha se chamavam os leprosos — andavam à noite em manadas, aos uivos, cobertos de chagas e de farrapos, escondidos no mato como feras brutas, varejados de pragas e de pedras, perseguidos de pavões e de maldições. O horror do contágio e o estigma divino de abominação excluiam o leproso do direito universal à vida.

Quando um desgraçado adoeceu do "fogo selvagem", rezava-se diante dele o ofício dos mortos; marcavam-lhe a porta com uma cruz negra; perseguiam-no, sequestravam-no, massacram-no, consumiam-no no fogo, atiravam-no aos lobos e aos cães.

Em Viterbo, o papa Dâmaso insconsequência da vinda dos cruzados e dos colonos estrangeiros. A lepra, como uma labareda, ateava-se pelos burgos e pelos campos de Portugal.

Mas, inesperadamente, a favor dessa miseria maior do que a própria morte, levanta-se um clamor gigantesco de piedade.

Em Viterbo, o papa amoso instituiu uma ordem religiosa de gafos. As princesas e as infantas, vestidas de ouro e cobertas de joias, lavam pelas suas mãos as chagas dos leprosos. Sancho I penitente e devorado de terror, deixa ao abade de Alcobaça, dez mil morabitinos para uma gafaria em Coimbra. E os lazários cobertos com as suas peles, fazendo estalar entre os dedos a matraca, num ruido seco, — podem enfim descer aos povoados, entrar nas igrejas, conhecer o próprio pão dos reis. No fim do século XIII criase já em Portugal uma verdadeira assistência aos leprosos. A alma dessa assistência é Santa Izabel. A tranquila docura dos seus olhos verdes fez prodígios de bondade.

Fundam-se ou desenvolvem-se por toda a parte, em Obidos, em Leiria, em Santarém, em Odivelas, hospitais para os gafos. Na noite de Coena Domini, vinte mulheres leprosas lavam os pés em bacias de prata, na câmara da rainha. O pavor do contágio atenua-se. Os lázaros deixam de ser perseguidos como cães. E Santa Izabel que sonhara ainda um asilo em Torres Novas, para mulheres perdidas, morre num sorriso, deixando em testamento aos gafos de Odivelas todos os panos de seda e ouro encontrados na hora da sua morte.

FORAM ESTES OS CAMINHOS QUE OS CONDUZIRAM A' VITORIA NA VIDA

CONSIDERAÇÕES SÓBRE A VITORIA E A LUTA PELA VIDA — JUVENTINO DIAS COMEÇOU GANHANDO QUARENTA E CINCO MIL REIS MENSAIS — DR. CIRO CANAAN E A ODISSEIA DE UM ESTUDANTE POBRE — JOSÉ BENJAMIN DE CASTRO VENCEU ACREDITANDO NA HONESTIDADE — "A VITORIA, COMO A FELICIDADE, E' UMA VOCAÇÃO", DECLARA DR. MILTON CAMPOS — O ROTEIRO PROFISSIONAL DE UM BOM ADVOGADO — ENNIOS MARCOS, A PUBLICIDADE E O VALOR DA ESPECIALIZAÇÃO PROFISSIONAL — DONA MARIA DE MAGALHÃES PINTO E A PALAVRA DO AMOR E DA TERNURA — "A MÃE E' RESPONSÁVEL PELO FUTURO DOS SEUS FILHOS" — ONDE A VITORIA E' A TERRA PROMETIDA.

Reportagem de PAULO DANTAS

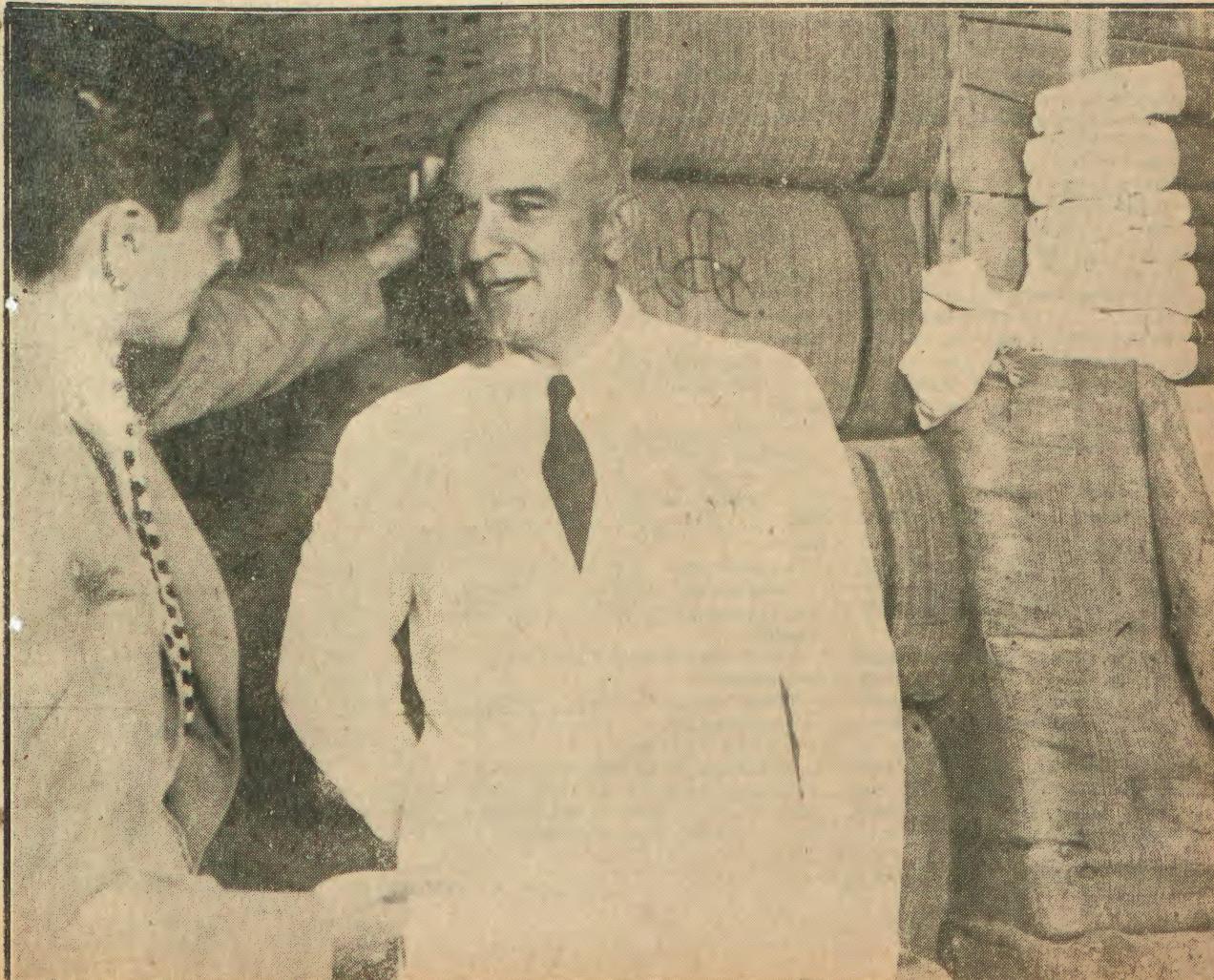
Fotos de JOÃO MARTINS

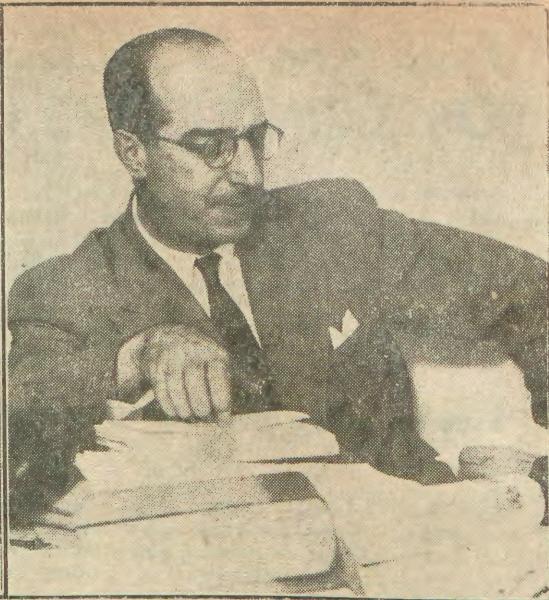
BELO HORIZONTE como todo grande centro civilizado possuí a sua galeria de homens que se destacaram em diferentes esferas profissionais das atividades humanas. São homens que abriram seus caminhos na vida, criando suas próprias oportunidades, vencendo obstáculos, desânimos e conflitos vários. E a observação

deu forças a êsses homens foi uma idéia diretriz posta a serviço de um determinado objetivo. Ninguém pode viver sem um ideal e todo homem o tem, determinado ou não. E' o ideal que torna o cotidiano mais suave e que forma a condição humana de cada um. Há homens que se tornam grandes "pelo combate e pela dor", mas o sofrimento só inte-

ressa quando conduz à vitória. Diversas são as interpretações dadas ao conceito "vitória". Para uns a vitória significa o conforto pessoal, a estabilidade econômica, a posição social. Para outros a vitória representa o domínio de si mesmo, o prazer de uma missão cumprida, o repouso da consciência e a alegria das amizades. De uma forma ou de ou-

Sr. Juventino Dias palestra cordialmente com o reporter, ao lado dos fardos de tecidos de sua fabrica, prontos a serem exportados para todo o Brasil. Foi mourejando diariamente nêste depósito, sentindo o cheiro das fazendas, que Juventino Dias conseguiu se impor no nosso comércio atacadista. Este instantâneo foi tomado nos fundos da Casa Juventino, Comércio e Indústria, S. A.





Na Sociedade Mineira de Carne Ltda., o banqueiro José Benjamin de Castro fala à nossa reportagem. "A honestidade, a fidalguia de trato, o amor ao trabalho e uma idéia diretriz" — são os caminhos que José Benjamin de Castro aponta para o triunfo na vida.

No oitavo andar do Edifício Mariana, o Dr. Milton Campos traça diante do reporter o roteiro profissional de um bom advogado. "Não há nada mais pessoal do que o triunfo na vida" — afirma o sensato jurista mineiro.

tra, o que está patente é que não há vitória sem a interferência de um ideal qualquer.

Uma das artes mais difíceis é a arte de vencer na vida. Arte complexa, regida pelo determinismo pessoal do homem, que como dono da sua vida e chefe do seu destino, tem o direito e a licença de ampliá-la aos mais diversos campos de ação. O. S. Marden e Samuel Smiles já cansaram uma geração inteira com seus ensinamentos morais e práticos sobre uma conduta humana ideal e vitoriosa. O redescobrimento da psicologia aplicada à vida prática trouxe por sua vez um novo surto de estudos em torno da personalidade, do aproveitamento das forças latentes e das zonas psíquicas ignoradas. Os americanos foram mais sabidos e inauguraram a arte de ganhar milhões e fazer amigos.

William James usa a expressão um "senhor da vida" para designar o homem vitorioso. E muitos são os senhores da vida em Belo Horizonte. Assim pensava o reporter naquela tarde chuvosa, em que saiu com o fotógrafo para entrevistar um punhado de homens vitoriosos desta Capital.

ALTEROSA pretendia fixar através de uma série de depoimentos, momentos curiosos e marcantes dos caminhos que conduziram esses homens à vitória. O mineiro é muito reservado e não gosta de aparecer assim em entrevistas imediatas. O reporter teve que lutar para vencer mo-

destias excessivas e fugas dos seus entrevistados, mas assim mesmo conseguiu seis depoimentos, os quais com muito prazer estampa nas páginas que seguem.

FALA JUVENTINO DIAS

O primeiro homem que facilitou a tarefa do reporter foi esse boníssimo e cordial Juventino Dias, figura sem par do nosso comércio e da nossa indústria.

Juventino Dias é o homem dos mil telefones. Inicialmente telefonamos para a sua residência:

— O Sr. Juventino já saiu. Telefone para 2-3020.

Cinco vezes o disco metálico girou impulsionado pelo dedo do reporter.

— Casa Juventino & Cia.

— Por bondade, Sr. Juventino está?

— Não senhor. Telefone para o Banco Itaú S. A.

Telefonamos:

— Aqui fala de ALTEROSA. Por obsequio, o Sr. Juventino está?

— Está sim. Um momento.

Suspiramos aliviados ao telefone. Agora havia no fio uma voz amiga.

— E' Juventino. Pode dizer o que deseja!

Combinamos a nossa entrevista e rumamos para o Banco Itaú S. A., à rua dos Caetés.

Juventino Dias deve andar beirando os 50 anos. E' alto, riso-nho, traja-se bem, cabelos brancos, esparsos, fronte altaneira, ar

de um doce cansaço comercial. E' um lutador de fibra. Amavel, atende a todos com bondade. Sua simplicidade está cheia de silêncios que convidam a uma palestra cordial. Homem de bons sentimentos, raro é o empreendimento coletivo que aqui se processa que não tenha o obolo de sua bolsa ou o donativo de sua firma. Filho extremoso e leal, como vem de ilustrar o caso que Mario Matos nos contou na redação. Em Sabará o pai de Juventino ficará cego. Com o tempo, o velho passará a enxegar com os olhos da alma, todos os ângulos domésticos da sua residência. Andava sozinho, com toda a configuração geográfica da casa na cabeça. Mas eis que Juventino Dias, já casado e com filhos, precisou transferir-se para Belo Horizonte. O velho não queria deixar a casa de Sabará, tão familiar aos seus passos cegos. E' então aí que entra a larga visão de Juventino Dias, que mandou construir aqui uma casa especial, obedecendo ao mesmo desenho interno, com paredes e quartos iguais à de Sabará. Feito isso veio ele, com toda a sua família, em 1920, para Belo Horizonte, onde em 24 fundou a atual Casa 'Juventino & Cia.', primeiro marco do seu grande triunfo comercial nesta praça.

ROTEIRO AUTOBIOGRÁFICO

"Sou um homem de pouca instrução — começa Juventino Dias. Tenho apenas seis meses de estudos primários. Já fui tipogra-



Enis Marcos de Oliveira Santos, diretor comercial das emissoras associadas Rádio Guarani, Rádio Mineira e Rádio Clube de Goiânia, sugere o caminho da especialização profissional como o maior fator da vitória na vida.

fo. O meu primeiro ordenado foi de quarenta e cinco mil réis (ou sejam os nossos atuais quarenta e cinco cruzeiros) ajustados, quando iniciei, em Sabará, aos 14 anos, a minha carreira comercial como modesto auxiliar de balcão".

Juventino Dias faz uma pausa, ageita-se na cadeira e continua:

— Quatro anos depois tive a grata surpresa de ver o meu nome incluído na lista dos interessados da firma. Casei-me em 1907 e posso 14 filhos vivos, dos quais 9 estão formados e 5 menores são estudantes.

AS TRILHAS DA VITÓRIA

Continuamos a nossa agradável palestra com o Sr. Juventino Dias, esse admirável "businessman" e cativante personalidade de "gentleman".

— Como começa o seu dia comercial?

— Sempre com a execução de um programa previamente elaborado. E nem poderia ser de outra maneira, pois, orientando várias empresas e todas elas com múltiplas atividades — só mesmo através de esquemas de direção poderei dar às mesmas a assistência necessária.

— Quais foram os fatos marcantes na evolução da sua carreira no comércio?

— Fato inédito na minha vida comercial foi o convite que recebi, aos vinte anos de idade, para fazer parte, como socio, da firma comercial onde empregava as minhas atividades. Para a minha juventude entusiasmada aquela fato foi duplamente bené-

fico. Vi, não sómente uma recompensa ao meu esforço como também recebi tal gesto como um incomensurável estímulo ao desdobramento das minhas atividades.

— Quais os caminhos que melhor conduzem à vitória na vida?

— A experiência de tantos e tão longos anos diz-me, primeiramente, que o caminho mais seguro para nos conduzir à vitória na vida é aquele que tem como norte a perseverança no trabalho e como bussola o amor à honra e à verdade e, subsidiariamente, saber transformar cada auxiliar, seja qual for o seu posto, em um amigo devotado e sincero através da valorização do seu esforço e do reconhecimento das suas qualidades.

A FICHA DE UM GRANDE CAPITÃO DE NEGÓCIOS

Juventino Dias que começou ganhando quarenta e cinco mil réis, hoje tem uma renda mensal de mais de cem mil cruzeiros. Sua ficha comercial é uma das mais poderosas deste Estado. Ele é presidente da Casa Juventino Dias, Comércio e Indústria, S. A., Diretor do Banco Itaú S. A. e da Companhia de Cimento Portland Itaú. É membro do Conselho Fiscal do Banco Comércio e Indústria de Minas Gerais. É Diretor-Presidente da Fábrica de Calçados Belo Horizonte Ltda. e da Fábrica de Tecidos Renascença Industrial. É Presidente da Comissão para a Construção da Nova Santa Casa, o que demonstra o seu espírito desinteressado e altruista.

O reporter ainda podia colher outras informações para o enriquecimento da ficha comercial do nosso entrevistado. Resolveu, porém, ficar no que estava acima. O nosso tempo era limitado e urgia ouvir a palavra de outros grandes profissionais da cidade.

DR. CIRO CANAAN E A ODISSEIA DE UM ESTUDANTE POBRE

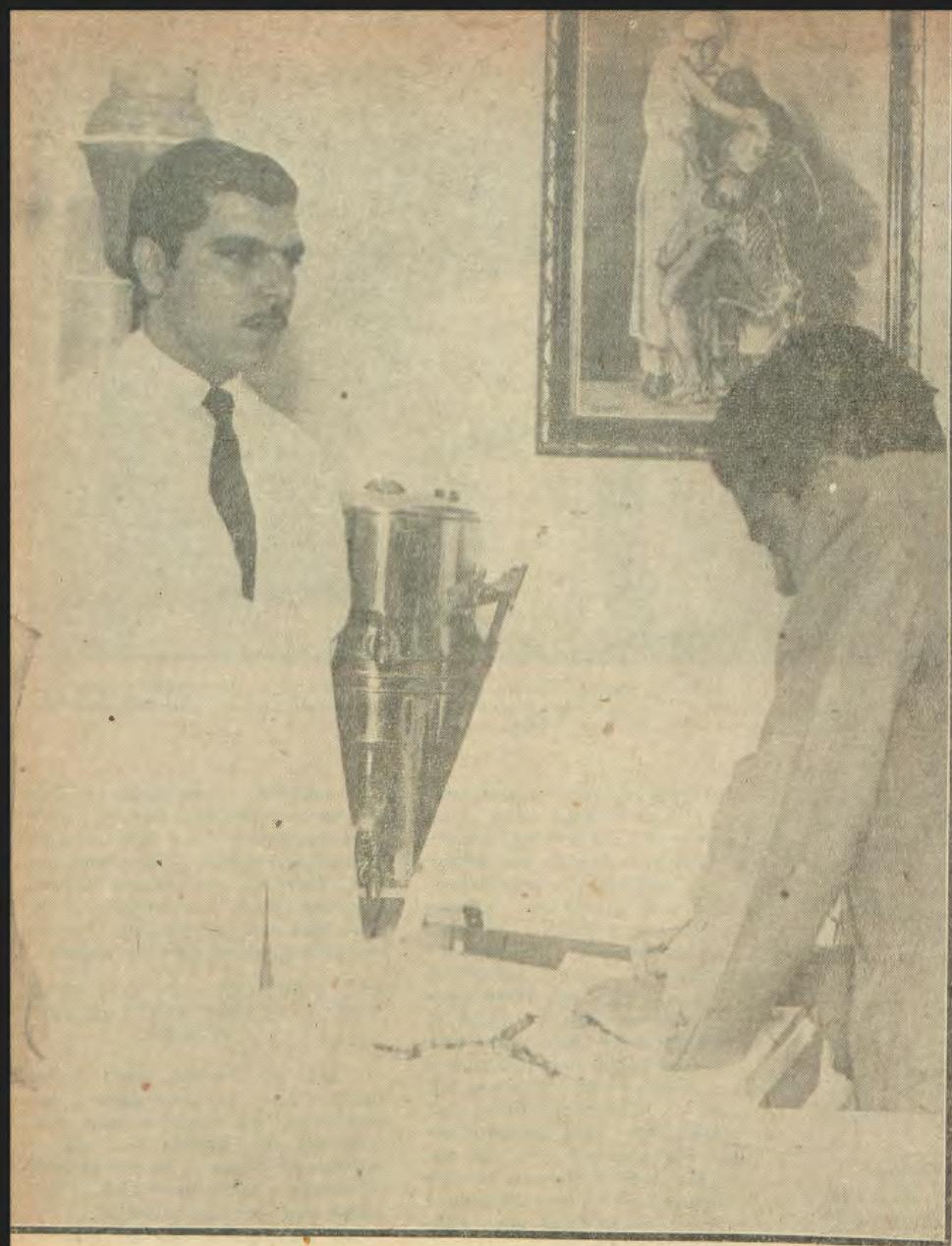
Há, na Capital, um jovem médico que, um ano após a sua formatura, já contava com uma das maiores clínicas da cidade, atendendo durante 10 horas consecutivas a uma multidão de doentes em seu consultório.

No segundo andar do Edifício Caetés, sala 205, encontramos o jovem clínico Ciro Canaan, especialista em vias urinárias e cirurgia em geral. Logo de inicio Dr. Ciro Canaan comprehende a finalidade da nossa enquete e depõe:

— Os melhores caminhos que conduzem à vitória na vida são: confiança em si mesmo, persistência no trabalho, honestidade e abnegação ao ideal.

— E o que nos conta sobre a sua experiência pessoal?

— Formei-me lutando sempre com grandes dificuldades e problemas. Fui um estudante pobre e esforçado. Desde o inicio de minha carreira, trabalhei em hospitais e o espetáculo cotidiano das multidões enfermas marcou a minha sensibilidade. Quando estudante trabalhei na Santa Casa e fui interno da Casa de Saúde São José. Considero como fatores es-



No seu consultório à rua dos Caetés, Dr. Ciro Canaan depõe à ALTEROSA: "Confiança em si mesmo, persistência no trabalho, honestidade e abnegação ao ideal" — eis os caminhos da ação vitoriosa.

senciais do êxito de minha carreira:

1.º) a experiência adquirida no tempo de estudante;

2.º) a escolha acertada da profissão, pois sempre tive vocação para a medicina;

3.º) o fato de tratar os meus clientes indistintamente ricos ou pobres da mesma maneira;

4.º) dedico-lhes assidüa moral e visounicamente restituir-lhes a saúde.

Dr. Ciro Canaan faz dos seus clientes verdadeiros amigos, deles adquirindo a confiança e angariando a sua estima. Hoje o jovem médico da rua dos Caetés possue

uma das maiores clínicas de vias urinárias da Capital. E' cirurgião da Casa de Saúde e Maternidade São José e chefe do serviço médico da Companhia Telefônica Brasileira.

JOSE' BENJAMIN DE CASTRO VENCEU ACREDITANDO NA HONESTIDADE

José Benjamin de Castro é uma expressiva figura do nosso comércio. E' ele presidente do Banco Popular de Minas Gerais e um dos diretores da Sociedade Mineira de Carnes Ltda., organização que abastece de carne verde a quasi toda população da cidade.

— Tipo de perfeito "gentleman", José Benjamin de Castro é amável e cordial para com todos. Ele também se fez do nádida e no seu rosto claro há marcas de pertinaz luta com a vida. Modesto, pouco falou à nossa reportagem. A maior preocupação de sua vida tem sido a honestidade e foi debaixo desse rígido princípio que ele se impôz no nosso comércio. O conceito dostoievskiano de que a consciência é uma doença" foi desacreditado por José Benjamin de Castro, um comerciante que venceu confiando na honestidade:

— Os melhores meios que temos para vencer na vida — responde o nosso entrevistado — são: honestidade, fidalguia de trato, amor ao trabalho e uma diretriz firme e ajudada pela inteligência e pela força de vontade.

José Benjamin de Castro é ainda proprietário e criador de zebú.

FALA, DR. MILTON CAMPOS

No oitavo andar do Edifício Mariana, encontramos o dr. Milton Campos, um dos grandes expoentes da advocacia desta Capital. Homem intelligentíssimo, dono de um sólido equilíbrio geral e de uma vasta cultura jurídica o dr. Milton Campos, submetido à nossa pergunta básica, declarou:

— Só quem percorreu os caminhos da vitória pode indicar com segurança quais sejam. Porque não há nada mais pessoal do que o triunfo na vida. A vitória, como a felicidade, é uma vocação ou um destino. Quem está fadado a ela tem a intuição dos caminhos a percorrer, ou os encontra abertos diante dos olhos.

Na sala, a claridade entrava

pela grande janela aberta. A cidade com um trechô do seu casario ao sol se oferecia pontilhada de telhados rebeldes, ladeiras, colos de avenidas, prédios em construção e bondes inquietos.

O dr. Milton Campos volta-se para o reporter:

— A indicação que você me pôde é muito embaragosa. Todavia, limitando a questão aos domínios da profissão que exerce, poderei dizer, embora imprecisa e incerta, uma receita para o êxito na advocacia. Servir-me-ei, para isso, da experiência alheia, como espectador que tenho sido de muitas carreiras trunfantes.

Modesto e ironico, Dr. Milton Campos evita cair no terreno autobiográfico e, pondo-se na situação de observador, diz:

— Antes de tudo, convém que o advogado saiba ler e escrever. Não há carreira em que tanto se leia e em que se escreva tanto.

Dizendo isso, quero significar que não basta ler os processos e as leis, o que seria fácil e não reclamaria mais do que o curso primário.

Um velho preceito do nosso ofício ensina que saber as leis não é guardar-lhes as palavras, mas conhecer-lhes o sentido e o poder. Ora, para entender as leis relacionadas umas com as outras e perceber-lhes exatamente o alcance e a aplicação, quantos dados, quantas informações e quantos elementos não se reclamam! Daí a necessidade, para o jurista, de ler e informar-se, formando a cultura geral e especializada sem a qual não lhe é possível realizar sua alta missão:

— Quais as qualidades essenciais de um bom advogado?

— Assim provido e tendo ainda o dom de exprimir, precisa e concisamente, as coisas que tem a dizer, pode o advogado lançar-se às lutas do Fôro, que ainda reclamará dele a força persuasiva,

*

O depoimento de Dona Maria de Magalhães Pinto foi um verdadeiro hino de ternura e de amor filial. Nesta fotografia, vemos a caridosa e distinta senhora ao lado do seu esposo José Cetano de Magalhães Pinto.

a paciência, a bravura e a cortezia.

— Desenvolva rapidamente para ALTEROSA essas qualidades?

— Não há espaço nem tempo para se desenvolver cada uma dessas exigências. Mas é fácil imaginar-se que conjunto de qualidades há de ter o advogado, que vive no fogo do debate e da luta, no clima agitado da polêmica e da controvérsia. Sem a bravura, ele desfalece. Sem a paciência, não suportará as aflições do cliente, nem os erros e os desatinos que defronta. Sem a cortezia, transformará em pugilato o interminável duelo em que vive. Sem força persuasiva, não captará a adesão do Juiz aos pontos que sustenta. Será muito? Será pouco? Não tomarei a medida dessas virtudes, mas acredito que elas bastarão para compôr uma bela figura de advogado, certamente vitoriosa.

E sensatamente concluindo:

— A não ser que por vitória se entenda apenas o êxito material, com todas as vantagens temporais que ele trás. Nesse caso, a receita falaria sem efeito. Tôdas aquelas virtudes seriam dispensadas. E do advogado sómente se exigiria que tivesse clientes ou fregueses.

ENIOS MARCOS E A PUBLICIDADE

O reporter abre um livro sobre publicidade e anota a frase:

“O Técnico Publicitário há de possuir os dotes imaginativos do literato, a faculdade de análise do psicólogo e o temperamento prático do comerciante”. E agora diante de Enios Marcos de Oliveira Santos, numa sala do Departamento Comercial da Radio Guarani, o reporter tem uma evidência personificada da frase.

QUEM E' ENIOS MARCOS

Enios Marcos é o diretor de publicidade das emissoras associadas Radio Guarani, Mineira e Radio Clube de Goiânia. Autêntico e arguto publicista, com larga profissão de fé assinalada no nosso comércio, Enios Marcos de Oliveira sem vacilações, responde à nossa primeira pergunta:

— A meu ver, os caminhos ou melhoram o caminho que conduz o homem à conquista da vitória na vida é o da especialização profissional, que lhe permite a produção de um trabalho organizado, metódico e perfeito. Na época atual, onde as competições avultam em todos os setores da vida humana, a “audácia” do proverbio latino já não basta! E’ preciso mais. E’ preciso estudo, preparo adequado afim de que o indivíduo possa entrar na luta das competições e dela sair galhada e vitoriosamente.

Enios Marcos toma folego, atende ao telefone e depois sentencia:

— Para mim, portanto, a cha-



ORQUIDEAS

OFERTA ESPECIAL COMPOSTA
UNICAMENTE DE FLORES
ENORMES E VISTOSAS.

LOTE "CATLEYA" — contendo 3 plantas. Preço Cr\$ 70,00, conteúdo: "Labista Warnerii" — Flores de sepalias e petalás rosa-carregado, labelo carmesim, fauce amarela. "Schilleriana" — Flores de sepalias e petalás rosa-bronzeado com manchas castanho-labelo marginal do rosa com veias purpuras. "Velutina" — Flores amarelas com máculas purpuras-labelos esbranquiçadas com veias purpuras.

LOTE "LAELIA" — contendo 3 plantas. Preço Cr\$ 50,00, conteúdo: "Tenebrosa" — Flores bronzeadas com labelo roxo-purpura. "Perinii" — Flores rosa-brilhante, labelo roxo escuro, fauce branca. "Pumila" — Flores rosa-escuro, labelo purpuroso.

OFERTA "EXTRA"

3 plantas "Laelia Purpurata" — flores brancas com labelo purpuroso. Preço Cr\$ 40,00.

3 plantas "Catleyas Harrisoniae" — flores roxo claro, médio ou escuro, parte inteira do labelo amarelo escuro. Preço: Cr\$25,00.

NOTA — Os lotes acima mencionados, compostos de plantas escondidas, são enviados pelo Correio registrados, para todo o Brasil, otimamente acondicionados em caixetas de madeira, sem acréscimo de preço.

Cheque ou vale postal a:

JOSÉ R. AMARAL JUNIOR

Caixa Postal 154 - CAMPINAS (E. S. PAULO)

ve do triunfo está na cultura especializada.

— Que acha da publicidade como carreira profissional?

— Embora para muitos possa parecer exagero, acho-a admirável. E' compensadora, talvez bem rendosa mesmo. A profissão de publicista dá ao indivíduo a consciência do seu próprio valor, uma certa confiança em si próprio, que o tornam inteiramente superior e capaz de vencer com naturalidade todos os obstáculos que se levantam à sua frente.

A publicidade — continua Enios Marcos — é uma força criadora que vem dar novos e mais amplos horizontes aos diversos campos das artes, das ciências e dos negócios. Apregando os inventos da ciência, exaltando as criações da arte, ampliando as fontes de informações comerciais, a publicidade é de fato uma força poderosa, que educa, esclarece e orienta.

— Como publicista, tem surgido a V. S. boas oportunidades comerciais?

— Na nossa profissão, nunca esperamos que as oportunidades surjam. Nós as criamos e as executamos consoante o interesse e a necessidade dos mercados.

Quanto a mim, particularmente, tenho sempre, ou quase sempre, conseguido realizar o que imagino dentro das minhas atividades profissionais.

A intimidade com o nosso entrevistado já estava estabelecida. Era justo agora que ele nos permitisse uma pequena indiscrição.

— Informaram-nos que o sr. vai para o Rio. E' verdade?

— Realmente, fui convidado pela direção geral dos Darios Associados para emprestar o meu concurso a um novo departamento, recentemente criado no Rio com a finalidade de centralizar toda a publicidade das emissoras associadas. No entanto, julgo difícil a minha transferência para o Rio, em razão dos compromissos de ordem mortal que me ligam às emissoras de Minas Gerais.

O salão central da Radio Guarani ia se enchendo de gente. O telefone tilintava. Lá fora, a tarde se fazia noite, num crepusculo antecipado e negro de chuva. Enios Marcos desceu o elevador com o reporter. Nas imediações do Cine Rádio, Guarani, recentemente inaugurado, sua mão possante se estendeu numa amavel despedida.

As luzes se acendiam na noite. Não havia nenhum imprevisto na primavera. Essa noite seria igual a todas as outras. No cartaz iluminado, Claude Rains num trágico "close-up", indicava ao reporter o caminho do "Fantasma da Ópera".

DONA MARIA DE MAGALHÃES PINTO E A PALAVRA DO AMOR E DA TERNURA

A família é tudo e o mundo não é nada. Sózinho na noite, sem amor e sem ternura, o reporter andava pela cidade extranha debaixo da chuva. Vastos são os caminhos do mundo e do coração! Felizes daqueles que numa noite como essa, possuem um lar e uma mãe. O reporter ia se fazendo cada vez mais triste. Ele tinha ouvido a palavra de vários homens bem situados na vida profissional de Belo Horizonte.

* * *



Sentia, porém, que faltava alguma coisa para dar um caráter simbólico e sentimental à sua reportagem. Neia a palavra da mulher não tinha figurado. E quem melhor do que uma mãe poderia encerrar com chave de ouro esta "enquête"? A questão se avolumou no espírito do reporter e ele, na noite chuvosa, começo a tecer considerações sobre a missão de uma mãe.

Quantos filhos não devem seu triunfo na vida devido à sábia orientação das suas progenitoras! A mãe é uma potência. E' da mãe que parte o conselho sabio, amigo e cheio de luzes poderas. O reporter se sentia triste porque um coração cedo na orfandade é sempre um coração triste. "Ser mãe é padecer num paraíso" já sentenciou o poeta. "E andar chorando num sorriso".

Repentinamente desceu sobre a mente do reporter a figura de uma mãe conhecida e amiga. A inspiração veio com a imagem de Dona Maria de Magalhães Pinto, uma piedosa dama que mora num placido trecho da Rua Espírito Santo e que tem seu nome ligado aos grandes movimentos católicos da cidade.

Dona Maria de Magalhães Pinto é mãe dos senhores José e Valdomiro de Magalhães Pinto, duas figuras imponentes nos nossos meios econômicos. Valdomiro de Magalhães Pinto é diretor-superintendente do Banco Nacional de Minas Gerais S. A. e José de Magalhães Pinto é diretor de várias das nossas organizações comerciais e industriais.

José de Magalhães Pinto, muito jovem ainda, já se tornou um nome de alta projeção nos meios financeiros de todo o País, tendo ocupado, com apenas 23 anos de idade, a presidência da Associação Comercial de Minas Gerais.

Os roteiros profissionais destes dois filhos já eram bastante para coroar de êxito a missão de uma mãe.

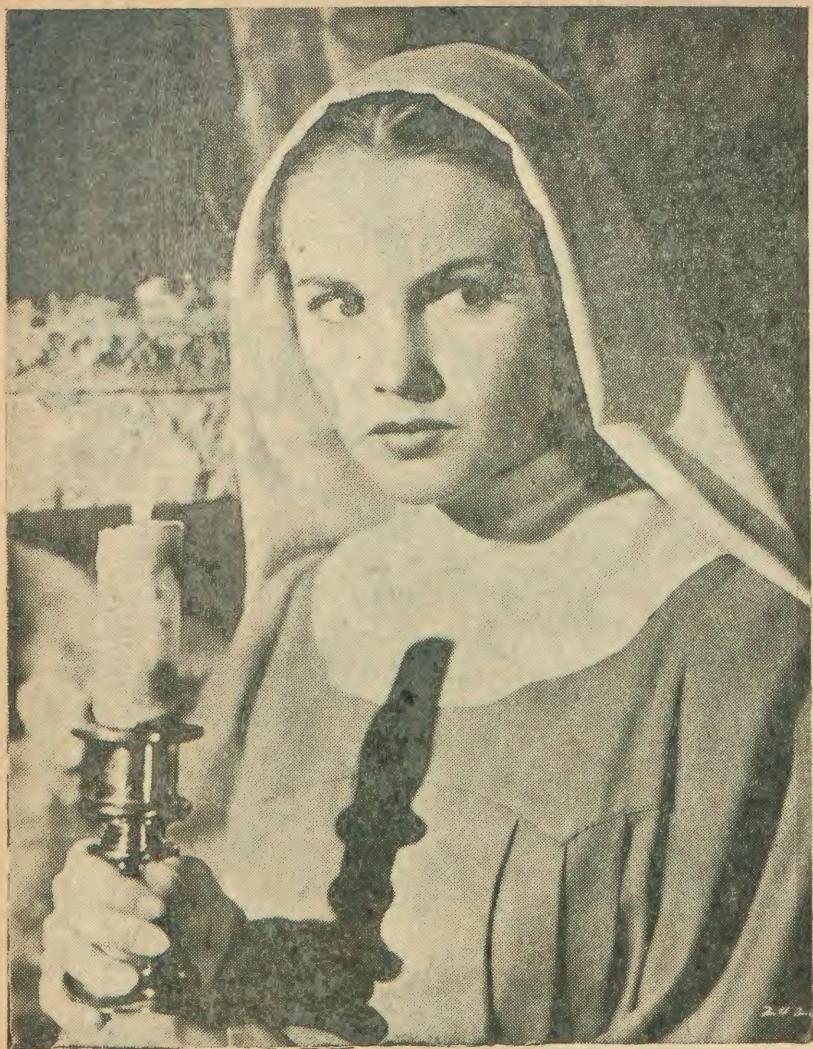
E na manhã seguinte, o reporter ouviu a palavra de Dona Maria de Magalhães Pinto, com a qual encerra a sua reportagem:

— A mãe é responsável pelo futuro dos filhos e modestamente orientei os meus para o melhor dos caminhos possíveis. Sou muito religiosa e foi em Deus que encontrei a luz dos ensinamentos que me deram forças para guiar os meus filhos pelo deserto da vida. A vitória é a terra prometida e só consegue a vitória aquele que confia em Jesus e que tem por guia Maria Santíssima. Aos pés do altar encontrei ensinamentos para os meus filhos e humildade e resignação no sofrer. Meu lema foi e sempre será: Amar a Deus e ao próximo".

O DINHEIRO É PORTADOR DE MUITOS



PAGUE SEMPRE COM CHEQUE



Na outra página:

MARGARET O' BRIEN, a garotinha revelação da Metro, tem atualmente seis anos e aos 5 já assombrava o público — Mr. e Mrs. Sterling, isto é, Ann Sothern e Robert Sterling, conheceram-se certo dia num dos "sets" da Metro... e as leitoras advinharão o resto. — Joan Fontaine e Arturo de Cordova, em uma bela cena do filme de pirataria "Galvota Negra", uma das memoráveis produções de Hollywood nestes últimos tempos.

BARBARA BRITON já foi elevada à categoria de estrela da Paramount. Aqui a vemos, como protagonista do filme "Till We Meet Again".

✿

Barbara Stanwyck e Edward G. Robinson, que juntamente com Fred MacMurray, vivem o filme mais horripilante e emocionante do ano, na opinião da crítica norte-americana.





ALTEROSA * MARÇO DE 1945

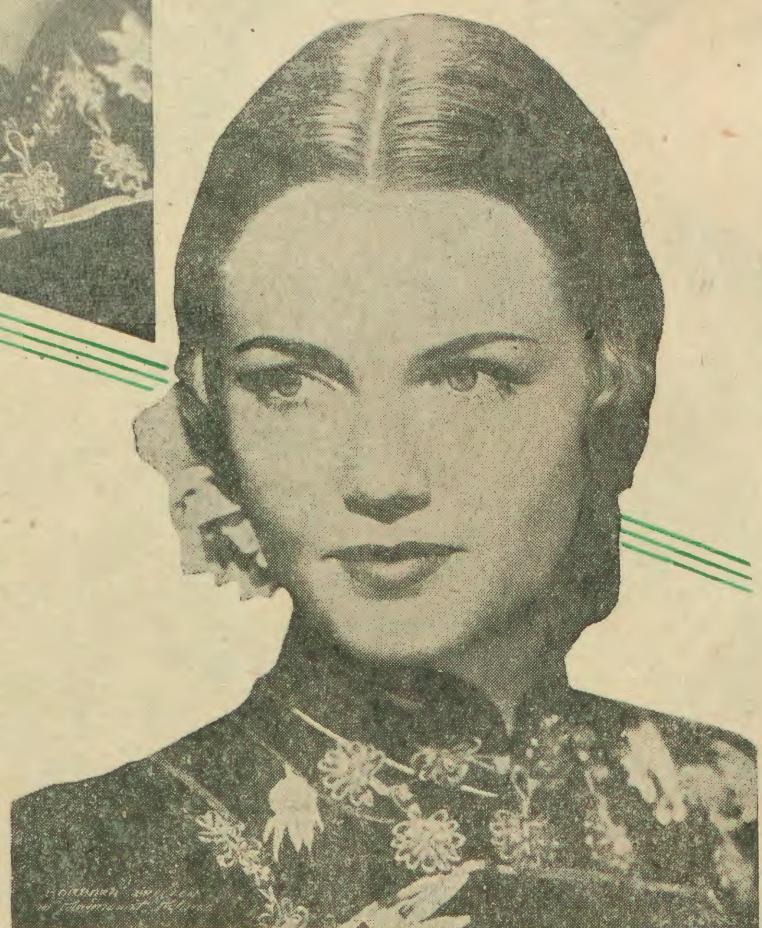
Talemos de penteado



BARBARA BRITTON usa, a título de experiência um penteado chinês, um mixto de antigo e moderno, que combina explendidamente com o vestido estilo mandarim comprado por ela para celebrar o seu primeiro filme como estrela, na pélícula da Paramount, "UM LIRIO NA CRUZ" (Till We Meet Again), na qual ela aparece juntamente com Ray Milland.

Conforme se vê da fotografia, os cabelos são presos na parte de trás, formando duas espécies de coques na altura da nuca. Para dar um toque mais oriental, a jovem estrela usa preso aos cabelos um ramo de brancas flores exóticas colocadas num dos lados de sua encantadora enfeita.

* * *



Para este penteado de estilo simples Barbara reparte seus cabelos ao meio, estica-os dos lados para acen-
tar o contorno de suas faces e puxa-os depois ligei-
ramente sobre as orelhas de modo a encobri-las intel-
lamente.



Novo e Moderno

Leite de Beleza **Lalaque**

Base para o "Make-Up" à Hollywood

Para aplicação no Rosto, Colo, Braços e PERNAS

LALAQUE apresenta o seu novo e moderno Leite de Beleza — base indispensável para um "Make-Up" perfeito; — não engordura nem resseca a pele, devendo ser aplicado leve e uniformemente

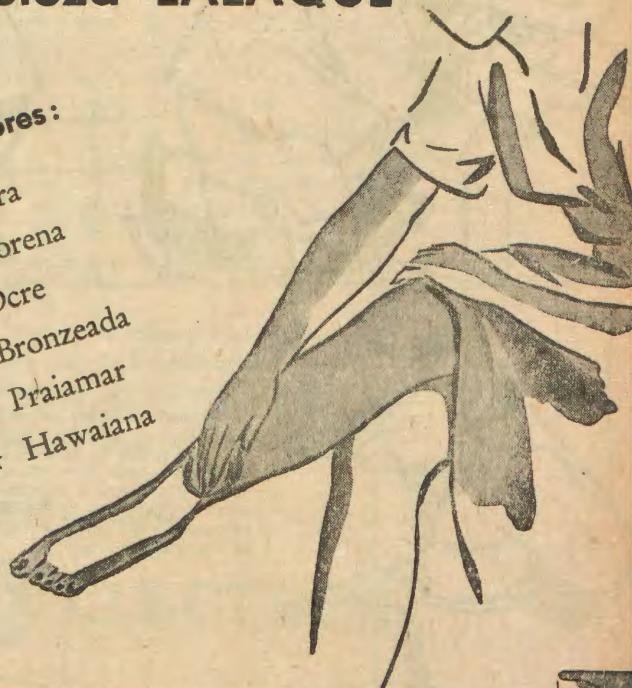
com uma pequena esponja ou mecha de algodão. Esta aplicação, que se mantém inalterável por longas horas, deve ser feita sempre de cima para baixo e nunca em sentido contrário, ou circular.

Leite de Beleza **LALAQUE**



Nas cores:

- ★ Clara
- ★ Morena
- ★ Ocre
- ★ Bronzeada
- ★ Praiamar
- ★ Hawaiana



À VENDA EM TODO O BRASIL

OUTRA COMÉDIA DA VIDA

TEXTO E BONECOS

DE OSVALDO NAVARRO

Para ALTEROSA

Madame, como de costume saíra cedo para os exercícios de equitação em que era exímia.

Todos que conheciam a vida do casal achavam-na efetivamente inegualável na arte de cavagnar...

Pompeu, o esposo, lila atentamente o jornal. Súbito, rosnou uma frase latina e, logo a seguir, traduziu-a: — "O caminho está aberto!" De um salto pôs-se junto à janela, onde leu outra vez a plena luz, a notícia: "Foi fundada em Bogotá a Sociedade dos Maridos Oprimidos".



Fiton demoradamente o chão e pronunciou com ênfase a frase do velho Xavier: "Libertas quae sera tamen!" E traizinhora da letra: "Está chegando o nosso 13 de maio!"



Empacado como um gazogênia, permaneceu alguns momentos... A seguir, sem gestos espetaculares, mas com voz firme, anunciou: — A partir de agora as coisas aqui vão mudar!

Pompeu havia feito com letra horrível, com visível má vontade, o rol da roupa suja, que era uma das suas atribuições...

Dirigiu-se ao interior da casa; donde voltou vinte minutos depois dizendo: — A trouxa está pronta! Em sua mesa de trabalho escreveu qualquer cousa nervosamente! Lá, releu, pigarreou e afirmou: — Minha resolução é inabalável! Pelu caligrafia ela poderá ver que já não sou o mesmo!





**no berço do
gigante . . .**

UM fiozinho dágua. Depois, rega-to bulhento e saltitante. Logo, o rio remansoso! E ali, ali nasce um gigante! Submetido pelo homem, forçado a trabalhar, facilita e ameniza a vida de seus milhões de senhores. Medido em volts e watts, o gigante foge aos geradores pelos cabos de alta tensão. E na conjura das cidades e das vilas, obediente, move motores, trens, teares, máquinas, indústrias inteiras. Ilumina casas e ruas,

instrui, distrai, ajuda a viver. No Brasil, como em todo o mundo, equipos General Electric captam tesouros de potencial hidráulico, transformando-o em força motriz, alavanca do progresso. Para a completa eletrificação do país - tarefa ciclopica de uma geração - a General Electric não deixará de contribuir com seus homens e materiais, fornecendo turbinas, geradores, transformadores, subestações e demais aparelhamento.

**a eletricidade
ajuda a criar
um mundo melhor**

E a General Electric ajuda a criar a eletricidade. Submetida hoje à mais rude das provas, sua capacidade e experiência estarão no futuro, como no passado, às suas ordens.

ENERGIA HIDRO-ELÉTRICA

GENERAL  **ELECTRIC**

Econômico

— porque pode
ser usado
várias vêzes!



**NÃO QUEIMA — NÃO FUMEGA — NÃO TOMA
O GOSTO DOS ALIMENTOS!**

• Para fazer frituras leves e deliciosas, com gastos menores, use o Oleo «A Patrôa».

Fabricado por processo de refinação completa, o Oleo «A Patrôa» é completamente inodoro, sendo por isso excelente, também, para saladas e maionéses.

Se ainda não experimentou o Oleo «A Patrôa», faça-o hoje. Oleo «A PATRÔA» não queima, não fumega e não toma o gosto dos alimentos!



ÓLEO A Patrôa
UM PRODUTO DA Swift do Brasil

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO
DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS

UMA FLOR BEM SINGULAR...

Felicidade é uma flôr,
difícil de se encontrar...
E a Saudade é o odôr,
desta flor tão singular...

Se um dia se perde então,
Esta flor — Felicidade;
nunca mais nos sai da mão,
o perfume da Saudade!...

LUIZ OCTAVIO

CENA MUNDANA EM 1940

E' curioso notar como os periódicos antigos se referiam ao futuro, nas suas previsões "a la Victor Hugo". Aqui temos uma preciosidade retirada de uma edição de "Eu Sei Tudo", de 1916, que transcrevemos para conhecimento de nossos leitores:

UM CAVALHEIRO põe o pé na soleira de um "café" e a porta abre-se automaticamente. No interior um gigantesco gramofone executa música salomeana ilustrada em quadros sobre imenso pano cinematográfico colorido.

Um "tapis-roulant" transporta-o a uma mesinha sobre a qual ele calça num botão elétrico no qual está escrito "consommé".

Um pequeno ascenseur desce rapidamente do teto e traz-lhe um bilhete escrito à máquina: "Hoje não se servem pratos quentes porque os senhores cozinheiros não trabalharam em sinal de pezar pela morte da tia da irmã da cunhada do subsecretário da Liga dos Cozinheiros".

O senhor resigna-se e escreve "p. c." num cartão de visita com um pequeno sinete elétrico de borracha, e calça depois num outro botão onde está indicado "Tamarinada".

O "ascenseur" traz-lhe instantaneamente; o cavaleiro bebe, paga, calça outro botão da cadeira que o põe de pé e pelo "tapis-roulant" faz-se transportar à contígua "salle à fumer". Dá-lhe um "groom" uma maquinazinha que lhe deita na boca a fumaça de cigarro esterilizada e concentrada no vácuo: — sobre um quadrado mágico aperta um quarto botão que indica "Odalisca loura".

Uma porta giratória fá-lo passar a uma sala turca, onde uma famosa Circassiana... emancipada e intelectual não lhe oferece a boca perfumada mas, colocando os óculos no nariz lhe uma poesia de Metastasi traduzida em árabe, acompanhando a cadência com a dança do ventre.

O cavaleiro toma depois um "ascenseur" que o leva a um grande concerto que se executa sobre o telhado. Quisera demorar um pouco mas a tamarinada que ele tomou dá-lhe dôr de estômago e obriga-o a voltar à casa; toma um aeronâo a um cruziero a hora. Entra pela janela do seu quarto de dormir, abrindo-a com a chave que traz no bolso.

Modelos do Mês



Frances Gifford, uma das estrelas mais bonitas da Metro, apresenta um modelo de passeio, muito gracioso, em azul marinho e cinza.



Ester Williams, outra bonita estrela da Metro, sugere êste encantador vestido, confeccionado em seda quadriculada e lisa.

NOIVAS E MADRINHAS

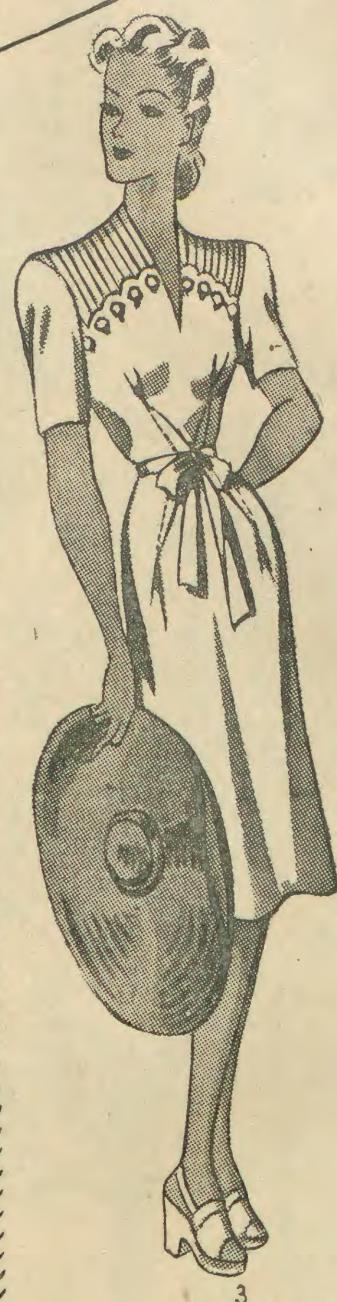


1 — Vestido de noiva, em seda, com blusa bordada e drapada. Sobresaia ampla. 2 — Vestido para madrinha em crepe georgette. Blusa enfeitada com bordados e babados. 3 — Vestido de noiva em tafetá. As mangas e a blusa são adornadas com bordados. Saia em panos e muito rodada. 4 — Vestido para madrinha em crepe rômano. Blusa com recortes e saia drapada.



5 — Vestido de noiva em crepe setim. Blusa drapeada e bordada. Saia franzida e bem rodada. 6 — Vestido para madrinha em crepe-setim enfeitado com tira bordada. 7 — Vestido de noiva em organza. A blusa é drapeada. A saia é rodada e leva uma sobressaia de renda. 8 — Vestido para madrinha em "marrocain". Casaco godê e saia franzida, presa na parte de trás.

TRÊS MODELOS ORIGINAIS



★ Três encantadores modelos próprios para as compras, confeccionados em linho estampado e liso. Têm como enfeites, botões, babados e nervuras.



Os fabricantes das meias Lobo poderiam aumentar consideravelmente a produção, si não colassem, antes de tudo, o empenho em manter sua tradicional qualidade. Em vez de colher os lucros do momento, os fabricantes das meias Lobo, ainda que à custa de sacrifícios, preferem assegurar a mais alta qualidade possível na situação atual e conservar para o futuro o seu bom nome. Com esse intuito, a produção das meias Lobo, apesar

de sua enorme procura, não foi aumentada, pois o aumento repentino de sua produção sacrificaria os inúmeros requisitos técnicos exigidos para a sua fabricação. Por isso, quando adquirir meias, insista na tradicional qualidade LOBO e limite-se a comprar o estritamente necessário, para que o maior número possível de consumidores possa ser servido. A marca LOBO representa qualidade para o consumidor — e Qualidade pesa na balança!

Meias *Lobo*

UM PRODUTO
DA FÁBRICA
LUPO

Standard Propaganda



1 — Vestido em shantung, muito juvenil, enfeitado com pespontos e botões;
 2 — Vestido muito simples em seda marrom e beije; 3 — Vestido muito prático, confeccionado em linho e enfeitado com pespontos; 4 — Encantador vestido de linho em dois tons de azul; 5 — Vestido de duas peças, em linho, enfeitado de presunhas e pespontos; 6 — Original costume, em fazenda de duas cores.





7 — Vestido de corte simples, realizado
 em linho bege, enfeitado de marrom; 8
 — Uma tira colorida, em sentido hori-
 zontal dá a este modelo uma nota origi-
 nal; 9 — Vestido prático em linho azul,
 com recortes e abotoado na frente; 10
 — Vestido em seda lavável, gola bran-
 ca, cinto e botões de couro; 11 — In-
 teressante combinação em linho rosa e
 azul; 12 — Vestido em linho amarelo
 enfeitado com fita.

Para seu filho



5

6

1 — Terninho para menino, em linho beije e azul, enfeitado com pregas e botões. 2 — Vestido para meninas de sete anos, em algodão estampado. Saia franzida e golinha esporte. 3 — Capote para calor, em linho azul, abotoado na frente, com pregas e pespontos. 4 — Roupinha para crianças de 1 ano, bem franzida e enfeitada com ponto paraguai. 5 — Vestido para menina, em duas cores e enfeitado com ponto paraguai. 6 — Roupinha para menino, com recortes e bordado em côr viva.



ATELIER
DE
ESCALTURA
“SÃO JOÃO”

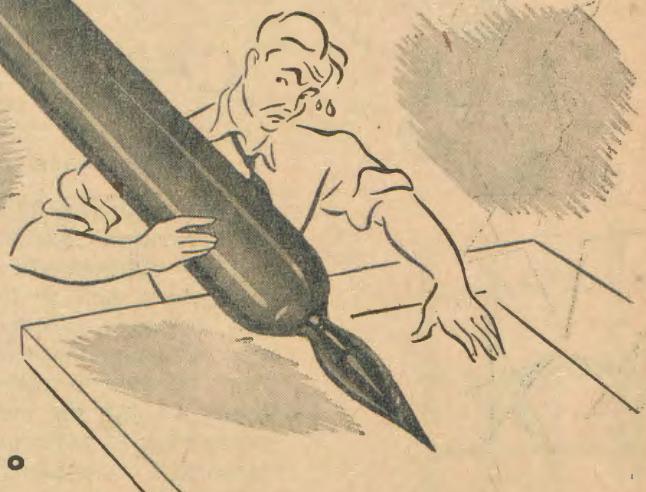
Executa-se sob encomenda qualquer trabalho em escultura, bustos estatutas, imagens, etc. Ornatos de cimento e gesso para decoração de forros, paredes e fachadas, em qualquer estilo, como sejam flores, gerges, molduras, colunas, etc.

RUA
SANTA CATARINA, 27
FONE 2-0291

“MINHA CANETA

pesava como

CHUMBO!”



*...mas aquela fadiga e aquele
desânimo desapareceram com o
Vinho Reconstituinte Silva Araujo.”*

Cansaço fácil, indisposição, falta de ânimo para as tarefas mais simples? Tudo isso pode ser apenas sintoma de sangue desnutrido, de enfraquecimento geral. É a hora de recorrer ao fortificante há meio século recomendado por grandes médicos: o Vinho Reconstituinte Silva Araujo.

A base de peptona, quina, e cálcio, é um tônico precioso, que restaura as energias perdidas. É ótimo estimulante do apetite, auxilia a boa assimilação dos alimentos. Use o Vinho Reconstituinte Silva Araujo, um produto de confiança.



O Professor
Oscar de Sousa
declarou:

“Aconselho e recomendo o Vinho Reconstituinte Silva Araujo, cuja composição e rigorosa manipulação justificam os bons efeitos terapêuticos alcançados com o seu emprego”...

Vinho Reconstituinte **SILVA ARAUJO**

O TÔNICO QUE VALE SAÚDE

J.W.T.

Grandes
médicos
o receitam
há mais de
50 anos.



— de CAIXA de Segredos

Direção de CONSUELO SAN MARTIN

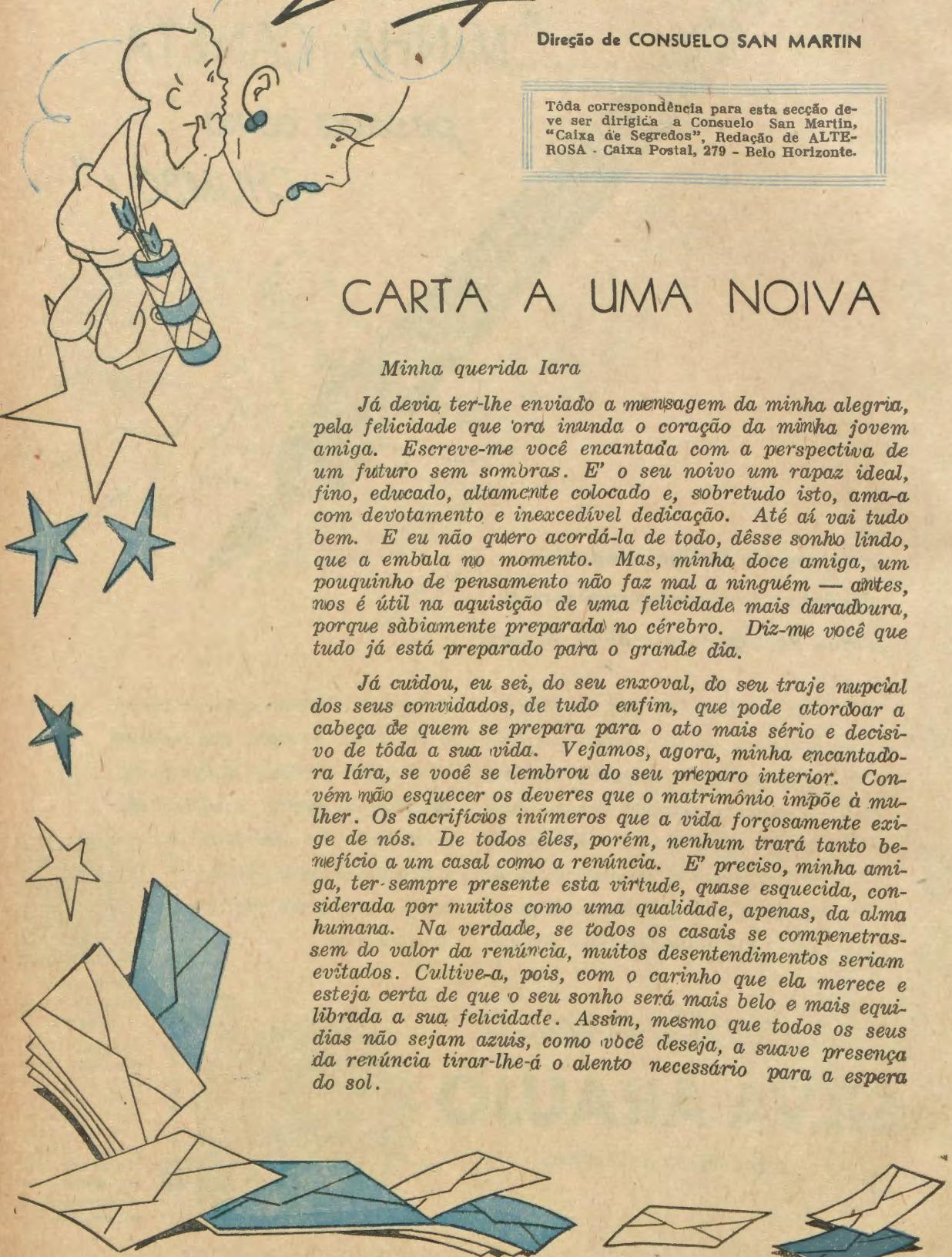
Toda correspondência para esta seção deve ser dirigida a Consuelo San Martin, "Caixa de Segredos", Redação de ALTEROSA - Caixa Postal, 279 - Belo Horizonte.

CARTA A UMA NOIVA

Minha querida Iara

Já devia ter-lhe enviado a mensagem da minha alegria, pela felicidade que ora inunda o coração da minha jovem amiga. Escreve-me você encantada com a perspectiva de um futuro sem sombras. E' o seu noivo um rapaz ideal, fino, educado, altamente colocado e, sobretudo isto, ama-a com devotamento e inexcedível dedicação. Até aí vai tudo bem. E eu não quero acordá-la de todo, dèsse sonho lindo, que a embala no momento. Mas, minha doce amiga, um pouquinho de pensamento não faz mal a ninguém — antes, nos é útil na aquisição de uma felicidade mais duradoura, porque sábiamente preparada no cérebro. Diz-me você que tudo já está preparado para o grande dia.

Já cuidou, eu sei, do seu enxoval, do seu traje nupcial dos seus convidados, de tudo enfim, que pode atormentar a cabeça de quem se prepara para o ato mais sério e decisivo de toda a sua vida. Vejamos, agora, minha encantadora Iara, se você se lembrou do seu preparo interior. Convém não esquecer os deveres que o matrimônio impõe à mulher. Os sacrifícios inúmeros que a vida forçosamente exige de nós. De todos êles, porém, nenhum trará tanto benefício a um casal como a renúncia. E' preciso, minha amiga, ter sempre presente esta virtude, quase esquecida, considerada por muitos como uma qualidade, apenas, da alma humana. Na verdade, se todos os casais se compenetrassem do valor da renúncia, muitos desentendimentos seriam evitados. Cultive-a, pois, com o carinho que ela merece e esteja certa de que o seu sonho será mais belo e mais equilibrada a sua felicidade. Assim, mesmo que todos os seus dias não sejam azuis, como você deseja, a suave presença da renúncia tirar-lhe-á o alento necessário para a espera do sol.



CORRESPONDENCIA

DORA — CAPITAL — Agradeço pelos elogios que faz a esta seção. Respondo a sua amável cartinha. Conta-me você o seu caso e, com bastante inteligência, fala-me dos seus projetos para o futuro. Já respondi, em número anterior, uma consulta quasi idêntica à sua. Na realidade minha encantadora amiga, a questão econômica muito concorre para a felicidade matrimonial. E' verdade que, "nem só de pão vive o homem", mas, mais de pão. Ama você a um rapaz pobre mas, confessa-me não estar acostumada a uma vida excessivamente modesta. Se você pensa assim, Dora, é porquê, na realidade, não dispensa uma grande afeição a esse moço. O amor é sempre cego e não costuma nos mostrar, esse lado falso da vida: a indigência. E' amada por outro de boa situação e que não lhe é de todo indiferente. Seja feliz com o segundo. Será mais acertado, não acha?

MONJA TRISTE — CAPITAL — Minha encantadora desconhecida: leio e releio a sua carta. A complexidade aparente do seu caso é, antes oportunidade para um delicioso estudo psicológico. Ama você uma criatura, a quem não conseguiu compreender. As atitudes contraditórias dessa pessoa levam-na a uma série de suposições.

Não concordo deva você procurar o seu namorado. A sua posição é de reserva e discreção. O caso da idade nada tem que ver com a felicidade de vocês, principalmente em se tratando de diferença tão pequena. Acho que você deve dissimular bem os seus sentimentos e mostrar-se menos interessada. Os homens, em geral, amam com mais intensidade, quando a dúvida os assalta. O seu posto é de observação. Espere um pouco com paciência. Penso que tudo se resolverá bem. Nada porém de levianidades. Um outro namorado viria apenas distraí-la e não lhe traria o almejado sossego. Tranquillize-se e de vez em quando dê-me as suas notícias.

RASMA-RÔNIA — CAPITAL

TAL — Leio a sua carta, minha amiga e, inicialmente, a felicito. Talvez extranhe você esse meu cumprimento. Felicito-a Rasma-Rônia, porque, embora errando, teve você a coragem de assumir a responsabilidade do seu erro. Diz-me, no correr da sua missiva que é jovem e bela e que um rapaz deseja tomá-la para esposa.

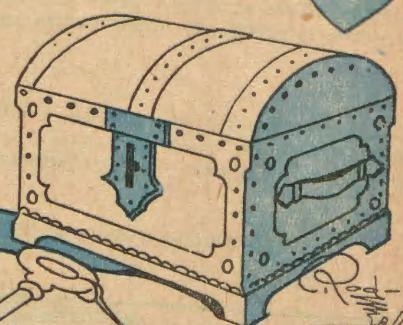
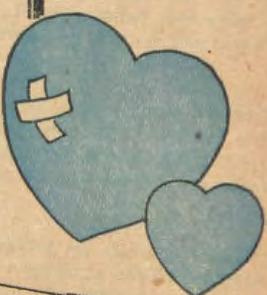
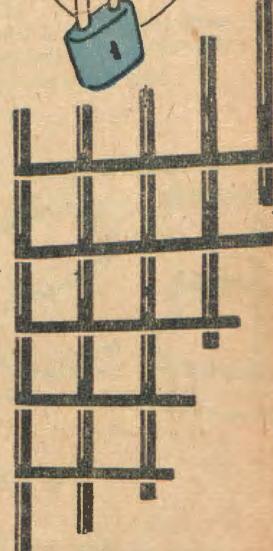
Acrescenta que não tem nenhum compromisso com quem quer que seja, mas que não consegue amar a esse homem, que tão generosamente, lhe oferece o seu nome, e o seu amor.

Rasma-Rônia, se você, na realidade, não quer se unir a esse moço pelos laços matrimoniais, procure com a inteligência de que parece dotada, dissuadi-lo dos seus propósitos. Tudo depende do jeito por que a gente o faz. E você, minha jovem amiga, reerga-se: ainda é tempo. Fuja de novas tentações; você não está só. O amor do seu filho nobilitá-la-á e você mesma, em dias futuros, orgulhar-se-á do seu gesto, vivendo da contemplação de seu nobre sacrifício.

SURIA — CAPITAL — Encontra-se você numa situação difícil e pede-me um conselho. Das respostas hoje dadas aos meus consulentes é a sua a de mais fácil decisão.

Acho que você pode desistir da palavra dada. Não há nada de leviano nesse gesto. Insensato seria o sacrifício da sua personalidade. Faça, contudo, o seu trabalho com arte e, sobretudo, sem dar golpes.

CLIO — CAPITAL — Não acredito esteja você tão prêsa a esse rapaz, abs 15 anos. Na sua idade é muito mais acertado estudar, fazer esporte e mesmo brincar. Deixe o amor para mais tarde, quando uma capacidade maior de escolha permitir à minha menina, menos possibilidades de erros. Enquanto isto vá vivendo a sua idade. Nada de precipitações.



Red-
coll

Vulnera... Sidera...

Longe do longo cáus e das estígias vagas,
da carne vil enfim o espírito evolado,
recebel-nos, Senhor, nas vossas cinco chas-
ou nessa então, Jesus, chaga do vosso lado.

Ancoradoiro ideal das remansosas plagas,
pôrto de quietude a todos nós franqueado,
O' flanco aberto em luz que os pecados
bendita seja sempre a lança de soldado!

Braços na cruz, Senhor, intensamente
Para abraçar o mundo, os mares e os
no amplexo universal do único eterno
[apagas, [abertos,
[desertos,
[amor.

Ofego, anseio e corro, anseio, corro e ve-
oh para descansar à sombra desse Lenho,
nas fontes siderais das chagas do Senhor...

SEVERIANO DE REZENDE

*Fragments da Poesia
Nacional*

ESPARSOS

Jesus

Na terra em flor, nos páramos etéreos
há de suas mãos por toda parte os traços;
e fulge em tudo o brilho de seus passos
como nas trevas os clarões sidérios.

Sinto-o através dos pélagos aéreos,
das estradas sonoras dos espaços
e do infinito distendendo os braços
todo embebido em extase e mistérios.

E vejo o olhar de Deus, como um tesouro,
abrindo sobre a noite e sobre os ermos
e sobre as ruínas da alma imersa em chô-
e [ro.

A alma de Deus é como o céu sem têrmos,
caindo piedosa, cheia de astros de ouro,
por sobre os nossos corações enfermos.

FRANKLIN MAGALHÃES

Jesus

Mas sempre sofrerás neste vale medonho...
Que importa? Redentor e mártir voluntá-
rio, para a tua miséria um reino imaginário
invento, glória e paz num futuro risonho.

Para te consolar, no opróbrio do Calvário,
hóstia e vítima, o carne, o sangue e a al-
nasce da minha morte a vida do teu sonho,
e todo o chôro humano embebe o meu su-
[dário.

Só liberta a renúncia. O' triste! a sombra
dos braços desta cruz espalha sobre o mun-
a utopia celeste, orvalho ao teu suplício.

Sou a miséria ilusória da crença:
sobre a força, a fraqueza e, sobre o amor
a piedade sem glória e o inútil sacrifício.

OLAVO BILAC

AS DAMAS DA

Sociedade

DIZEM:



● UMA REFEIÇÃO NO TEMPO
DE CALOR E' SEMPRE
MAIS AGRADAVEL QUANDO
ACOMPANHADA DE UM COPO
DA DELICIOSA

CERVEJA
PILSEN-EXTRA



CIA. ANTARCTICA PAULISTA



ALÉM da absoluta certeza de não encontrarmos a concordância de uma siqueira das belas filhas de Eva, teríamos pela frente a temível coalisão dos cabeleireiros, manicures e donos de salões de beleza, se afirmassemos que... à mulher não faz muita falta a formosura física.

Nem acreditamos, nós próprios, muito nisso, nós que as preferimos cada vez mais sedutoras. Mesmo esta frase, lembra, porém, uma pergunta que há séculos atormenta os homens: onde está a sedução?

As estréias do cinema provam que não está na beleza física. Certo, há algumas que se impuseram, única e exclusivamente devido a esse atributo, que os anos extinguirão... e os vermes consumirão. Que dizer de uma Heddy Lamarr, que leva o desasco- cego aos olhos dos homens do mundo inteiro? Desse nova Ester Williams, tentação feita carne, que ainda por mal de nossos pecados só nos aparece em maiores irresistíveis? E de outras, muitas outras, tão numerosas que fazem de Hollywood um céu mais claro e mais esplendoroso do que o próprio firmamento, em noites gloriosas dos trópicos.

Hollywood, com suas artistas, também não nos demonstra que a beleza física não faz falta, apenas porque disponha de seus mágicos do "make-up", da maquiagem e do vestiário. Porque há muitas estrelas que, sem ser belas, conseguiram ser deslumbrantes, depois de ter passado pelas mãos desses alquimistas do cosmético; da massagem e do fíxador. A incrível Joan Crawford é o exemplo mais típico desse caso. De feições grosseiras, cheia de sardas, de formas desconformes, tendentes a uma precoce obesidade matronal, ela encontrou técnicos que souberam dar linhas ao tamanho de sua boca, que souberam lhe moldar os músculos e as enxündias incipientes num desenho de escultura gre-

Mulher de

ONDE SE SITUAM OS MAIS PODEROSOS MOTIVOS DA SEDUÇÃO FEMININA



ga, que lhe soterraram — soterraram é o termo — as sardas numa capa de ingredientes químicos, e lhe construiram no cocuruto da caixa pensante um verdadeiro monumento de arte de cabeleiraria. Disso tudo, resultou a encantadora Joan Crawford, sem dúvida uma das artistas mais sedutoras da tela. E poderíamos lembrar também essa maravilhosa Rosalind Russell, magra como menina de internato em véspera de exames, e dona das piores pernas — já repararam que ela raramente as mostra? — de Hollywood. Os diretores, porém, a entregaram a Adrian e outros costureiros celebres, e sua aparição é sempre um conto das mil e uma noites, com aquelas toalétes deslumbradoras.

Mas não é isso ainda a que queremos chegar. Quando dissemos que à mulher não faz falta a beleza (e quem menos acredita nisso somos nós), nos referimos a essas estrelas que conseguem dominar a nossa admiração e se fazer amadas, mesmo tendo nascido feias e mesmo sem ter passado por aqueles laboratórios de reconstrução.



Ella Raines, da Paramount



Claudette Colbert, da Paramount

personalidade

OS EXEMPLOS DE HOLLYWOOD E O QUE NOS ENSINA A LIÇÃO DA HISTÓRIA



Quais delas? Podemos começar com essa admirável Bette Davis, que faz questão absoluta de aparecer perante a câmera tal qual é. As leitoras já a analisaram bem? O corpo já tem todos os evidentes indícios da matronidade, da mulher já entrando nos quarenta. O rosto, a não ser por umas ligeiras linhas que lhe exageram o tamanho dos olhos, coisa necessária ao efeito dramático de suas interpretações, não nos apresenta um traço sequer de sedução, de maior feminilidade. E, quanto à indumentária, ela mesma já afirmou a um repórter que jamais será manequim para consagrar os costureiros de Hollywood. O sindicato de modistas norte-americanos já a elegeu mesmo, certa vez, a artista mais mal vestida da tela.

E, no entanto, quem é que perde um filme de Bette Davis?

O que explica isso é apenas a abundância de talento. Talento que supre a beleza física e consegue despertar, com um simples olhar, com uma simples contração fisionômica, todas as mil e uma su-

gestões, toda a gama de sensações naturais num ser humano diante de uma mulher de personalidade. Talento, inteligência, alma.

Pode-se recordar também Katherine Hepburn, de cabelo vermelho, faces angulosas, nariz protuberante, e que tem conseguido ser, não só diante da câmera, mas também na vida real, uma autêntica "glamour girl", com uma cauda de adoradores seguindo-a por onde quer que vá.

E o cinema nos dá muitas outras mulheres feias simplesmente encantadoras. Esse "Por quem os sinos dobram" vai nos revelar breve uma mulher feia, ao que dizem, de nome Katina Paxinou, que é um vulcão de feminilidade e que chega quasi a roubar, com a sua presença dominadora de mulher, o papel de estréla desse mimo de graça e beleza que é Ingrid Bergmann.

O segredo está, não se discute mais, na personalidade. Ora, isso é velho como a história. Cleopatra decidiu da vida de césares e de impérios com um nariz anguloso e uma estatura mirrada. Os Luizes de França, senhores muito sensuais, nem sempre fizeram das suas favoritas as mais belas da corte de Versalhes. George Sand despertou paixões fatais com um corpo desprovido de encantos e, ainda por cima, vestida de homem. E as escritoras Mme. de Stael, Mme. de Sevigné, que trouxeram gerações a seus pés e tinham seus salões povoados pelos maiores "leões" da época...

Ora, fiquemos por aqui. Com um desejo final: que Hollywood nos apresente um dia uma estréla com o talento, a personalidade de Bette Davis e a beleza de Hedy Lamarr.

Alguns adoradores dizem que Greer Garson realizou esse casamento ideal. As leitoras, mulheres e por isso muito mais finas no julgamento, que o decidam.



Greer Garson, da Metro



Marilyn Maxwell, da Metro

Imagens Latentes

HUBERTO ROHDEN — PARA ALTEROSA

Desenho de Rodolfo

ESTA' em tuas mãos, educadora, o destino do homem.

O futuro feliz ou infeliz da humanidade.

O céu e o inferno de amanhã.

Na ordem natural, és tu o fator precipuo da história.

Carta branca, terra virgem, é a alma do educando entregue às tuas mãos.

Dai, como sairá? ... informe? ... formada? ... de formaada? ...

Não digas que o infante não entende o que dizes — entende até o que pensas, o que sentes, o que és...

Não comprehende racionalmente — mas apreende na zona noturna do inconsciente.

Observa uma chapa fotográfica, exposta à luz, antes de revelada.

Que é que vês? — nada!

Tudo alvura uniforme, neutral...

E, no entanto, contém essa chapa as imagens de todas as coisas que, na fração de um segundo, invadiram a objetiva.

E' só entrar num banho de sais — e eis que do fundo neutro e incolor emerge um jogo de sombras e luzes, até os mais subtis cambiantes.

Foi o banho que essas imagens produziu?

Não, o banho apenas revelou o que, invisível, preexistia na chapa.

Educadora! quando, num banho de luz, despertar no pequeno ser a razão — surgiá, consciente e visível, / o que, inconscio e invisível, ne-la dormitava.

O que dissesse, pensaste, sentiste, o que és — tudo atuou sobre a alma dormente...

Tão sensíveis são as antenas das almas virgens queapanham a mais imponderável onda do teu ser...

Auras boas — auras fúnebres...

Fluidos benéficos — fluidos malignos...

Atmosfera de amor — ambiente de ódio...

Pensamentos suaves — instintos perversos...

Tudo influe sobre a textura sensível da psique amorfa — mais que o leite materno sobre tecidos celulares...

Por isso, plasmadora de almas, satura de elementos benéficos teu ser...

Irradia de ti ondas de luz e bondade — para a alma em botão...

Não intoxiques com fluidos sinistros o teu educando...

Prepara à plantinha feliz primavera — após longa hibernação...

Principia a tarefa educativa do educando com a educação da educadora.

Podem então as tempestades da vida desfolhar a planta, quebrar-lhe ramos, galhos e tronco — sempre de novo brotará da raiz sadia sanidade e vigor...

Vai, pois, fotógrafa das almas, impregnar de belas imagens o ser em botão!

Põe-lhe ante a objetiva nobres ideais, sentimentos sadios...

Calcula bem a distância, a perspectiva, o efeito da luz — para que nítida e bela resulte a imagem invisível na alma dormente...

Invisível hoje — visível amanhã...

Na alma vigil...



A Tradição de Jesus no Tibet

A tradição da vida de Jesus não vive somente no âmago das crenças do mundo mussulmano. Ela é também lembrada nos mais reconditos mosteiros dos lamas que professam a religião budista, nas remotas e quasi inexploradas regiões do Tibet, isoladas dos outros povos pela gigantesca cordilheira do Himalaia e pelos desertos do centro da Ásia. Um explorador e orientalista oriundo da Russia, Nicolas Notovich, publicou uma obra curiosa, em que dá a conhecer a tradução dos textos de uns manuscritos que se acham no convento budista de Hemis, situado perto da cidade de Leh, na comarca de Ladack.

A cidade de Leh, está situada na região dos montes Caracorum, no Himalaia, nas margens do rio Indo e antes era considerada como parte integrante do Tibet ocidental, de cujas fronteiras dista menos de cem quilometros. Ao percorrer estes territórios o explorador observou que em um dos mosteiros era venerada a memória do profeta Issa, de cuja vida lhe deram alguns detalhes. Pelo nome e por estes detalhes viu que a tradição se referia a Jesus Cristo. Soube pelos monges lamas que a história se achava escrita em um dos mosteiros de Ladac. Disseram-lhe mais que não fosse buscá-la, por ser impossível vê-la visto tratar-se de assunto sagrado. Por isso mesmo, o sábio sentiu-se mais curioso e foi, de mosteiro em mosteiro, à procura dos manuscritos.

Ao chegar ao mosteiro de Hemis, soube pelo diretor do mesmo, que em seus arquivos se achava uma cópia dos referidos manuscritos. Em vão apresentou-o, e se esforçou em convencê-lo para que o deixasse fazer uma cópia, porém o monge budista manteve-se intransigente no seu ponto de vista. Andava o sábio à cavalo pelas redondezas, quando em momento feliz, caiu e fraturou a perna. Foi transportado para o mosteiro, onde o trataram com cuidado e carinho. Ao fim de certo tempo deram-lhe para ler, afim de matar o tempo, os volumosos manuscritos da vida de Issa. Ouvindo a leitura feita pelo interprète, página por página, foi que ele conseguiu fazer uma cuidadosa tradução.

Segundo o explorador Notovich, o conteúdo do manuscrito é, em síntese, o seguinte:

Issa nasceu em Israel, de pais pobres, que apesar de descendentes de famílias poderosas, abandonaram tudo para se dedicarem exclusivamente ao serviço de Deus e à prática do bem. Desde criança ensinava aos outros que só existia um único Deus. Quando ficou homem, não quis se casar. Deixou a casa paterna e seguiu, com uns mercadores, para as regiões de Sindh. Percorreu o país todo, esteve em Djaguernat e em Radagrica, aprendeu em Benarés a ler e a interpretar a doutrina dos Vedas. Firme em suas doutrinas, discutiu com os sábios brahma-nas e negou a divindade dos Vedas e a encarnação de Brahma em Vischnu. Perseguido e condenado à morte por suas idéias e propaganda, passou do Norte à terra dos Gutum-das e estudou as crenças do budismo puro.

Seguiu para o Oeste, pregando contra os ídolos, e ao combater na Persia a religião de Zoroastro, foi cruelmente perseguido pelos magos e teve que fugir. Chegou novamente à Judéia aos vinte e nove anos e continuou as suas pregações, que alarmaram inten-

(Continua na página 115)

A MULHER SABE ESCOLHER

NA escolha da fazenda para o seu vestido, na escolha de seu sapato, de sua meia, de seu chapéu, dos produtos destinados à sua "maquilage", enfim, na escolha de todos estes mil e um objetos que formam o cabedal de uma mulher elegante e moderna, ela põe toda a sua atenção, todo o seu cuidado e medita às vezes por vários dias

Pois muito maior cuidado, muito maior desvelo, muito mais atenção deve merecer a escolha do remédio para os seus males íntimos, porque aqui se trata de sua saúde, sem a qual a sua boa aparência e a sua beleza não subsistirão, por mais belos que sejam os seus vestidos, por mais vistosos que sejam todos os seus objetos de adorno e por mais eficazes que sejam os seus cremes, batons, rougas, etc. Os males femininos são de duas naturezas diferentes: os que se manifestam pela abundância de regras e hemorragias e os que se manifestam pela falta ou diminuição de regras. Por isso exigem dois remédios diferentes. Esta a razão pela qual o Regulador Xavier é fabricado em duas fórmulas diferentes: o N.º 1 e o N.º 2.

O Regulador Xavier N.º 1 só se aplica nos casos de regras abundantes e hemorragias. E o Regulador Xavier N.º 2, só se aplica nos casos de falta ou diminuição de regras.

Ao adquirir, pois, o remédio para os seus males, exija o Regulador Xavier. — o N. 1 ou o N. 2 — conforme o seu caso e esteja certa de que faz uma escolha sábia e feliz.

O Regulador Xavier combaterá com eficiência os seus males e os afastará de maneira definitiva, garantindo-lhe assim a perpetuação de sua saúde, o que equivale a dizer a conservação de sua alegria, de seu bem estar, de sua mocidade, de sua beleza. Não se esqueça, pois, escolha bem os seus vestidos, os seus sapatos, enfim, todos os objetos destinados a realçarem a sua beleza mas escolha melhor o remédio capaz de garantir-lhe e de perpetuar-lhe, exigindo o REGULADOR XAVIER.

ARTE Culinária



INGREDIENTES

NÃO, bastam conhecimentos técnicos para se conseguir resultados satisfatórios, na confecção dos doces e salgados.

E' necessário uma escolha cuidadosa dos ingredientes a serem empregados nas receitas. Os ingredientes de boa qualidade, não só favorecem a economia como garantem a satisfação. O fubá, a farinha, o polvilho e outros pós devem estar rigorosamente perfeitos, sem bolor, bichos, umidade ou outro qualquer defeito. Um prato feito com ingredientes velhos, deteriorados e expostos ao ar, nunca será saboroso.

Os líquidos também devem estar em perfeito estado de conservação.

O vasilhame deve ser muito bem lavado antes de ser utilizado.

Quantas vezes perdemos um bolo, um pudim, um assado, por causa do cheiro que lhe transmitiu uma vasilha mal lavada?

Os ovos devem ser quebrados, um a um. Desconfie dos ovos cujas veias estão desmanchadas. Prefira sempre os de granja, bem frescos, para a confecção de seus pratos.

Os chamados ingredientes secos, como farinha, fubá, polvilho, devem ser peneirados em uma peneira bem fina.

Com asseio e cuidado você terá sempre em sua mesa pratos gostosos e saudáveis, e não se esqueça que, às vezes, mais vale um prato saboroso, que a mais perfeita "maquilagem". Os homens geralmente só deixam prender mais pelo estômago...

CARDÁPIO

LAGOSTA E MEUDOS DE VITELA

1 quilo de lagostas (1 chicara de lagosta em conserva).
 1 par de pancreas de vitela.
 2 cogumelos médios, cortados em lâminas.
 1/4 de chicara de azeite de salada.
 2 colheres de farinha de trigo.
 1 colherinha de sal.
 1/8 de colherinha de pimenta.
 1 tomate descascado.
 4 colheres de vinho branco.
 1 colher de salsa picada.
 4 colheres de arroz cozido e quente.
 1 pitada de pimenta do reino.
 1 colherinha de mostarda.
 1 chicara de caldo de frango.

Ferva a lagosta em água e sal durante 25 minutos. Tire a carne e corte-a. Enquanto isso, deixe as pancreas mergulhadas em água gelada, durante 20 minutos. Decorridos estes, retire e coloque em uma panela com água fervendo à qual foram adicionadas duas colherinhas de vinagre e 2 colherinhas de sal. Ferva tampado durante meia hora. Retire as pancreas e limpe de toda gordura e peles; corte e frite juntamente com a lagosta e os cogumelos, durante 5 minutos. Mexa com farinha, tempero e caldo e o tomate, levando até a fervura durante 10 minutos. Junte o vinho e a salsa. Sirva no centro de um anel de arroz cozido e quente.



MOLHO HOLANDEZ

2 gemas.
1/2 colher de sal.
Pimenta.
1/2 chicara de manteiga.
1 colher de suco de limão.

Bata com o batedor elétrico ou de mão, até que as gemas fiquem de cor clara. Junte o sal e a pimenta. Adicione 3 colheres de sopa de manteiga derretida, batendo constantemente. Continue pondo o restante da manteiga alternadamente com o suco de limão.

Sirva com aspargos, brocolis, couve-flor, milho, etc. Só pode ser guardado na geladeira e aquecido em banho-maria na hora de servir. Dá para 4 pessoas.

VAGEM A' JARDINEIRA

1 quilo de vagens.
1 e meia chicara de agua fervendo.
4 colheres de sal.
6 colheres de manteiga.
1/2 colherinha de tomilho.
2 colheres de sopa de cebolinhas picadas.

Lave e corte as pontas das vagens com uma faca ou tesoura afiada. Corte ao comprido e leve a cozinhar em agua salgada durante 20 minutos ou até que fiquem macias. Junte a manteiga, o tomilho. Deixe abrir a fervura e sirva bem quente.

FRITADA DE MILHO

2 chicaras de milho cozido.
3/4 de colher de sal.
1/8 de colherinha de pimenta.
2 colheres de sopa de farinha.
2 ovos.
5 colheres de azeite.

Misture todos os ingredientes, exceto o azeite. Misture bem. Deixe cair as colheradas da massa no azeite bem quente. Deixe fritar até dourar, retire e deixe escorrer sobre papel parco. Dá 10 fritadas. Fica delicioso para servir com bacon.

REPOLHO COM BACON

1 quilo de repolho ralado.
1 e meia colher de cabeças de aipo.
3 e meias colherinhas de sal.
1 e meia chicara de agua fervendo.
5 fatias de bacon.
4 colheres de gordura.
1 colher de suco de limão.

Misture o repolho, aipos, 3 colherinhas de sal, agua e deixe cozinhar até que fiquem tenras. Corte o bacon em pedaços, ponha na gordura com o suco de limão, aberte levemente, misture a cebola e sirva bem quente. Dá para 6 pessoas.

SOBREMESAS



PUDIM DE CASTANHAS

Cozem-se em leite e passam-se à peneira castanhas. A parte ferve-se, para 6 pessoas, meio litro de leite, que se deita sobre tres ovos e quatro gemas batidas, com 200 gramas de açucar e baunilha.

Acrescenta-se então a massa de castanhas. Deita-se numa forma untada de manteiga e salpicada de açucar, conjuntamente com pedaços de palito francês e marron glacé picados. Coze em banho-maria durante 35 minutos.

BOLO DE GELADEIRA

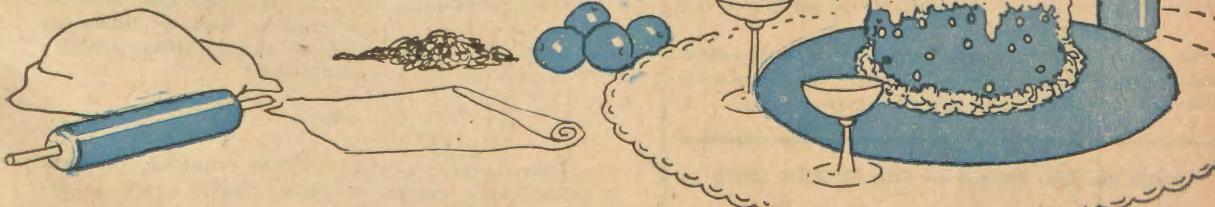
1 chicara de manteiga
2 chicaras de açucar cristalizado
3 ovos inteiros (clara e gema juntos)
3 ovos separados (clara e gema separados)
200 gramas de amendoas moidas
2 chicaras de creme batido
20 uvas (dedo de dama)

Bata a manteiga e junte o açucar, gradualmente enquanto bate. Junte, a seguir, os ovos inteiros, um de cada vez, batendo bem com uma colher após cada adição. Bata as gemas levemente e junte a mistura. Envolve em uma massa de claras de ovo batidas, amendoas e creme. Arrume uma forma comprida, com 8 boinhos de amendoas forrando o fundo e as uvas nos lados. Derrame metade do creme e a mistura de ovo sobre os boinhos. Em seguida coloque sobre o conjunto os restantes 8 boinhos e cubra novamente com o resto do creme. Deixe gelar durante 48 horas. Tire da forma e sirva enfeitado com creme e cerejas cristalizadas.

ROCAMBOLE DE CHOCOLATE

8 ovos, 8 colheres de sopa de farinha de trigo, 10 colheres de sopa de açucar.

Batem-se as gemas com o açucar juntamente as claras batidas em neve, a farinha de trigo e não se bate mais. Mistura-se apenas leva-se ao forno quente em tabuleiro untado com manteiga. Espalha-se em cima um creme de chocolate feito com meio litro de leite, 1 colher de sopa com maizena, 4 colheres de sopa de açucar e 4 colheres de sopa de chocolate em pó. Enrola-se o rocambole como colchão e cobre-se com açucar cristalizado.



BANCO DO BRASIL S. A.

O MAIOR ESTABELECIMENTO DE CRÉDITO DO PAÍS

Matriz no RIO DE JANEIRO

AGÊNCIAS EM TODAS AS CAPITAIS E CIDADES MAIS
IMPORTANTES DO BRASIL E CORRESPONDENTES
EM TODOS OS PAÍSES DO MUNDO

DEPOSITOS COM JUROS (sem limite) a. a. 2 %
Depósito inicial mínimo, Cr \$1.000,00. Retiradas livres. Não rendem juros os saldos inferiores àquela quantia, nem as contas liquidadas antes de decorridos 60 dias a contar da data da abertura.

DEPOSITOS POPULARES (Limite de Cr \$10.000,00) a. a. 4 %

DEPOSITOS LIMITADOS (Limite de Cr \$50.000,00) a. a. 3 %

DEPOSITOS A PRAZO FIXO:
Por 6 meses a. a. 4 %
Por 12 meses a. a. 5 %

DEPOSITO COM RETIRADA MENSAL DA RENDA, POR MEIO DE CHEQUES:
Por 6 meses a. a. 3 1/2 %
Por 12 meses a. a. 4 1/2 %

DEPOSITO DE ÁVISO PREVIO:
Para retiradas mediante aviso prévio:
De 30 dias a. a. 3 1/2 %
De 60 dias a. a. 4 %
De 90 dias a. a. 4 1/2 %

Depósito mínimo inicial — Cr. 1.000,00.

LETROS A PREMIO:
Selo proporcional. Condições idênticas às do Depósito a Prazo Fixo.

O Banco do Brasil faz todas as operações bancárias. Desconta, às melhores taxas do mercado, duplicatas, letras de cambio e promissórias. Realiza empréstimos em conta corrente garantida. Efetua cobranças. Promove transferências de fundos, etc. e presta assistência financeira direta à agricultura, à pecuária e às indústrias, por intermédio da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial, com os seguintes fins:

- a) — custeio de entre-safra; aquisição de adubos e sementes;
- b) — aquisição de máquinas agrícolas e animais de serviço para trabalhos rurais;
- c) — custeio de criação;
- d) — aquisição de reprodutores e de gado destinado à criação e melhora de rebanho;
- e) — aquisição de matérias primas;
- f) — reforma ou aperfeiçoamento de maquinaria das indústrias de transformação;
- g) — reforma, aperfeiçoamento ou aquisição de maquinaria para outras indústrias que possam ser consideradas genuinamente nacionais pela utilização de matérias primas do país e aproveitamento de seus recursos naturais, ou que interessam à defesa nacional.

Os interessados obterão na Agência de Belo Horizonte, com maior presteza, todos os informes de que possam carecer com referência a tais operações.

SUGESTÕES PARA

IVETE OS FRUTOS CÍTRICOS



UM excelente coquetel desintoxicante se obtém misturando partes iguais de suco de cenoura com suco de laranja. Se possui um moedor de frutas, convém espremer as laranjas e as cenouras com casca, obtendo-se desta forma maior quantidade de vitaminas.

*

As frutas cítricas são muito empregadas para clarear a pele.

A pele clareia consideravelmente com o emprego de uma loção, que se obtém misturando o suco de limão grande e de uma laranja, com uma colher de água oxigenada e outra de azeite de oliva. Convém bater os ingredientes para misturá-los bem.

*

Entre as máscaras caseiras, de maiores resultados, figura a de limão com aveia.

Leva-se ao fogo um pouco de aveia com água. Quando estiver cosida e espessa, retira-se do fogo. No momento de usar a máscara, mistura-se o caldo de limão.

*

Melhor que a água oxigenada e o bicarbonato, o sumo de limão é de grande eficácia na limpeza dos dentes.

Adiciona-se na água do gargarejo algumas gotas de limão, conseguindo-se, desta forma, branquear os dentes e fortificar as gengivas.

*

O suco do limão é muito aconselhado para a lavagem dos cabelos, dando-lhes brilho, suavidade e eliminando a caspa.

O sabão de limão ralado, forma um ótimo shampoo para os cabelos louros, clareando-os consideravelmente.

*

Conhecidíssimas são as propriedades adstringentes do limão. Adicionando-se suco de limão na água de lavar o rosto, obtém-se um ótimo adstringente para as peles gordurosas.

*

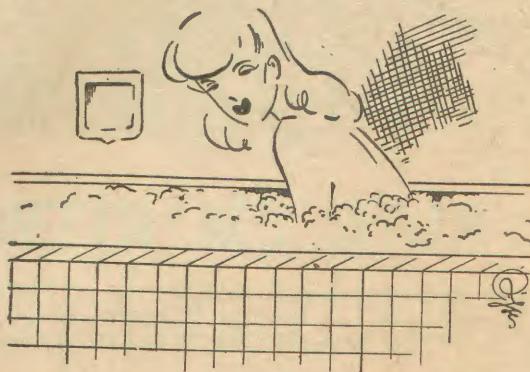
Para manter a pele livre de erupções, eczemas e urticárias, aconselha-se tomar vários copos de cevada com suco de limão.

Agência em Belo Horizonte — RUA ESPÍRITO SANTO

A SUA BELEZA

MARION

O BANHO DIARIO



O BANHO não tem como finalidade única a higiene do corpo. Ele o beneficia e realça a beleza da pele, portanto faz parte integrante da conservação da graca e beleza de uma mulher. Existem diversas modalidades de banhos, relacionados com a conservação da formosura e que devem ser praticados com perseverança.

São de excelentes resultados os banhos salgados. Dissolve-se meio quilo de sal grosso em uma chaleira de água fervendo, em seguida despeja-se em uma banheira contendo água tépida. Feito isso, acrescenta-se uma colher de amoniaco.

Esse banho é de grande ação tonica para os tecidos, porém, para não irritar a epiderme, convém alterná-lo com outro, em que se substitui o amoniaco pelo vinagre. Durante as férias, quando se apanha muito sol, êsses banhos devem ser suprimidos, devido à sensibilidade da pele.

*

Um banho muito aconselhado pelas artistas de cinema, é o banho corrente, morno, seguido de um outro tambem morno, ao qual se adicionam quatro colheres de azeite de amêndoas, ligeiramente perfumado com água de rosas.

O banho morno com sabão liquido, e após êste uma ducha de água fria, afim de estimular a circulação, e uma boa massagem de Agua de Colonia, concorre em grande parte para a saúde e beleza da pele.

*

A temperatura do banho não deve passar nunca de 25 grãos, sendo ideal o de 22 grãos. Os mais quentes podem ser tomados periodicamente, porém com prudencia, pois tornam a pele muito sensivel, destruindo a sua gordura e tornando-a seca e áspera.

Os banhos mornos e os quentes devem ser de curta duração, para não debilitarem o organismo.

Os banhos de farelo são tambem muito benéficos. Dão suavidade à pele, refrescam e dissolvem a adiposidade.

Para êsse banho, cosinha-se um quilo de farelo de trigo, em cinco litros de água, cõa-se e adiciona-se o líquido à água da banheira.

★ PARATODOS ★

INSTITUTO DE BELEZA
MANON apresenta:

- A nova permanente com "Permanent Wave Oil".
- O melhor corpo de profissionais sob a direção de Felício Gesualdi.
- Ótimas manicures.
- Limpeza da pele por processo científico.
- Tintura Roux Americana.

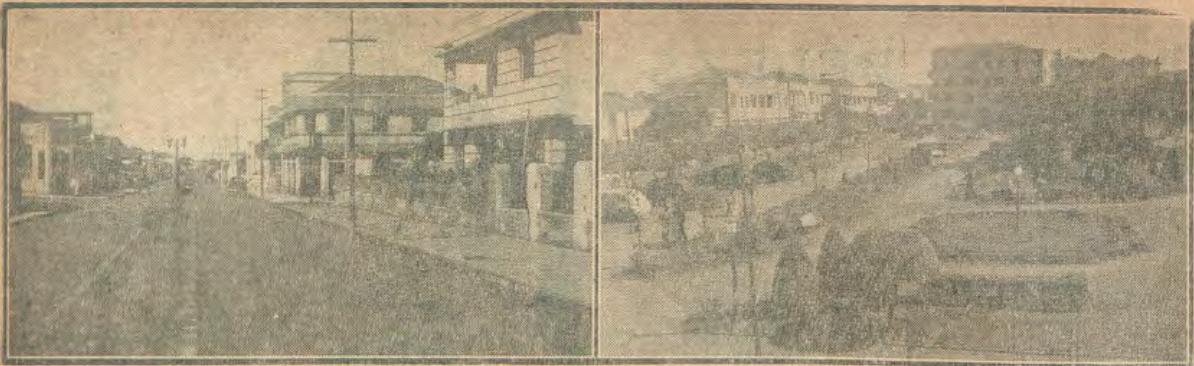
Manon

ED. MARIANA-1º AND. - TEL. 2-3320

* * *



A srta. Terezinha de Castro, filha do casal Ulisses d Castro-D. Maria Adolfina de Castro, residente no Rio de Janeiro, que vem se diplomar como Contadora, pelo instituto Lafaiete, depois de um curso brilhantissimo em que se destacou sempre pelas melhores notas obtidas em sua turma.



Um trecho da Avenida João Pinheiro e um dos belos jardins públicos de Uberlândia

A EXEMPLO do que acontece com Belo Horizonte, a capital menina cujo progresso surpreende e empolga, num atestado vivo do poder realizador dos mineiros, Uberlândia, a cidade moça do Triângulo Mineiro vai, em ritmo acelerado de progresso, se transformando rapidamente em um dos núcleos de civilização de maior importância em todo o interior do Brasil.

Localizada no centro do meridiano econômico de uma vasta e extensa região do país, é para Uberlândia que se converge o comércio de todo o Triângulo Mineiro, sul de Goiás e leste de

UBERLÂNDIA EM RITMO

UM GRANDE CENTRO DE IRRADIAÇÃO ECONÔMICA E CULTURAL NO TRIÂNGULO MINEIRO — CIFRAS ELOQUENTES QUE ATESTAM A PUJANÇA DESSE GRANDE NÚCLEO CIVILIZADOR DO NOSSO ESTADO.

Mato Grosso. Grande centro comercial, industrial e agrícola, a estatística da sua produção assinala algarismos expressivos, que demonstram a vitalidade de seu organismo econômico e fazem avaliar a intensidade da vida social que a cidade espelha.

Sua produção de arroz é estimada em 1.500.000 sacas por ano! E outras culturas ali se desenvolvem alentadoramente, colocando o município entre os que mais se destacam nos quadros de nossas comunas, pelos índices de sua produção agrícola.

Centro pecuário de primeira plana, Uberlândia é um dos municípios vanguardeiros na criação de raças selecionadas em nosso Estado. Exemplares dos mais famosos entre os nossos rebanhos indianos povoam as suas magníficas pastagens, num atestado vivo do espírito adiantado que rege as atividades dos grandes criadores überlândenses.

Sua indústria, distribuída através de uma enorme multiplicidade de produção, já representa também um coeficiente apreciável na economia municipal, destacando-se as de madeiras, materiais de construção, bebidas, bálsas, laticínios e outras especialidades.

A cidade de Uberlândia possui a maior área calçada do interior de Minas Gerais: mais de 200.000 metros quadrados. Cidade limpa, com 15 belos jardins públicos, residências luxuosas e modernas, pode ser considerada, sem nenhum favor, como a verdadeira metrópole do Oeste brasileiro.

A renda do município eleva-se já a 4.500.000 cruzeiros. Possui duas coletorias estaduais e 2 federais. 5 casas de saúde, um corpo clínico e cirúrgico de 50 médicos, grandes indústrias, moderníssimos bares e cafés, vários cinemas, dos quais um com a lotação de 2.500 espectadores, praças de esportes, 6 estabelecimentos de ensino secundário, 4

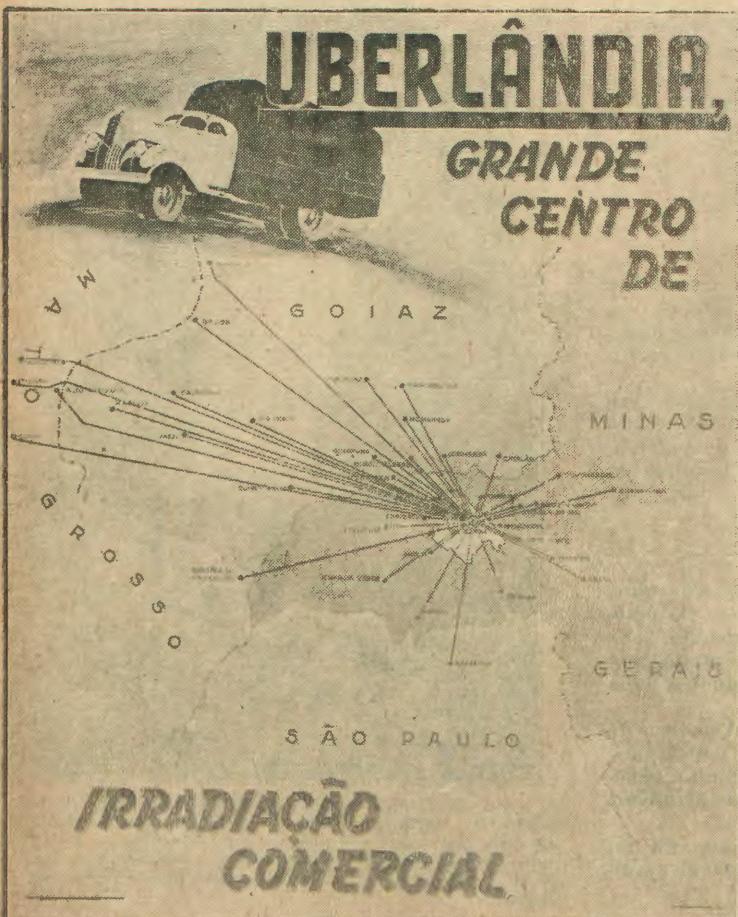
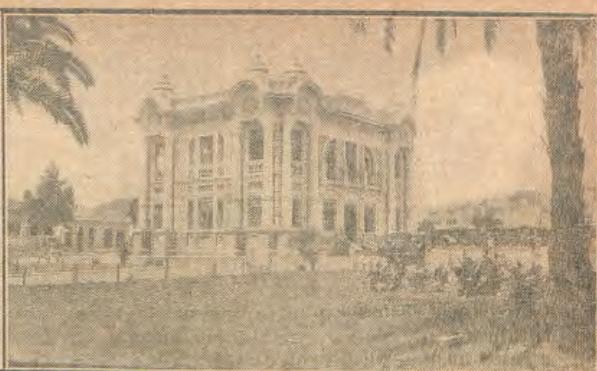


Gráfico demonstrativo do intenso movimento comercial de Uberlândia



Um detalhe da Avenida Afonso Pena e o edifício da Prefeitura Municipal

ACELERADO DE PROGRESSO

OS EMPREENDIMENTOS DA ADMINISTRAÇÃO VASCONCELOS COSTA, SOB A ORIENTAÇÃO DIRETA DO GOVERNADOR BENEDITO VALADARES.

Grupos Escolares e dezenas de Externatos particulares.

A cidade é ligada a São Paulo e Goiânia pela VASP, e conta com rede telefônica automática moderníssima, com 1.900 aparelhos atualmente.

Devido ao seu notável e movimentado comércio, possui Uberlândia a maior quota de gasolina do Estado: 185.000 litros mensais, além de 80.000 da F.B.C. Sãem e entram na cidade, diariamente, cerca de 150 caminhões de transportes para Mato Grosso, Goiás e demais localidades do Triângulo Mineiro.

Através desse rápido esboço, fácil é avaliar a importância de Uberlândia, como centro cultural e econômico para toda aquela vasta região de Minas Gerais.

OS GRANDES EMPREENDIMENTOS DA ADMINISTRAÇÃO DO PREFEITO VASCONCELOS COSTA

Depositário da confiança do governador Benedito Valadares a cujo governo vem servindo eficientemente em vários postos administrativos, o prefeito Vascon-



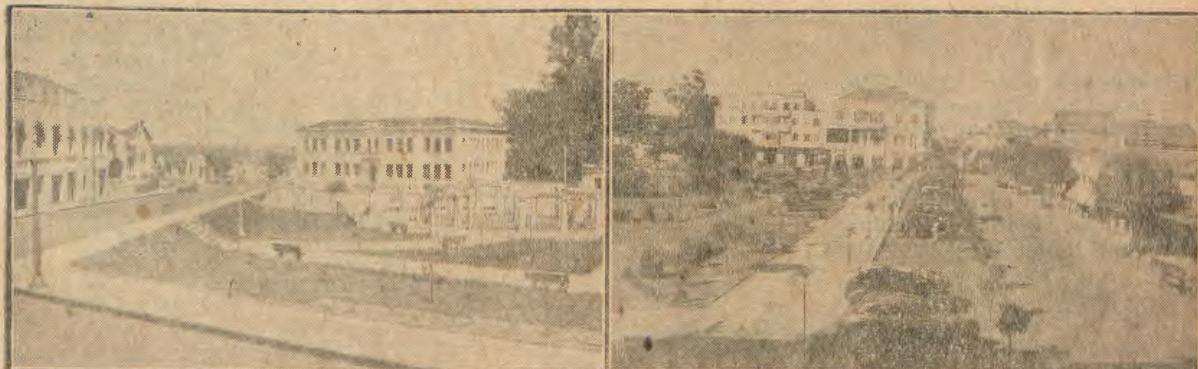
Dr. J. A. de Vasconcelos Costa, prefeito de Uberlândia.

celos Costa está produzindo em Uberlândia um governo dinâmico e realizador, confirmado plenamente as expectativas gerais de quantos conhecem o seu trabalho eficiente, criterioso e justo, à frente de outras impor-

tantes comunas mineiras. Apoiado pelo Chefe do Governo Mineiro, sua administração em Uberlândia tem sido das mais produtivas, realizando uma série de importantes melhoramentos cujos reflexos se fazem sentir de modo benéfico na vida do município, a que o governador Benedito Valadares tem dispensado sempre a melhor de suas atenções e o mais decidido apoio de seu benemérito Governo.

Dentre as principais obras levadas a efeito pelo Prefeito Vasconcelos Costa, destaca-se a modelar organização dos serviços da Prefeitura Municipal; a edificação do moderno Mercado Municipal; a construção da majestosa Estação Rodoviária, e do "Hangar Governador Valadares"; a construção de 6 importantes jardins públicos, de 80.000 metros quadrados de calçamento, dos prédios da Escolas Municipais "Governador Valadares" e "Padre Anchieta", do Parque Municipal; da estrada para o aeroporto; o aumento das redes de água e esgotos; a canalização do córrego Cajubá e a abertura da grande Avenida Rio de Janeiro, obra orçada em Cr\$ 1.050.000,00.

Cumpre salientar que tudo isso foi realizado em apenas dois anos de administração, e sob a orientação direta do governador Benedito Valadares, que tem demonstrado grande interesse pelo progresso do prospero município de Triângulo Mineiro.



Aspectos parciais das modernas praças "Pedro II" e "Governador Valadares"

Hinterlândia Poética

EVOCAÇÃO

ADEUS

Como entristece vê-la! Entre ramagens de hera,
Sempre aberta, a janela. Uma janela antiga.
Sob os raios da lúa, ou do sol, que a fustiga,
Emoldura-a, entreaberta, uma cortina austera.

Já perdeu a cortina o esplendor que tivera;
Já lhe pesa, e a descora, o cansaço, a fadiga:
A saudade, talvez, de uma presença amiga,
Que a janela esperou, esperou, e ainda espera...

Essa mesma visão que aguardei tôda a vida,
Um vulto de mulher, químera indefinida!
Como aquela cortina, a fremir, neste anseio,

Vazio o coração, como aquela janela,
Ainda vivo a sonhar, vivo pensando nela,
Que podia ter vindo: esperarei-a — e não veio

Sebastião Norenha

SONETO

Embora tenha sido de um relâmpago
a tua aceitação, ainda conservo
tua lembrança viva nos meus olhos
como a indeleável data de um desastre.

A tua vinda nos meus dias foi
uma esperança que se fêz presente
em toda minha vida, uma promessa
que a sorte prometeu e realizou.

Ainda que seja triste relembrá-la,
a tua imagem ficará em mim
como o desejo de uma fantasia.

E melhor sentir os velhos dias
revivendo, nesse recordar a sombra
da saudosa ilusão que alimentamos.

José Valério Rodrigues

E' preciso que eu parta! Eu vou partir, querida,
Mas levo o coração envolto de saudade.
O momento fatal da minha despedida
E' prenúncio infeliz de amarga soledade.

Parto... Fica contigo a luz da minha vida

E vai comigo a dor que o coração me invade.

Nessa ausência cruel não serás esquecida,

Pois terás, meu Amor, tôda a minha amizade.

Não te esqueças também de quem vive carpindo

A máguia de deixar-te. Em meu degredo infundo,

Implorarei a luz dos lindos olhos teus

Não te esqueças de mim que te amo loucamente,

Confia nesse amor apaixonado e ardente,

E recebe, querida, o meu saudoso adeus...

Roldão Ferreira da Paixão

Esta secção destina-se à publicação de poemas dos poetas novos. Com isto ALTEROSA visa estimular os artistas jovens de Minas e de outros Estados. Toda produção que, a nosso critério, for boa, terá acolhida nesta página.

OS GESTOS

A MULHER gesticula mais que o homem. Serve-se do sorriso, dos olhos e... do leque. Os grandes gestos que significam ferir, ordenar, abençoar, perdoar são do homem. Assim escreve Masson Forestier num belo artigo.

Alguns grandes homens não faziam gestos. O impenetrável Moltke durante a batalha de Sodowa se mostrava como habitualmente; Bismarck não conseguia tirar uma palavra à boca do taciturno. "Se ele fizesse ao menos um gesto!" pensava Bismarck, e lembrou-se de que Moltke era um grande fumante. Aproximou-se dele oferecendo a carteira de charutos: o marechal olhou, apalpou diversos charutos e enfim escolheu o melhor, com um ar satisfeito. Bismarck foi ter com o Rei e disse: "Podemos ficar sossegados, Moltke não tem preocupações sobre o resultado da batalha."

Napoleão segurava no botão do saco ou cruzava os braços contra o peito, ou as mãos atrás das costas, e assim não lhe podia escapar o gesto que trairia a emoção íntima.

Porque o gesto trai; em Essling o estado-maior não compreendeu a sua mortal ansiedade senão quando alguém viu que o Imperador tinha despedaçado a sua caixa de rapé. Três vezes o Imperador fez gestos: quando tirou a coroa da mão do Papa, quando apresentou o Rei de Roma, recenascido, à multidão aglomerada diante das Tuilleries, e em Fontainebleau, em 1814 quando, assinada a abdicação, não se pôde conter e enterrou com toda a força um furador no ebano embutido da mesinha.

*

O TESOURO DE DELFOS

O RECINTO do templo de Apolo, em Delfos — do grande teatro e do estádio — foi pesquisado por arqueólogos franceses de 1892 até 1897, e a Escola Francesa de Atenas publicou algumas esplêndidas gravuras dos resultados.

O edifício do tesouro, que foi uma das mais interessantes descobertas feitas então, foi reconstruído pelos Franceses. Tem cerca de 11 metros de comprido de leste a oeste, por uns 6m,30 de largo, de norte a sul. Parece que foi derrubado por um terremoto e esmagado pelo peso dos materiais, que desabaram do templo que lhe está sobreposto. Existem porém os alicerces, e acham-se quase inteiros os elementos arquitetônicos e decorações esculpidas. O edifício é todo construído de mármore de Paros, à exceção de um só degrau de pedra vermelha. Inscrições várias autenticam o monumento histórico. Pelas quatro faces estende-se um friso de triglifos e métopes esculpidos, que se acharam quase inteiros, representando as batalhas dos deuses e dos titãs e as façanhas de Hércules e Teseu. O arqueólogo francês Homolle fixou a data da edificação entre 480 a 490 A. C.

*

A ZEITE ou Oleo VIDA — é o preferido por ser o melhor. Sementes de amendoim selecionadas.

Para TER LÁBIOS TERNOS, DOCES, NÃO HÁ COMO **Michel**

...o batom que oferece muito mais que outros!

★ Térne sua boca adorável com as cores vibrantes do batom Michel, e verá que efeito tão delicado e sedutor ele produz! Michel faz muito mais do que se pode esperar dos batons comuns. Sua base de creme é realmente benéfica para os lábios, conservando-os ternos e suaves, sem escorrer e sem aparência oleosa. Além disso, como Michel adere por muito mais tempo, conserva o encanto dos lábios e da fisionomia durante horas e horas.

11 TONS SEDUTORES

MARIPOSA • AMAPOLA
RASPBERRY • VIVID
AMARANTH • SCARLET
CHERRY BLONDE
CAPUCINE
CYCLAMEN • BRUNETTE

BATON
Michel

Michel Cosmetics, Inc., New York

A LUZ DOS PIRILAMPOS

O ORGÃO luminoso dos pirilampos reside no abdômen. É uma secção arredondada, sob qual existe uma substância gorda que produz um brilho fosforecente, como resultado de uma lenta alteração química. Pode-se considerar esta luz um farol de amostra que atrai os machos alados ativos durante as horas de obscuridade, por isso é que os pirilampos têm hábitos noturnos.

Os olhos do macho são extraordinariamente grandes e desenvolvidos, sem dúvida com o fim de auxiliarem na busca da fêmea brilhante, mas indolente.

Viver uns pelos outros, viver em todos e em cada um, como sentimos cada um de nossos semelhantes viver em nós mesmos. Eis o verdadeiro destino do homem.

Benjamin Constant

BOM, indispensável e barato é o OLEO VIDA.

Quas novas fortunas!

200.000

200.000

A ESTADO DE MINAS GERAIS A

DIÁTA INTERNA PÚBLICA

510063

510046

DECRETO N.º 1418 DE 20 DE JUNHO DE 1934
MODIFICADO PELO DE N.º 1449 DE 5 DE JULHO DE 1934

As Portadoras destes Apólices pagarão em Vales Nominais nas
cotas de 500 mil reais cada um, das demais impressas no valor

Pagos pelo Banco Comércio e Indústria de São Paulo S. A., no Rio de Janeiro, os premios de um milhão e de cem mil cruzeiros, que couberam às apólices premiadas no sorteio de 31 de Dezembro das Consolidadas Mineiras.



Ato do pagamento, presentes os Srs. Antônio Martins Barbosa e Wademar Boque pelo Banco de Crédito Real de Minas Gerais e Araim Gentil Guimarães e Miguel Pereira Bastos, respectivamente, tesoureiro e procurador do Banco do Comércio e Indústria de São Paulo S. A.

AS Apólices do Empréstimo Mineiro de Consolidação, cuja alta cotação nos grandes mercados de titulos de todo o país refletem a admirável posição do crédito de Minas Gerais, continuam distribuindo a fortuna aos seus portadores.

Ainda agora, vêm de ser pagos pela agência do Banco Comércio e Indústria de São Paulo S. A., no Rio de Janeiro, mais dois grandes premios sorteados em 31 de Dezembro último, conforme esta revista noticiou oportunamente. O premio maior, de Cr\$ 1.000.000,00, que coube à apólice n.º 547.626, e o prêmio de Cr\$ 100.000,00, conferido ao portador da apólice n.º 235.411, ambas da série A. Os pagamentos foram feitos aos Srs. Antônio Martins Barbosa e Valdemar Boque, procuradores do Banco de Crédito Real de Minas Gerais, que representava dois de seus comitentes.

Prossegue, assim, vitoriosamente, a trajetória brilhante desses magníficos títulos do nosso Estado, cujos sorteios e amortizações continuam sendo resgatadas com a tradicional pontualidade

que caracteriza os átos do atual Governo Mineiro, através da execução do grandioso plano financeiro que trouxe a almejada normalidade para a vida do Estado, elevando ainda, a um nível nunca dantes conhecido, o crédito da nossa administração. E a cotação desses títulos, acima do par, é sem dúvida um índice eloquente desse crédito, que fez de nome do Governo Mineiro uma tradição de honradez e de pontualidade na satisfação de seus compromissos.

O flagrante que ilustra esta página representa um momento da solenidade realizada na agência do Banco Comércio e Indústria de São Paulo S. A., no Rio de Janeiro, quando eram efetuados os pagamentos a que nos referimos. Veem-se, no clichê, os Srs. Araim Gentil Guimarães e Miguel Pereira Bastos, tesoureiro e procurador do Banco pagador, e os representantes do Banco de Crédito Real de Minas Gerais S. A., que representou os seus clientes, portadores das apólices premiadas, no ato do pagamento.

A TRADIÇÃO DE JESUS NO TIBET

CONCLUSÃO

samente o governador de Jerusalém, o qual encarregou o tribunal de sábios e sacerdotes de julgá-lo. Os juizes o declararam inocente. Voltou Issa a pregar ao povo, recomendando-lhe, entre outras coisas, a obediência a Cesar e o respeito à mulher. A polícia do governador prendeu-o novamente, alegando o perigo que corria o governo, devido ao entusiasmo que dominava o povo ao ouvir suas palavras. Assustado, o governador encarcerou-o novamente e levou-o ao tribunal de Sanhedrin, onde foi acusado com falsos testemunhos.

Um dêles disse: — Não é verdade que pretendes ser o rei de Israel quando dizes que és o enviado do céu para preparar o povo?

Ao ouvir isso o bendito Issa falou: "Tu serás perdoado, porque o que dizes não é coisa tua." E dirigindo-se ao governador acrescentou: "Para que te rebaixas, obrigando aos teus inferiores a mentir, se tens poderes bastante para condenar um inocente?

Irritado, o governador ordenou ao tribunal que o condenasse à morte e que puzessem em liberdade dois ladrões, porém os juizes disseram: "Não queremos cometer o enorme pecado de condenar um inocente, e salvar a dois ladrões, porque a lei o proíbe. No entanto fagas o que bem entenderes." Lavando as mãos no vaso sagrado e saindo do tribunal disseram: "Não concorreremos para a morte dêste justo".

O governador fez crucificar os dois ladrões, justamente com Issa, e dois dias depois do sepultamento dêste, encontraram seu tumulo aberto e vazio.

Tal é o texto budista, escrito em língua pali, no convento de Hemis. Como se pode notar facilmente a tradição do Evangelho cristão é apresentada ali ao gosto dos monges do Tibet. A descrição compreendida entre o tempo que disputou o templo com os doutores, até o seu encontro com São João Batista, é cheia de fantasias. Como bons partidários de sua doutrina, quizeram deixar provado que Jesus se inspirou nas doutrinas Budistas.

Em todo Oriente e em toda a África mussulmana, desde muitos séculos, a vida de Jesus é interpretada de acordo com a crença de cada povo. Os monges tibetanos, contam que Jesus percorreu a Índia, a Persia e a Mesopotâmia, porém isso não é exato, porque se o Salvador tivesse viajado por esses países, os Judeus não teriam ocultado o fato nos evangelhos.

Há outras tendências nessa obra. Não só trata de buscar a origem da doutrina do cristianismo e explicar a vida de Jesus, mas também pretendem provar que somente Pilatos contribuiu para a morte do Filho de Deus, tirando toda a responsabilidade dos Judeus, que eram representados pelos Juizes e Sacerdotes. O estudo minucioso desses documentos provou que estes não são o espelho de uma tradição popular religiosa, mantida através de muitos séculos num país distante e separado da Judéia como é o Tibet, mas uma cópia dos textos do Evangelho, alterada ao gosto do tradutor. A linguagem pali dos manuscritos, traduzidos agora por um interprete vulgar, não é o pali oriental, contemporâneo ao dos primeiros tempos do cristianismo.

Assim, se a tradição se formou depois, deve se ter baseado nos Evangelhos mal vertidos para as línguas orientais e espalhados de acordo com o desejo e a fantasia de cada lama, os quais, ao apropriarem-se da narrativa, nacionalizaram-na, dando o cristianismo como inspirado na fé budista.



Já ouviste o mutum, à tardinha calmosa,
Gemer sentimental nas restas escuras?
Não conheço outra voz mais solene e piedosa
Nem com tanto poder de evocar amarguras.

Em pós o apaga-pó-os chuviscos de râma,
Desde Agosto a Novembro, o Sol mal se equilibra.
Vai nas casas do Céo, sem saber qual mais ama,
De Virgo ao Escorpião, nos trajes de Libra.

Vésper, cédo, desperta, a rir da dorminhoca,
A galante Altair, que emerge de mansinho
Do nevoeiro, a piscar, como a fazer bichinho,
Estremunhada, abrindo a rutilante bôca.

A' hora estonteadora e pasma do Sem-Termo,
Hora de transição, paralisante e forte,
Que o Poente desmaia em delírio de enfermo
E o crepúsculo tem dissoluências de morte.

Nessa crise da Luz — dolorido intermedio,
Que nos faz exumar os defuntos amores,
Esse estranho avejão, intérprete do Tédio,
Conta a conta, desafia o rosário das dores.

No recesso da mata, escura, emaranhada,
De ar catedralesco, opiparo, pagão...
Todo dia há batismo ao calo da orvalhada
E na hostia do sol a geral comunhão.

Matinas em que o vento imita um violoncelo
E vesperas da Cór, que nos charcos se imprime,
E o passarelo entoá um Adoremos halo,
Em surtos geniais, atingindo o sublime!

Oveiro branco, peito escuro e o mais em luto,
Sem, sequer, um dever que a sua paz inquieto;
O mutum tudo vê, de seu poleiro astuto,
Apenas ericando o leque do topete.

Galináceo amador das noitadas amenas,
Repimpado num páu, sobre as curvas-debruço,
Quando tudo inda dorme, ele concerta as penas,
E do fundo do papo enche o céu com um soluço.

Esse cavo rumor de incisiva plangência
Que nos lembra o Não-Ser, que o meu eu busca a
éssima,
Existe a compungão, pela igual eloquência
Do longo badalar de um bronze na Quaresma.

Por baixios, rochas e quebradas sombrias,
Esse anceio gorjal é um supremo pregão:
Como se a selva ouvisse a voz de Jeremias,
Anunciando o Mal das bandas do Aquilão...

O' vós todos que andais pela brenha perdidos
Enlevados nos sons de perfida lufada...
Se quereis empolgar vossos cinco sentidos,
Atendendo o clamor de uma estranha chamada,

Vinde ouvir o mutum, na eclosão matutina,
Como um louco, a marcar, em tom basso-profundo,
Na tentoiqua voz, a piedade divina,
Que compassa, a carpir, as tristezas do mundo...

Grafologia

Direção de FÉBO

A BONDADE, A SENSIBILIDADE E A GRAFOLOGIA

O aspecto da alma humana, por excelência maravilhoso, resume-se, sem dúvida, nessa palavra de ouro: bondade. É a bondade a inteligência do coração; é o conjunto mais ou menos completo de um grande número de qualidades felizes.

Assim sendo, muitos são os sinais gráficos que colaboram para encontrarmos essa alta expressão do espírito. O primeiro desses sinais, o que nos revela a bondade à primeira vista, embora dependente de outros, é anunciado pela presença dos caracteres curvos. A escrita redonda, harmoniosamente espaçada, de letras não serradas, indica sempre um coração generoso e a pedade natural, irmã gêmea da justiça. Contudo, para que esses sinais tenham a significação exposta, é necessário que não exista na letra aludida, nenhum colchete egoista, nenhuma palavra gladiolada e, sobretudo, nenhum final gladiolado. Com efeito, a bondade jamais poderá aliar-se a sentimentos inferiores, tais como o egoísmo, a mentira ou o espírito agressivo.

Na escrita da pessoa realmente dotada de bondade as curvas são doces, as maiúsculas ligam-se às minúsculas sem o auxílio dos dolchetes e as letras, medianamente espaçadas, indicam a coragem moral que permite ao seu autor estender a mão aos menos favorecidos, sem consultar os seus próprios interesses.

Convém notar que uma escrita média, leve, aérea, quer dizer pouco nutrida de tinta, dotada dos sinais precedentes, com pontos e acenos leves, denuncia uma bondade que se alimenta de espiritualismo. Não há temer nela nem a inveja, nem o ciúme, nem o ódio, nem a vingança. Se a escrita redonda é muito pequena, existe algo de pretensioso no seu possuidor. Também mostra esse tipo de grafismo, acentuada vaidade intelectual.

Muitas pessoas confundem a bondade com a sensibilidade; no entanto uma pode existir, independente da outra. A bondade é feita de piedade, de justiça e de franqueza. A sensibilidade não necessita desse conjunto de qualidades. Podemos mesmo definir-las, como a facilidade de ser atingido. Se, por exemplo, a impressão exterior cai sobre uma criatura verdadeiramente boa, isto é, devotada, ela cuidará de melhorar uma situação. Se, ao contrário, essa impressão cair sobre uma pessoa egoísta, ela fingirá não percebê-la. Em ambos os casos aparece o fenômeno da sensibilidade. Somente o primeiro denomina-se devotamento e o segundo, sujeitabilidade egoísta.

* * *

CORRESPONDENCIA

DORALICE (São Paulo) — Imaginação ardente, entusiasta e, muitas vezes, crédula. Muita impressionabilidade e necessidade constante de conversar e manifestar as suas idéias que são mais ou menos nebulosas. Embora de aspecto corajoso, é pessoa tímida, desconfiada e incapaz de tomar

uma deliberação sem o auxílio de outrem. Bastante idealista, costuma ver as coisas de um modo diverso do comum das gentes. Traços de vaidade e alguma teimosia. Gostos musicais.

GENI (Campanha — Minas) — Letra de pessoa dotada de espírito de ordem e método. Vontade

* * *



DESENHOS
COMERCIAIS
TÉCNICOS E
ARTÍSTICOS

CARTAZES
GRÁFICOS
ROTULOS
ILUSTRAÇÕES
CARICATURAS

RUA ESP SANTO, 621-ESQ. AVENIDA-ED.CRISTAL
1º AND. SALA 4 - FONE 2-6707-BELO HORIZONTE



energica e bem orientada, capaz de realizar tudo o que intenta. Gostos finos, boa educação, sentimentalidade normal, bondade natural. Espírito ainda em formação, sujeito às modificações decorrentes da idade e da educação.

MILADY BETTY (Campanha — Minas) — Tipo de grafismo dedutivo, revelador de lógica, capacidade de dedução e gosto das ciências positivas. Traços de dissimulação, desconfiança e algum egoísmo. Vontade frágil e desigual. Grande nervosismo, atividade febril, irreflexão, imprudência e inquietação. Como a consultante anterior é, também, espírito ainda não formado, sujeito, consequentemente, a modificações.

LYS (Rio) — Vontade resoluta e tenaz. Notada confiança em si. Às vezes gosta de impôr as suas idéias, pois é um pouquinho autoritária. Traços de ironia, graça, finura e "savoir faire". Independência de caráter, teimosia e orgulho. Atravessa, no momento uma crise de desânimo, mas, de modo comum é entusiasta e corajosa. É expansiva e possue uma invejável presença de espírito. Ama as artes, especialmente a música. Gostos poéticos.

ALMA TORTURADA (Santo Antônio do Monte — Minas) — Capricho, fantasia, imaginação, gosto do belo, boa inteligência e capacidade de assimilação. Amor da discussão. Idealismo exagerado, nervosismo e agitação. Sentimentalidade normal, pouca capacidade afetiva. Instabilidade temperamental e de humor.

MORENA DO SERTÃO (Guaratinga — Minas) — Grafia de pessoa dotada de ótima inteligência e excelentes dotes de espírito. Se emprestasse à sua capacidade intelectual um pouco mais de vontade de estudar e aprofundar os conhecimentos que possue, muito haveria de conseguir no mundo das letras. Infelizmente a vontade não é muito forte, ou melhor: ela varia. Ora muita energia, ora muito desânimo. É ativa, alegre e capaz de dirigir com acerto e justiça. Ama as crianças e as artes em geral. Desconfia um pouco da vida, mas sente alegria em viver.

CONFORMADA (Guaratinga — Minas) — Sob o ponto de vista grafológico, não há letras bonitas ou feias. Há, antes, letras dotadas de personalidade e letras

*

AZEITE MARIA, o preferido em todas as mesas pelo seu excepcional paladar.

caligráficas. Criminosos os professores que exigam dos seus alunos, este ou aquele tipo de letra. O essencial é se fazer entender... O resto é enfeite. Mas, não fujamos ao nosso assunto. Revelam os seus traços gráficos alguma irreflexão, hesitação e pouca capacidade de estudo sério. Inteligência clara, ironia, espírito crítico, graça e alegria exterior, porque interiormente sofre crises de tristeza e melancolia. Desconfia até dos melhores amigos. Sabe dissimular bem os sentimentos, por que é bastante orgulhosa e independente. Ama o luxo e a vida faustosa.

ELDA — (Almenára — Ex-Vigia — Minas) — Dissimulação, pressa, impaciência, nervosismo e fantasia desregulada. Sentimento de empreesa, capacidade de trabalho, alguma vaidade e orgulho pronunciado. Vivacidade, graça e falta de precisão. Dedutividade, lógica e facilidade de raciocínio. Indecisão, imaginação bizarra e mobilidade temperamental.

CINÉA — Carangola — Minas — Fantasia, capricho, sentimento do belo, imaginação, capacidade criadora. Inteligência esclarecida, finura no trato, gostos poéticos. Traços de vaidade, orgulho e egoísmo. Alguma desconfiança, timidez e dissimulação. Caráter pouco comunicativo. Ausência de sensibilidade e impressionabilidade.

DENIZE — Carangola — Minas — Dogura, sensibilidade, afetuosidade, devotamento refletido. Modéstia, lealdade, franqueza e simplicidade. Predominância dos sentimentos morais. Atividade, raciocínio, firmeza e prudência. Constância, perseverança, caráter imutável. A possuidora de tal graça vai direitinho no seu caminho, segura de si mesma, sem paixão, com coragem e certeza, firme nos seus princípios e convicções. Sua linguagem, seu pensamento e seus atos estão sempre em completa harmonia.

PEQUENA — Campo Grande — Mato Grosso — Embora um tanto caligráfica revela a sua graça uma personalidade bem marcada, com excelente equilíbrio psíquico e notado controle emocional. O sentimento de arte é sensível e o gosto pela música é revelado nos mínimos detalhes. A educação é aprimorada e os dons de espírito são inumeros. De temperamento é igual mas a capacidade afetiva é limitada. Ama as belas situações.

HOMENS ou Mulheres, moços ou velhos, terão boa saúde usando **OLEO VIDA**.

MAÍDA — Joaíma — Minas — Capacidade de síntese, sentimentos poéticos, misticismo e elevação do espírito. Delicadeza de sentimentos, fina educação, noção do dever. Expansividade, idealismo, independência de caráter. Bondade natural, gosto das letras, imaginação, convicções inabaláveis. Descontentamento da posição que ocupa. Amor próprio e timidez.

RECONCENTRADA — Pirapora — Minas — Letra de pessoa vaidosa, egoísta, dissimulada, orgulhosa e pouco sensível. A lenitão do grafismo e o modo geral de traçar as letras revela um espírito ainda em formação, capaz portanto de mudanças sensíveis. E' pessoa que se preocupa muito com a parte material da vida. De temperamento reservado e discreto sabe guardar os segredos que lhe são confiados.

SHEILA-MARIA — Diamantina — Minas — Letra de pessoa um tanto orgulhosa, vaidosa e um pouquinho egoísta. Traços de teimosia, acentuado amor próprio e reserva com os íntimos. Boa inteligência, amor da música e das artes em geral. A barra dupla do "t" mostra vontade média, mas obstinada e perseverante. Sinais de prudência. Discreção, alegria e espírito de ordem.

ULISSES — Morada — Minas — Tipo de letra de pessoa muito sentimental, toda coração e bondade. Capacidade afetiva, sentimento do dever, vontade orientada, parcimônia nos gastos. Idealismo, sensibilidade, reserva fria, alguma tristeza, desânimo e melancolia. Simplicidade, apatia e inquietação. Algum cansaço mental e físico.

ROUXINOL — Caravélas — Bahia — Letra de pessoa bondosa, inteligente, reservada e discreta. Crises de desânimo e tristeza. Tino comercial. Vontade às vezes muito energica, pouco controle coitudo para os casos do coração. Temperamento contraditório, gosto das viagens, e independência de caráter. Generosidade, lealdade, prodigalidade e sinceridade.

PÉROLA — Caravélas — Bahia — Originalidade nas idéias, graça,



Livre — com o uso contínuo do Odorono — do receio de que o exercício possa aumentar a transpiração com seu cheiro desagradável, você há de empregar todo a sua energia na competição — Porque Odorono impedirá a transpiração de a 3 dias, conservando a frescura de seu lindo traje esportivo.

Odorono é recomendado em todo o mundo, líquido e creme. Nelas confiam todas as senhoras elegantes em todos os momentos da vida.

Desodorante
ODO-RO-NO
*Corretivo da
TRANSPIRAÇÃO*

ODORONO LIQUIDO
... inofensivo e eficiente, ODORONO CREME
... rápido e fácil de usar.

*

espírito de ordem, vontade bem orientada. Pouca capacidade de trabalho, orgulho, vaidade pes-

FE'BO - SECÇÃO GRAFOLOGICA

Junto a esta mais de 20 linhas, à tinta e em papel sem pauta, para que V. S. faça o meu perfil grafológico pela revista ALTEROSA.

NOME _____

PSEUDÔNIMO _____

CIDADE _____

ESTADO _____

- CONTABILIDADE
- ORGANIZAÇÃO
- PERICIAS
- IMPOSTO DE RENDA
- LUCROS EXTRAORDINÁRIOS



CONSULTEM A

I. O. R. C.

INSTITUTO DE ORGANIZAÇÃO E REVISÃO DE CONTABILIDADE S. A.

Edifício Mariana, 11.º andar — Sala 1118 — Fone 2-2859
DAS 9 AS 11 E DAS 13,30 AS 17,30

AV. RIO BRANCO, 277-149 - CONJ. 1410
TEL. 42-9154 - RIO DE JANEIRO

S. FREI GIL

POEMA — *do tempo melhor*
Murilo Araujo

Num quarto triste, aos vinte anos,
fiz noivado com a Alegria.
Livros, a alma, o céu, o sol.
E dia a dia
marcava o canto da vida
com seu mortuário lamento
o bordão grave e profundo do relógio do convento.

Horas alegres...
(Estrelas nasciam em meu pensamento!)
Horas felizes —
festins e serenatas com lanternas!
Horas douradas —
jardins, jardins de deslumbramentos...
E contava hora por hora
o bordão grave e profundo do relógio do convento.

Hoje fui à rua antiga
onde a manhã me sorria.
No quarto, mais triste um pouco,
morava outro com a Alegria.
Não vi mais nenhum dos anjos,
Não vi mais nenhum dos pássaros
que me enchiham de luz o pensamento.
Somente rolava longo
Num longo pressentimento
o bordão
grave e profundo
do relógio
do convento.



A FONSO III, passando das justas de França para a sedentariade do poder real, adoecera de gota. Levava os dias afundado numa barbara cadeira de castanho, o bordão entre os joelhos, os pés entrapados e disformes, o olhar errando na nevoa douada da manhã.

Quando S. Frei Gil que abandonara ao dominicano Frei Pedro Huesca a dignidade de provincial, chegou de jornada à corte, o rei quiz vê-lo e ouvi-lo. O antigo escolar de Paris, o médico das covas de Toledo, adormecido sobre o *Euchlidion* e sobre a *Tabola de Esmeralda*; o moço frade de Valencia e de Santarem, que fôra buscar a Bolonha a murça de doutor, — surgiu deante dos olhos de Afonso III como um espetro, como uma sombra valetudinária devastada pela idade e pela penitencia, a barba branca caindo num a onda de prata sobre o escapulário negro, o corpo tropeço, arrimado a um bordão velho de zambujo. Rei e frade abraçaram-se. Amparam-se um momento as duas decrépitudes. E quando Frei Gil, uma hora andada, arrastando as sandalias no lagedo do chão, ia sair do paço,

— Afonso III teve uma inspiração súbita, chamou o santo, e, esperando para as suas dores o milagre de um alívio, murmurou:

— Padre, trocal o vosso bordão com o meu.

Obedeceu Frei Gil. E enquanto amparado ao cajado do frade, Afonso III corria já a camara, alegre e ressurgido da sua gota, entre as mãos humildes de Frei Gil de Santarem o bordão do rei, como um cetro resplandecia.

soal e traços de egoísmo. Sentimento do dever, amor do luxo e da vida faustosa. Bôa inteligência, alguma indiscreção, muita expansividade e alegria de viver. Desconfiança e dissimulação.

LINDALVA SOBREIRA — Brejinha — Minas — Vaidade pessoal, capacidade para realizar negócios lucrativos e tino comercial, enfim. Inteligência normal, raciocínio claro, gostos matemáticos. Discreção, reserva, desconfiança e dissimulação. Vontade igual, sem ser rígida, princípio cristão, nervosismo e agitação. Pouco espírito de ordem, parcimônia nos gastos, elegância e espiritualismo.

FLOR DE MAIO — Pirapora — Minas — Muita fantasia, graça, vaidade, orgulho e acentuado amor próprio. Prudência, desconfiança, espírito crítico e suscetibilidade. Religiosidade, contradição, chicana. Vivacidade, entusiasmo e alguma timidez em um ou outro caso. Dignidade, caráter e traços de teimosia.

SEREIA — Pirapora — Minas — Espírito muito em formação, de estudo difícil e sujeito a falhas e imprecisões. A inclinação variável da escrita mostra pouco equilíbrio nervoso, emotividade, ausência de controle das emoções. Egoísmo, teimosia, vontade mal orientada e idealismo sadio.

Desconfiança, impulsividade, espírito pouco ordeiro.

VOKLING — Lambari - Minas — Escrita sóbria, cuja harmonia de traços revela um valor moral. Julgamento sôlo e claro, lucidez de espírito, calma, ponderação e gravidade de pensamento. Imaginação profunda, harmonia, senso da beleza. Doçura, sensibilidade, afetuosidade. Expansividade, saúde e alegria. Vontade firme, forte e conciliadora.

IRIS — Formiga — Minas — Vontade enérgica, desconfiança, benevolência e parcimônia nos gastos. Reserva, discreção, espírito de assimilação e idéias práticas. Calma, ponderação, prudência, imaginação lenta, reflexão e pouca atividade.

CIBELE — Capital — Orgulho, vaidade e desejo de parecer mais do que a realidade. Bôa inteligência, cultura geral, independência de caráter, pendor literário, imaginação e capacidade inventiva. Sentimento do ritmo, idéias originais, gôsto da forma. Pouco sentimentalismo, traços de egoísmo e mobilidade temperamental. Prodigalidade, amor do conforto e do luxo, gôstos estéticos.

ARTUS RILL — Capital — Tipo de grafismo mixto revelador de um cérebro bem equilibrado, criador e realizador ao mesmo tempo. Esse tipo de letra é comumente encontrado entre os enciclopedistas, filósofos, pensadores e observadores aos quais é necessário o senso da crítica, da análise e da comparação. Espírito de assimilação, idéias práticas, pequenas maldades. Caráter irascível e suetível. Pensamento nítido. Vivacidade, alguma irreflexão, notada impaciência. Bôa inteligência, cultura de espírito, nervosismo e inquietação. Vaidade e orgulho do nome. Bôa educação, gôstos finos e poéticos.

CESAR AUGUSTO — Maceió — Estado de Alagoas — Queira renovar a consulta escrevendo em papel sem pauta e assinando o próprio nome. O pseudônimo só é permitido para a resposta.

CAPICHABA — Rio — Poder de observação e domínio conciente das emoções, predominância da atividade racional, visão racionalista das coisas, experiência do mundo, atitudes calculadas, pouca acessibilidade, vontade hesitante. Capacidade de síntese, bastante autoritarismo, cultura intelectual apreciável. Lógica, raciocínio, às vezes, irreflexão. Gostos artísticos. Falta o essencial para um estudo mais completo: a assinatura.

CURIOSA — Machado — Ótima inteligência, vontade segura e bem orientada, caráter bem formado. Bondade natural, idéias próprias, capacidade de criação. Embora de natural dócil, pensa libertariamente, porque é bastante independente. Tendências musicais, modéstia, simplicidade e gôsto pelo desenho. Visível interesse pelas coisas antigas. Senso humorístico. Acentuadas predileções e antipatias.



Não odeies pessoa alguma, nem mesmo os maus. Compadece-te deles porque jamais conhecerão o único gozo, que consola na vida: fazer o bem.

Octave Mirabeau

Realce seu Encanto
embelezando
seu Cabelo



Para realçar a beleza do seu rosto e aumentar seu encanto pessoal, proporcione aos cabelos a vitalidade e o brilho que lhes assegura o Tricófero de Barry. Famosa loção rejuvenescedora, Tricófero de Barry vem sendo usado, com pleno êxito, há mais de um século, por todos os que desejam eliminar a caspa, evitar a queda e o enranquecimento prematuro dos cabelos, e as afeções do couro cabeludo.

Adote Tricófero de Barry — e verificará, por si mesma, o acerto da sua escolha.

Tricófero
de Barry

EM USO DESDE 1801

TB-1

I-A



Se o princípio do amor não fosse um mistério, há muito tempo que curiosidade e o grosseiro instinto o espécie teriam secado a fonte da vida.

"VIDA" — É a marca do primeiro e melhor OLEO DE AMENDOIM, para mesa e cozinha, possuindo propriedades essenciais à boa alimentação.



GRAVADOR

RUA GONÇALVES LÉDO 45
FONE 43-0631

RIO DE JANEIRO
OS CLICHÉS DESTA REVISTA SÃO
FEITOS NESTA CLICHERIE.

ARAUJO

PHOTOGRAVURAS,
ZINCOGRAPHIAS,
TRICROMIAS
DUPLAS, CLICHÉS
EM COBRE, E
DESENHOS.



RIO DE JANEIRO

O LINHO

O LINHO é de certo a melhor matéria-prima para a fabricação do papel; porém muitas outras substâncias, tais como cevada, arroz, aveia, milho, eryllhas, feijões, agulhas de pinheiro, refugo de cana, musgo, algas, fumo, lichens, folhas e cascas de árvores, acelgas, batatas... Toda-via a maior parte do papel comum é feito da madeira de certas árvores. E assim como de tudo, por assim dizer, se pode fazer papel, também tudo ou quase tudo se pode fazer de papel.

De papel comprimido fazem-se rodas, carris, canos, ferraduras, brinidores de jóias, biciclos, tubos asfaltados para gaz ou para fios elétricos.

Com polpa de madeira e sulfato de zinco, já se experimentou em Berlim fazer o calçamento das ruas... antes da guerra.

De igual maneira se fabricam telhas e manilhas para a água. Há postes de telegrafo feitos de folhas de papel enrolado, ócos, mais leves que os de madeira, e resistindo melhor ao tempo.

No Japão fazem-se de papel, vergas para as janelas, lanternas, guardas-sol, lenços, couro artificial, etc. A roupa branca do japonês, quando em campanha, é feita de papel.

Compram-se hoje em dia chapéus de palha, nos quais não entra... um átomo de palha! São feitos de tiras estreitas de papel, tintas de amarelo. Fazem-se esponjas artificiais de celulose ou de polpa de papel.

O uso do papel na indústria pode estender-se indefinidamente. Empregase na imitação da porcelana, em balas, em sapatos, em panos de bilhar, em velas de embarcações, em tâbuas para construção, em sacos impermeáveis para cimento e outras substâncias em pó, em barcos, em yasilhas para água...

Até já se fez um fogão de papel, o qual aguentou perfeitamente o calor.

Pode-se usar a celulose para preparar um revestimento impermeável que se aplica como tinta. Tem-se construído casas completas de papel; na Noruega há uma igreja com capacidade para mil pessoas, toda construída de papel — inclusive o campanário!...

BRASILEIRA

SEDAS — TECIDOS FINOS
AS MAIS BELAS CREAÇÕES

AVAF. PENA, 974



Chove lá fora. Cá por dentro, erma,
Tem esta sala, palidez enférma.
Há em tudo um silêncio que me irrita;
Nada vibra, nem freme, nem palpita!...
O chão, as flores, os espelhos, tudo
Num descoloramento triste e mudo,
Lembra sombras desfeitas, sombras frias
De sonhos, de quimeras, de alegrias!

... Um piano, sozinho, abandonado,
Num mutismo cruel, desconsolado...

... Uma flor, que na jarra se debruça,
Vive morta, e não canta, e não soluça!...

... Uma lâmpada fria, inexpressiva,
Que não brilha, não morre e não se aviva;

... Uma lágrima triste, rebrilhando,
— E nem ao menos eu estou chorando!
Chove lá fora. Cá por dentro escorre
O tempo de uma noite que não morre!
— Que importa a vida, quando a morte é certa?
... Como é fria esta sala, e assim deserta
Ela fica, talvez, mais fria ainda...
— Quem sabe a vida, muita vez é linda !

Chove lá fora. É plúmbeo o firmamento;
Choram goteiras num desolamento,
E eu adivinho um soluçar de máguia
Cada vez que deslisa um pingão d'água
'Riscando, manso, a transparência baça
Do retângulo frio da vidraça!...
Mas, aqui dentro, nem ao menos vibra
A corda de um soluço, ou uma fibra
Do piano, sozinho, abandonado...

... Há em tudo um véu tênu, acinzentado...
Cerro os olhos...

... e dentro do meu peito
Sinto meu coração semi-desfeito.

... Há na minha tristeza que não fala,
A mesma solidão que há nesta sala!...



Maria Tereza de Andrade Cunha



DIVAGANDO

MARIA TEREZA DE
ANDRADE CUNHA



Maria Tereza de Andrade Cunha. Já ouviram este nome? Não o ouviram. É uma jovem poetisa carioca que aparece em ALTE-OUSA. Sua poesia é leve, sentimental, voltada, em pouco para o segredo das coisas mudas que cercam e a que ela canta a sua língua-gemista. Versos lindos consoa o poeta.

SUCESSO — Sem precedente, da indústria nacional, OLEO VIDA, de amendoim — para mesa e cozinha.

— Cogita-se da fundação de mais uma emissora em nossa Capital. Segundo conseguimos apurar, o matutino "O Diário" está trabalhando no sentido de que sejamos dotados de mais uma estação de rádio, de princípios essencialmente católicos.

— Procurando dar maior expansão às realizações dos diários e emissoras associadas, recebemos comunicação de que os escritórios da direção comercial e artística dessa empreesa, em nossa Capital, será instalado, brevemente, no 12.º andar do edifício Mariana.

— Eddi Leal, que realiza vitoriosa temporada ao microfone de PRC-7, é um interprete seguro de canções brasileiras, francesas, mexicanas e italianas, motivo por que tem conseguido vibrantes aplausos dos ouvintes da "veterana", em seus programas na Rádio Mineira.

— Transcorre no próximo dia 6 do corrente, o aniversário natalício do locutor Orlando Pacheco. Por este motivo, o aniversariante que é elemento de destaque e popularidade em nosso "broadcasting", onde goza de geral estima, será muito cumprimentado por seus numerosos amigos e admiradores.

— Aproveitando-se das férias que lhe foram concedidas pela Rádio Guarani, Vilma Leal Arnot esteve excursionando pelo Rio de Janeiro mas, de novo, já se encontra em nosso me.o.

— Contratada pela Sinfônica de Belo Horizonte, deverá chegar por estes dias à nossa Capital a grande cantora patrícia Alice Ribeiro, lídima expressão da música de classe de nossa terra. Ao que tudo indica, Alice Ribeiro será convidada a realizar alguns recitais de canto para os ouvintes da PRH-6, apreciadores da boa música.

— Notícias do Rio confirmam a saída de Mesquitinha da Rádio Nacional, contratado pela Ráde Fluminense de Broadcasting; e, o cronista especializado Fernando Lôbo está em vias de transferir-se para a emissora da Praça Mauá.

— Além de Pedro Vargas, que foi contratado pela Rádio Mineira para uma temporada ao seu microfone, podemos informar aos nossos leitores que, também os Anjos do Inferno reaparecerão por estes dias aos seus fans de Minas Gerais, através do microfone da PRH-6.

PRO'S E CONTRAS

D'ARTAGNAN

DIZEM OS "VENENOSOS" do nosso rádio que a licença concedida pela Rádio Guarani ao cantor Abilio Lessa muito se assemelha a que a emissora oficial "autorizou" ao cantor Nelson Leal... isto é, "permanente".

A REVISTA CARIOCA "Vida Nova" insere em seu último número um interessante comentário sobre a desvalorização das emissoras que firmam anúncios por qualquer preço. Analisando a desvalorização de sua onda, pelo montão de textos comerciais que, no final, resultam em nenhuma eficiência publicitária, termina endossando as palavras de Henrique Silva quando diz que "rádio-difusão é a arte de embrulhar em anúncios alguns farrapos de música..."

OS PROGRAMAS LITERÁRIOS da Inconfidência continuam sendo o ponto alto de suas transmissões. Redigidos por pessoas idôneas e competentes, constituem, sem nenhuma dúvida, um dos maiores atractivos da emissora oficial.

A PROPÓSITO: a direção artística de PRI-8 precisa cuidar mais da sua programação de estúdio. Como está... não é possível. Elementos de pouco valor, lançados, sem um motivo justificável, no "cast" de exclusivos, são os responsáveis diretos do pouco interesse do público pela sintonia da emissora-padrão...

ANTIGOS LOCUTORES do nosso rádio que se encontravam afastados do microfone voltaram a atuar na Mineira e na Guarani. Afina de contas, se tivessem voltado para sanar a deficiência das ditas estações — apoiado. Infelizmente, porém...

UMA IDEALIZAÇÃO FELIZ e oportuna, merecedora de apoio, nos será proporcionada em breve pela Rádio Guarani, com o lançamento do programa "A Ópera em Novelas". Esse programa é uma criação de Enios Marcos de Oliveira Santos, o dinâmico diretor comercial da PRH-6, que o apresentará, a partir deste mês, três vezes por semana na onda da "estaçao das grandes realizações". Consistirá na divulgação seriada de todas as óperas, através de uma parte descriptiva e desfecho musical.

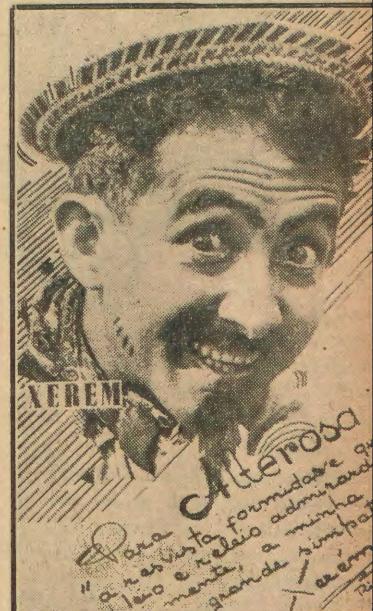
* * *

XERÉM E DÊ MORAIS

A PÓS uma vitoriosa excursão, pelo sul do país, onde se apresentaram com o habitual sucesso ante os principais microfones e cassinos, voltaram ao Rio Xerém e Dê Morais, integrantes da conhecida dupla caipira que tantos admiradores soube conquistar em nosso Estado, através de sua memorável temporada ao microfone da Guarani.

Ao que tudo indica, e tendo em vista as exigências do público mineiro, é de se prever que a dupla Xerém e Dê Morais voltará brevemente ao rádio mineiro, em outra temporada que sirva para "matar as saudades" da imensa pleia de fans que aqui deixaram.

Enquanto isso, os fans mineiros poderão ir ouvindo a boa dupla, mesmo de longe, através da onda de PRA-9, Rádio Mayrink Veiga do Rio de Janeiro.



Xerém

OS NOSSOS MELHORES

NESTAS páginas, temos oportunidade de apresentar algumas fotografias dos elementos do rádio local cujos programas, através da Guaraní, Inconfidência e Mineira, estão merecendo, entre outros, a classificação de cartazes realmente populares.



VILMA LEAL ARNOT, pode ser classificada, no gênero, como uma das melhores cantoras do "broadcasting" nacional.



ALAOR BRASIL, além de ser um dos mais simpáticos intérpretes de melodias portenhelas, é um artista de vastos recursos. Canta às segundas, quintas e sábados, na onda da Guaraní, às 19,30 e das 21 às 21,30 horas.



BEATRIZ NOVAES, apreciada cantora de "foxes" e canções, do "cast" de exclusivos da Inconfidência, atua às terças, quintas e sábados, às 21,30.



Descoberta de Romulo Pais, no programa Gurilândia, JOSE' LINO, rapidamente se impôs como um dos mais perfeitos cantores de melodias mexicanas. Dotado de uma voz muito boa e de uma interpretação segura, o jovem cantor "exclusivo" da Guaraní vem alcançando rétumbantes sucessos em seus programas irradiados três vezes por semana, na onda da PRII-6.



Outro excelente conjunto vocal que vem se impondo de maneira brilhante como uma das principais atrações do nosso rádio é constituído pelos seis elegantíssimos "GALAS DO RITMO". Esse sexteto é exclusivo de PRC-7, em cujo microfone se apresenta às terças, quintas e sábados, entre 21,30 e 22,00 horas.

CARTAZES DO MOMENTO

PELAS qualidades artísticas dos astros e estrelas que ilustram estas páginas, seus programas estão merecendo o aplauso da crítica e, sem favor, a admiração e a simpatia dos radio-ouvintes mineiros.



Pela simpatia pessoal, aliada a uma voz caliente, MABEL TOLETINO dia a dia se impõe como uma cantora de qualidades.



JOSE' MENEZES FILHO, constitui, inegavelmente, a maior revelação artística do rádio mineiro nesses últimos tempos. O magnífico tenor "colored" revelado pela prof. Celina Peixoto e que a Mineira vem apresentando ao seu microfone, às terças e sextas-feiras, das 21,15 às 21,30, é motivo de justo orgulho para o "broadcasting" das altorosas.



Na Rádio Inconfidência ROSITA DE SOUZA prossegue na apresentação de seus vitoriosos programas de música fina.



O "QUARTETO DE OURO", formado pelos irmãos Silvio, Roni e Hélio Silva e do "crooner" Geraldo Tavares, firmou-se como um dos melhores do nosso rádio. Os programas dêsse apreciado conjunto são apresentados na onda da Rádio Guarani, às terças, quintas e sábados, das 21,30 às 21,45.



Um dos cantores de maior evidência do "cast" de exclusivos da emissora oficial é FLÁVIO DE ALENCAR, o seresteiro de valsas e canções do nosso "broadcasting". Fidelíssimo interprete de músicas da nossa terra, FLÁVIO ALENCAR faz jus à grande popularidade que desfruta entre seus colegas, graças aos excelentes programas que tem apresentado na onda da Inconfidência, às terças, quintas e sábados, das 21,45 às 22,00 horas.

FIGURAS DO RÁDIO CARIOSA



Miss Baby, Marlene e Lídia Matos, são três graciosas figuras integrantes do "cast" da Rádio Mayrink Veiga do Rio de Janeiro. Miss Baby canta também no Cassino da Urca, e Lídia faz parte do magnífico conjunto radial da PRA-9.



COLUNA DOS FANS

As opiniões que nos sejam enviadas sobre programas e assuntos radiofônicos em geral serão publicadas nesta coluna, desde que sejam bem intencionadas, construtivas e sintetizadas. Toda a correspondência deverá ser dirigida à Revista ALTEROSA — Seção de Rádio — Caixa Postal, 279 — Belo Horizonte.

STA. DOLORES SILVA — Siderúrgica (Sabará) — Minas — Destacamos em sua carta o seguinte trecho: "A PRH-6 não poderia apresentar programas exclusivamente de crianças? Parece-me que a Vilma Leal Arnot e o José Lino já estão um pouco crescidos, o sr. também não acha? Afinal, o programa é 'infantil' ou de 'artistas exclusivos'?"

A leitora talvez esteja parcialmente com razão. Contudo, Rómulo Pais ficou incumbido das explicações necessárias pelo microfone da Guaraní, num dos próximos programas "Gurilândia".

STA. VALDEREZ FERNANDEZ — Capital — Em sua missiva comenta o seguinte: "A meu ver, muitos elementos que participam dos programas de estúdio da 'indígena' não têm-se distinguindo muito devido a negligência (?) dos diretores artísticos; pois, a fama ou o cartaz do ar-

tista depende grandemente da 'propaganda' feita pelo anunciante do programa e pelo prestígio que conta com os diretores. Assim acontece com Neuzinha Queiroz, a melhor cantora de fox do nosso rádio e que possui numerosos 'fans'. Todavia, sua voz não está sendo aproveitada como merece, cantando em hora tão imprópria como às 17,45. Porque não aproveitam-na para cantar em programas de estúdio depois da hora do Brasil, com assistentes, e principalmente, 'bem acompanhada'? Eu seria a primeira a chegar à Guaraní, mesmo sujeitando-me a enfrentar as várias dificuldades tão comuns quando se tem de assistir algum programa da H-6..."

SR. EFIGENIO AUGUSTO SEIXAS — Capital — Na carta muito atenciosa que nos enviou, pede divulgação das linhas que se seguem: "Ouvir-se programas onde impera a falta de bom gosto tão comuns na radiofonia brasileira, mas de preferência em Belo Horizonte, é sujeitar-se a um castigo imerecido. Afinal de contas é preciso que se ressalte: Quais são os verdadeiros sustentáculos da radiofonia nacional? Nós, os patrocinadores de programas, os anunciantes que não se cansam de cooperar para o progresso do nosso rádio. Quando somos procu-

rados para patrocinar qualquer programa que se nos afigura compensador, interessante, bom, não relutamos em atender ao pedido feito e oferecê-lo ao público. E isto, muitas vezes, a custa de muitos sacrifícios, pois tratam-se de programas caríssimos. Entretanto, acabo de chegar à conclusão da necessidade de uma revolta geral contra esse desprestígio dos patrocinadores. Não se justifica o dispêndio de grandes importâncias em troca de programas 'sem importância'. O mal parece-me total. Todavia quero acreditar que somente entre nós existe e proliferou tal desprestígio. Precisamos reagir."

LOCUTORES MINEIROS

De Hélio BASTOS COUTO

DAQUELE prédio simples, instalado em tão aprazível recanto, ascende aos céus de Juiz de Fora, a voz da Rádio Sociedade local — elevando aos ares as mais sinceras e filantropicas preces ao Divino — na hora sublime da Ave Maria...

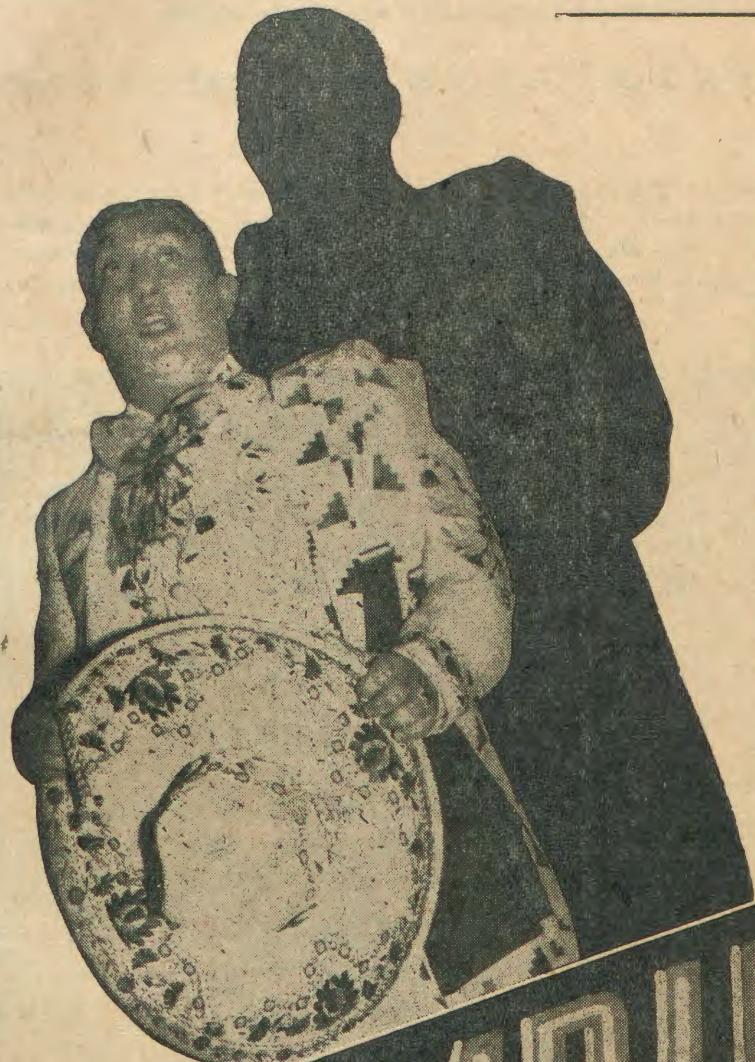
E, mais profunda se torna a sensibilidade daquela hora, pela apurada interpretação de Xavier Pereira — o mago do microfone local.

Xavier Pereira é o novo "astro" que surgiu na constelação do "broadcasting" mineiro, como uma promissora "revelação" de 1944.

E venceu com tal personalidade que suas atuações podem ser contadas entre as mais perfeitas e mais festejadas dos nossos locutores.

O "nossa amigo"

Pedro Vargas



indescritivel o prestigio que PEDRO VARGAS conseguiu grangear entre nós, a ponto de ter sido proclamado pela critica brasileira como o cantor nacional mexicano. Voz magnifica a serviço da fraternidade americana, PEDRO VARGAS tem trazido a nós as ressonancias profundas da alma de sua grande patria, vivissima nas canções que falam de perto ao coragão brasileiro.

É, justamente, uma porção nova dessas canções, em que vibram inconfundivelmente os anseios liricos dos povos aztecas que o famoso cancionheiro lançará por estes dias na PAMPULHA, numa temporada, que, como a anterior, está destinada ao mais amplo e ruidoso sucesso.

PAMPULHA



No interesse da ciência e em de

QUANDO a paisagem suburbâna deixou de interessar, surgiram campos verdes e morros abertos ao sol. Gameleira se oferecia aos nossos olhos com seus domínios geográficos fecundados pelas chuvas de verão. Atrás de algumas arvores, o amarelo casario do Instituto Químico-Biológico apontou ocupando grande área marginal à estação do subúrbio. O final da linha do bonde de Gameleira é um local que sempre fala ao coração da cidade. Néle, além do

REPORTAGEM NOS PAVILHÕES DO INSTITUTO
Uma extraordinária obra de caráter científico-experimental à dor, à morte e à doença — Onde os “caçadores Memórias” do Instituto — Fabricando sôros e vacinas de e segurança da vida dos nossos rebanhos.

TEXTO DE DANTAS NETO

* * *

Instituto Químico-Biológico, ficam situados o Seminário, a Feira Permanente de Animais, a Escola de Veterinária, a Granja

João Pinheiro e, bem no alto do morro do Cercado, está o Asilo Bom Pastor, instituição destinada à regeneração daquelas que



“PAVANE POUR UNE INFANTE DEFUNTE” — Ainda há poucos anos, era comum em nossas cidades do interior, uma cena como esta: uma criança que morria picada por cobra venenosa, sem o socorro do sôro anti-ófídico. E quatro homens tristes marchavam sob um céu ainda mais triste, conduzindo a criança para o desconhecido, enquanto os passos gentilmente Pavana de Ravel para a criança morta. Hoje, diariamente e sem desfalecimentos, os médicos do Instituto Químico-Biológico de Minas Gerais lutam contra a morte, preparando vacinas e sôros para a defesa de nossa saúde.

fesa da saúde humana e animal

O QUÍMICO-BIOLÓGICO DE MINAS GERAIS — tal — Finalidades principais — Fechando os caminhos do de micróbios" de Paul de Kruif são lembrados — "As — Analisando nossas águas — Para maior tranquilida-

econômica do Estado, como também pela contribuição prestada aos diversos campos da patologia humana e animal.

★ FOTOS DE IVAN DA SILVA

* * *

entraram pela porta larga da perdição, segundo o conceito bíblico que André Gide ampliou.

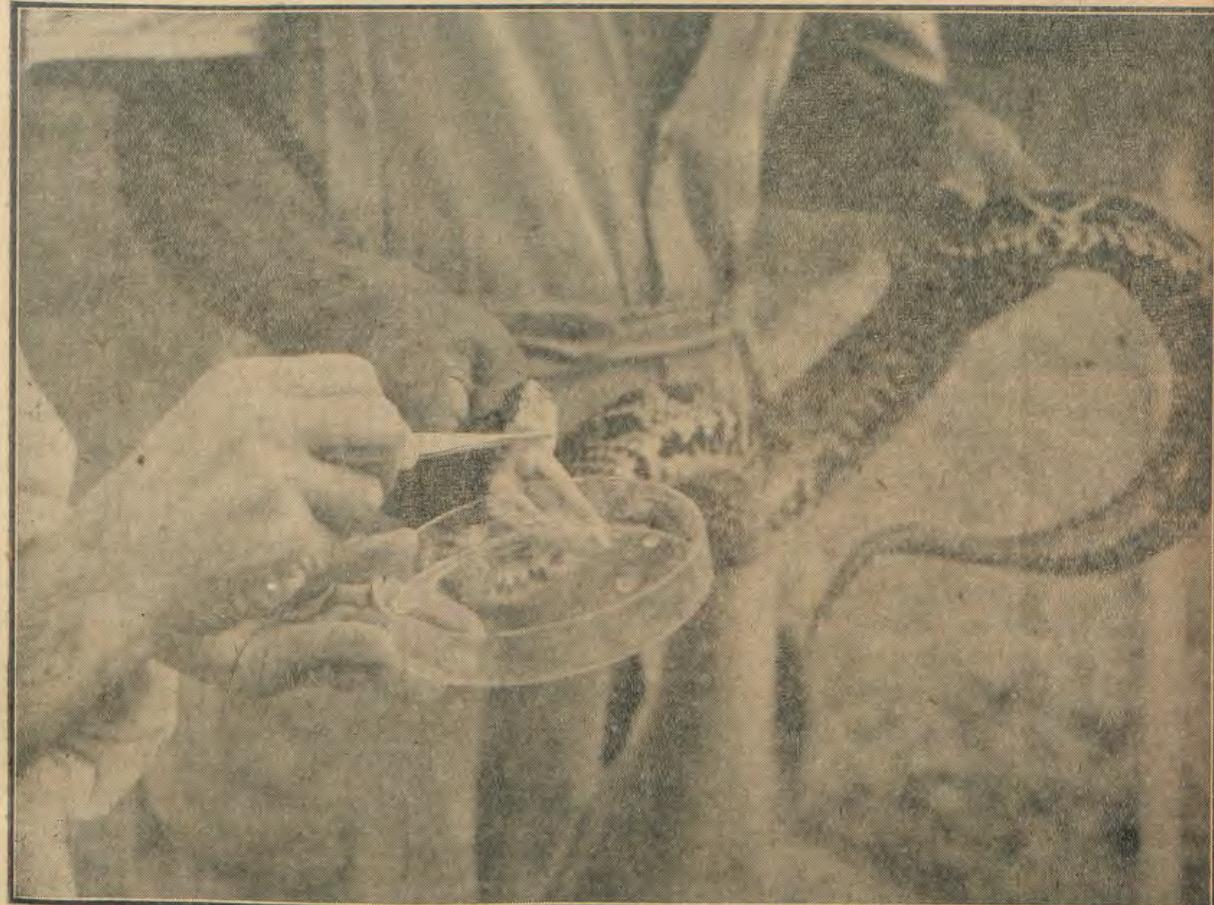
Naquela tarde bonita de sol, fomos à Gameleira com o objetivo de visitar o Instituto Químico-Biológico de Minas Gerais, uma modelar e grandiosa instituição para pesquisas científicas

em geral, sábientemente criada pela lúcida visão do Governador Benedito Valadares.

Poucos são os mineiros que conhecem ou que já ouviram falar nesta obra de extraordinário caráter científico-experimental, rica não só pelo que representa nos ângulos da vida

PERCORRENDO OS PAVILHÕES

O repórter, acompanhado de técnicos, percorre o Instituto Químico-Biológico, atentamente o observando. Seus detalhes mais importantes vão se fixando nos seus sentidos abertos às impressões gerais. Daí pula logo uma dedução clara e evidente. Inegavelmente, é o Instituto uma obra grandiosa, sendo no gênero, uma das melhores orga-



VENENO — Eis aqui um dos momentos culminantes de nossa reportagem no Instituto Químico-Biológico: mãos energicas e calosas se movimentam para dominar a temível urutu que, subjugada, derrama na placa o seu veneno destinado à fabricação do sôro anti-ofídico.



EM FAMILIA — Um grupo de serpentes venenosas passeia ao sol. No instituto há um punhado de homens corajosos como este, cujas polainas protetoras podem ser perfeitamente distinguídas atrás dos impressionantes réptis que povoam as nossas selvas.

nizações existente na América do Sul. Só mesmo na Capital Federal é que há uma obra que se pode comparar com a nossa — o Instituto de Manguinhos. No quadro das finalidades principais do nosso Instituto figuram a fabricação de vacinas, sérums, produtos químicos e farmacêuticos; a feitura de exames semiológicos, químicos e bromatológicos, acrescidos de pesquisas científicas de toda natureza.

Seus pavilhões são enormes e

se enfileiram em frente ao jardim e ao serpentário. Atrás dos cinco pavilhões ficam várias cocheiras, onde os animais são submetidos às experiências e ao preparo de sérums. Anexos aos pavilhões surgem outros pequenos departamentos auxiliares. Os corredores são vastos e encerados e por elas cruzam médicos, sob o uniforme branco. Seus passos se perdem no fundo dos laboratórios, donde vêm exalações de substâncias químicas em exame. Há uma

luz que não é solar nesses pálios e estranhos salões de pesquisas científicas. Parece que os espíritos dos grandes cientistas erram, vigilantes, por aqui, descendo com sua invisível presença por êsses ângulos tão seus conhecidos. Aqui é um sev. ro microscópio pondo uma mancha preta na paisagem da mesa. Acolá são balões exquesitos e prósperos que sorriem no bojo enorme do vidro. Frascos, placas, balanças, seringas se perfilam na desordem das mesas de mármore. E os cheiros das substâncias químicas pairam, dominando tudo. A luz que não é solar nem subterrânea dá sobre as faces transtornadas pelo trabalho e pelas preocupações. As olheiras dos cientistas são círculos roxos, boiando no infinito das salas.

Curvado sobre um microscópio, duro no mármore, está um médico cujo rosto não nos é inteiramente desconhecido. Um dia tomamos o ônibus com ele e o vimos descer numa rua qualquer da cidade, entrando numa casa que era o seu lar. O que prova que um médico não é uma criatura estranha, longe das preocupações cotidianas de todos os homens. Agora, assim, visto de perfil com o olho fundido no negro aparêlho, sob a média luz que vem do teto, ele se transfigura, aureolado por qualquer coisa diferente. Ali não temos o homem que numa tarde tomou o mesmo ônibus nosso. Ali temos é o herói da ciência, é o protetor da nossa saúde. Não mais o homem que mora numa rua qualquer da cidade, mas sim um indivíduo que procura fechar os caminhos do mundo à dor, à morte e à doença. Não mais o ser que tem mulher e filhos, mas sim um personagem fugido das páginas de Paul de Kruif, curvado sobre si mesmo, perdido no mundo infinitesimal dos micróbios.

CAÇADORES DE MICRÓBIOS

O Instituto Químico-Biológico de Minas Gerais foi criado pelo Governador Benedito Valadares, em decreto-lei número 797, de 8 de Outubro de 1941. Sua história é muito nova, mas vastas têm sido as suas realizações. Entre elas destacamos a criação do serviço anti rábico-veterinário; o início da produção da Vacina Cristal Violeta para combate à peste suina; e a instalação do Serviço de Febre Aftosa, visando a produção da vacina, segundo a técnica de Silvio Tôrres, já aplicada no Rio Grande do Sul, com elevada eficiência.

Diante do repórter ainda está a severa presença do microscópio, dominado pelo médico nosso amigo. Na configuração da nossa mente persiste a evocação da leitura de um livro de Paul de Kruif, famoso médico e escritor norte americano. Muitos dos grandes homens da ciência são por él chamados de "caçadores de micróbios". Sugerido pelo ambiente do Instituto, estamos agora nos lembrando desses homens. Hoje usar a expressão "caçadores de micróbios" pode parecer uma ousadia. O próprio Paul de Kruif vem em nosso socorro, quando explica na biografia de Leuwenhoek, o primeiro dos "caçadores de micróbios": —

"Quando agora se volta o olhar para muitas das descobertas fundamentais da ciência, elas parecem tão simples, tão absurdamente simples... Como é que durante tantos milhares de anos, os homens pesquisavam sem ver as coisas que estavam tão visíveis diante dos seus narizes?

Assim foi com os micróbios! Agora que todo o mundo os viu dansando nas telas dos cinemas, agora que muita gente de pouca instrução os observa através das lentes de um microscópio, nadando daqui para ali, e o mais jovem estudante de medicina é capaz de mostrar os germes de não se sabe quantas doenças, — fica-se a pensar —

que havia de tão difícil em ver os micróbios pela primeira vez?"

A pergunta se perde no passado e a medida da sua resposta é fornecida pela ciência moderna que tem proporcionado aos médicos tantas vantagens e tantos recursos técnicos. É trabalhando com a mais moderna das aparelhagens que os médicos do Instituto Químico-Biológico fazem experiências e realizações. E os resultados aí estão, palpáveis e grandiosos. Uma demonstração das atividades científicas do Instituto

Químico-Biológico poderá ser evidenciada nas suas "Memórias" que serão brevemente lançadas.

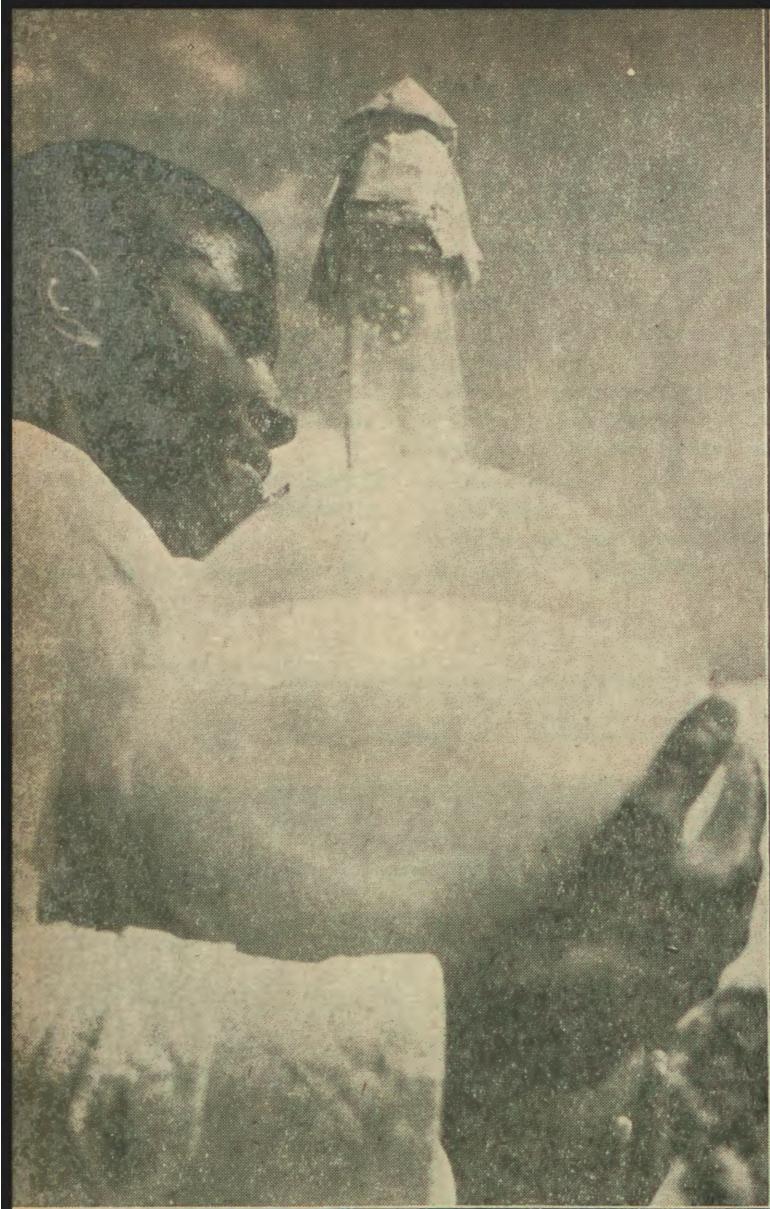
Diante dos microscópios, suando fechados nas capelas, extranhamente banhados por uma luz pálida, diariamente os médicos do Instituto trabalham no interesse da ciência e zelam pela nossa saúde e pela saúde dos nossos animais.

PRODUTOS PARA USO HUMANO

No campo da patologia huma-

MENINA-MOÇA — Menina-moça que não é dos tempos de Bernardin Ribeiro. Menina-moça, modesta funcionária da secção de embalagem e distribuição do Instituto Químico-Biológico, menina-moça que rotula vacinas, toma o bonde Gameleira duas vezes por dia e que, à noite, sonha com amores impossíveis, romanticamente influenciada pelo enredo do ultimo filme exibido no címinha suburbano.





UTOR NEGRO — A hora meridiana, o preto Simplicio, silhuetado contra o céu, carrega os pesados balões para o preparo das vacinas contra a peste suína e contra a aftosa, que o Instituto está fabricando para maior tranquilidade da vida dos nossos rebanhos.

a, o Instituto, além de fornecer e abastecer a Saúde Pública as suas necessidades de vacinas anti-típicas, anti-variólicas, anti-meningocócicas, etc. vem abrindo também as mais variadas espécies de sôros.

Justo é aqui destacar a aceitação obtida pelas injeções de artarco emético, em solução neutra e estável, segundo técnica do prof. Aníbal Theotônio Bastia, para combate à esquistosomose.

E por falar em "esquistosos-

mose", doença muito comum nas águas de certas lagôas, é oportuno lembrar que o Instituto Químico-Biológico no seu laboratório de águas, procede rigorosa análise das amostras do interior e das estâncias hidro-minerais, estabelecendo o controle geral de água da Capital.

DEFENDENDO A SAÚDE DOS NOSSOS REBANHOS

A secção de Veterinária é uma das mais recentes do In-

tituto e fica situada nos pavilhões n. 2 e 3. Essa secção foi criada pela urgente necessidade de defender a saúde dos nossos rebanhos, fator tão importante na vida econômica de Minas.

As epidemias vinham assolando as nossas zonas rurais. Porcos tombavam abatidos pela terrível peste suína. O gado sofria e morria atacado pela febre aftosa. Grandes eram os prejuízos e contratempos sofridos pelos nossos criadores. Eis que, em oportuna hora, surge o Serviço Veterinário do Instituto, entregue a técnicos competentes e visando assegurar a vida dos rebanhos mineiros e a prosperidade dos nossos criadores.

Durante o corrente ano, o Instituto lançará nesta secção, os seguintes produtos: — tuberculina bovina, tuberculina aviária em meio sintético, vacina contra o tifo aviário e a vacina contra a aftosa, produtos estes que obterão a mesma aceitação que tiveram as vacinas contra a manqueira, contra a peste suína, contra pneumoenterite e septicemia hemorrágica, fabricados e distribuídos pelo Instituto Químico-Biológico de Minas Gerais.

Ai está uma notícia alviçareira para a vida animal de Minas, tão pródiga em grandes e tão castigada por doenças e epidemias várias.

♦

Eis, em linhas gerais, a síntese das impressões colhidas pelo repórter, em sua permanência de algumas horas em um dos mais notáveis monumentos



VACINAS — Na secção de embalagem e distribuição, situa da no pavilhão n.º 1, esta jovem confere um exército de vacinas anti-disentéricas, via oral, destinadas à Diretoria de Saúde Pública do Estado. Milhares e milhares de vacinas de várias espécies, estão sendo produzidas diariamente no Instituto Químico-Biológico de Minas Gerais, para o combate às doenças humanas e para a defesa da saúde de nossos rebanhos. Produzidas de acordo com a técnica mais avançada, elas representam, sem dúvida, o que há de mais eficiente e mais perfeito no combate às doenças que atacam os homens e dizimam os nossos animais.

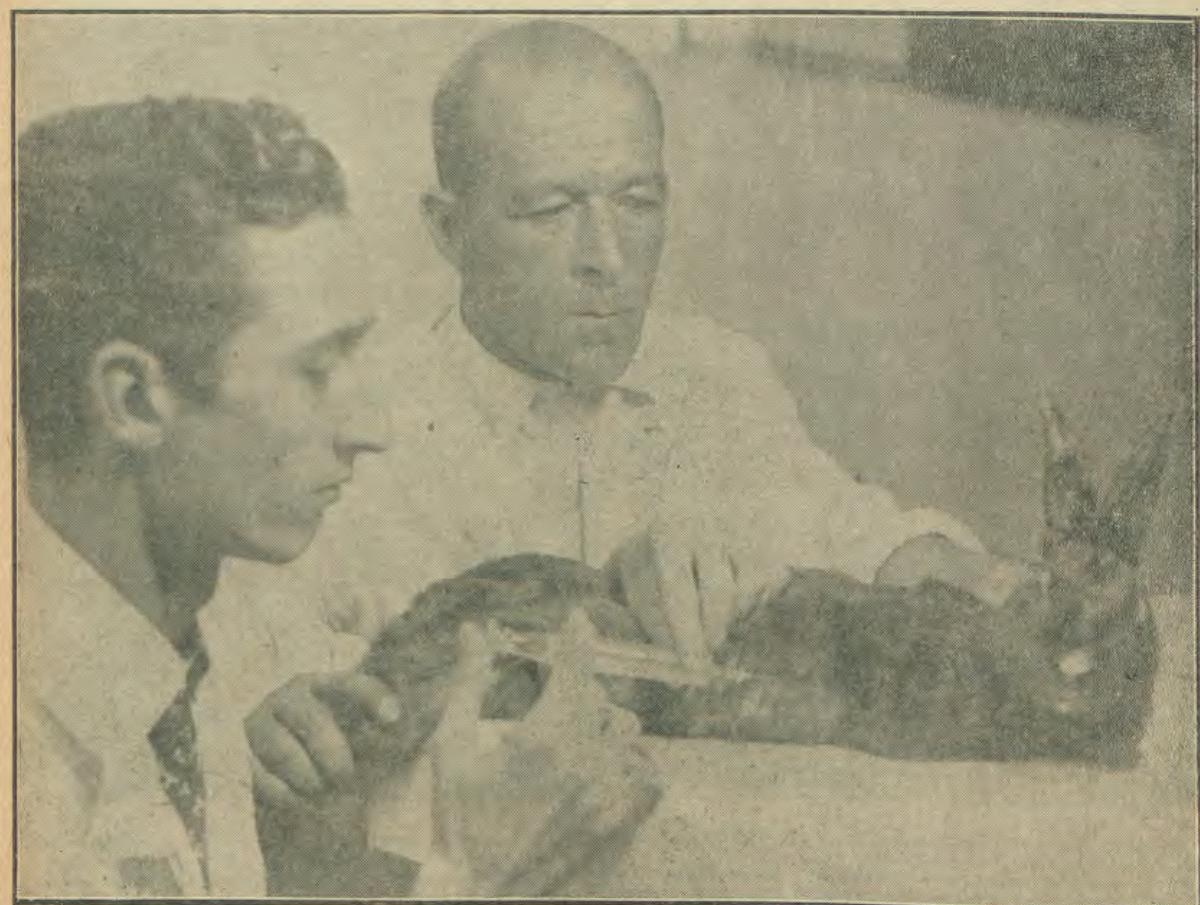


ÓCULOS PRETOS — Estes óculos pretos não estão aí por mera vaidade feminina. Eles visam proteger os olhos desta pequena funcionária do Instituto, que merece nossa admiração pela competência e dedicação ao trabalho.

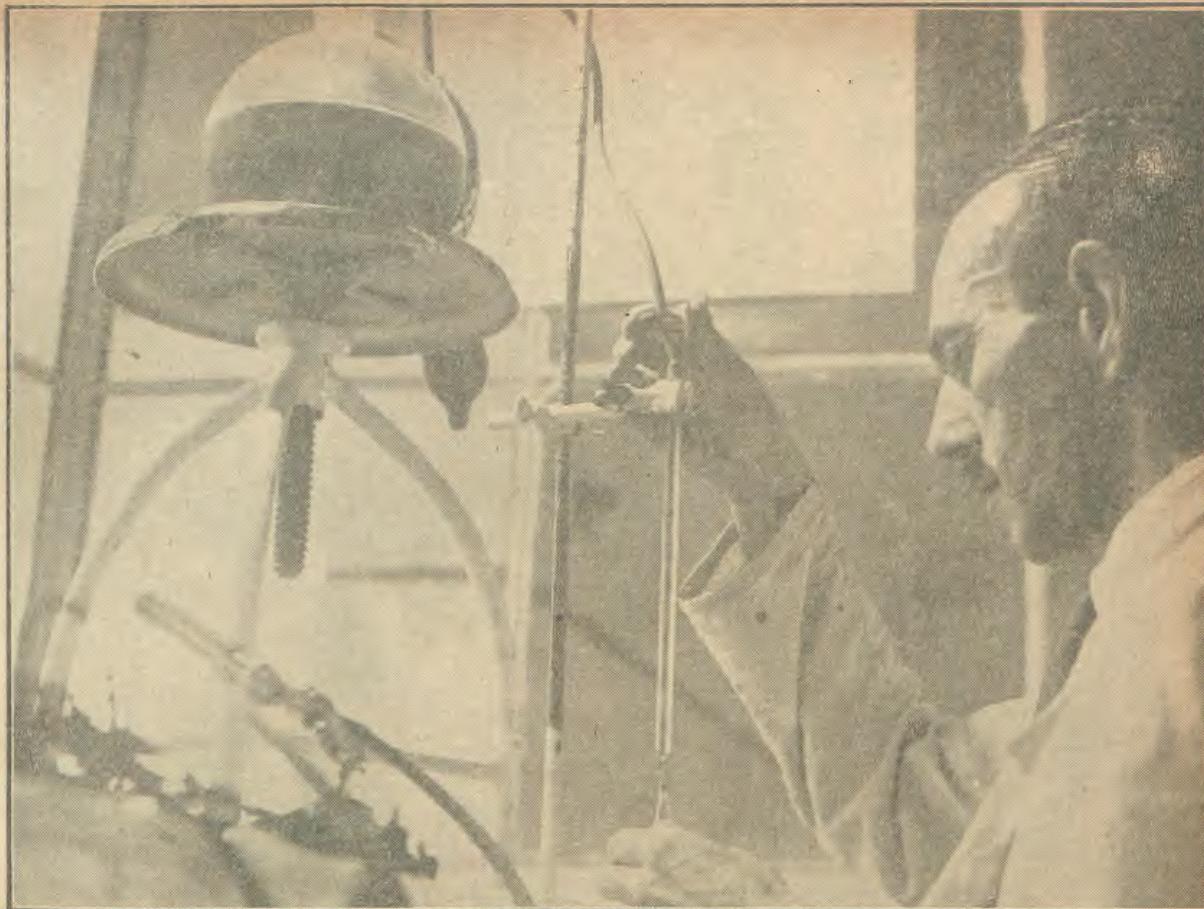
No Instituto Químico-Biológico de Minas Gerais encontram-se, ao serviço da perfeição técnica de seus trabalhos, tudo que há de mais moderno em instrumentos e aparelhagem científica.

erguidos no Brasil ao progresso da ciência: — o Instituto Químico-Biológico de Minas Gerais.

Iniciativa realmente notável, a que o atual Governo Mineiro deu a melhor de sua atenção e o mais decidido apóio, dotando-o de primoroso aparelhamento técnico, ilustre corpo de profissionais, e tudo o mais que se faz mister para a concretização da grandiosa tarefa que lhe é reservada, vem o Instituto cumprindo à risca a sua missão, colaborando eficientemente para o progresso das pesquisas científicas, e cooperando em alta forma no combate às doenças do homem e dos animais.



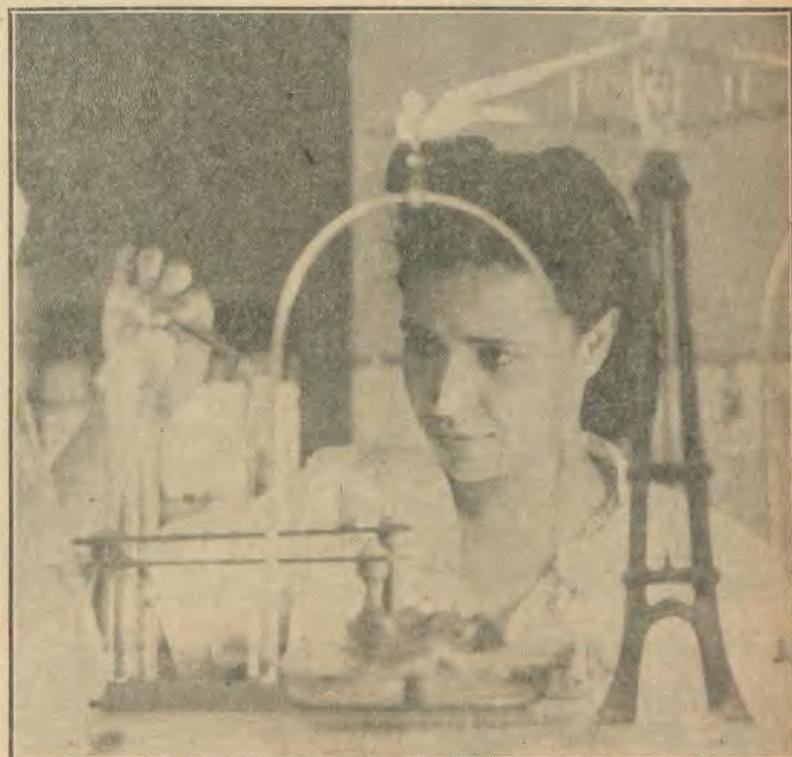
EXPERIENCIAS — Pelo que vemos, parece que este coelho, atento e espantado, não percebe a importância da inoculação que se lhe está fazendo. Detalhe curioso de experiência de laboratório no Instituto Químico-Biológico.



SÓRO ANTI-TETANICO — Há uma luz e um calor que não são solares nesta capela de distribuição de sôro anti-tetânico. Observem as rugas e as preocupações estampadas no rosto deste homem, atentamente mergulhado no trabalho, cônico de sua grande responsabilidade.

Em nossos vastos campos já se faz sentir a ação benfazeja dessa instituição, através dos medicamentos de alta classe por ela fornecidos para o combate às doenças que dizimam os rebanhos mineiros em épocas de pestes. Debelando surtos epidêmicos que poderiam ser de consequências funestas para a nossa economia, o Instituto está atuando proveitosamente para a defesa de nosso potencial econômico, que se situa, principalmente, na riqueza dos campos.

E assim se cumpre mais uma etapa de um largo programa de governo. De um governo que cuida efetivamente do bem público. De um governo que, sem alardes, mas com firme decisão, trabalha pelo engrandecimento do nosso Estado.



DIANTE DA BALANÇA — Na seção de Veterinária, uma funcionária pesa fragmentos da lingua de um boi, utilizados no preparo da vacina contra a aftosa.



VERDE* CAMPOS TÃO DISTANTES... — Adeus, se dosas campinas tão verdes e tão distantes! Agora, para este cavalo, só existem o ruminar de tristezas nas cocheiras e as aplicações de toxinas ao longo de seu pescoço rebelde. Seus amigos nos campos eram muitos e deles o Instituto fez um só — o triste vizinho da cocheira. Havia uma espantosa resignação nos olhos molhados deste cavalo, no momento que recebia a inalação da toxina... O! meu cavalo branco, ôntem selvagem filho das montanhas e hoje anônimo mártir da ciência.

F
I
M

ESCOLA DE DATILOGRAFIA "SANTA HELENA"



Flagrante de uma aula de datilografia na Escola "Santa Helena"

A COMPANHANDO a evolução natural de Belo Horizonte, como grande centro comercial e industrial, surgem entre nós os bons estabelecimentos de ensino de datilografia, curso indispensável a quem deseja obter uma boa colocação nos escritórios, indústrias, e estabelecimentos bancários. E a Escola de Datilografia "Santa Helena", recentemente reorganizada por seus novos diretores, os srs. Gr. José Geraldo de Faria e Hamilton Leite, ambos do quadro de professores do Colégio Anchieta, dá-nos idéia precisa da afluência de alunos que acorrem atualmente ao estudo de datilografia, desejosos de obter boa colocação na vida.

Em pouco tempo de funcionamento, a Escola já grangeou notável prestígio e reputação. Os métodos de ensino de

*

ARANHAS

A MAIORIA das aranhas é inofensiva para o homem, não falando da caranguejeira, que tem veneno mais forte. As demais distilam apenas um veneno que só serve para imobilizar a presa.

Mas em compensação a aranha preta e a aranha vermelha são muito prejudiciais para as plantas.

A primeira roe a raiz das cenouras e para acabar com ela é preciso fazer uma rega com água em que se derreteu sebo, em uma infusão de fumo ou de folhas de herva doce. A aranha vermelha ataca nas estufas as plantas delicadas; consegue-se afugentá-las com fumaça de fumo ou de enxofre, mas é preciso cuidado no emprégo desta última, que pode prejudicar certas plantas.

datilografia que vem aplicando têm dido os melhores resultados. Os alunos que já passaram pelo seu curso vão se revelando na vida prática excelentes profissionais.

E' hoje a Escola de Datilografia "Santa Helena" a que conta com maior número de alunos nesta Capital. Funciona ininterruptamente das 7 horas da manhã às 22 horas. E nesse espaço de tempo passam pelas suas aulas centenas e centenas de moças e rapazes. A aprendizagem dos alunos é feita sob a orientação dos professores Maria Candida Martins e Elpídio Cândido Martins, elementos que se vem dedicando a esse gênero de ensino há muitos anos.

O estabelecimento dispõe de quinze máquinas em ótimo estado, das marcas Remington, Underwood e Royal.

CURSO DE TAQUIGRAFIA

A direção da Escola, tendo em vista a utilidade dos conhecimentos de taquigrafia que, tanto quanto os de datilografia, são indispensáveis aos candidatos a empregos em escritórios, acaba de instituir um curso de taquigrafia. Esse curso é gratuito e a ele têm direito todos os alunos que frequentarem a Escola de Datilografia "Santa Helena". O conhecido prof. João Fernandes, membro da Associação Taquigráfica Paulista e integrante do corpo docente do Colégio Anchieta, acha-se encarregado desse curso. As aulas serão ministradas em salas do Colégio Anchieta.

A instituição desse curso é mais um atestado da preocupação dos diretores da Escola de Datilografia "Santa Helena" em proporcionar a seus alunos conhecimentos que os capacitem a ser futuramente profissionais eficientes e úteis a qualquer escritório.

O estabelecimento, que está localizado à Rua Carljós 408, 1º andar, confere diplomas aos alunos que o desejarem, desde que se submetam a um rigoroso exame, durante o qual se verifique o seu perfeito preparo técnico.

O primeiro
sabonete do bebê

deve ser o primeiro
em Pureza e
Qualidade

A delicada pele da criança exige todo o cuidado na escolha de um sabonete isento de substâncias nocivas. Prefira, por isso, o Sabonete de Reuter, consagrado, há meio século, por uma sólida reputação de pureza e de qualidade. Também no seu banho, o Sabonete de Reuter vale como um verdadeiro tratamento de beleza da cútis.



I-A

SR-1

*

TRQVAS

E's minha cruz, é meu tormento
[infinito]
neste mundo de treva e de aban-
[dono]
Por tua causa é que já vou pe-
[dindo]
ao Senhor conceder-me o eterno
[sono]

ALBERTINA
CASTRO BORGES

*

DOR DE
CABEÇA

Melhorol

DOR DE
DENTES



PÁGINA das MÃES

CORRIGENDA DE DEFEITOS

AS MÃES DEVEM SABER

(Preceitos da S. N. E. S.)

CENAS QUE PREJUDICAM

Atos de intimidade praticados na presença das crianças têm influência prejudicial na formação da personalidade, em grau maior do que se pode supor.

COMPLACÊNCIA NOCIVA

As crianças muito mimadas são quase sempre teimosas, desobedientes, agressivas, "respondonas". Satisfeitas em todas as vontades, tornam-se rebeldes e grosseiras quando qualquer coisa lhes é negada.

PROTEÇÃO QUE PREJUDICA

A criança mais nova é sempre escolhida para os agrados das pessoas de casa. Os irmãos ficam em segundo plano e toda divergência é resolvida em favor do "cágula". Cram-se, assim, despeitos, queixas, ressentimentos prejudiciais à amizade e harmonia entre irmãos.

DIANTE DA CURIOSIDADE

Deixar de satisfazer a curiosidade da criança tem efeito maléfico sobre a saúde de seu espírito. Enganando-a, reprimindo perguntas ou deixando-as sem resposta, prejudica-se a formação de sua personalidade e seu ajustamento à sociedade.

PREVENDO A VIDA FUTURA

A criança precisa habituar-se desde cedo a participar da vida. Brincando, divertindo-se com outras crianças, é que adquire melhor compreensão das coisas e das pessoas.

EVITANDO OS "DO CONTRA"

E' muito pernicioso, para as crianças, o contacto com indivíduos que, sistematicamente, se manifestam contra tudo e contra todos. Forma-se nelas um sentimento falso em relação às pessoas e coisas, pois se acostumam a ver somente defeitos e má fé nos que as cercam. Tornam-se desconfiadas, maldizentes e candidatas a sérias perturbações mentais.

NAO se corrigem os defeitos da criança, quer sejam físicos quer morais, não se corrigem por meio da crítica, pelo recurso, comumente usado, de apontá-los a toda hora, de fazer sentir à vítima dêles de que são portadores de tais falhas. O motivo por que não devemos atuar de tal maneira surge com evidência. Um defeito acarreta um complexo de inferioridade, uma causa permanente de nos sentirmos sempre humilhados por ele. Assim admoestar a criança devido a suas falhas é mostrar-lhe que é diferente das outras, que não pode competir com elas, que possui um tropégo para a vitória.

Além disso, em consequência de serem os meninos ignorantes de seus atos, acontece que são levados a trocar de companheiros defeituosos, recorrendo a apelidos, a brincadeiras e a chufas oriundos de tais inferioridades.

O professor e os pais devem ficar atentos a tais aspectos da educação, afim de poderem evitá-los.

A atitude aconselhada nesses casos, muito mais comuns do que parece, é, primeiro, não dar nenhuma importância ao "deficit" do filho ou do aluno e, segundo, quando se for forçado pelas circunstâncias a considerar o mal, mostrar que aquilo não vale nada e, se possível, indicar até as vantagens advindas da lacuna existente. Por exemplo: — se uma criança é raquitica, pequenina, atrofiada, provar-lhe que muitos grandes homens foram assim e pode-se até mentir, que não faz mal. Pode-se, deve-se até dizer que isto é um sinal de grandeza humana. Por esta maneira, transforma-se uma causa de pezar íntimo e permanente em um motivo de vaidade e de orgulho. Em tudo o mais se agirá do mesmo modo.

Para a corrigenda do defeito, a ação do preceptor ou dos pais será astuciosa ou hábil, de modo que o menino não perceba que está sendo emendado.

Lembrar-lhe porém a sua inferioridade, como se costuma fazer, isto é um erro grave, de consequências desastrosas, as quais perduram toda vida, influindo poderosamente, às vezes mesmo de maneira decisiva sobre a conduta da criatura, deficitária.

Em resumo: — é preciso, com toda paciencia e todo tato, encarar o lado bom das falhas apresentadas pelas crianças, corrigindo-as sem que elas o percebam.

* * *

RESPIRAÇÃO ARTIFICIAL NAS CRIANÇAS

QUANTAS vezes acontece à criança perder o folego, ficar roxa durante muito tempo sem voltar a si. As pessoas que cuidam das crianças devem aprender o meio de fazer a respiração artificial, pois, nem sempre há um médico à mão e a vida da criança pode depender disso.

E o método em questão é o seguinte: Sem perda de um momento, deita-se a criança de costas numa mesa ou superfície plana; se for possível numa superfície inclinada, os pés mais altos do que a cabeça. Tira-se a roupa do pescoço e do peito e despe-se até o estomago; e não se conserve nada amarrado na cintura. Levanta-se os ombros, não a cabeça, com uma pequena almofada ou qualquer pano dobrado colocado debaixo das espáduas. Uma outra pessoa deve puxar para fora a língua da criança e conservá-la nessa posição. E' melhor segurar com um lenço para não escorregar dos dedos. Fica-se um pouco distante da cabeça da criança ou ajoelha-se, se ela estiver deitada no chão, e tendo-a segura pelos ante-braços logo abaixo dos cotovelos, levante-se os braços para cima, para fora e para frente, com um movimento rotatório, fazendo o cotovelo tocar no chão; depois, deve-se puxar os braços dobrados, de vagar, para a frente, para baixo e para dentro e apertá-los fortemente, assim como os cotovelos sobre o peito em ambos os lados do osso do peito (sternum).

HÁ MAIS DE MEIO SÉCULO

AMPARANDO E FOMENTANDO A ECONOMIA DO ESTADO!



CIFRAS EXTRAIADAS DO RELATÓRIO REFERENTE AO EXERCÍCIO DE 1944

MOVIMENTO GLOBAL

	Cr\$
Em 1936 . . .	405.701.746,04
Em 1944 . . .	3.425.006.004,50

DEPÓSITOS

	Cr\$
Em 1936 . . .	98.567.149,13
Em 1944 . . .	1.067.096.822,70

EMPRÉSTIMOS

	Cr\$
Em 1936 . . .	120.257.626,00
Em 1944 . . .	952.025.445,80

COBRANÇAS

	Cr\$
Em 1936 . . .	25.448.062,29
Em 1944 . . .	459.849.364,00

ÍNDICE DE EXPANSÃO

Nos últimos 8 anos, foram estas as percentagens do índice de crescimento do Banco de Crédito Real de Minas Gerais:

Capital	280 %
Reservas	293 %
Movimento global	845 %
Depósitos	1.083 %
Empréstimos	925 %
Cobranças	961 %
Valores em custódia	260 %
Agências e sucursais	274 %
Funcionários	471 %

BANCO DE CRÉDITO REAL DE MINAS GERAIS

SÉDE EM JUIZ DE FÓRA

SUCURSAIS NO RIO DE JANEIRO, EM BELO HORIZONTE E SÃO PAULO

AGÊNCIAS EM QUASE TODOS OS MUNICÍPIOS DO ESTADO DE MINAS GERAIS

D. DINIZ

COM Afonso III foram de Fran-

ça para Portugal escribas, mestres iluminadores e pintores de manuscritos. Comegaram a copiar-se febrilmente, nos mosteiros de São Bento e em Santa Cruz de Coimbra, as obras de Aristóteles e de Avicena. Nos arquibancos do convento, préesas a grossas cadeias de ferro, abriam-se já as sumas dos doutores da Igreja e a novelas do ciclo breton. A realeza bárbara espiritualizara-se. Sob as mãos nervosas desse príncipe, francês por adição e por feitio, Portugal criara necessidades e ambições intelectuais.

O Rei D. Diniz, educado pelo bispo de Cahors, elegante e culto, erudito e poeta, é já o símbolo vivo dessas tendências e a expressão de um novo estado de consciência nacional. Rodeia-se de artistas e de sábios. O ilustre Durando Pais, prior de Santa Cruz; o abade de Alcobaça, Frei Martinho; o velho Américo d'Ebald; o douto capelão Gil Peres, que traduz do árabe a *História do Mouro Razis de Córdova*, são os seus mestres e os seus amigos.

Lêem, debruçados sobre a mesma arca onde esplende o ouro das iluminuras, os versos da *Branca Flor* e do *Tristão e Isolda*.

Devoram volutuosamente os livros, caros como jóias, que lhes trazem da Itália os mercadores genoveses. A idéia da instituição de uma Universidade é a consequência lógica desta excitação intelectual.

Tinham-na Bolonha e Montpellier, Avinhão e Tolosa, Salamanca e Paris. Porque não a terra Lisboa? De repente, criam-se rendas para os mestres e doutores; obtém-se de Nicolau IV a bula confirmatória; estatuem-se privilégios e isenções aos escolares; nomeiam-se leitores de leis e canones, de medicina e de gramática, de lógica e de música, — e em breve, junto da Porta da Cruz, a par da Pedreira, nas casas da Moeda Velha, cedidas pelo rei, às Escolas Gerais de Lisboa, surgem, duplamente sagrados pela bênção dum Papa e pelo orgulho dum povo.

*

SINGULAR COSTUME

UM singular costume caracteriza a cerimônia do casamento entre os campônios gregos. Quando a noiva chega em casa do noivo depois da cerimônia do casamento, ela unta de mel o centro da porta; afastando-se então um pouco, atira uma romã naquele ponto até partí-la. Se as sementes não se colam à porta é considerado muito mau agouro.

MARIA! SAE DA LATA



MARIA

AZEITE DE OLIVA
E ÓLEO DE AMENDOIM

"ÓLEO MARIA" é um esmorzado produto das "INDUSTRIAS J. B. DUARTE" de São Paulo

REPRESENTANTE E INSPECTOR: — M. AGUIAR
RUA TREMEDAL, 156 — FONE 2-1898 — BELO HORIZONTE

FAZENDAS, MAQUILAGENS E CORES

CONCLUSÃO

à silhueta uma aparência mais volumosa. A côr beige adelgaça e, portanto, não deverá ser usada por pessoa magra. O estampado branco e preto também afina o corpo, não sendo pois, aconselhável às magras. As grandes flores são adequadas a esse tipo de mulher. Os estampados vistosos, os babados, as saias rodadas, os franzido, as sereias, os boleros, os drapeados e toda série de fantasias poderão ser usadas em abundância.

As mulheres normais, essas podem usar de tudo, chama-mos mais uma vez a atenção para a escolha das côres. A côr do vestido deve sempre combinar com a cutis e não a cutis com a côr do vestido.

UMA FIGURA MARCANTE DE PIONEIRO

JACINTO MARCELINO FERREIRA E A SUA MAGNÍFICA ATUAÇÃO NO MERCADO DE IMÓVEIS DA CAPITAL — O ANIVERSÁRIO DO PRESTIGIOSO "BUSINESS-MAN"

BELO HORIZONTE, ao mesmo tempo que evolui assumindo aspectos de uma grande metrópole, vê surgir, como seria de se esperar, no seu parque econômico engrandecido e próspero, as grandes figuras dos modernos capitães de negócios, os homens que por sua alta visão e claro descortinio, assumem a liderança de suas diversas atividades profissionais e técnicas.

Assim acontece, por exemplo com Jacinto Marcelino Ferreira, figura ímpar de "business-man" aliada aos dotes de um perfeito cavalheiro. Especializando-se no ramo de imóveis, de que se tornou um dos mais legítimos pioneiros em nossa Capital, Jacinto Marcelino Ferreira, por sua primorosa inteligência, sua bela visão e seu profundo conhecimento do nosso meio e de suas tendências progressistas, impôs-se desde logo em nosso movimentado mercado de imóveis, como um grande líder.

Orientando os seus negócios dentro do mais sadio espírito de cooperação e honestidade para com a sua vasta clientela, tem sa-



Jacinto Marcelino Ferreira

bido ele ainda criar uma série de negócios do maior interesse para a vida da Capital, preparando os

alicerce de verdadeiros bairros, novos e magnificamente localizados para o estabelecimento de zonas residenciais, como acontece agora com o "Bairro Universitário", na Pampulha, cujos lotes estão sendo vendidos a preços muito modestos, sem embargo de constituir uma das mais interessantes ofertas de terrenos surgidas ultimamente entre nós, tanto pela excelente localização e situação topográfica dos mesmos, como pelo notável futuro reservado aos seus terrenos.

Ao ensejo de seu aniversário natalício, ocorrido no dia 27 de fevereiro último, recebeu o Sr. Jacinto Marcelino Ferreira as mais inequívocas demonstrações da simpatia e do aprêgo em que é tido em nosso meio social. Amigos e admiradores do grande líder do nosso mercado de imóveis, acorreram a prestar-lhe o tributo da estima e da admiração a que ele faz jus, não apenas por suas proclamadas virtudes de cidadão e homem de negócios, como ainda pelas suas qualidades de coração que o tornam uma das figuras mais benquistas da cidade.

TIRO AO VÔO

Junto dessas magníficas vertentes,
Mais negro é o crime e mais covarde o gesto!...
Porém, bem sei, não toca o meu protesto
Os vossos corações indiferentes...

Nenhum valor ao vosso "sport" empresto!
— Nesta ceifa de vidas inocentes,
Em vós, do homem primeiro, ainda jacentes,
Guiam os fluidos vosso braço lêsto!

Que pena, ô Pai, eles não o sintam como
Eu o sinto nêste vale!... e o mesmo assômo
De gratidão não lhes transborde em haustos!

Nada lhes atenua a indiferença...
Perdoareis melhor, de rude crença,
A dádiva pagã dos holocaustos...

ANITA CARVALHO

Fotogravura Minas Gerais Ltda.

Rua Tupinambás, 905
Belo Horizonte - Minas
TELEFONE, 2-6525

MÁXIMA PERFEIÇÃO
E PRESTEZA NA
EXECUÇÃO DE CLICHÉS

TRICROMIAS E DOUBLÉS
CLICHÉS EM ZINCO E
COBRE — APARELHAMENTO
MODERNO E COMPLETO

A VENDA AVULSA DE "ALTEROSA" NO RIO E SÃO PAULO

Esta revista é encontrada à venda no Rio de Janeiro, a partir do dia 1.º de cada mês, nos seguintes pontos: Galeria Cruzeiro (em ambas as bancas), Loja 13 da Estação D. Pedro II, Livraria Freitas Bastos e bancas adjacentes.

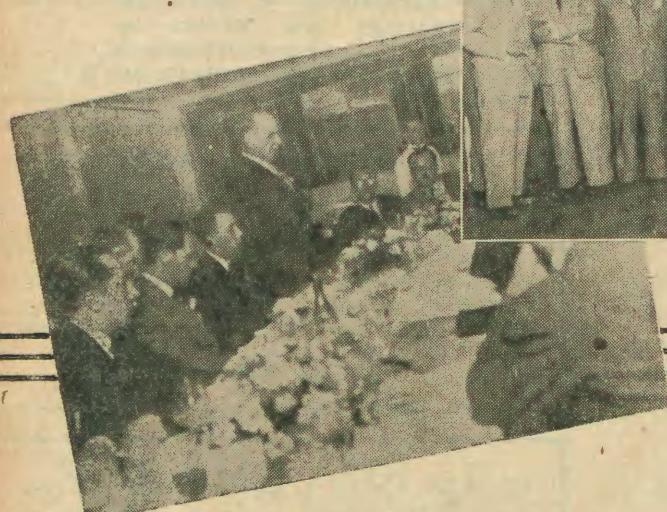
Em São Paulo, na Agência Siciliano.

LEIAM ERA UMA VEZ...
A REVISTA INFANTIL MAIS BONITA DO BRASIL

A homenagem ao novo Prefeito de SETE - LAGOAS



Aspecto fixado quando falavam o prefeito Emilio Vasconcelos Costa, e o Dr. Valdemar Costa



O Dr. Alonso Marques, quando proferia o seu discurso.

Grupo feito aps o banquete realizado no Minas Ténis Clube, vendo-se o prefeito Emilio Vasconcelos Costa, entre figuras representativas da sociedade sete-lagoana e da Capital.

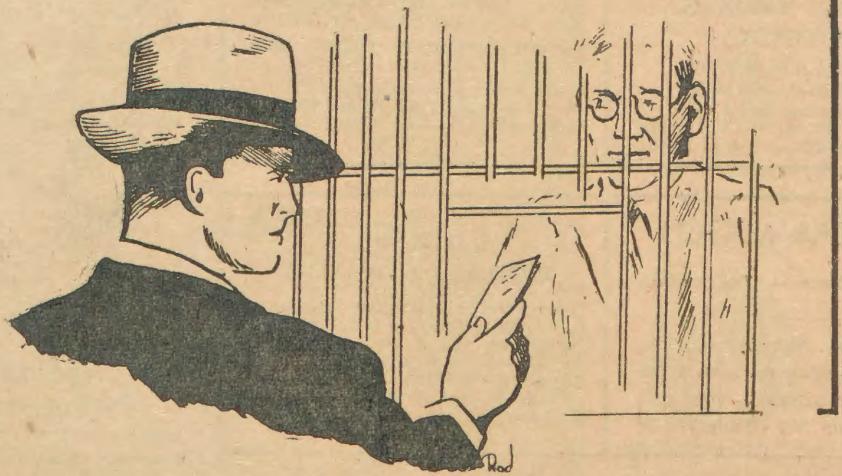
ESTENDERAM-SE até a nossa Capital as homenagens prestadas ao dr. Emilio Vasconcelos Costa, por motivo de sua nomeação para o cargo de Prefeito de Sete Lagoas.

Reunidos em um grande banquete que teve lugar no Minas Ténis Clube, a colonia setelagoana de Belo Horizonte, e figuras de alta representação na sociedade local, prestaram ao jovem e estimado prefeito do grande município do centro mineiro significativa homenagem, demonstrando, assim, as fogueiras expectativas que se abrem ao futuro de Sete Lagoas, com a sua nova administração.

Usou da palavra, durante o ágape, o dr. Exaltino Marques de Andrade, que saudou o novo Prefeito. Se seguiram-se com a palavra os drs. Waldemar de Oliveira Costa e Alonso Marques Ferreira, que ergueram o brinde de honra ao Governador do Estado e ao Presidente da República, agradecendo o dr. Emilio Vasconcelos Costa.

Na página, apresentamos alguns expressivos flagrantes colhidos pela objetiva de ALTEROSA durante o banquete.

**CAIXA ECONOMICA
FEDERAL**
DE
MINAS GERAES



OS DEPOSITOS SÃO GARANTIDOS PELO
GOVERNO FEDERAL E RENDEM BONS JUROS

RETIRADAS POR MEIO
DE CHEQUES

**CAIXA ECONÔMICA FEDERAL
DE MINAS GERAIS**

RUA TUPINAMBA'S 462 • BELO HORIZONTE

SUCURSAIS: JUIZ DE FORA, POÇOS DE CALDAS E UBERABA

FILIAIS: NOVA LIMA, MURIAE', POUZO ALEGRE, VARGINHA, BARBACENA

S. JOÃO DEL REI, OURO PRETO E UBERLÂNDIA

TROVAS ESCOLHIDAS

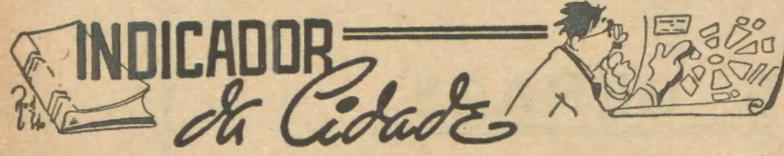
*

ALBERTINA
CASTRO
BORGES

Perto de ti, meu anjo idolatrado,
de tão contente eu já não sei falar:
meu pulso fica logo acelerado
eu só sinto vontade de chorar...

Numa igreja, devoto, ajoelhado,
encontrei-te, querido, a vez primeira;
e, desde então, só tenho desejado
que assim te possa ver a vida inteira...

* * *



INSTITUTO DE OLHOS, OUVIDOS, NARIZ E GARGANTA

PROF. HILTON ROCHA

DR. PINHEIRO CHAGAS

Consultas diárias das 3 às 6
Edifício Cine Brasil — 7.º andar
— Salas 701 a 713 — Fone, 2-3171

ADVOGADOS

DRS. JONAS BARCELOS CORRÊA, JOSE' DO VALE FERREIRA,
RUBEM ROMEIRO PERÉT, MA
NOEL FRANÇA CAMPOS

Escritório: Rua Carijós, 166 —
Ed. do Banco de Minas Gerais
Salas 807-809 — 8.º andar — Fo
ne: 2-2919

DR. OSCAR MÁTOS

Moléstias internas — Tuberculose

Consultório: Av. Afonso Pena, 952,
Edifício Guimarães, 3.º andar, Sa
la, 317 — Fone 2-1065 — Residênc
ia: Rua Outono, 267 — Fone 2-5639

DR. NEREU DE ALMEIDA JUNIOR

DOENÇAS DO APARELHO DIGESTIVO

Diagnóstico e tratamento das mo
lestias do estômago, intestinos, fi
gaço, pancreas e vesícula biliar.
Consultório: Ed. Cruzeiro — Av.
Afonso Pena, 774 — 5.º andar —
Salas 504-506 — De 1 às 3.30
Residência: Rua Guarani, 268 —
Fone: 2-6067.

Dr. Raimundo Cândido

ADVOGADO

Escritório: Afonso Pena, 759 —
Sala 8 — Das 15 às 17 horas,
exceto aos sábados. Residência:
Curitiba, 430 — Fone: 2-2936.

DR. J. ROBERTO DA CRUZ

Cirurgião-dentista
Tratamento das afecções buco
dentárias e maxilo-faciais. Tumo
res, quistos, granulomas, necroses
dos maxilares, estomatites, sinusites
e fistulas crônicas e recentes
de origem dentária, extrações, etc.

Fisioterapia.
Consultas de 8 às 12 e de 4 às 6
horas — Ed. Rex — Salas 607 e
608 — Hora Marcada: Tel. 2-7976
— Rua Carijós, 436 — 6.º andar.

Dra. Henriqueta Macedo Bicalho

CLINICA DE SENHORAS

Das 13 às 17 — Ed. Capichaba
— Rua Rio de Janeiro, 430 —
Sala 121 — 12.º andar — Tel.
(res.) 2-2544 — B. Horizonte

CASA DE SAÚDE "SANTA HELENA"

CLINICA MÉDICO-CIRÚRGICA
Hospital aberto a todos os médi
cos da Capital e do interior.
DIRETORES: Drs. Antônio Aveli
no Pinheiro, Jarbas Gomes e Elí
cio Menezes de Oliveira
Av. Santos Dumont, 260 — Fone
2-7722 — Belo Horizonte

A HOMEOPATIA

EM

BELO HORIZONTE

*

Consultório e residência: AV. AFONSO PENA, 398 — 5.º andar
ATENÇÃO: — Peça a sua HORA ANTICIPADA, pessoalmente ou pelo
telefone: 2-3212

DR. WILSON ATAB

Medico especialista — Cursos de
Medicina Alópatica e Medicina
Homeopática, pela Universidade
do Rio de Janeiro — Do Serv.
Clin. do Prof. Galhardo, do Rio
— Membro do Inst. Hahnem
do Brasil.

A MÁQUINA DE ESCREVER

A MÁQUINA de escrever, como a
sua aliada — a estenografia —
é muito mais antiga do que se
supõe. A primeira máquina cons
truída foi feita por um inglês
Henri Mill que tirou a patente em
1814. A segunda patente de que
se tenha lembrança foi concedida
em 1841, em França, a um cego,
Pierre Foucault, cuja máquina foi
adotada em toda a França.

A primeira patente para uma
máquina baseada no princípio de
tipos de barra remonta a 1856,
mas competiu a um americano
C. Z. Sholes, a glória da máqui
na que em 1873 foi apresentada
nos mercados pelos Srs. Remin
gton & Sons, construtores de ca
nhões, e que imediatamente re
volucionou o sistema de corres
pondência mundial.

*

O PODER DAS MÃOS

É SURPREENDENTE ver-se o
poder das mãos para signifi
car as nossas intenções: não só
demonstram mas exprimem os nos
sos pensamentos, como acontece
com os mudos que dão a conhe
cer só por elas tudo o que que
rem.

Com as mãos chama-se, repe
le-se, exprime-se regozijo ou so
frimento; indica-se o silêncio e
o ruído, a paz e o combate, a pre
ce e a ameaça, a audácia e o tem
or; afirma-se ou nega-se, ex
põe-se e enumera-se.

As mãos raciocinam, discutem,
aprovam, adaptam-se enfim a to
das as direções da nossa intel
igência. Sejam pois sempre em
pregadas de um modo decente; não
se nota nelas nenhum movi
mento estranho; sejam ágeis, há
beis, aptas a tudo fazer sem em
barago, sem esforço nem moleza.

Este trecho é tirado de uma
obra de Mathieu Palmieri que
morreu no século XV, na idade
de 75 anos.

A ZEITE OU OLEO — VIDA

é o preferido por ser o me
lhore. Sementes de amendoim se
lecionadas.



SOCIAIS

Constituiu um acontecimento de destaque relêvo social o casamento do Sr. Irineu Morais, diretor-gerente dos Laboratórios Osorio de Morais, desta Capital, com a Senhorita Irene de Melo Moreira.

Contando com um vasto círculo de relações em nossa melhor sociedade, onde gozam de geral estima e aprêço, os noivos foram muito cumprimentados, durante a cerimônia religiosa que teve lugar na Igreja de Lourdes, no dia 7 de fevereiro último. O templo achava-se lindamente ornamentado, notando-se a presença de numerosas pessoas das famílias dos nubentes e grande afluência de elementos de destaque social na cidade.

Paraninfaram a cerimônia, por parte da noiva, o Sr. Osório de Morais e sua Exma. espôsa, D. Maria Lúiza de Morais, no ato civil; e o Sr. Antônio de Melo Moreira e a Sra. Amélia Moreira, na cerimônia religiosa. Por parte do noivo, serviram



Seu marido não deve bocejar, não deve anebatar-lhe a revista e principalmente não deve ir para a rua... quando a sra. está lendo. Seu marido deve ler, como a sra. Deve ler a Revista PUBLICIDADE, uma publicação para o homem de negócios.

Lembre-se: sempre que pedir uma revista feminina para a sra., peça também o último número da Revista PUBLICIDADE para seu marido, seu noivo ou seu namorado.



A ASSINATURA ANUAL Cr\$ 50,00

Revista PUBLICIDADE
Caixa Postal, 3748 — RIO

Peço enviar ao sr. _____

á rua _____

Cidade _____

Estado _____

uma assinatura anual da Revista PUBLICIDADE.

Ele pagará depois de receber o primeiro exemplar (se ficar satisfeito)

de padrinhos, no ato civil, o Sr. Julio Luiz Moreira e sua Exma. Espôsa, D. Pedrina de Melo Moreira; e, na função religiosa, o Dr. Mário de Morais e sua Exma. Espôsa, Senhora D. Floricena de Faria Moreira.

O flagrante que estampamos foi fixado durante o ato religioso, que teve lugar na Igreja de Lourdes.

*

IMAGENS

A luz morta de uma vela...
Um jardim sem uma flor...
Sem sinos — uma capela...
Sem olhos — um bom pintor...
— Eis aí a minha vida,
longe de ti, meu amor...

— LUIZ OTAVIO

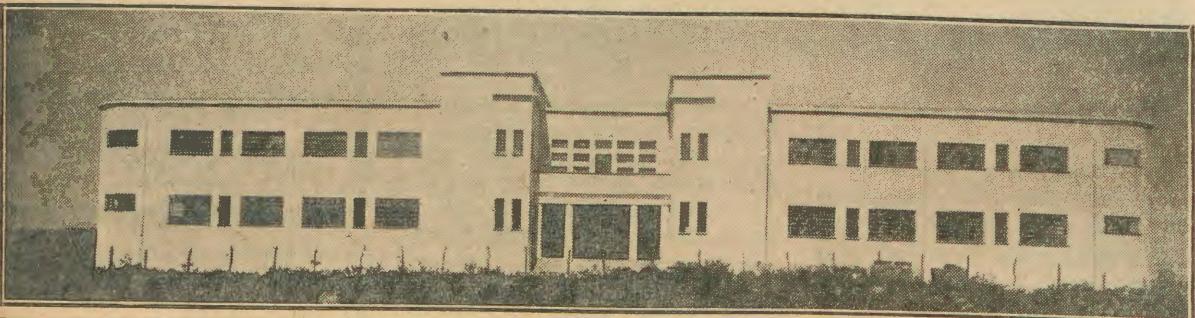
Notas Sociais



MAIS ENFERMEIRAS PARA O SERVIÇO DO BRASIL — Grupo coihido por ocasião da solenidade da entrega de diplomas a mais uma turma de Voluntárias Socorristas formadas pelo Curso de Emergência mantido na Capital pela Cruz Vermelha Brasileira. Cercados pelas diplomandas, aparecem também o seu paraninfo, Dr. Luiz Martins Soares, e o presidente da Cruz Vermelha em Minas Gerais, Coronel Herculano Assunção.



Tomou posse em Fevereiro último, a nova diretoria da prestigiosa Sociedade Mineira de Engenheiros, em solenidade que contou com o comparecimento das figuras destacadadas da nossa sociedade. O cliché fixa um grupo dos novos diretores da conceituada agremiação de classe, presidida pelo dr. Mário Werneck de Alencar Lima.



Fotografia do "Abrigo Jesus", em vias de acabamento e que abrigará cerca de 200 criancinhas órfãs de amparo.

A "FESTA DAS CHAVES" NO ABRIGO JESUS

Ao ensejo da passagem do 5º aniversário de lançamento da pedra fundamental do Abrigo Jesus, no dia 4 de fevereiro último, essa benemérita instituição fêz realizar a "Festa das Chaves", no edifício de sua construção, à Rua Costa Sena, final da linha de bondes de Avenida Progresso.

A solenidade, que teve o comparecimento de avultado número de pessoas de destaque em nossa

sociedade, e de toda a diretoria da benemérita instituição, constou de um lindo festival artístico, no qual tomaram parte a professora Eugênia Bracher Lobo e algumas de suas alunas, a Sra. Léa Delba, que executou solos de canto, a professora Vitória de Leon Greco, que realizou diversos números de bailados, e os laureados maestros George Marinuzzi, Pedro de Castro e senhora.

Falaram durante a sessão solene o Sr. Osório de Moraes, presidente do Abrigo Jesus, e D. Maria Filomena Aluoto, tendo a prece inicial sido feita pelo Professor Cícero Pereira, e a de encerramento pelo Dr. César Burin Pessoa de Melo.

A organização da parte artística do festival estêve a cargo do Departamento de Ação Social da "Casa de Betânia".

AS CABELEIRAS MATERIAIS

EM Corfú, logo que uma rapariga fica noiva, começa a usar uma basta cabeleira postica repartida de um lado da cabeça e trançada com tiras de pano vermelho.

Essa cabeleira é assim usada durante toda a vida de casada, e passa de geração em geração.

*

O TRABALHO

A SAÚDE, o dinheiro e o amor nos proporcionam prazeres e nos asseguram a felicidade — mas as maiores alegrias da vida são as que nos dá o trabalho.

O homem quando come nem sempre é belo, o homem que chora é às vezes feio, o homem que ama é às vezes grotesco o homem que morre é de ordinário horrível, mas o homem que trabalha nunca é ridículo.

Amolando uma faca, compondo uma valsa, segando um campo, engraxando botinas, ou pintando uma parede, seu gesto é natural e nunca é vulgar.

*

O ALVO IDEAL

O maior perigo para um artista é alcançar muito rapidamente a meta que tinha proposto a si mesmo.

E penso que é bom colocar esse alvo tão alto, tão longe, que não se possa nunca atingi-lo.

Com efeito, é perigoso estar-se no cume do que quer que seja, porque um cume é sempre muito pequeno — e não se pode ficar nêle. Se se pudesse ficar não seria mais um cume, e, como não se deve descer, é preferível subir sempre, sempre...

*

PARA VIVER CEM ANOS

SEGUNDO os japoneses para viver cem anos, é preciso seguir esta norma:

1.º — Levantar-se e deitar-se cedo.

2.º — Dormir seis ou sete horas num quarto completamente escuro com janelas abertas.

3.º — Passar a maior parte do tempo possível ao ar livre.

4.º — Comer carne uma só vez ao dia.

5.º — Beber pouco chá e café, abster-se do fumo e do álcool.

6.º — Tomar um banho muito quente todas as manhãs.

7.º — Não usar sedas e vestir roupas de pano pesado.

8.º — Consagrar um dia da semana ao repouso, e nesse dia, não ler nem escrever.

9.º — Evitar os lugares muito quentes, sobretudo se forem aquecidos pelo sistema de calorífico central.

10.º — Restaurar os órgãos que se consomem com a idade, comendo órgãos semelhantes tomados dos animais.

* * *



NO MUNDO DOS ENIGMAS

● Direção de POLIDORO ●

TORNEIO DE MÂRÇO DE 1945

Léxicos adotados: — Silva Bastos; Simões da Fonseca, edição antiga; Brasileiro, 2.ª e 4.ª edições; Fonseca e Roquete, os dois volumes; Chompré; Seguier; Breviário; Monossilábico, de Japiassú e Provérbios, de Lamenza.

Prêmio: Uma obra literária, oferecida por ALTEROSA

CHARADAS n.º 1 a 8

1 — Experimenta e verás que, para se compreender qualquer coisa difícil, é necessário fazer grande esforço. — 2-1.

JAM — Capital — B. S.

2 — Cachaça não é bebida de gato. — 2-1.

ZIGOMAR — B. B. — Capital

3 — Este aprendiz, tanto martelou o espinho na bigorna, que acabou tendo grande afeição pela filha do ferreiro — 2-1.

DÂNGELO — Itauna

4 — A nossa autoridade aqui é pessoa íntima — 2-1.

JOSÉ SÓLHA IGLESIAS — Brumadinho

5 — O oficial de justiça tem garbo até para andar de um para outro lado — 3-1.

AUDAS — Passos

6 — Por um desgosto profundo

Teu coração foi ferido?

— Disfarça o pranto. E que o mundo
Jamais te julgue ofendido. 2-1.

FILISTÉIA — Inhaúma

7 — Do feitio d'uma bilha,

Com um jôgo de corpo tal,

Eis o Jairo, charadista,

Baixo e gordo, sem igual. 2-2.

JUSTO — B. S. — Capital

8 — Esta agora é de colhér,

E' de quem pagar o pato;

Como o sol em rosicler

Tem o nome de um rato. 2-1.

CHICO SALES — Carmo do Rio Claro

ENIGMAS N.º 9 e 10

9 — Não encontrando o tal "X" do questão
Nos "trinta e três centímetros" marcados,
Soltou a pobre "mulher" raivosos brados
Como se o lar fosse lançado ao chão.

MOEMA — Botuobi

(Ao Jota, agradecendo a minha parte em seu
"poema")

10 — O meu todo — gravem bem,
oito letras, nada mais:
quatro consoantes contém,
outras tantas vogais.

Uma "mulher" alí emite,
cinco letras tão somente;
mostrando logo o seu it,
aos olhos de toda gente.

Na mulher vamos guardar
um "grupo consonantal";
p'ra sexta letra encontrar,
temos "segunda vogal".

Estando tudo já explicado
em êste pequeno esquema,
só resta ser encontrado
um eletrizante "POEMA".

RAUL SILVA — Pará de Minas

ANGULARES SILÁBICAS N.º 11 e 12

11 — De tão avarento que era
Aquele homem gordo e baixo,
Habitava uma tapera
Que estava p'ra vir abaixo.

O sovina mal comia
Só passava a "bolo frito".
P'ra fazer economia
Ficou magro qual palito.

JAIRO — B. S. — Capital

12 — "Mulher" loura que deseja
Numa senzala ir morar
E que a falar rumoreja,
E' louca p'ra namorar,
Não serve para casar...

MOEMA — Botuobi

LOGOGRIFO N.º 13

Eu sou cantor da natureza vária.
Canto suas riquezas e fulgor — 6-2-5.
Na minha lira querida de pália.
Canto, entre angústias, aflição e dôr.

Eu amo a natureza, aberta em flor,
Jorrando vida e luz, cantando ária.
Amo e vivo a bradar: "Viva el amor!" 1-4-2.
Amo a vida bravia e solitária.

Quando pela manhã surge a aurora,
A rôla vâa, canta o rouxinol,
Dando um sinal à madrugada afora; — 4-3-7-2.

E eu vou lendo, nas cores do arrebol,
O matiz lindo com que Deus decora — 6-2.
A flor, o céu, o mar e O SOL.

JAMIL — B. S. — Capital

SIMBÓLICO N.º 14



ZIGOMAR — B. B. — Capital

CORRESPONDENCIA

SILVIO ALVES — RIO DE JANEIRO — Muito grato pela visita, que me fez por carta de 27 de janeiro último. Já restabelecido, felizmente, estou voltando à atividade total. Mais uma vez, agradecido.

EDPIM — RIO — Formulo sinceros votos para que obtenha pleno êxito em Pernambuco, para onde vai se mudar. Espero que de lá do norte continue a colaborar nesta secção.

SERTANEJO II — CAPITAL — Se há alguém que deva agradecer, esse alguém sou eu.

ZIGOMAR — CAPITAL — Maior satisfaçao é a minha, de ter concorrido para que o distinto e particularmente estimado confrade tenha podido satisfazer a um desejo.

DR. JOMOND — ITAÚNA — Fico ciente de que já está recebendo a assinatura de **ALTEROSA** que lhe coube por prêmio e agradeço a visita que me fez por carta de 24 de janeiro último.

DÂNGELO, MAGUS e JAMIL — Recebidos os trabalhos.

JAIRO, JAM, JAMIL, JOTA, JUSTO, VICO e SERTANEJO II — Recebida a lista de soluções correspondentes ao torneio de fevereiro.

RETIFICAÇÃO — Torneio de fevereiro. A charada n.º 1 é de 4-2 silabas, e não 3-2. Fica, entretanto, aceita a solução encontrada pelos charadistas acima nomeados, que já mandaram suas listas levando em consideração o erro verificado. A charada n.º 6 é de autoria do nosso confrade Raul Silva, de Pará de Minas.

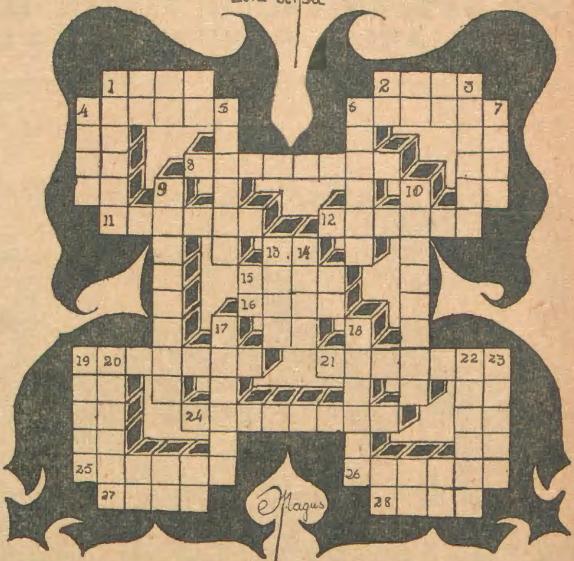
SOCIAIS — O Dr. José Drumond, distinto mérco residente em Itaúna, e sua exima. senhora, estão sendo felicitados pelo nascimento de Ronaldo, ocorrido no dia 3 de janeiro dêste ano. Ao Ronaldo desejamos muitas venturas.

DECA — Remetido pelo nosso confrade Edo Beve, temos sobre a mesa o número de Deca, revista que se publica no Rio de Janeiro, correspondente ao mês de janeiro. Traz "Deca" uma interessante secção de charadas, com denominação de Recreio Mental, sob a esclarecida direção do nosso confrade citado. Gostamos da secção e formulamos votos para que tenha ela progresso constante.

PALAVRAS CRUZADAS

Homenagem ao insigne Cruzadista mineiro

"Luiz Sérgio"



MAGUS — Dores do Indiaí

HORIZONTAIS: — 1 — O que se mete na boca de uma só vez; 2 — Cidade da Província de Alexandria; 4 — Serra do Maranhão; 6 — Tafetá da Índia; 8 — Ignorância; 11 — Cidade do alto Egito; 12 — Bravio; 15 — Cidade da Província de Pádua; 16 — Rei da Grécia; 19 — Perdís de pés negros; 21 — Azedas; 24 — Sítico; 25 — Um dos Acusadores de Sócrates; 26 — Cadeia de Montanhas ao Sudoeste da África; 27 — Montanha da Grécia; 28 — Apelido.

VERTICIAIS: — 1 — Bambolina; 3 — Povo da Sibéria; 4 — Valor duma cousa; 5 — Plantas; 6 — Pimenteira do Perú; 7 — Grisalho; 9 — Célebre geógrafo grego; 10 — Origem; 13 — Rio do distrito de Braga; 14 — Imperador Romano; 17 — Rei do Egito; 18 — Aguadeiro; 19 — Ilha do arquipélago de Bijagoz; 20 — Golfo na ilha de Córsega; 22 — Raciocínio composto de várias proposições que se inferem umas nas outras; 23 — Fim.

FAÇA COMO SÃO TOMÉ!

PROCURE VER, PARA CRER

LOUÇAS — PORCELANAS — CRISTAIS
METAIS — FAQUEIROS — PRESENTES

EM MAIOR SORTIMENTO E MENORES PREÇOS

CASA CRISTAL

• RUA ESPIRITO SANTO, 629
(JUNTO Á AVENIDA)

DESEN
1901

GIACOMO VENDE E PAGA SORTEIS GRANDES

BAÍA
856

CONFRATERNIZAÇÃO ENTRE DIRIGENTES E AUXILIARES DA PERFUMARIA LOPES S. A.



Grupo fixado por ocasião da festa, vendo-se o comendador José Gomes Lopes cercado pelos seus auxiliares na grande organização nacional de perfumaria.

A IMPORTANTE FIRMA "Perfumaria Lopes S. A.", realizou em 6 do mês findo, o seu anual e acostumado almoço de confraternização da diretoria, vendedores e viajantes.

O almoço foi servido no dia 6 de Janeiro ultimo, no Clube Ginástico Português, no Rio, decorrendo no meio do mais efusivo e sincero entusiasmo.

A mesa, que encontrava-se artisticamente ornamentada com rica variedade de flores, foi presidida pelo Comendador José Gomes Lopes e sua excelentíssima esposa, Sra. Lídia Raposo Lopes.

No decorrer do ágape usaram da palavra vários oradores que foram entusiasmaticamente aplaudidos. Foi de verdade, uma linda festa que em todos deixou a mais agradável e duradoura impressão, pondo em evidência o alto sentido social da orientação da grande firma perfumista do Rio de Janeiro, que procura cercar seus auxiliares da maior consideração e ambiente de amizade produtiva.

SEMANA SANTA N'A GRUTA IDEAL

- CAMARÕES SECOS E EM CONSERVAS
- BACALHAU, SARDINHAS, SALMÃO, LAGOSTA, ETC.
- COMPLETO SORTIMENTO DE VINHOS' BRANCOS E TINTOS NACIONAIS E EXTRANJEROS-FRIOS, CONSERVAS E FRUTAS

GRUTA IDEAL • RUA TUPINAMBÁS, 672—FONE 2-6203
ENTREGAS A DOMICÍLIO

AFONSO III

ATE' então, nas círulas solenes, ou nas Círulas, só tinham voz os nobres e o clero. Só os fidalgos e os bispos subiam aos pesados bancos donde era permitido dizer a verdade aos reis. Com Afonso III, um novo estadio latejante de audácia e de força, de vigor e de fé, levantava pela primeira vez a sua voz nas círulas: é o povo.

O rei compreendera a necessidade de lançar, contra a fidalgaria e contra o clero, a ameaça das Inquisições. As terras reguergas e as granjas da coroa usurpadas, sobre as quais pesava, ilegitimamente, a espada dos nobres e o báculo dos bispos e dos abades bentos, tinham de reverter para o seu legítimo possuidor: o rei. Para não ser esmagado na luta, Afonso III acolheu-se à grande sombra popular. O seu braço era o povo: fortaleceu-o — para fortalecer-se a si mesmo.

E em 1254, nas círulas reunidas em Leiria — ao lado da nobreza e do clero, da fereza das cotas darmas e do esplendor dos pontifícias e das mitras, surgiu pela primeira vez, com o direito de voz e de voto, o povo obscuro e ingênuo, o povo ardente e virginal dos conselhos novos, embrulhado em chilos de burel e safões de peles, sereno no seu triunfo, contente na sua força, a fazer pesar na balança do governo o poder formidável do seu cajado humilde.

Desde então, o terceiro estado existiu em Portugal.

O povo dos municípios, que quarenta e dois anos antes deslumbrara a Espanha batendo-se como um leão nas Navas de Tolosa, entrou definitivamente na história ao erguer a sua bárbara voz do alto das arquibancadas das círulas de Leiria.

A P A ' S C O A

A austera beleza do rito pascal, é a expressão mais grandiosa que a fé já ensinou ao coração dos homens. Nenhum regosijo da alma teve jamais o caráter grave e comovente dessa festa, em que a humanidade cristã celebra a glória do seu Redentor; nenhum quadro pode comparar-se a esse que, na sua infinita simplicidade, recorda o martírio de Aquele que tanto amou os humildes e os simples. — Mas, o que muitos não sabem é que a festa da Páscoa, tem sua origem no tempo de Moisés, 1500 anos antes da Paixão, que a transformou segundo a prática atualmente seguida. E' da evolução da festividade pascal que damos aqui uma idéia aos leitores de ALTEROSA.

*

DEUS, que falára a Moisés na "sarça ardente", e o havia mandado ao Egito libertar o povo hebraico da escravidão, enviou às terras do Nilo o Anjo exterminador que numa só noite, matou todos os primogenitos dos egípcios, poupando os dos judeus. Moisés ordenára aos judeus que no décimo dia do "nizan" (o primeiro mês do ano) escolhessem um cordeiro sô e vigoroso e o guardassem em casa até o décimo quarto dia; nesse dia, depois do pôr do sol, deviam matá-lo — para comê-lo na noite seguinte — tingindo com o sangue da vítima imolada a porta da casa, de modo que, passando o Anjo na sua viagem de exterminio, pudesse reconhecer as casas dos judeus e poupar os seus filhos.

Assim foi instituída a festa talvez mais antiga, e certamente mais grandiosa e solene, que tomou o nome de "Páscoa" do verbo "pasach", hebraico, que significa "passar poupando" e do seu substantivo "pasach", que se torna "pascha" em latim.

O sangue do cordeiro, com que foram assinaladas as casas israelitas, excetuou da mortandade os seus filhos, salvando-os da morte decretada por Deus, que feriu os primogenitos dos egípcios. E os judeus saíram depois disso da servidão egípcia, conduzidos por Moisés à terra prometida: a nova Páscoa, na alegria da liberdade conquistada, foi celebrada, no ano seguinte no deserto de Sinai, com o sacrifício de mansos cordeiros, que foram comidos com o pão azimo, em recordação do pão duro sem levedo — o pão da servidão — que comiam na terra do Egito.

A Páscoa ficou assim considerada pelos judeus festa de salvação e festa de redenção. E o povo de Israel celebrou-a depois da morte do grande condutor e Legislador que a havia instituído; e celebrou-a sempre, imolando o cordeiro e comendo o pão sem levedo que lembrava a escravidão dos antepassados na terra dos Faraós.

*

Quinze séculos depois, enquanto se preparava em Jerusalém a festa pascal, no Calvário se consumava a maior das tragédias humanas — dando uma significação nova — cuja influência, saindo do povo hebreu e transpondendo os próprios confins da v.d.a, preparou, com o seu epílogo — a Resurreição — uma nova Páscoa.

Solenidade tão augusta não ficou de um só, mas de centenas de povos, reunidos pela nova fé, que devia derrubar emfim os deuses romanos, em nome dos quais governava a Judéa. Poncio Pilatos, que deixaria crucificar Jesus; ficou a festa de salvação e redenção, não de um só povo, mas de toda

MALHE ENDURANTO O FERRO ESTÁ QUENTE!



SONHO DE OURO

O RECORDISTA DAS SORTEIS GRANDES
OFERECE

— PARA O DIA 10 DE MARÇO —

2 MILHÕES DE CRUZEIROS DA FEDERAL

Por Cr\$ 350,00

* * *

Rua Espírito Santo, 600

a humanidade — a festa da alma humana, obra divina e imortal.

Moisés — o grande legislador judaico — derramara o sangue de mansos cordeiros, poupará da destruição os filhos dos judeus, e os libertará do cativeiro egípcio. Mas um novo Legislador, mil e quinhentos anos depois, surgiu do próprio povo de Israel — e após haver pregado e divulgado uma lei nova, maior e mais humana do que a lei mosaica, depois de haver agitado inexoravelmente os mercadores do templo e elevado — na fé que purifica — a pecadora que se chegou até Ele, derramou seu sangue, no martírio resignado — para salvação eterna do povo judeu e do povo Romano — dos do-

*

SOCIAIS



Alda e Orlando Figueiredo Rabelo, da sociedade da Capital

minados, dos dominadores, e de quantos vivem e viverão, nos séculos, sobre a terra, à sombra da Fé pela qual Ele suportou a agonia da crucifixão, invocando: "Pater, dimitte illis"...

Assim as Sagradas Escrituras nos transmitem a história da Pascoa. A coincidência da morte de Jesus um dia antes da vigília do sábado, festa pascoal dos judeus, a significação — universal e espiritual — do sacrifício sanguinolento de Cristo, que foi chamado "Agnus Dei", tornou-se usual, assinalando uma solenidade não mais unicamente e estreitamente hebraica, mas cristã.

A Resurreição de Cristo, fato que São Paulo declarou "o fundamento da fé e da esperança" dos cristãos, foi celebrada sob o nome de Pascoa desde os primeiros tempos do Cristianismo, pelos Apóstolos, com a máxima solenidade possível.

Certamente os tempos primitivos do Cristianismo não eram favoráveis às cerimônias como as que se praticam hoje na Igreja.

Mas na realidade a festa pascoal compreendia o que se chama a Semana Santa, o dia da Resurreição e a sua oitava. O regozijo pela Resurreição de Jesus era precedido de grandes penitências e obras de piedade, que se praticavam durante os dias do Seu martírio e da Sua morte. Vinha depois a apoteose gloriosa, e no oitavo dia terminava a festa. "Fazer a Pascoa" nos primeiros tempos do Cristianismo era um dever universalmente compreendido pelos fieis, que, todos, recebiam o "Agnus Dei" na Eucaristia. E não foi abandonado o uso de comer o cordeiro, em memória também da ceia de Jesus e dos Apóstolos, antes que ele sofresse o suplício. — Surgiram depois divergências e discussões entre os próprios cristãos a respeito do modo e dia de celebrar a Pascoa, que os do Oriente festejavam no

mesmo dia que os judeus, isto é, no décimo quarto da lua de Março, e os do Ocidente adiavam-no para o domingo seguinte, sob a autoridade dos Apóstolos Pedro e Paulo, que tinham sido testemunhas da Resurreição. Na realidade era mais uma questão de forma que de substância. Mas resultam inconvenientes, pois sobre a Pascoa são reguladas as outras festas moveis, sem contar o descredo diante dos infieis, com que muito e justamente se deviam preocupar os Bispos. O concílio de Nicéa, reunido em 325, decidiu as controvérsias, e adotou a norma da celebração da Pascoa no Domingo seguinte ao décimo quarto dia da lua de Março, isto é o dia da Resurreição.

Os cristãos que recusaram a submeter-se a esta decisão do Concílio foram considerados sisíaticos, e tiveram vários nomes como quatordecimanos, tradecaditos, etc.. Desde então, se houve alguma nova variação foi devida exclusivamente a cálculos errados na computação das fases lunares, inconveniente que se remedou fixando a Pascoa pelas exatas notícias astronômicas, fornecidas ao Papa todos os anos pela celebre Escola de Alexandria, por intermédio do Patriarca daquela cidade.

*

Como se vê a Pascoa moderna — no modo como se celebra ordinariamente entre nós — tem todos os elementos originários das duas festas do mesmo nome, a que nos referimos antes.

Na Europa não há casa em que falte o cordeiro à refeição pascoal; a festa do domingo é precedida por uma semana ou quase de penitência e de devações; a solenidade dura algum tempo e termina com a oitava...

*

FOI em 1664 que se descobriu em Borrowdale, no Cumber-land, uma mina de grafite que no ano seguinte era muito explorada, pois fôra necessário algum tempo para se reconhecer os benefícios da descoberta.

*

O LÁPIS

O grafite, cortado, vendia-se então a 40 francos o quilo, em Londres. O sucesso do lápis foi tal que, no receio de que se esgotasse a mina, decidiu-se não a explorar senão num período de seis semanas por ano, o que dava em todo o caso a produção de um milhão de quilos. Mas antes que o lápis se tornasse o instrumento tão útil que temos hoje, foi preciso passar um século e meio. Depois se fizeram lápis de várias espessuras, correspondentes às necessidades dos artistas, principalmente.

*



Durante longos anos foi a indústria quase monopolizada pelos ingleses. No século XVII passou ela à França e à Alemanha. Neste último país tornou-se objeto de uso em 1720. A primeira fábrica que ali se estabeleceu foi em Stein, perto de Nuremberg.

*



Srta. Dulce Grandioso da nossa sociedade.

Paulo Alisson, filho do casal Alisson-Edith Vieira Cardinali, residente nessa Capital.

CINEMAS ASSOCIADOS
LTDA.

Uma grande iniciativa que já nasceu plenamente vitoriosa

SEGUNDO estamos informados, o lançamento da nova organização destinada a dotar Belo Horizonte e Juiz de Fóra com o que há de mais moderno e aperfeiçoado em casas de projeção cinematográfica — a CINEMAS ASSOCIADOS LTDA — encontrou nos meios capitalistas da cidade o mais franco e decisivo apôlo, achando-se já quase inteiramente concluída a subscrição de seu capital, no valor de vinte milhões de cruzeiros.

Iniciativa digna dos melhores aplausos, de vez que virá libertar a Capital e a cidade de Juiz de Fóra de um dos mais nefandos monopólios que já oprimiram a nossa população, avançando desabusadamente no bolso do público, sem nada lhe oferecer em troca — a não ser as piores programações de reprises, a absoluta falta de higiene e conforto de suas casas e uma completa desconsideração para com o público — a CINEMAS ASSOCIADOS LTDA. merece a entusiástica acolhida que vem recebendo, como justo estímulo aos seus abnegados diretores que se dispuseram a enfrentar corajosamente os métodos do antigo "trust" cinematográfico organizado para a exploração mais ignobil de todo os tempos na vida de Minas Gerais.

E' de se esperar, por isso mesmo, que os poderes públicos do Estado e da municipalidade, tanto em nossa Capital como em Juiz de Fóra, proporcionem à nova organização todas as facilidades que se fazem necessárias ao seu completo êxito, de vez que se trata de defender a bolsa do povo mineiro contra as soezes manobras do mais antipático e detestado monopólio que, qual polvo insaciável, estende cada vez mais os seus tentáculos sobre as duas mais importantes cidades mineiras.

*

O ORGULHO é o mais singular dos sentimentos humanos.

Leverrier, o astrônomo que primeiro calculou os movimentos dos astros, o primeiro que viu uma estrela nova apresentar-se no dia e no lugar que ele previra com cálculos matemáticos muitos anos antes, não sentiu de certó, nesse momento, orgulho tão grande como o de um imbecil que encontra outro indivíduo ainda mais imbecil do que ele.

"O PERSONAGEM PERSEGUE O AUTOR"



SR. GERENTE DA
LIVRARIA QUEIROZ BREINER
Rua Espírito Santo, 562 — Belo Horizonte

Peço remeter um exemplar do livro O PERSONAGEM PERSEGUE O AUTOR, para o endereço mencionado neste cupão, por reembolso postal.

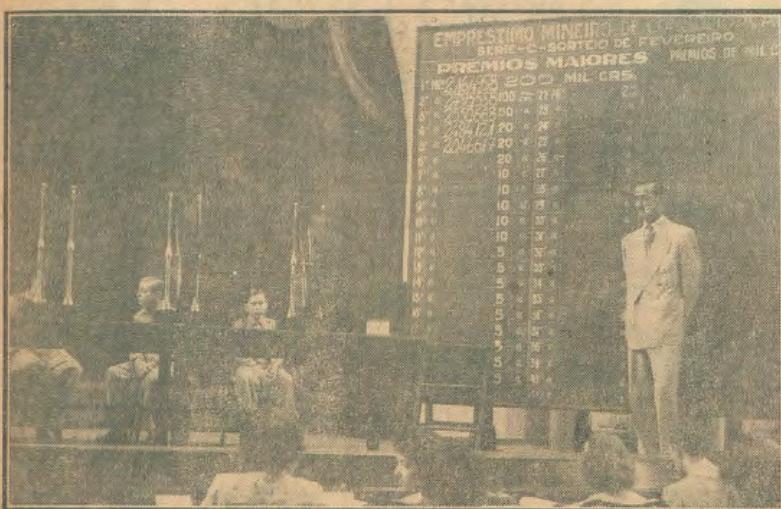
NOME
RUA e N.º
CIDADE
ESTADO

ESTADO

ROCHA.

MAIS UM SORTEIO DAS CONSOLIDADAS MINEIRAS

CONTEMPLADA COM CR\$ 200.000,00 A APOLICE N.º 2.164.958



Aspecto tomado durante o último sorteio das Consolidadas Mineiras

TEVE lugar no dia 28 de Fevereiro ultimo, no auditório da Escola Normal, mais um grande sorteio das apólices do Empréstimo Mineiro de Consolidação, Série "C", com a presença do dr. José Geraldo Maximiano, representando o Secretário das Finanças, altos funcionários daquela repartição, jornalistas e representantes de nossas entidades de classe, além de grande número de portadores desses excelentes títulos mineiros.

O ato foi presidido pelo sr. Francisco Martins, Superintendente do Departamento da Despesa Variável da Secretaria das Finanças, tendo sido o seguinte o resultado geral do sorteio:

Cr\$200.000,00	2.164.958
Cr\$100.000,00	2.795.558
Cr\$ 50.000,00	2.550.668
Cr\$ 20.000,00	2.046.617
Cr\$ 20.000,00	2.147.035
Cr\$ 20.000,00	2.484.121

PRÊMIOS DE Cr\$ 10.000,00

2.131.432 — 2.135.482 — 2.263.942 — 2.415.555 — 2.516.255

PRÊMIOS DE CR\$ 5.000,00

2.033.815 — 2.177.306 — 2.203.795 — 2.211.868 — 2.278.825 —
2.481.291 — 2.522.271 — 2.555.716 — 2.803.389 — 2.993.742.

PRÊMIOS DE CR\$ 2.000,00

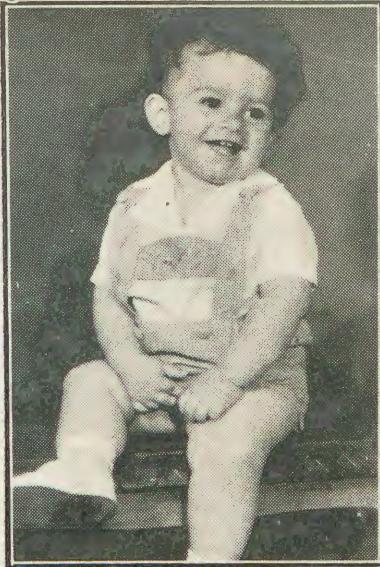
2.185.452 — 2.226.217 — 2.238.715 — 2.268.903 — 2.297.506 —
2.314.254 — 2.397.539 — 2.416.957 — 2.491.911 — 2.496.230 —
2.534.838 — 2.558.950 — 2.646.036 — 2.649.141 — 2.665.588 —
2.695.565 — 2.757.367 — 2.891.839 — 2.936.507 — 2.945.430.

PRÊMIOS DE CR\$ 1.000,00

2.001.107	2.007.392	2.008.669	2.019.562	2.025.095	2.037.120	2.040.977	2.043.634
2.046.411	2.055.646	2.065.319	2.065.363	2.071.497	2.100.004	2.117.257	2.127.784
2.132.539	2.148.908	2.154.879	2.161.930	2.195.810	2.204.045	2.207.411	2.213.149
2.216.517	2.221.415	2.224.744	2.226.286	2.236.246	2.240.299	2.243.407	2.245.250
2.248.747	2.253.172	2.268.306	2.268.574	2.280.255	2.284.699	2.294.369	2.298.228
2.302.879	2.312.905	2.314.416	2.316.678	2.329.558	2.331.748	2.337.049	2.343.475
2.346.470	2.353.417	2.356.618	2.370.601	2.386.117	2.387.257	2.388.169	2.388.208
2.394.897	2.405.918	2.420.982	2.428.749	2.429.465	2.453.586	2.457.955	2.502.057
2.512.691	2.514.773	2.517.666	2.522.650	2.526.156	2.544.562	2.561.694	2.580.516
2.598.697	2.615.867	2.630.551	2.634.837	2.646.016	2.683.932	2.687.719	2.726.041
2.728.757	2.733.552	2.738.852	2.748.171	2.776.777	2.821.757	2.822.748	2.827.307
2.830.890	2.838.452	2.870.031	2.890.794	2.904.437	2.911.704	2.915.016	2.949.971
		2.957.852	2.970.162	2.973.917	2.997.835		



Maria e Lauro, filhos do casal Lucila-Lauro Oliveira, residente em Uberaba.



Wendell, filho do casal Lourdes-Gelio Augusto Teixeira, residente em Conceição do Mato Dentro.

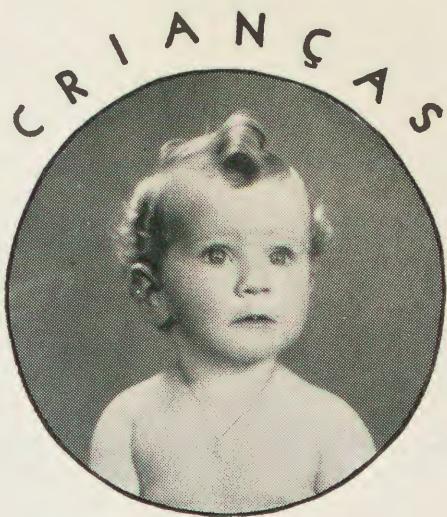


Marta, filha do casal Celia-Rabczun Timofiej, residente na Capital.



Rui, filho do casal Conceição-Rui Carvalho A. Ribeiro, residente na Capital.

Niló, filho do casal Conceição-Rui Carvalho A. Ribeiro, residente na Capital.

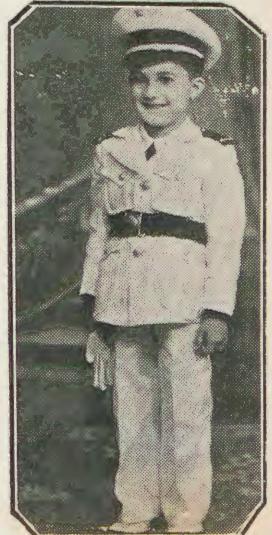


Ao alto, Iára Lucia, filha do casal Carmelita-Carlos Etienne de Castro, residente na Capital; em baixo Ivelisa e Ivanora, filhinhas do escritor Alberto Renart, residente em S. Paulo.

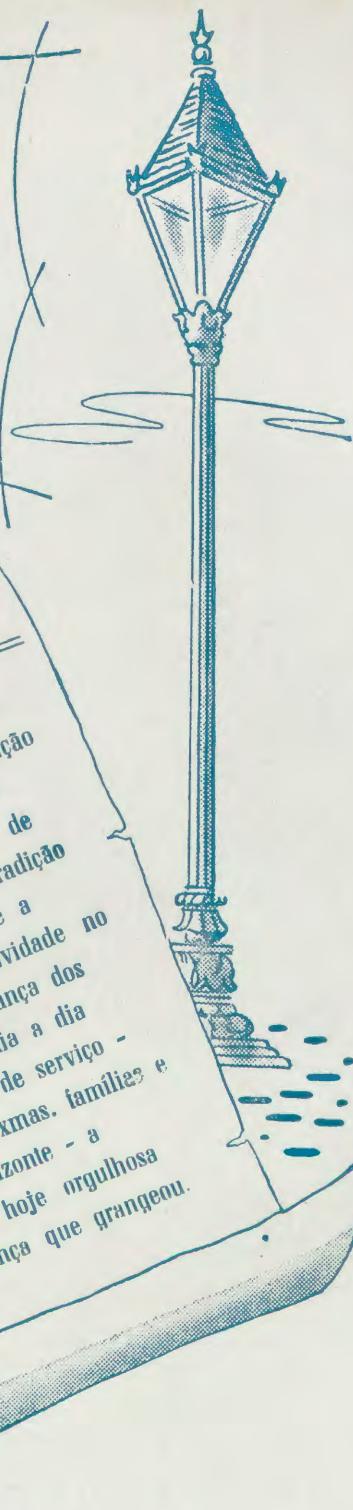


Gislaine, filha do casal Albertina-Joel Coelho, residente na Capital.

O inteligente Rubens, aluno de um dos colégios da Capital.



SOMOS UMA TRADIÇÃO NESTA CIDADE



Belo Horizonte

começava a vida de grande cidade quando surgiu a GUANABARA, organização que há 32 anos vem patrocinando o êxito dos belorizontinos na vida de sociedade e dos negócios. Esta tradição continua a ser mantida, porque a GUANABARA norteia a sua atividade no sentido de conservar a confiança dos seus clientes. Superaundo-se dia a dia em seu setor de prestação de serviço - criar elegância para as exmas. famílias e cavalheiros de Belo Horizonte - a GUANABARA sente-se hoje orgulhosa da situação de confiança que grangeou.

Utilize o nosso sistema de crédito
Com um cartão de crédito,
veste-se toda a família!

Guanabara

Poyares Ltd.